

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**SCRIMSHAW – A ARTE DOS BALEEIROS NOS AÇORES. UM
PATRIMÓNIO A CONHECER A DEFENDER E SALVAGUARDAR**

HUGO MIGUEL DOS SANTOS ASCENSÃO CARRIÇO

Tese orientada pelo Prof. Doutor Fernando Grilo, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte, Património e Teoria do Restauro.

2018

*A todos os Baleeiros que fizeram do mar,
a sua casa, o seu trabalho e a sua campa.
Para as gerações vindouras, a preservação da memória.*

PLANO DE DISSERTAÇÃO

AGRADECIMENTOS

ABREVIATURAS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

CAPITULO I – A BALEAÇÃO

CAPITULO II – *SCRIMSHAW*, UM PATRIMÓNIO PRATICAMENTE
DESCONHECIDO, DAS ORIGENS À ATUALIDADE

CAPITULO III – ARTE, TÉCNICA E MATERIAIS: ESPECIFICIDADE DE UM
PATRIMÓNIO

CAPITULO IV – *SCRIMSHAW*, PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÓNIO IMPAR

CAPITULO V – PROPOSTA ROTEIRO DE EXPOSIÇÃO: A ARTE BALEEIRA
NOS AÇORES

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

WEBGRAFIA

ANEXOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que de uma maneira ou de outra ajudaram a completar esta tarefa, é algo que não devemos esquecer, mas que se pode tornar complicada, primeiro porque alguém poderá não ser mencionado por puro esquecimento, depois porque a ordem em que colocamos as pessoas poderá ferir a sensibilidade de cada um, no entanto, por estar lá nos confins dos agradecimentos não quer dizer nada, faz parte.

Ao saudoso amigo Sr. José Leal, conhecido como “Pechita”, emigrado em tempos no Canadá, morava na Criação Velha, motorista, um verdadeiro guia. Em Março de 2004 teve o condão de despertar em mim a atração pelos encantos da Ilha Montanha, tanto pelas suas gentes, gastronomia e paisagens, nunca me saiu do pensamento o miradouro da Terra Alta. Que este pequeno trabalho honre também a sua memória.

Agradeço à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma instituição de referência em Portugal por ter permitido a minha entrada para o Mestrado de Arte, Património e Teoria do Restauro em História de Arte

Ao Professor Doutor Fernando Jorge Grilo, logo no primeiro dia de aulas do seu Seminário aceitou ser o meu orientador nesta longa odisseia.

Ao Aníbal José Neves Gonçalves, por me ter feito acreditar que tudo é possível e por todo o seu apoio.

Ao Professor Doutor Anísio Franco, da Pós Graduação em *Tour Guiding*, do Instituto Superior Novas Profissões. O mentor deste trabalho.

Ao Paulo Santos, Odete Ribeiro e Valentim Coitos, Amigos e ex-colegas da Pós Graduação em *Tour Guiding*, do Instituto Superior Novas Profissões, presentes durante a escolha do futuro tema.

Ao Sr. Comodoro Valentim Antunes Rodrigues, tive com ele a primeira conversa sobre o tema aqui trabalhado.

Ao meu primo Álvaro Lopes, por ter sido o meu cicereiro no reconhecimento da Vila das Lajes do Pico, pela companhia que me fez à mesa com boas conversas e trocas de ideias.

Ao Christopher Goddard sempre disponível para tirar-me dúvidas em inglês.

Aos meus amigos, Clarice Monteiro, Bernardette Augusto, Maria José Cortez, Lucrécia Bento, José António, Maria de Jesus Neto, Ana Figueiredo e Maria Emília por terem ajudado na primeira viagem aos Açores em Março de 2016.

Ao Sr. Carlos Jacobetty pela ajuda que deu ao falar de livros sobre o assunto.

À Mônica do Valle Vieira por me ter dado a conhecer uma coleção em Lisboa pertença do Sr. Professor Dr. Fernando Afonso Andrade Lemos e a sua mulher a Sr.^a D.^a Conceição Lemos, a quem também agradeço a disponibilidade.

Ao Sr. Professor Dr. José Vilhena Mesquita, Professor de Economia na Universidade do Algarve, pela sua ajuda no entendimento da baleação no Continente.

À Sr.^a Dr.^a Cristina Brito, Fundadora da Escola do Mar e Rotas das Baleias, investigadora do CHAM, FCSH - UNL, por me ter dado a permissão para ver a sua Tese de Doutoramento e pelo envio de vários trabalhos para consulta.

Ao Primeiro Tenente TSN-HIS, Sr.^a Dr.^a Ana Tavares, Chefe do Serviço do Património, Departamento de Museologia do Museu de Marinha, pela autorização em fotografar os *Scrimshaw* existentes naquele espaço.

Aos artesãos, Sr. Arménio Goulart, por me ter recebido na sua Loja de Artesanato Picoartes, em São Mateus, onde tem trabalhos em marfim e osso de cachalote entre outros materiais.

O Sr. Camilo Costa, por me ter recebido na sua Loja Artesanato Lajense nas Lajes do Pico, onde excuta, expõe e vende todo o material que trabalha.

O Sr. Manuel Alves Gonçalves, na sua loja Casa de Artesanato Capitão Alves nas Lajes do Pico, uma pessoa de um conhecimento excecional, homem dos sete ofícios, que mostrou com paixão todos os seus trabalhos.

O Sr. Osvaldo José Inácio, por me ter recebido, residente na Silveira, um autodidacta, tem na sua oficina em casa o local para expor todas as suas ideias, não só coleciona como também vende em alguns locais.

À Sr.^a D. Raquel Van Opstal na Horta, abriu a porta da sua casa para poder tirar fotografias aos trabalhos do Sr. John Van Opstal, que por motivos de força maior se encontrava na altura fora da Ilha do Faial.

E o Sr. António Manuel Machado, pessoa com um conhecimento profundo sobre a baleação e da gravação em dente de cachalote.

Ao Sr. João Gomes Vieira da Ilha das Flores, reconhecido escritor da História baleeira Açoriana, com quem tive o prazer de falar ao telefone onde recebi valiosas indicações para este trabalho.

Ao Sr. Dr. Manuel Francisco da Costa Júnior, Diretor do Museu do Pico, por toda a ajuda e transmissão de conhecimentos durante a minha visita ao Museu dos Baleeiros.

Ao Sr. José Azevedo proprietário do Museu de Scrimshaw no Peter Cafe Sport, por permitir que tirasse as fotografias necessárias à realização deste trabalho.

Ao Sr. Dr. Luís Vieira, Director do Museu das Flores pela informação enviada.

À Sr.^a Dr.^a Márcia Dutra da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e antiga colaboradora no Observatório Marítimo dos Açores por toda a ajuda que deu nas dúvidas que lhe colocava por correio electrónico.

À Sr.^a Dr.^a Maria Leonor Santimano e Sr.^a Dr.^a Sandra Dart da Direcção Regional de Turismo dos Açores.

À Sr.^a Dr.^a Ana Cristina Ávila da Direcção Regional do Turismo, Direcção de Turismo dos Açores de Lisboa.

À Sr.^a Dr.^a Glória Pires da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional da Cultura.

Ao Sr. Padre Ricardo Tavares da Diocese de Angra do Heroísmo por ter ajudado a contactar as autoridades eclesiásticas das paróquias locais e que por sua vez mostraram toda a disponibilidade para que visse as peças que tinha pedido.

Ao Sr. Padre Marco Martinho por ter ajudado na recolha das informações sobre trabalhos em marfim de Cachalote nas Igrejas da Ilha do Pico, Sr. Padre Gaspar Pimentel da Igreja de Santo António do Monte, Sr. Padre Francisco Rodrigues da Igreja Paroquial de São

João e Igreja Paroquial de São Caetano, Sr. Padre Júlio Rocha da Igreja Matriz de São Roque do Pico e do Convento de São Pedro de Alcântara.

Ao Sr. Padre José Dos Santos Dionísio, da Paróquia de Coz, Alcobaça, pela ajuda na bibliografia.

À Sra. D. Ana Maria Leal, colaboradora na Igreja de São Sebastião na Calheta de Nesquim, por ter-me acompanhado durante a recolha de informação.

Ao Sr. Dr. Luís São Bento, Director da Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça por ter permitido o acesso ao espaço para recolha de informações.

À Sr.^a Dr.^a Alierte Pereira, bibliotecária na Universidade dos Açores na cidade da Horta, por toda a ajuda na pesquisa bibliográfica.

Ao Sr. Pedro Madeiros e à Sr.^a Glória Silva da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

À Sr.^a Dr.^a Carla Abreu, à Sr.^a D. Helena Gago e ao Sr. José Duque Silva da Sociedade de Geografia de Lisboa por todo o apoio na consulta de bibliografia.

À Sr.^a Elisa Luz, bibliotecária na Faculdade de Medicina Veterinária.

Aos colaboradores da Biblioteca Nacional de Portugal pelo apoio na consulta bibliográfica.

Ao Sr. Diretor do Hotel Vip Executive Art's, José Carlos Ribeiro.

Ao Sr. Tiago Silva da Casa dos Açores em Lisboa pela ajuda na consulta de bibliografia.

Ao Sr. Dr. António Marcos Soares, Presidente da Câmara Municipal da Madalena e à Sr.^a D. Ana Martins.

Ao Sr. Dr. Mário Silva, Presidente da Junta de Freguesia de São Mateus no Pico, acompanhou-me na recolha de fotografias referentes ao Órgão existente na Igreja local.

Ao Sr. Dr. Vítor Pimentel Presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco, Ilha do Faial.

À Sr.^a Dr.^a Marta Ávila de Matos, Chefe de Gabinete do Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Roque do Pico.

Ao Sr. Tiago Valente da Câmara Municipal da Horta.

Ao Sr. José João Gonçalves, colaborador na Junta de Freguesia da Calheta de Nesquim, o qual teve a amabilidade de falar da baleação na sua freguesia.

À Sr.^a Dr.^a Lurdes Simões, Chefe de Divisão na Câmara Municipal das Velas.

À Sr.^a Dr.^a Manuel Correia da Câmara Municipal da Lagoa, Ilha de São Miguel.

Ao Sr. Dr. Gonçalo Costa, Assistente Técnico na Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Ao Sr. Dr. Rui Faria, Chefe de Divisão, Promoção Cultural e Juventude na Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Ao Sr. Dr. Vítor Brasil da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Ao Sr. Dr. João Meneses do Gabinete de Turismo na Câmara Municipal da Praia da Vitória.

À Sr.^a D. Carina Sousa da Junta de Freguesia do Capelo.

À Sr.^a D. Teresa Costa da Junta de Freguesia dos Cedros.

À Sr.^a D. Carla Silva da Junta de Freguesia da Feteira.

À Sr.^a D. Ana Isabel Costa da Junta de Freguesia de São Caetano.

À Sr.^a D. Fernanda Silva da Junta de Freguesia de Santa Luzia.

À Sr.^a D. Maria Clotilde Ramos da Junta de Freguesia de Santo António.

Ao Sr. Paulo Silva do Posto de Turismo do Faial.

Ao Sr. Diogo Valadão Vieira do Posto de Turismo do Corvo.

Ao Sr. Milton Barcelos do Posto de Turismo das Flores.

À Sr.^a D. Juliana Andrade do Posto de Turismo de Santa Maria.

À Sr.^a D. Elisabete Alves do Posto de Turismo de São Jorge.

À Sr.^a D. Mónica Martins do Quiosque de Informação Turística das Lajes do Pico.

Aos colaboradores da Casa Dabney pela ajuda prestada durante a minha visita.

À Sr.^a D. Cátia Goulart e Sr.^a D. Marilda Tavares do Centro de Artes e de Ciências do Mar pelo apoio dado durante a visita.

Aos colaboradores do Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos e Casa dos Botes do Porto do Comprido.

À Sr.^a D. Alexandra da Fábrica da Baleia pela ajuda prestada durante a visita ao local.

Ao Sr. José Carlos Garcia do Correio Insular pelas informações dadas.

Ao Sr. José Lourenço do Diário Insular dos Açores para informações dadas.

À Sr.^a D. Marília Delgado, Guia Intérprete do Museu de Scrimshaw no Peter Cafe Sport pela excelente visita guiada.

Ao Sr. Marco Viegas, mestrando na Universidade dos Açores, chegou até ao meu conhecimento pelo Sr. José Azevedo do Peter Cafe Sport. Estava a realizar uma Dissertação de Mestrado também referente a um *Scrimshaw*.

Ao Sr. Steve Pereira, colaborador na Pousada da Juventude de São Roque do Pico, pelas informações referentes à Pousada e antigo Convento.

À Sr.^a Dr.^a Paula Noé, Historiadora de Arte, pelas informações enviadas após pesquisar na página da Internet www.monumentos.pt.

Ao Sr. Ivo Sousa, pela autorização em utilizar fotografias da sua página na internet [Http://caisdopico.blogspot.pt](http://caisdopico.blogspot.pt).

Ao Sr. Luís Bicudo, pela autorização em utilizar fotografias da sua página na internet [Https://baleiasebaleeiros.wordpress.com](https://baleiasebaleeiros.wordpress.com).

Ao Sr. Hélder Freitas, pela autorização em utilizar fotografias da sua página na internet [Http://helderfreitas.zenfolio.com](http://helderfreitas.zenfolio.com).

Ao Sr. Jarmai Daniel da Leiloeira Christie's pela autorização no uso de material fotográfico.

Ao Sr. Michael Dyer, Sr. Stuart M. Frank e à Sr.^a Sarah Rose, do New Bedford Whaling Museum, New Bedford, Massachusetts, Estados Unidos da América.

Ao Sr. Greg Gorga do Santa Barbara Maritime Museum, Santa Barbara, Califórnia, Estados Unidos da América.

A Sr.^a D. Jessie Moniz do Bermudas Museum, na Ilha das Bermudas.

A J. Thompson do Maritime Museum of B.C., Victoria, British Columbia, Canadá.

Ao Sr. Roger Marsters e Philip L. Hartling do Nova Scotia Museum em Halifax, Nova Escócia, Canadá.

À Sr.^a D. Oralee do Age of Sail Heritage Museum de Port Greville, Nova Escócia, Canadá.

À Sr.^a Ruth Cox do New Brunswick Museum, Saint John, New Brunswick, Canadá.

ABREVIATURAS

ABRL – Armações Baleiras Reunidas Lda.

ABRSP – Armações Baleeiras Reunidas do Sul do Pico, Lda.

ABT – Armação Baleeira Terceirense

ARQ – Arquipélago

CACM – Centro de Arte e de Ciências do Mar

CBF – Companhia Baleeira Faialense, Lda.

CBM – Companhia Baleeira Mariense, Lda.

CECS – Centro de Exposições Casa dos Sofias

CEE – Comunidade Económica Europeia

CFR – Confira

CITES – Comissão Internacional para o transporte e venda de espécies ameaçadas de fauna e flores

DRT – Direção Regional de Turismo

EUA – Estados Unidos da América

FABR – Fábrica das Armações Baleeiras Reunidas Lda.

FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

GRACIBAL – Parceria das Armações Baleeiras da Ilha da Graciosa, Lda.

I. - Ilha

Ig. – Igreja

ICRW - Convenção Internacional para a Resolução da Actividade Baleeira

JVO – John Van Opstal

LACA – Loja de Artesanato Capitão Alves

LAJ – Loja de Artesanato Lajense

M. – Museu/s

MAG – Manuel Alves Gonçalves

OJI – Osvaldo José Inácio

PABSIP – Parceria dos Armadores Baleeiros do Sul da Ilha do Pico

PARBAL – Parceria dos Armadores Baleeiros das Ilhas do Faial e de São Jorge e do Norte da Ilha do Pico

RAA – Região Autónoma dos Açores

S/D – Sem dados

SBR – Sociedade Baleeira das Ribeiras

SIBIL – Sociedade da Industria Baleeira Insular Lda.

SIMAL – Sociedade Industrial Marítima Açoriana, Lda.

UABSM – União das Armações Baleeiras de São Miguel

UABFC – União das Armações Baleeiras das Flores e do Corvo, Lda.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a valorização do *Scrimshaw* enquanto património museológico, através da elaboração de uma base de dados acompanhado por um inventário geral onde os interessados possam saber que tipo de trabalhos existe no Arquipélago¹ (ARQ) seguindo sempre a mesma base de informação, desde o número de inventário, passando por exemplo pela descrição da gravação, pelo autor pelo ano em que foi feito se for possível e em que ilha se encontra.

Propõe-se ainda uma melhoria na avaliação dos trabalhos já efetuada inserindo novos pontos, a elaboração de legendagem que ajude na leitura, inserindo diversas componentes como o braille e uma segunda língua.

Propõe-se igualmente a elaboração de catálogos e de actividades como “a peças do mês”, bem como a necessidade de criar uma exposição documental relativa ao tema. Estas são as soluções encontradas após o trabalho de campo efetuado na Ilha do Faial e do Pico após a recolha e o tratamento dos dados obtidos.

Também se procedeu ao levantamento bibliográfico, ambos permitiram ver aquilo que é necessário fazer para uma melhor preservação daquele património referente à arte baleeira, chegada ao arq. através dos contactos com as baleeiras, enraizando-se nos costumes locais, hoje um património de grande importância pela memória evocativa dos tempos da baleação, utilizando técnicas de gravação, ferramentas, levando a uma forma de interpretação única, cuja temática varia entre o sagrado e o profano, a família, os usos e costumes passando ainda pelo erotismo, todo o trabalho finalizou na elaboração desta dissertação composta por cinco capítulos.

Arrojado seria a tentativa de candidatar o *Scrimshaw* feito no Arquipélago dos Açores a Património Imaterial da Unesco

¹ Centrei as pesquisas em duas das três ilhas mais importantes para a arte baleeira Açoriana, a Ilha do Faial e a ilha do Pico, deixando a Ilha das Flores para um trabalho mais aprofundado. Nas outras à medida que ia recebendo respostas aos correios eletrónicos aos pedidos de informação fui percebendo que não seria fácil, a maior parte das vezes remetiam as respostas para as ilhas estudadas.

O primeiro sobre a baleação, será uma breve abordagem a vários países e à Região Autónoma dos Açores (RAA), aqui não se pretende estudar a fundo a temática pois a mesma já foi abordada por outros autores, mas contextualizar o leitor, pois é um ponto de ligação fundamental para o entendimento daquilo que é o *Scrimshaw*.

No segundo capítulo pretende-se valorizar este património, pelo reconhecimento da importância histórica e artística, primeiramente ligada à baleação e hoje pela continuação de um legado e de preservação da memória, hoje a cargo dos museus, artesãos e procura turística, será uma introdução ao tema, abordagem aos autores e páginas da internet que abordaram o assunto e ainda das origens à atualidade, pretende-se ainda dar a definição, o termo, porque é que trabalhavam o dente, como eram os primeiros trabalhos e por fim os primeiros registos.

No terceiro capítulo pretende-se abordar as especificidades deste património, o percurso do dente desde a saída da mandíbula passando pelo alisamento, gravação e polimento final, os materiais utilizados, os temas, abordagem ao entalhe e esculturação do dente bem como das novas tendências, por último a abordagem ao levantamento documental efetuado nas Ilhas do Faial e Pico, principais centros do património baleeiro no arquipélago.

No quarto capítulo pretende-se abordar a preservação de um património impar e a valorização na arte no espaço museológico, por exemplo aquilo que se pretende criar através de medidas, tais como, a criação de um inventário, de uma base de dados, de uma legendagem, de catálogos e a melhoria na avaliação, bem como a adoção de medidas de apoio aos invisuais.

Por fim o quinto capítulo, a tentativa de criar uma exposição documental em Portugal Continental ou numa das ilhas, o tema está associado ao trabalho efetuado acompanhado por um subtema, saber também qual a necessidade para a sua elaboração, pelas dúvidas e objetivos, pela importância que é a divulgação e quais os meios a utilizar, e qual o formato pretendido durante o roteiro expositivo, quantos painéis informativos, se haverá peças em expostas e se haverá um artesão.

Para não deixar desaparecer todo um património, é necessário uma maior valorização e preservação museológica caminhando lado a lado com o seu potencial turístico, e pela falta de informação há que investir numa recolha geral de *Scrimshaw*, criando também

uma base de dados e um inventário completo que permita perceber o que existe nas ilhas salvaguardando-o de cair no esquecimento ou ser alvo de delapidação.

Palavras-chave: Açores, Baleação, *Scrimshaw*, Artesãos, Património, Inventário, Preservação Base de Dados, Exposição, Turismo.

ABSTRACT

This master thesis has as objective of the valorization of *Scrimshaw* as museologic patrimony, through a creation of an Inventory accompanied with a data base where everyone interested can know which type of Scrimshaw exists following the same base of information every time, from the number of inventory, passing for example by the description of the drawing, by the author, by the year that it was created if it's possible and on which island was created, it is proposed an improvement on the evaluation of the works already done with the introduction of new points, , the creation of legends that helps in the reading and visualization of that piece of art, inserting some new components such as braille and a second language, the creation of catalogues and the piece of the month, also with the attempt of doing an exhibition related with the theme of this work. Those are the solutions that I found after the work field done in the Island of Faial and Pico with the collection and procession of the information obtained in the local, also with the bibliography, which allowed to verify what it is necessary to do for a better preservation of that heritage related to the whaling art, arrival to the archipelago through contacts with the whalers, rooting itself in the local customs, today is a patrimony of great importance by the evocative memory of the times of whaling, using techniques of engraving, tools, leading in to a unique interpretation, the thematic vary between the sacred and the profane, the family, the way of life, the customs and passing also through the eroticism, all the work finished in the elaboration of this dissertation composed of five points. The first one is about whaling, a brief approach to several countries and The Azores, here it does not intend to study the theme in depth since it has already been studied by several other authors, but rather to contextualize the reader, since it is a fundamental link for the understand that which is Scrimshaw. In the second point, its intended to valorize this heritage, by recognizing the historical and artistic importance, first linked to whaling and today by the continuation of a legacy and preservation of memory, nowadays in charge of museums, artisans and tourist demand, will be an introduction to the Scrimshaw, an approach to the authors and web pages that done an approached to the subject and, from the origins to the present, is still intended to give the definition, the term, why they worked the tooth, how was the first works and finally the first written records. In the third point it's intended to speak about the specificities of this heritage, the

path of the tooth since the jaw through smoothing, engraving and the final polishing, the materials used, the themes, giving an approach to the notch work and sculpture as well the new trends, finally the written to the such of documentation written and photo carried out in the Faial and Pico Islands, main centers of the whaling heritage in the Archipelago. The fourth point is to write the preservation of a unique heritage and the valuation of art in the museological space, for example what it's intended to create through measures such as the creation of an inventory, a database, a subtitling in museums, cataloging and improvement in evaluation, as well as the adoption of measures to support the blind. Finally the fifth point, the attempt to create a documental exhibition in mainland Portugal or in an Azorean island, the theme is associated to the work that have been done accompanied by a sub-theme, will start from the need of knowing the necessity for its elaboration, by the doubts and objectives, by the importance of dissemination and the means that can be used, and which is the format required during the exhibition, how many informative panels will have, if there will be pieces in exhibits, if there will be an artisan. In order not to let an entire heritage disappear, it is necessary to increase the valorization and preservation of museology by walking side by side with its tourist potential, and for the lack of information it is necessary to invest in a complete inventory, also creating a database that allows to perceive what exists in the Archipelago safeguarding it from falling into oblivion or being subject to dilapidation.

Key words: Azores, Whaling, Scrimshaw, Artisans, Heritage, Inventory, Preservation, Data base, Exhibition, Tourism.

INTRODUÇÃO

Fruto da habilidade da mão humana, a gravação nasceu da necessidade de passar para o lado visual tudo aquilo que era interpretado no dia-a-dia das populações, como foi o caso das gravações pré-históricas nas rochas, por exemplo o caso das gravuras rupestres do Vale do Côa em Portugal Continental.

Os povos com ligações ao mar não fugiram à regra, por exemplo os Inuits no Ártico, utilizavam as presas de morsa² para criarem elaborados desenhos, muitas vezes como quisessem contar uma história do seu quotidiano.

Nas ligações marítimas com o “*Novo Mundo*” marinheiros das Ilhas Britânicas utilizavam os braços dos seus companheiros de viagem para criarem tatuagens.

Após a chegada ao Continente Americano, a junção desses dois factores, o saber fazer dos Inuits e dos marinheiros, talvez tenha levado ao aparecimento do *Scrimshaw*³ tal como o conhecemos hoje a bordo das baleeiras, e mesmo esse evoluiu, passando de meras gravações toscas, em ponteadado, passando depois por linhas e figuras, até aos mais elaborados como de um quadro se tratassem. Frank Barcelos por exemplo utilizou a policromia⁴ para dar cor aos seus trabalhos.

O *Scrimshaw* não se dispersou sozinho pelo mundo, mas nas jornadas longas em alto mar, e é também fruto da necessidade de ocupação do tempo livre por parte dos marinheiros vindos de todos os *cantos*, pessoas ambiciosas, sedentas de riqueza e de bem-estar, que procuravam no mar o sustento, no entanto, muitas acabariam por desertar num qualquer porto, muitas vezes longe do local de origem, quer fosse nos Açores, nas Ilhas do Pacífico Sul⁵ ou no Hawai, onde acabariam por ficar.

Se a bordo das baleeiras o longe fazia-se perto, naquele constante combate da saudade, após a chegada aos Açores procuraram adaptar-se à realidade local, no entanto, algo irá

² Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 1 – Presa de Morsa.

³ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 2 – Scrimshaw ponteadado.

⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 3 – Scrimshaw com utilização de policromia.

⁵ No Pacífico Sul, também trocavam os dentes pelos mantimentos frescos, nas Ilhas Fiji, eram utilizados em cerimónias importantes na cultura local, ainda hoje o são, as taboas, como são chamadas, têm ainda uma corda que encaixa em cada extremidade, sendo usadas no pescoço.

ser sempre gravado, como de uma obrigação se tratasse, a baleeira americana⁶, esta representava a crença num futuro melhor, em melhores condições de trabalho, tudo o que simbolizava “*o sonho americano*” que aliás era compartilhado por muitos habitantes das ilhas, tendo portanto no meu entender um valor simbólico.

Terá chegado através das abordagens entre marinheiros e os locais, primeiramente na Ilha das Flores e mais tarde quando a família Dabney⁷ se instalou na cidade da Horta, fazendo da Ilha do Faial, um grande entreposto comercial⁸, ou, através da imigração de ilhéus vindos da baleação. A partir do momento em que a família Estado-unidense saem dos Açores, e tal como a baleação a arte da gravação em dente de cachalote, percorreu o seu próprio caminho até 1986 quando a foi proibida a caça à baleia nos Açores.

Temas e ferramentas foram adaptadas à realidade local, no primeiro manteve-se o gosto pela baleeira, no entanto, foram adicionados temas locais como a paisagem, os botes e os baleeiros, religiosos e desejos, ferramentas entre outros, no segundo, o método de trabalho variava de gravador para gravador, utilizando apenas uma navalha ou um instrumento de auto fabrico.

Aí o problema surgiu, o que fazer a partir de então para não deixar cair no esquecimento um trabalho interpretativo tão rico para a RAA.

Poderemos considerar que a partir de 1986 data da proibição da baleação, ou 1998, data da primeira legislação do património baleeiro, onde se inseriu os dentes de cachalote, ser considerado um produto/memória, evocativo do tempo da baleação, a partir de 1998, fruto dessa legislação, do aumento do turismo e dos artesãos que abriram as suas lojas de artesanato, passa a ser um produto turístico, profundamente marcado pelo passado, no entanto valorizando o seu sentido comercial, isto é, o turista visita o local, bebe do local e no final ciente da tal proibição e do trabalho de preservação feito pelas entidades locais, procura levar consigo algo que a lembre desse passado.

⁶ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 4 – Baleeira Americana.

⁷ Quando em Portugal se assistia aos preparativos para a saída da família real rumo ao Brasil devido às invasões napoleónicas, chegava aos Açores a família Dabney, cônsules americanos, permaneceram desde 1806 até à ordem de regresso dada pelo Governo Americano em 1892. Três gerações permaneceram no Faial, John Bass Dabney, Charles William Dabney e Samuel Wyllys Dabney, sendo um dos principais impulsionadores no desenvolvimento da baleação nos Açores, mais propriamente no grupo central.

⁸ Os Dabney dedicavam-se a outros negócios como foi o caso da exportação de laranjas do Pico, a armação de navios e só mais tarde criaram um entreposto para as baleeiras aqui aí fundeavam.

Não nos podemos esquecer ainda do papel que os museus, quer sejam privados ou públicos têm na preservação dessa memória, não deixando apagar esse rico passado.

Se o termo *Scrimshaw* em relação à forma como ele se apresenta quiser apenas falar do dente, aí teremos duas formas, a mais conhecida e mais estrita, a gravação de uma qualquer imagem da maneira conhecida, e a outra o entalhe, cujo trabalho não envolve o desenhar uma figura e deixá-la a preto e branco mas criar uma figura a partir do dente. Caso o termo se aplique a tudo o que é trabalhado a partir do Cachalote, aí entram as artes decorativas, a arte sacra, os embutidos, os apliques mobiliário, as miniaturas e os utensílios utilizados no dia-a-dia.

Não se sabe como nasceu o interesse, mas a partir de meados do Século XIX passa a ser objeto de estudo por parte de vários autores americanos⁹ e mais tarde por parte dos portugueses.

O autor Norman Flayderman cita no seu livro, Verril¹⁰, “*According to Verrill [...] Scrimshaw work was a term applied to all forms of carving or decorating whales teeth, walrus tusks or bones, but nowadays usually refers specifically to the teeth engraved by the Whalemen.*”¹¹ O mesmo autor refere ainda que depois de 1835 as tripulações tinham tantos estrangeiros como Americanos.¹²

Roger Hopper escreve na sua página “*Where the word ‘Scrimshaw’ actually came from, I don’t believe anyone really knows but I think the general consensus is, it was probably derived from a Dutch or English nautical slang expression meaning ‘to waste time.*”¹³

Muitas vezes tal era a vontade de trabalhar o dente os marinheiros não queriam baleiar, até mesmo quem estava no castelo da proa evitava dar o sinal, Leslie Linsley escreve “[...] *some reports have it that the men became so involved with their scrimshandering that they would often pretend not to spot a whale so that they could continue this enjoyable endeavor known as ‘the idle’ or ‘lazy man’s’ activity.*”¹⁴

⁹ Neste trabalho, quando me refiro a Americanos ou americanos, estes são sempre referentes a cidadãos dos EUA.

¹⁰ Op. cit.; Verrill, A. H. *The Real Story of the Whaler*, D. Appleton and Company; First American Edition; p. [s/d]; 1916.

¹¹ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.6; 1973.

¹² Idem.

¹³ [Http://www.hopscrimshaw.com/](http://www.hopscrimshaw.com/); 13/10/2015, 11h25.

¹⁴ LINSLEY, Leslie; *Scrimshaw a traditional folk art, A contemporary craft*; Publishers Hawthorn Books, INC; p.6; 1976.

Para Michael McManus tanto a origem do nome como a data é incerta, no entanto segundo ele o nome tem diversas variações entre as quais “ [...] *Scrimshone, scrimshorn, crimson, scrinshon e squintshon*”¹⁵, Jorge Pereira de certo modo vai de encontro ao que o autor anterior escreve, “*O próprio nome «Scrimshaw» tem origem incerta. Pensa-se que deriva de termos mais antigos, nomeadamente «Skimshander», «Scrimshonter» e «Scrimshorn».*”¹⁶

Segundo Frank M. Stuart, *Scrimshawing* era um passatempo a bordo feito durante as horas vagas e não só era feito pelos marinheiros, também pelas mulheres e filhos dos comandantes dos navios, “*Scrimshawing was typically a shipboard pastime that occupied common seamen and officers alike, and even occasionally the wives and children of whaling masters, during long, idle hours on whaling grounds.*”¹⁷

Terry Christian escreve que deriva do facto dos marinheiros fugirem dos seus deveres, ou seja, segundo ele, “*The sailors were considered to be ‘shirking their duties’ as a result of this activity. That phrase became the definition of scrimshaw.*”¹⁸

Para o Museu de Hull em Inglaterra, existe o “ [...] *Scrimshandering* [...] ”¹⁹, criar o *Scrimshaw*, o blogue do Museu da Baleia de New Bedford segue a mesma linha “ [...] *Scrimshandering, as the whalemens called it — making scrimshaw.*”²⁰

No blogue do *The New Bedford Whaling Museum*, o termo não fica apenas pelo dente, escrevem ainda “*The term ‘scrimshaw’ also covers pieces whalemens created from seashells, coconuts, tortoise shell, and other materials. The whalemens’s practice of engraving pictures on whale ivory, walrus ivory, baleen, and skeletal bone originated in the late Colonial era, almost precisely coevally with the beginnings of whaling out of New Bedford.*”²¹

Na página de *Mystic Seaport* podemos ler “*These days, scrimshaw is taken to refer to all kinds of carving and engraving on ivory, bone, sea shells, antler and cow horn. However, in its original context as a traditional shipboard pastime of 19th-century mariners,*

¹⁵ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

¹⁶ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.51; 1995.

¹⁷ FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic “Scrimshaw” (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B; p.1; 2001.

¹⁸ <http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go/>; 14/08/2016, 17h00.

¹⁹ <http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/>; 12/10/2015, 19h15.

²⁰ <http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/>; 06/01/2017, 09H40.

²¹ Idem.

scrimshaw refers to the indigenous, occupationally-rooted art form of the whalers, the defining characteristic of which is the use of the hard byproducts of the whale fishery itself – sperm whale ivory, walrus ivory, baleen (erroneously called whalebone), and skeletal whale bone, often used often in combination with other found materials.”²²

A origem e a etimologia também são desconhecidas no entanto aparecem várias formas do nome “ [...] *Scrimshander, Skrimshonting, and Skrimshank.*”²³

Já em Portugal aquele que terá sido o primeiro a debruçar-se sobre o termo foi Mousinho de Figueiredo²⁴. No seu trabalho escreve “*Ainda segundo (Clifford) Ashley (The Yankee Whaler, pp.111-116, Haleyon House, New York, 1942), foi só em 1850 que, no livro de (Henry) Cheever (The Whale and His Captors, Or, The Whaleman's Adventures and the Whale's Biography: As Gathered on the Homeward Cruise of the 'Commodore Preble', 1950), teria aparecido escrito pela primeira vez o termo, cuja etimologia iria desesperar os estudiosos, citando ainda um anónimo*²⁵ que “*pretendeu recuar a origem do enigma até aos tempos dos vikings, aduzindo para isso que, por essa época, os mais audazes desses piratas eram apologeticamente glorificados como Skrimisher ou Skirmisher.*”²⁶ E “ [...] quanto à linguagem escrita, o que se sabe é que estes artefactos foram designados por *Scrimshonter, Scrimshandy ou por Scrimshander, sendo esta a última forma e única utilizada por H. Melville, o autor do famoso Moby Dick.*”²⁷

Outro nome era o trabalho em si, aquilo que estava a ser realizado e a que era dado o nome de *Scrimshawing*, segundo Mousinho de Figueiredo correspondia a “ [...] *a um misto de entretenimento, na hora de ócio e a uma expressão de saudosismo [...] ou a realização de uma promessa muito afetuosa para alguém que ficava a acenar [...]*.”²⁸

É uma palavra sem tradução para o nosso idioma, segundo Francisco Martins “ [...] *desconhece-se a sua origem*”, no entanto “*esta palavra está ligada à baleia ou ao*

²² <http://www.mysticseaport.org/>; 12/10/2015, 10h15.

²³ Idem.

²⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

²⁵ Op. cit.; Anónimo; *Scrimshaw: Whaling men's work in whale teeth*; Norsk Hvalfangstidende Sandefjord, Norge; pp. 62-65; 1956.

²⁶ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

²⁷ Idem.

²⁸ Ibidem, p.449.

cachalote, ou melhor a qualquer aplicação e trabalho de material ósseo ou ao dente de cachalote.”²⁹

As possíveis origens do nome são diversas, segundo Jorge Pereira, a “ [...] *palavra parece porvir do holandês «Skrimshander», ou seja, um «Sujeito preguiçoso».*”³⁰ e “ [...] o «Scrimshaw», *como arte popular, não foi mais do que adaptação pelos baleeiros americanos de um antigo ofício e não uma actividade que tenha nascido da caça à baleia.*”³¹

João Gomes Vieira no seu trabalho escreve que o “ [...] *termo aparece por volta de 1820*”³² e que em “ [...] *1853 já aparece registado.*”³³

Numa amável partilha de conhecimento com o Sr. João Menezes, citando fonte não especifica, escreve “*O termo [...] em sentido estrito, designa as produções artísticas realizadas em dente, osso mandibular de cachalote e barbas de baleia, por membros da tripulação dos navios baleeiros, durante os tempos de repouso da faina.*”³⁴

Para o Museu de Scrimshaw, o termo não é só um, “ [...] *por um lado, em sentido geral, designa uma forma de arte e, por outro, em sentido restrito aplica-se aos diferentes produtos dessa arte.*”³⁵

No blogue *Velharias com História* está escrito “*Essa manifestação artística está ligada tradicionalmente à atividade da baleação e, em Portugal, apenas despertou a atenção dos estudiosos a partir dos finais da década de 1950. Constitui a mais autêntica e conhecida manifestação da chamada "arte baleeira" que teve as suas origens no século XIX, nas frotas de baleação, inicialmente formadas por marinheiros norte-americanos, mas em pouco tempo integradas também por numerosos açorianos e até cabo-verdianos.*”³⁶

²⁹ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.398; 1980.

³⁰ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.54; 1995.

³¹ Ibidem, p.51.

³² VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.28; 2003.

³³ Idem.

³⁴ CM PRAIA DA VITÓRIA – 02-11-15. 15h27 – João Menezes – aberto a 19/11/15 23h15. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

³⁵ [Http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php](http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php); 03/11/2015, 09h00.

³⁶ [Http://philangra.blogspot.pt/](http://philangra.blogspot.pt/); 13/10/2015, 14h30.

Norman Flayderman cita William Morris Davis³⁷ que escreveu *Nimrod of the Sea* em 1874 “ [...] *helps to explain the variety of phonetic renderings and spellings not only of the word ‘scrimshaw’ but almost any other word a sailor may have used in this passage: Sept. 23. The last two days the ‘C was ruf’ as old Chips, the carpenter, has it. He is the only one on board besides myself who keeps a journal, and he is writing for the amusement of his ‘old women’. He says she delights in the beauties of his spelling and language, and he swears that my way lacks originality, as I always spell the same words the same way, while he never spells it twice alike. Such variety may have been responsible for: Scrimshoning, Scrimshonting, Scrimshorn, Scrinshorn, Schrimson, Schrimpshong, Skimshontering, Skrimshonting, Squimshon, all used at one time or another in logs, journals, or books. Even those do not exhaust the possible variations.*”³⁸

Para Philip Hoare, a gravação em dente de cachalote era “ [...] *a expressão de uma indústria de excessos.*”³⁹

Nas definições, para a página *History Through Arts* é a mais velha forma de arte da América do Norte “ [...] *is the oldest of the very few art forms that are native to North America.*”⁴⁰

Para o Museu de Hull são objetos criados pela gravação e entalhe⁴¹ dos dentes e ossos de baleia ou de outros animais marinhos.⁴²

Na página *Scrimshaw.8m* o autor refere-se a “ [...] *gravações artesanais em ossos, marfins e chifres*”⁴³, sendo esta uma designação mais alargada.

Naquela que poderá a ser a primeira definição portuguesa conhecida, Mousinho de Figueiredo escreve “ [...] *o trabalho do Scrimshaw consiste propriamente na incisão e no desenho sobre marfim do dente de cachalote, ou, mais raramente, na sua esculturação.*”⁴⁴ Também escreve, embora não o afirme que “ [...] *por extensão, também*

³⁷ Op. cit.; Davis, William M.; *Nimrod of the Sea; or, The American Whaleman*. New York; Harper & Brothers; p. [s/d]; 1874.

³⁸ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; P3; 1973.

³⁹ HOARE, Philip; Leviatã, *Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

⁴⁰ http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf; 13/08/2016; 19h00.

⁴¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 5 – Trabalho em entalhe.

⁴² <http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/>; 12/10/2015, 19h15.

⁴³ <http://scrimshaw.8m.com/historia.htm>; 13/10/2015, 23h50.

⁴⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portuguesas”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.449; 1959; Separata.

*se costuma aplicar o mesmo designativo ao trabalho feito nas tábuas ósseas dos ramos montantes do mandibular [...].*⁴⁵

Passados quase dez anos, por volta do ano 1967, João Afonso escreve acerca da primeira definição portuguesa, por Mousinho de Figueiredo em 1959, “*Todo o objecto feito de marfim de cachalote, e, por extensão aplica-se também a peças feitas com osso mandibular.*”⁴⁶

Então o que é esta forma de arte, para Stuart M. Frank é a arte dos baleeiros, segundo ele escreve “*Scrimshaw is the indigenous whalemens art of engraving and carving sperm-whale teeth and, by extension, whalemens decorative work on other byproducts of the fishery, including baleen (whalebone), walrus ivory, and skeletal bone.*”⁴⁷

Pode ter uma estreita ligação com as tatuagens, numa entrevista de Franz Langhans a João Gomes Vieira, o primeiro perguntou se não existiria uma “ [...] *relação entre a técnica usada para a gravação no osso e a usada na tatuagem de braços dos navegantes.*”⁴⁸ João Gomes Vieira teve uma resposta que nem era sim nem não, mas que estudada mais a fundo poderemos encontrar respostas, “*Tudo leva a crer que sim, porque encontra-se em muitos Scrimshaw que observei e que estudei muita semelhança e usa-se até o ponteadado como o da tatuagem. Tenho fotografias de trabalhos a ponteadado e eu próprio também os fiz. Há outros que mostram uma associação de incisões e de pontinhos.*”⁴⁹

Em 1971, Michael McManus escreve sobre uma possível ligação entre os baleeiros e os povos do Pacífico Sul, quando chegaram viram os locais a gravar na madeira e conchas, e segundo ele, “ [...] *they made a mental connection to the ivory teeth of the whales*”⁵⁰

⁴⁵ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.449; 1959; Separata. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 6 – Gravação em osso mandibular.

⁴⁶ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; P73; 1967.

⁴⁷ FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic “Scrimshaw” (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; *Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B*; p.1; 2001.

⁴⁸ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo*, I Volume; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.137; 1985.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

Quanto a Stuart M. Frank é a ligação entre os Inuits e os ilhéus, que se alistavam nas baleeiras, convivendo com outros povos, aí segundo ele “ [...] *also took up the scrimshandering art and interpreted their own experiences on yankee ships.*”⁵¹

Em Portugal, aquele que terá sido o primeiro a abordar a gravação no dente de cachalote foi José Mousinho de Figueiredo em 1946⁵², tendo o seu trabalho reeditado em 1996⁵³ pelo Museu dos Baleeiros.

Para Edouard A. Stackpole, esta seria uma adaptação dos baleeiros, pelo que “ [...] *considera o Scrimshaw [...] como o desenvolvimento no mar, da antiga arte de esculpir o marfim [...] deste modo o Scrimshaw, como arte popular, não foi mais do que uma adaptação pelos baleeiros americanos de um antigo ofício e não de uma atividade que tenha nascido da caça à baleia.*”⁵⁴

Na página Cultura Açores está escrito, “*Scrimshaw – artes populares intrinsecamente ligadas a um viver quotidiano, elas reflectem a vida de um povo em todas as suas manifestações. O trabalho, o lazer e a religiosidade marcam os ritmos criativos das ilhas, de uma forma simples ou mais elaborada, consoante a imaginação do artista e a matéria-prima disponível.*”⁵⁵

Por fim, segundo João Gomes Vieira e o que é feito no arquipélago ganhou uma forma de interpretação única, “ [...] *e o culminar de um longo processo de relacionamento dos habitantes do arquipélago com o gigante dos mares.*”⁵⁶ Se no início poderemos dizer que se enquadrava no saudosismo, mais tarde a gravação apropriou-se dos aspectos quotidianos e das vivências locais, de certo modo uma espécie de arte invocativa.

Os primeiros registos aparecem por exemplo, no Diário de Bordo da baleeira *By Chance* datada de 1826 aparece uma das mais antigas referências ao *Scrimshaw* “ [...] *Scrimshonting* [...]”⁵⁷

⁵¹ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved*, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum; Publisher David R. Godine; p.131; 2012.

⁵² FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Separata de boletim pecuário, ano XIV, n.º2; Sociedade Astória, Lda.; 1946.

⁵³ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; 1996.

⁵⁴ <http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php>; 03/11/2015, 09h00.

⁵⁵ <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=468>, 02/10/2015, 10h40.

⁵⁶ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.13; 2003.

⁵⁷ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.51; 1995.

O mesmo escreve Michael McManus, dando a data de 20 de Maio seguido do texto “*Because of fog and lack of wind the brig was virtually becalmed, and the crew occupied their time scrimshawing. Such long periods of inactivity led to boredom, and this combined with terrible food and wretched living conditions caused a significant number of desertions.*”⁵⁸

Peter Neil por sua vez escreve “*The sailor’s art of Scrimshaw first appears in the 1831 edition of the catalog as ‘sperm whale’s teeth, curiously carved’. Signed in 1829 by artist Frederick Myrick aboard the Nantucket whaleship Susan [...].*”⁵⁹

Já Norman Flayderman crê ainda que a primeira vez que o termo foi impresso foi em 1841 “*Perhaps its earliest use in print was in Incidents of a Whaling Voyage by Francis Allyn Olmsted, published in 1841: there are found aboard a whaler, a great variety of small tools expressly intended for ‘Scrimshawing’ or nice mechanical contrivances for fabricating various articles out of the teeth and jaw bone of the sperm whale.*”⁶⁰

Em Portugal, Mousinho de Figueiredo em 1959⁶¹, escreve “*a primeira é de não ter até àquele momento quaisquer referências bibliográficas portuguesas sobre a arte menor do Scrimshaw.*”⁶², até àquela data “*não era do conhecimento dos mercadores de antiguidades [...] agrupam os raros Scrimshaws sob a designação [...] de bibelots [...] os que exibem traços mais rude vão parar [...] às bugigangas [...].*”⁶³ Para o mesmo autor, designava tudo o que era trabalhado a partir do marfim de cachalote⁶⁴ utilizando também a mandíbula.⁶⁵

Quanto a dicionários, Norman Flayderman cita Charles Scammom⁶⁶, este escreveu em 1874, “[...] *provided a glossary in his Marine Mammals in which this definition was given: Scrimshawing or scrimshaw, or skimshander, as sometimes termed. – Is to execute*

⁵⁸ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.1; 1997.

⁵⁹ NEIL, Peter; *Maritime America, Art and Artifacts from America’s Great Nautical Collections*; Published by Abrams & Balsam Press; p.45; 1988.

⁶⁰ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.3; 1973.

⁶¹ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

⁶² *Ibidem*; p.445.

⁶³ *Ibidem*; p.445.

⁶⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 7 – Trabalho em marfim de cachalote.

⁶⁵ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.445; 1959; Separata.

⁶⁶ *Op. cit.*; Scammom, Charles M.; *The Marine Mammals of the North-western Coast of North America*. 1874; reprint ed., Riverside CA: Manessier, p. [s/d]; 1969.

any piece of ingenious mechanical work. It is applied particularly to polishing and engraving upon whalebone or whale's teeth, or manufacturing fancy articles from the same materials.”⁶⁷

Em Portugal, João Afonso refere dois dicionários, referindo-se ao Dicionário Webster “*Entre um Webster recente, outro de há meio século, esclarece-se, de certo modo satisfatoriamente, a significação de Scrimshaw, assim: Qualquer peça dentre variados objectos esculturas ou gravados e algumas vezes coloridos pela aplicação de tinta nas linhas de incisão, que eram feitos designadamente por baleeiros americanos sobre osso ou marfim de cetáceo, a saber: Bengalas, Peças de jogo, Talas de Corpete ou de Espartilho, caixas de rapé ou estatuetas.*”⁶⁸ Escreve que em 1851 o termo aparece no Dicionário Oxford, “*Scrimshaw: (Skriɹmso) – Substantivo – origem obscura – Náut. Nome genérico dado por marinheiros à manufactura de passatempo durante as viagens de baleação ou outras e aos produtos resultantes como as gravações sobre o osso, marfim, conchas [...].*”⁶⁹

Segundo Franz Langhans, a primeira vez que aparece uma definição em dicionários é no *New Webster*, lá está escrito “*palavra de origem esquimó.*”⁷⁰ Há no entanto, como iremos ver mais adiante outras interpretações.

Quando é que os baleeiros tinham a oportunidade de gravar o dente. Leslie Linsley escreve que o dente era trabalhado durante os períodos entre captura das baleias “*There were often long, boring periods between the capturing and processing of whales, and once all chores were done there was lots of time to spare.*”⁷¹

Para Heidi Robichaud, os capitães para manterem ocupados os marinheiros nos seus tempos livres entregavam dentes, “*During times of no whales, captains kept their crew busy keeping the ship clean and in good repair. However, days at sea were long and there*

⁶⁷ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.6; 1973.

⁶⁸ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; p.68; 1967.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.137; 1985.

⁷¹ LINSLEY, Leslie; *Scrimshaw a traditional folk art, A contemporary craft*; Publishers Hawthorn Books, INC; p.3; 1976.

was plenty of idle time. Scratching on ivory became a popular pastime that eventually developed into a finely honed craft and art.”⁷²

Em Portugal, segundo Franz Langhans “ [...] *enquanto não surgia a baleia à proa, encontravam um processo de matar o tempo, uma espécie de lenitivo para os seus tempos de solidão.*”⁷³

Os primeiros trabalhos eram muitas vezes copiados de revistas, livros e ilustrações.⁷⁴ Os mais antigos trabalhos conhecidos criados por baleeiros e feitos através da baleia, talvez fossem as “*Ditty-boxes*”, caixas ovais feitas a partir de Baleen, o mais antigo data de 1631, Frank M. Stuart escreve “*Nevertheless, by 1618 the Dutch whaling cartel was seeking marketable applications for baleen. A few surviving oval boxes and mangles made by Dutch and Frisian whaling masters in the 17th and 18th century suggest that senior officers at least, could obtain baleen for their personal handiwork. The earliest known example of baleen boxes is an anonymous decorated pair from Rotterdam, dated 1631, of which is in the Rijksmuseum – Zuiderzeemuseum [...].*”⁷⁵

Nem todos a bordo tinham habilidade suficiente para trabalhar na gravação, caso houvesse alguém com mais capacidade, esse seria o “*escolhido*”⁷⁶ para a tarefa, segundo escreve Hersey⁷⁷ em 1843, citado num trabalho de Stuart M. Frank, “ [...] *being slightly skilled in the art of flowering; that is drawing and painting upon bone; steam boats, flower pots, monuments, balloons, landscapes, &c &c &c; I have many demands made upon my generosity, and I do not wish to slight any, I of course work for all.*”⁷⁸

A habilidade dos *Scrimshanders* tanto demonstrada no mar como em terra, dava origem às mais variadas gravações, por exemplo, durante a pesquisa bibliográfica referente aos

⁷² [Http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html](http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html); 13/10/2015, 10h00.

⁷³ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.137; 1985.

⁷⁴ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; p.75; 2012.

⁷⁵ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; P513; 1992.

⁷⁶ Como faria o mais requisitado para trabalhar o dente? Receberia algo em troca? Ficaria a trabalhar descansado enquanto aquele que tivesse pedido estaria a completar a sua tarefa? Dinheiro? Nesta parte duvido, recebiam pouco, portanto a meu ver era pago em trabalho.

⁷⁷ Op. cit.; HERSEY, Joseph Bogart; *Third mate, Journal of Whaling Voyage aboard the Schooner Esquimaux of Providence Town, Ma*; p. [s/d]; 1843.

⁷⁸ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; p.519; 1992.

Açores bem como uma lista enviada pela Direção Regional de Turismo (DRT) conseguiu criar quadros com o número de artesãos locais⁷⁹.

No tratamento da informação, dos oitocentos e doze trabalhos fotografados de arte baleeira⁸⁰, dividi os trezentos e oitenta e cinco *Scrimshaw* fotografados pelos museus, lojas de artesanato e artesãos⁸¹, ainda no tratamento dos dados obtive vinte e três autores, acrescentando dois, um ‘*de difícil leitura*’⁸², e outro ‘*Sem Dados*’⁸³, bem como a localização dos seus trabalhos⁸⁴, em quinze temas⁸⁵, ainda na contagem dos temas a associação dos artesãos com cada tema trabalhado⁸⁶, por sua vez esses temas estabeleceram a ligação com os museus, lojas de artesanato e artesãos⁸⁷, deram origem a cento e oitenta e dois subtemas⁸⁸, e ainda a dezasseis métodos de gravação⁸⁹.

Mais adiante irei voltar a escrever sobre o assunto. Em Portugal, não foram muitos os autores que trabalharam este tema, deixo aqui os que considero os mais importantes, José Mousinho de Figueiredo em 1946⁹⁰, teve o trabalho reeditado em 1996⁹¹ pelo Museu dos Baleeiros, escreve sobre o que é feito a partir dos dentes “*Os dentes de marfim de cachalote servem nos Açores, para o fabrico de pequenos objetos torneados e cinzelados*”, no entanto em nenhuma parte do seu trabalho temos a palavra *Scrimshaw*.

⁷⁹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro I – Número de artesãos por ilhas. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro II – Artesãos ainda no ativo segundo a DRT em 2015.

⁸⁰ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro III – Divisão dos 812 trabalhos fotografados pelas técnicas de execução.

⁸¹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro IV – Proveniência dos trabalhos de Scrimshaw, 385 peças inventariadas.

⁸² Quando a foto não permitiu mais tarde durante o tratamento da informação uma leitura correta da assinatura do autor.

⁸³ Quando no tratamento da informação não consegui encontrar a assinatura do autor.

⁸⁴ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro V – Museu de Scrimshaw, autores/artesãos identificados.

⁸⁵ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro VIII – 385 Scrimshaw, identificação de quinze temáticas. Nos outros trabalhos de arte baleeira (Ver também) Anexo IV quadros, Quadro IX – 219 trabalhos em marfim, identificação de dezoito temáticas. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro X – 147 trabalhos em osso mandibular, identificação de dezassete temáticas. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro XI – 61 trabalhos em entalhe, identificação de 19 temáticas.

⁸⁶ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XII – Presença dos autores/artesãos pelas 15 temáticas do Scrimshaw.

⁸⁷ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XIII – Scrimshaw, temáticas presentes nos Museus, Centros de Exposições e Lojas de Artesanato.

⁸⁸ Cfr. Anexo IX quadros, Quadro XIV a XVIII – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de *Scrimshaw*.

⁸⁹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadros XIX e XX – 23 autores (+2) divididos pelos métodos de gravação e Anexo IV quadros. Ver também, Quadro XXI – Métodos de gravação divididos por museus, centros de exposições e lojas de Artesanato.

⁹⁰ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Industria Baleeira Insular*; Separata de boletim pecuário, ano XIV, n.º2; Sociedade Astória, Lda.; 1946.

⁹¹ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; 1996.

Pedro da Silveira⁹², no ano de 1959 escrevia “ [...] *insinuou-se em curiosas realizações plásticas dos homens do mar. Dos dentes e das mandíbulas do cetáceo se serviram para fazer [...] desenhos gravados a canivete, forninhos de cachimbos ornamentados [...]*.”⁹³

Margarida Ribeiro escreve, “*No âmbito da moda dos leques e de miniaturas esculpturadas, foi uma indústria coincidente com a decadência dos artefactos chineses e japoneses, que invadiram a Europa ocidental sob a forma de mercado ambulante, exercidos por autóctones emigrados como se verificou em Portugal.*”⁹⁴

Franz Langhans vai buscar o exemplo de Herman Melville para a sua explicação “os «*Skrimshander articles* são pequenos objetos esculpidos ou talhados em material rijo e a que os artistas-marinheiros deram aquele nome e como que os excluindo dos «*esquiços*» desenhados, gravados, realçados e até, coloridos sobre a superfície polida dos dentes de cachalote.”⁹⁵

Alexandra Andrade escreve acerca da possível divisão em grupos “Ao grupo das primeiras pertence uma diversidade de objectos decorativos composto essencialmente por miniaturas utilitários como as cacheiras de bengalas, os agulheiros e furadouros para bordados, as agulhas para tricotar, as caixas de costura, as roldanas de tear e ainda objectos de adorno como os botões de punho, brincos, colares, anéis medalhas, etc.”⁹⁶

Na página Philangra.pt, “as peças são muito variadas, utilitárias e decorativas, como por exemplo caixas, talas para corpetes de vestidos de senhora, dedais, cabos de sinete, punhos de bengala, dados e até carretilhas para recorte da massa tenra.”⁹⁷

Numa partilha de conhecimento pelo Sr. João Menezes, este escreve citando fonte desconhecida, “De acordo com os contextos socioculturais de utilização, é possível classificar o Scrimshaw nas seguintes categorias: utensílios usados em atividades navais e outras, a bordo das baleeiras (espiches, alisadores de costuras das velas...), acessórios

⁹² SILVEIRA, Pedro da; *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo, Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*; Separata da revista Seara Nova, n.ºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e n.º1361, de Março de 1959, Lisboa; p.47; 1959.

⁹³ Idem.

⁹⁴ RIBEIRO, Margarida; *Acerca de um Scrimshaw*; Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série, N.º88, 1.º Tomo; p.2; 1982.

⁹⁵ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.130; 1985.

⁹⁶ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.3; 2000.

⁹⁷ <http://philangra.blogspot.pt/>; 13/10/2015, 14h30.

de vestuário (talas de corpete, botões, adornos, acessórios para tabaco, bengalas...), equipamento doméstico (rolos e carretilhas para massa, dobadeiras, caixas de costura, agulhas, castiçais, molas de roupa, jogos...) e peças decorativas (gravura, escultura e torneamento em osso e dente de cachalote).”⁹⁸

Não só o dente que pode ser considerado no trabalho de gravação, a página do Peter Cafe Sport aborda o maxilar, *“Uma outra parte do cachalote também muito usada no “Scrimshaw” era o osso do maxilar inferior. Estas enormes peças, muito pesadas, eram limpas, cortadas e serradas para fazer bengalas, tacos e todos os tipos de acessórios, e as partes planas serviam de superfície para a gravação de desenhos. Usando estes produtos ao máximo, o artesão fabricava para seu uso próprio ou para venda ou oferta uma infinidade de objectos, como caixas de agulhas, chicotes, cabos para ferramentas, talheres, rolos de massa, carimbos, rocas, agulhas de tricotar, molduras de quadros ou de espelhos, broches, brincos, alfinetes, pentes, terços, colares e até leques.*”⁹⁹

E qual o objetivo e o que justifica um trabalho como este, sendo especificamente um trabalho feito nos Açores.

Passa por valorizar o que são os objetos, já que estes resultam de condições duríssimas, da vida a bordo, da luta entre homem e besta durante longas horas onde nem sempre levávamos a melhor, de pessoas sem formação artística, formação técnica, mas que vão com a sua capacidade, engenho e necessidade de invocar coisas que não têm ali, família, mulheres, vão criar obras de arte, porque valorizam o património.

A minha Dissertação é importante pois tem como objetivo estudar profundamente o património, no sentido da sua valorização, ao enquadrá-lo do ponto de vista histórico, artístico, técnico e cultural, para além do inventário que se quer criar bem como da base de dados.

Aquilo que se pretende obter com este trabalho é a sua valorização patrimonial, respeitando o valor inerente a cada uma das peças estudadas, pois é um património com valor histórico, artístico e técnico, que pode e deve ser preservado interpretado e mostrado às pessoas, estudado e conservado.

⁹⁸ CM PRAIA DA VITÓRIA – 02-11-15. 15h27 – João Menezes – aberto a 19/11/15 23h15. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

⁹⁹ [Http://www.petercafesport.com/pcs/museu.php](http://www.petercafesport.com/pcs/museu.php); 03/11/2015, 09h20.

Tem como uma das prioridades aquando da intervenção saber valor plástico e técnico daquela peça, não esquecendo os temas, quer sejam eles devocionais, representativos de baleeiras, baleeiros ou cenas de caça, família, profissões ou desejos, bem como a tal saudade.

De valor cultural, já que se trata de uma actividade humana de um nicho de pessoas que trabalha os dentes, uma arte que evoluiu, é emotiva, viva e não é uma arte morta.

É um património à procura de um narrador, e é uma arte viva, continua hoje a ser preservada nos Museus e casas particulares e vendida aos turistas em lugares que em tempos eram importantes locais de caça à baleia, como é o caso da Vila das Lajes do Pico.

Aquilo que vou fazer é pegar nesta atividade, e é ela que legitima e justifica a peças que estou a estudar e o público não pode desconhece-la, não podem pensar que o Scrimshaw é fruto do acaso.

Devido a essas razões irei nos próximos cinco capítulos dar a conhecer e explicar o que é, propostas de salvaguarda e ainda propor algo inédito a ser elaborado, como irei apresentar, eis o que se pretende:

O primeiro capítulo '*A baleação*', aquilo que procurei fazer foi enquadrar o leitor para uma atividade baleeira, sendo esta uma atividade ancestral e com diversas ramificações, só cito tudo isto porque foi importante para a História dos Açores. Numa sequência cronológica e não detalhadamente pois houve autores que já o fizeram anteriormente. Não servirá para estudar a baleação a fundo, mas para contextualizar os leitores para a problemática da baleação no trabalho em causa, escreverei acerca do cachalote, da baleação na Europa em Portugal, nos Estados Unidos da América (EUA) e estabelecendo a ligação com os Açores, aqui será o ponto de ligação para o entendimento daquilo que é o *Scrimshaw*.

O segundo capítulo será o '*Scrimshaw, um património praticamente desconhecido, das origens à atualidade*', o tema principal desta dissertação, aqui debruçar-me-ei sobre o estado da questão e por pretender valorizar este património, pelo reconhecimento da importância histórica e artística, bem como dar a conhecer os temas e seus artesãos. Uma arte com estreita ligação à baleação como mais tarde pela necessidade da continuidade de um legado, hoje turístico, no entanto sem perder o contato com o passado.

O terceiro capítulo será a *‘Arte, técnica e materiais: especificidade de um património’* irei entrar numa das partes mais importantes desta dissertação, o que torna o Scrimshaw tão importante para ser considerado um caso de estudo. Irei abordar o dente, desde que era tirado do maxilar inferior do Cachalote e todo o processo de alisamento que era feito, a sua preparação antes e durante a gravação. Quais as ferramentas utilizadas pelos baleeiros antigamente e hoje em dia pelos artesãos que ainda trabalham o dente. Quais os materiais utilizados durante a gravação, se antigamente utilizava-se a borra do fundo das caldeiras, hoje dia porque é que se utiliza a tinta-da-china.

O quarto capítulo será o *‘Scrimshaw, preservação de um património’*, este capítulo está reservado para os casos de estudo, aquilo que existe e o que falta fazer no campo museológico, mais propriamente quanto à legendagem, quanto à avaliação que faremos dos *Scrimshaw*, para que tanto os privados como os espaços museológicos saibam o valor que têm na sua posse. A realização do inventário geral que permitirá saber ao certo aquilo que existe nas ilhas e quem sabe ser extensível ao Continente. Que temas, subtemas e artesãos poderemos ver.

O quinto e último capítulo *‘Proposta roteiro de exposição: a arte baleeira nos Açores’*, a ser realizada em Portugal Continental ou numa qualquer Ilha açoriana, por exemplo adicionando um subtema, os 590 anos da chegada de Diogo de Silves em 1427 à I. de Santa Maria.

O ponto de partida para esta exposição documental parte de saber qual é a necessidade, que duvidas e objetivos se colocam, parte do princípio que é importante divulgar uma arte conhecida quase unicamente nos Açores, enquanto no continente é quase nulo, terá como objetivos dar a conhecer a história e a cultura açoriana, a ligação da marinha com os Açores e atrair novos turistas, bem como mostrar uma das mais impressionantes artes populares regionais criadas após ferozes lutas nos mares dos Açores

Por último este trabalho tem como objetivo estudar uma das vertentes do património baleeiro, criando um inventário geral, abrangendo entidades privadas e públicas, catalogar as peças, legendar, avaliar quer tenha valor museológico ou sentimental, criar uma baliza cronológica, expor e divulgar, pois no meu entender será uma forma de dar a conhecer uma forma de arte praticamente desconhecida por muitos.

CAPITULO I – A BALEAÇÃO

O objetivo em primeiro lugar deste capítulo não servirá para estudar a baleação e o cachalote na íntegra, mas para contextualizar os leitores para a problemática da baleação no trabalho em causa, este será o ponto de ligação para o entendimento daquilo que é o *Scrimshaw*.

Porquê o cachalote¹⁰⁰, porquê a baleação e porque é que os baleeiros, homens embarcados em campanhas longe de casa, arriscavam a vida em alto mar numa luta sem igual contra os animais marinhos tão grandes e capazes através de uma só rabada afundarem e matarem as tripulações dos pequenos botes baleeiros¹⁰¹, o cachalote, apesar de ser diferente da baleia muitas vezes tomará o seu nome, no entanto, comecemos logo pela primeira diferença entre ambos, o primeiro tem dentes, e a segunda pode ter barbas, estas eram utilizadas por exemplo no fabrico de corpetes femininos.

A baleia é um dos habitantes mais antigos da terra, a evolução terá começado há 50 milhões de anos quando ainda habitavam em terra¹⁰², no percurso evolutivo apareceram as baleias de barbas, os Mysticetos, e as baleias com dentes, os Odontocetos, estes, no seu percurso evolutivo, deram origem entre outros aos atuais cachalotes. Estiveram por exemplo na mesma categoria dos peixes até serem classificadas como mamíferos por Lineu no Século XVIII, apesar de no longínquo Século IV a.C. Aristóteles já o tivesse tentado.¹⁰³

Ao longo dos Séculos foi alvo das interpretações do Ser Humano, por exemplo como forma de expressão, veja-se os Petróglifos de Bangudae¹⁰⁴ na Coreia do Sul, representações com cerca de 8 000 anos.¹⁰⁵

¹⁰⁰ O cachalote, apesar de ser diferente da baleia, muitas vezes tomará o seu nome, no entanto, comecemos logo pela primeira diferença entre ambos, o primeiro tem dentes, e a segunda pode ter barbas, estas eram utilizadas por exemplo no fabrico de corpetes femininos.

¹⁰¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 8 – Bote Baleeiro.

¹⁰² Retirado da informação presente na exposição permanente, do Museu de Cachalotes e lulas, Madalena do Pico, Ilha do Pico.

¹⁰³ HOARE, Philip; Leviatã, *Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro, p.207; 2015.

¹⁰⁴ [Http://bangudaelove.com/Lang/ENG.php?ckattempt=1](http://bangudaelove.com/Lang/ENG.php?ckattempt=1); 10/02/2017, 16h00.

¹⁰⁵ Idem.

Quer pelo amor demonstrado por Chuang-Tzu, filósofo chinês, por volta do ano 400 a.C., o qual aconselhava darem boa alimentação às baleias à base de bois¹⁰⁶, quer mais tarde pelo medo que os marinheiros tinham dos seres monstruosos, habitantes das profundezas cujo poder era capaz de fazer afundar barcos com tripulações inteiras, tal como aconteceu anos mais tarde no Oceano Pacífico com a baleeira *Essex* em 1820¹⁰⁷. Ou ainda quando o Profeta Jonas permaneceu durante três dias e três noites no estômago do cetáceo até que se arrependesse por ter desobedecido a uma ordem de Deus.¹⁰⁸

Existem ainda os achados arqueológicos, na costa portuguesa por exemplo foram encontrados utensílios que se presume tivessem ajudado na captura de baleias, mais que não fosse para golpear as baleias arrojadas na costa, datam de 10 000 a.C.¹⁰⁹, ou ainda para os restos de baleia encontrados na região do Alasca, em acampamentos encontrados e datados de 1 500 a.C.¹¹⁰, informação dada também por Norman Flayderman no seu livro.¹¹¹

Chet Van Duzer, no seu livro *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*, mostra aquele que poderá ser o mapa mais antigo contendo monstros marinhos, o *Beatus Mappaemundi*.¹¹²

O certo é que o Homem antes de iniciar a caça, aproveitava-se dos arrojamentos, utilizavam a carne para alimento e o toucinho depois de fervido dava o óleo para diversas utilizações, e mesmo antes de perceberem a utilidade que o animal tinha, havia um certo receio pois era sinónimo de desgraça, tal como Cristina Brito escreveu “[...] *Muitas vezes eram encarados como mensagens de Deus, sinais que poderiam indicar maus comportamentos por parte das pessoas ou indicar eventos negativos que viriam a caminho.*”¹¹³

¹⁰⁶ RODRIGUES, M.M. Sarmiento, Contra-Almirante; *Ancoradouros das ilhas dos Açores*; 3ª Edição; Publicação do Instituto Hidrográfico, p.47; 1970.

¹⁰⁷ [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

¹⁰⁸ ALMEIDA, João Ferreira (Trad); *A Bíblia Sagrada contendo o novo e velho testamento*; Edição Revista e corrigida, Depósito das Escrituras Sagradas, Lisboa; p.890; 1968.

¹⁰⁹ [Http://historiadosacores.tumblr.com/post/50265715807/ca%C3%A7a-%C3%A0-baleia-alguns-dados-hist%C3%B3ricos-datados](http://historiadosacores.tumblr.com/post/50265715807/ca%C3%A7a-%C3%A0-baleia-alguns-dados-hist%C3%B3ricos-datados); 22/11/2015, 14h05.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Mildford, Connecticut, p.15; 1973.

¹¹² DUZER, Chet Van; *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*; The Brititish Library; pp.14-15; 2014. Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 9 – Beatus Mappaemundi).

¹¹³ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.84; 2009.

O que era aproveitado na caça ao cachalote e as utilizações dadas, o óleo de cachalote¹¹⁴ poderia ser utilizado no futuro por exemplo como lubrificante para maquinaria, tintas e ceras, o óleo de espermacete¹¹⁵ poderia ser utilizado na perfumaria, farmacêutica e cosmética, produção de velas, estas eram muito apreciadas pois não produziam nem fumo e nem cheiro, o âmbar-cinzento¹¹⁶ era valioso e caso fosse encontrado no interior dos intestinos, o mesmo poderia ser utilizado futuramente como fixador de perfumes.

No livro de José Mousinho de Figueiredo reeditado em 1996¹¹⁷, no início da terceira parte “*Produtos da Indústria Baleeira e respectiva práticas industriais*”, existe de um esquema o que era obtido através do cetáceo capturado.¹¹⁸ Num outro esquema, Mousinho de Figueiredo dá as “ [...] *várias possibilidades da indústria baleeira dos arquipélagos adjacentes* ”¹¹⁹, por exemplo dos cachalotes conseguia-se o âmbar, marfim, espermacete, óleo de espermacete, óleo de cachalote, farinha de carne, farinha de ossos, farinha de sangue, grudes, guanos e peles, utilizadas por exemplo em curtumes e dos cetáceos de média estatura conseguia-se Farinha de carne, farinha de ossos, grudes, óleo de golfinhos, óleo de goela de golfinhos, peles de golfinhos e guanos.

Após Séculos a ser caçada, as mentalidades começaram a mudar e a baleação não fugiu à regra, surgindo várias leis a partir daí de apoio à conservação dos cetáceos, em 1946, é criada a Comissão Baleeira Internacional, assinada por 17 países, o objetivo passava pela conservação das baleias. Nesse mesmo ano a Organização das Nações Unidas, cria a *Convenção Internacional para a Resolução da Actividade Baleeira* (ICRW), passa a ser proibida a caça comercial.

Relativamente à baleação, esta não era de todo um desporto mas uma necessidade e só após a descoberta do petróleo é que os derivados das baleias deixaram de ser procurados, como é o caso do óleo de baleia ou do espermacete do cachalote, nos Açores, eram um importante complemento aos magros rendimentos dos locais.

Desde tempos imemoriais que o Homem caça para se alimentar, retirando proveito daquilo que conseguia, quem vivia junto do mar não era excepção, muitas vezes

¹¹⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 10 – Óleo de cachalote.

¹¹⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 11 – Óleo de espermacete.

¹¹⁶ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 12 – Âmbar cinzento.

¹¹⁷ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.220; 1996.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Ibidem, p.221.

aproveitavam os animais arrojados na praia para retirar o máximo proveito do corpo. A carne era uma mais-valia para a comunidade local.

Na Europa os bascos são dados como os primeiros na parte ocidental a iniciar a caça à baleia no início do Século XI¹²⁰, “*No ano 1059 sai uma lei para a concentração de carne de baleia na cidade de Baiona.*”¹²¹ Após quase esgotarem as zonas próximas da costa por esta já não absorver a procura pelas Baleias-Francas, que ali repousavam durante as suas migrações, aventuraram-se em alto mar, até chegaram à Costa Leste da América do Norte¹²², e aí terem estabelecido pequenos assentamentos temporários de apoio à caça, sendo estes posteriormente abandonados durante o rigoroso Inverno, aí utilizavam o toucinho da baleia para derreter e utilizar na iluminação por exemplo, e ainda a carne para consumo, mantiveram o domínio da baleação Atlântica até serem absorvidos por Castela no Século XVI.

Os Noruegueses também praticaram caça à baleia desde o Século XI, quer fosse pelo aproveitamento através dos arrojamentos, quer mais tarde pela condução dos cetáceos até à costa, para depois aproveitarem também eles o óleo e a carne tão importantes regiões frias no Inverno.

Utilizaram também as Ilhas Svalbard, hoje seu território para a caça a baleia, mais tarde Svend Foyn foi o inventor da utilização do barco a vapor na caça à baleia e ainda do arpão disparado através do convés, o que dizimou ainda mais as baleias.¹²³

Os Holandeses também aproveitaram o arrojamento para tirar algum partido da baleia, em 1598 os habitantes de uma comunidade costeira local foram atraídos por esse acontecimento¹²⁴, não se sabe ao certo se foi isso que os levou mais tarde para a baleação, mas após o declínio basco, foram eles e os Ingleses que tiveram o domínio do Atlântico.¹²⁵

¹²⁰ BRITO Cristina; *Portuguese Sealing and Whaling Activities as Contributions to Understand Early Northeast Atlantic Environmental History of Marine Mammals; New Approaches to the Study of Marine Mammals*; Publisher: INTECH, pp.206-222 Cap.9; 2012. Ver também o site, <http://www.historymuseum.ca/virtual-museum-of-new-france/economic-activities/basque-whalers/>; 27/11/2015, 12h30.

¹²¹ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.126; 2009.

¹²² <http://www.historymuseum.ca/virtual-museum-of-new-france/economic-activities/basque-whalers/>; 27/11/2015, 12h30.

¹²³ J.A.A.B; *A caça às Baleias*; Revista Michaelense, Ponta Delgada; Ano 1, Nº1, pp.32-34; p.32; 1918.

¹²⁴ VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.406; 2007.

¹²⁵ LOPES, João Carlos; *Baleeiros do Faial*; Versão reduzida do texto com o mesmo título, destinada ao seminário da Licenciatura em Antropologia, FCSH-UNL; p.19; 1982.

A partir de 1614 e até finais do Século XVII, estabeleceram locais permanentes de caça, como foi o caso da Ilha de Jan Mayen, tal como os bascos, junto da ilha os *Whaling grounds*¹²⁶ começaram a escassear levando-os também para a costa da América.

Mais tarde juntamente com os Dinamarqueses, Franceses e Ingleses, iniciaram a caça à baleia no Ártico, os primeiros juntamente com os Holandeses fixaram-se em *Smeerenburg* a norte das Ilhas Svalbard e os Franceses em *Laegerneset*, no entanto devido a quezílias acabaram por se separarem.

Aqui já se produziam artefactos a partir da baleia, Stuart M. Frank escreve acerca de caixas ovais feitas a partir de *Baleen*, sem autor mas datadas do ano 1631 presentes no *Rijksmuseum-Zuiderzeemuseum* na Holanda, e um trabalho atribuído a um mestre baleeiro de nome Connelis de 1641.¹²⁷

O território português continental com esta costa não foi excepção, desde sempre foi atravessada pelos mais diversos animais marinhos nas suas rotas migratórias, as baleias não eram excepção, quer fosse pela necessidade atrás referida ou pelo simples facto de darem à luz, no entanto e não muitas vezes, quer fosse devido à proximidade da costa, eram arrastadas pelas marés ou por morrerem, e por ali ficavam.

Na antiguidade a costa Lusitana foi mencionada por Estrabão, João Gomes Vieira escreve “ [...] os povos da antiga Lusitânia terão aproveitado todos os cetáceos que deram à costa. Estrabão [...] faz referência à qualidade de âmbar do mar, encontrado na baía de Setúbal, a que lhe chamavam «baía do âmbar» [...]”.¹²⁸

A baleação em Portugal Continental baseava-se nos arrojamentos, as populações costeiras tiraram o mesmo partido do animal que os outros povos no mundo, a constante presença de cetáceos levaram ainda à formação de núcleos baleeiros, por exemplo o Baleal e Atouguia da Baleia¹²⁹ na Ericeira¹³⁰ e Paderneira.

¹²⁶ Locais com população permanente de cetáceos.

¹²⁷ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; P.513; 1992.

¹²⁸ VEIRA, João Gomes; *O Homem e o Mar, a participação portuguesa (Açorianos e Cabo-verdianos) na baleação americana*; Edição Medialand, Lda.; p.39; 2009.

¹²⁹ BRITO, Cristina; *Land-based Sperm Whalin the Azores: Historical and Socio-Economical*, pp.123-129; 2007.

¹³⁰ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.134; 2009.

De grande valor foi a Tese de Doutoramento escrita pela Dr.^a Cristina Brito, intitulada: *‘Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*, em História dos Descobrimentos e da *Expansão Portuguesa*’ pela FCSH-UNL em 2009, contribuiu para um melhor entendimento do que foi a baleação no continente, pois os documentos encontram-se sempre muito dispersos.

As primeiras referências documentadas sobre a baleação datam do Século XII, bem como material escrito sobre algumas localidades costeiras e a sua ligação ora à pequena baleação ora aos arrojamentos, numa altura em que os bascos baleavam por todo o Atlântico, não admira que passassem pela nossa costa.

Os arrojamentos ou as pequenas baleações foram de extrema importância para o Reino, por exemplo na obtenção de impostos, “ [...] *as baleias afluíam à costa na época de procriação e encalhavam com tal frequência que o direito aos «achados do mar» incluía uma nau ou navio ou qualquer coisa com a sua mercadoria ou uma baleia e tudo o mais que o mar lance fora.*”¹³¹

Devido à importância dos “*Peixes Reais*” tinham levando os monarcas a criarem medidas proteccionistas bem como os impostos, tanto eles como as demais entidades locais lucravam.

O Rei D. Afonso III por exemplo distribuiu pelos nobres enormes quantidades de pedaços de baleia¹³². Nos reinados de D. Afonso IV, D. Pedro I, D. Fernando e D. João I, as referências à baleação continuam presentes. Podemos observar ainda a presença da baleação nos forais de Sesimbra em 1201¹³³, Silves 1266¹³⁴, Loulé, Faro e Tavira, entre 1266 e 1279¹³⁵, Castro Marim em 1277 e 1282, Aljezur em 1280, Cacela em 1283 e

¹³¹ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.86; 2009.

¹³² “Um recibo passado por D. Afonso III aos seus uchões, em 1279, nos dá a conhecer a entrada na régia ucharia (...) de 2658 postas (talhos) de baleia (...) tudo resultado de serviços e colheitas de povoações piscatórias.” Ibidem, p.136.

¹³³ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.134; 2009.

¹³⁴ VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.39; 2007.

¹³⁵ Idem.

Porches em 1286, entre outros, também não podemos esquecer a proximidade com o País Basco, e a ajuda destes para o desenvolvimento da actividade no nosso território.

Também em Leiria por volta do ano de 1254, uma dívida a um mosteiro foi paga com o que se obtinha do desmanche baleia.¹³⁶

Além do que se tinha de pagar ao Rei, como foi o caso de Lordelo, relativamente às inquirições do ano de 1258, que dava conta dos tributos da baleia, “*A renda atingia metade da produção e já vigorava no reinado de D Sancho I [...]*”¹³⁷, existiam ainda todas as outras obrigações que os pescadores tinham que pagar, por exemplo, em terras pertencentes à Ordem de Cister, ou seja, o Mosteiro de Alcobaça recebia uma quantia pela baleia que era apanhada junto à costa. De notar ainda o comprimento do cetáceo bem como o que ele dava “*No reinado de D. Sebastião (1452-1478) ainda encalharam muitas baleas no Algarve de que proveio de Azeite a feitoria do rei, uma de 20 metros de comprimento oferecia 10 mil litros de óleo ou 2 mil arrobas de carne que era comida até na mesma mesa do Rei.*”¹³⁸

A primeira referência a um monopólio baleeiro data de 28 de Setembro de 1340 quando o Rei entrega a Afonso Domingues toda a exploração costeira a troco da entrega de sal.¹³⁹

A partir do momento em que Portugal iniciou as viagens dos Descobrimentos, a baleação terá deixado de ser a principal preocupação para a coroa, segundo João Ribeiro, no Século XVI o Brasil terá a ajuda dos Açorianos¹⁴⁰ na introdução de técnicas de caça¹⁴¹, no futuro terá o monopólio da indústria baleeira, como poderemos observar na sua relação com os Açores que iremos ver mais adiante.

¹³⁶ “ [...] que se tiravam do azeite das baleas como de outras cousas do porto de Salir e da Atouguia”, em BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.134; 2009.

¹³⁷ VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.39; 2007.

¹³⁸ BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH-UNL; Agosto; p.86; 2009.

¹³⁹ Ibidem, p.136.

¹⁴⁰ A palavra “açoriano” entra muitas vezes em conflito com “açoreano”. Pelo que preferi manter a primeira palavra.

¹⁴¹ RIBEIRO, João Adriano; “*A Pesca da baleia nos Açores, Subsídios para o seu estudo*”; Islenha, Funchal, nº22, Jan.-Jun., pp. 97-116; Temas culturais das Sociedades insulares atlânticas; Edição: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.97; 1998.

Em 1765 Sebastião Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Secretário de Estado cria a *Companhia da Pescaria das Baleias nas Costas do Brasil e Ilhas a ellas adjacentes*, esta servia para combater a concorrência que os barcos de pesca estrangeiros em águas brasileiras, estendia ainda os seus domínios até águas açorianas, estavam inseridos “ [...] a pesca, a manufactura de óleo e até o aproveitamento de baleias encalhadas.”¹⁴²

No final desse Século, em 1798, sai uma lei relativa a um contrato de exclusividade com Inglaterra “ [...] exclusivo contrato das baleias, para não se fazerem armações sedentárias em qualquer parte dos domínios.”¹⁴³ Este contrato é quebrado em 18 de Maio do mesmo ano por D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Rainha D. Maria I¹⁴⁴, o qual “ [...] declarava livre a pesca das baleias, autorizando os negociantes portugueses a preparar e armar navios destinados à pesca no alto mar, mas o contrato de arrendamento do monopólio só foi extinto com o Alvará de 24 de abril de 1901.”¹⁴⁵

Em 1980 Portugal dá outro passo rumo ao fim da caça, adere à Comissão Internacional para o transporte e venda de espécies ameaçadas de fauna e flores (CITES).

Em 1981 entra na convenção de Berna, “ [...] no sentido de conservar a vida selvagem e os habitats naturais da Europa [...]”.¹⁴⁶

Em 1981 após a publicação da Diretiva Europeia (348/81), torna-se proibido a importação de derivados de Cetáceos na altura Comunidade Económica Europeia (CEE).

Em 1982, em Brighton, Inglaterra, Portugal está entre os 39 países que assinaram a proibição de caça à baleia, o seu comércio é proibido, o País ainda ratifica a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e de Flora ameaçadas de extinção.

Em 1989 após convenção de Berna é criada regulamentação nacional que interdita a captura de todas as espécies de mamíferos marinhos em águas portuguesas segundo a s

¹⁴² RIBEIRO, João Adriano; “*A Pesca da baleia nos Açores, Subsídios para o seu estudo*”; Islenha, Funchal, nº22, Jan.-Jun., pp. 97-116; Temas culturais das Sociedades insulares atlânticas; Edição: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.97; 1998.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ [Http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1662](http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1662); 18/02/2017, 09h30.

¹⁴⁵ [Http://historiadosacores.tumblr.com/](http://historiadosacores.tumblr.com/); 22/11/2015, 14h05.

¹⁴⁶ PINTO, Dutra Márcia, BANDEIRA, Rodrigo de (fotografia), HIGGINS, Ruth (tradução); *Fábrica da baleia de Porto Pim / Porto Pim Whaling Station*; 1ª Edição OMA – Observatório do Mar e dos Açores; p.8; 2008.

linhas determinadas pela International Whaling Commission (IWC). Decreto/lei regional N9/99/A alterado pelo D.L Regional n10/2003/A.¹⁴⁷

Quanto ao principal impulsionador da baleação mundial, os EUA, primordiais para o futuro dos Açores. Neste assunto e antes da chegada dos colonos britânicos ao “*Novo Mundo*”, a bordo do navio *Mayflower*, para aí fundarem Plymouth em 1620, uma das primeiras povoações de Nova Inglaterra, por essa altura, embora não tenha sido essa a intenção dos novos povoadores, já se sabia através de relatos escritos, que por volta do ano de 1605 pelo explorador George Weymouth¹⁴⁸, da caça à baleia feita pelos Nativos Americanos Wampanoag, sentavam-se nas suas canoas com arpões, que por volta de 1610, Samuel De Champlain¹⁴⁹ escrevia sobre a baleação basca na costa leste americana, e ainda o que os governadores de Plymouth escreveram, “*Cape Cod was like to be a place for good shipping, for we saw daily great whales, of the best kind of oil and bone.*”¹⁵⁰

Mais tarde vivendo em conjunto com as comunidades locais foram expandindo a sua influência, criaram novas povoações na Ilha de Nantucket e New Bedford.

Se no início aproveitavam o *Drift Whaling*¹⁵¹, para tirarem partido do animal encalhado trabalhando no seu desmancho, mais tarde trabalhavam em conjunto com os locais no *Shore Whaling*¹⁵², não era mais do que cercarem-no fazendo com que ficasse preso no areal, a partir daí o processo era o mesmo.

Após os sucessos das caças iniciais, obtiveram os direitos sobre ela em 1629¹⁵³ por parte da Coroa Britânica, levando-os a uma maior autonomia.

O desenvolvimento de Nova Inglaterra continua com a compra da Ilha de Nantucket por Thomas Mayhew.¹⁵⁴

Mais tarde chegaram à ilha os Quackers, os seguidores desta religião mudaram-se mais tarde para New Bedford.

¹⁴⁷ SÁ, Nuno; *Mergulho no azul, baleias e golfinhos dos Açores*; Edição Ver Açor; p.18; 2006.

¹⁴⁸ [Http://www.kellsraft.com/StoriesOfMaine/StoriesOfMaineCh03.html](http://www.kellsraft.com/StoriesOfMaine/StoriesOfMaineCh03.html), 13/02/2017, 09h45.

¹⁴⁹ [Https://www.britannica.com/biography/Samuel-de-Champlain](https://www.britannica.com/biography/Samuel-de-Champlain); 13/02/2017, 10h05.

¹⁵⁰ O osso numa tradução livre poderão ser as barbas de baleia, utilizadas por exemplo na composição dos corpetes femininos. Ver também, [Http://www.whalingmuseum.org/](http://www.whalingmuseum.org/); 12/10/2015, 15h20.

¹⁵¹ Em português: Arrojamento.

¹⁵² Em português: Baleação costeira.

¹⁵³ [Http://avalon.law.yale.edu/17th_century/mass03.asp](http://avalon.law.yale.edu/17th_century/mass03.asp); 13/02/2017, 10h53.

¹⁵⁴ [Http://www3.gettysburg.edu/hist106web/site15/GARRETT/mayhew.htm](http://www3.gettysburg.edu/hist106web/site15/GARRETT/mayhew.htm), 13/02/2017, 11h11.

Há uma frase sobejamente conhecida no mundo baleeiro dos EUA, estavam algumas pessoas no alto de um monte a olhar para as baleias quando alguém disse, “*Ali está o campo de sementeira onde os filhos dos nossos netos irão buscar o pão.*”¹⁵⁵

Os cachalotes aparecem pela primeira vez em Nantucket, conta a lenda que em 1712¹⁵⁶, Christopher Hussey, estava a pescar sendo apanhado por ventos fortes, quando estes acalmaram viu-se no meio dos cetáceos, caçou um, conseguindo levá-lo para terra.

No processo de desmanche abriram a cabeça do animal e viram um líquido que em contacto com o ar se tornava espesso, era o Espermacete, foi muito utilizado na composição de velas exportadas depois para Inglaterra, sendo utilizadas na iluminação pública, o óleo quando queimava não deitava cheiro sendo também utilizado na Indústria, pelo menos até à descoberta do petróleo em 1859 em Titusville, Pensilvânia por Edwin Drake, a partir daí o preço a pagar pelo óleo de baleia baixou drasticamente.

A partir desse momento olharam os cachalotes como uma fonte de negócio e não mais pararam, primeiro com a ajuda dos nativos e depois mais tarde quando o negócio cresceu com a ajuda de jovens que chegavam à ilha atraídos pela possibilidade de riqueza mas ignorando a vida dura que iam encontrar, muitos nem sequer tinham experiência como marinheiros.

Em 1715 estavam registadas na ilha cerca de 125 baleeiras¹⁵⁷, passados sessenta anos, em toda a Nova Inglaterra eram já cerca de 360 baleeiras espalhados por cerca de 15 portos.¹⁵⁸

Por esta altura chega a Nova Inglaterra, Aaron Lopez¹⁵⁹, um Judeu Português que se estabelece como homem de negócios do comércio de produtos a partir da baleia, nomeadamente velas.¹⁶⁰

Em 1776, o território de Nova Inglaterra obtém a independência, a partir daí os cetáceos ganham maior importância pela necessidade que o novo país tinha em adquirir “ [...]

¹⁵⁵ Hoare, Philip; *Leviatã, em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.122; 2015.

¹⁵⁶ <http://www.mysticseaport.org/>; 12/10/2015, 10h15.

¹⁵⁷ <http://oalmonda.net/?p=12238>; 13/02/2017, 11h56.

¹⁵⁸ <http://www.whalingmuseum.org/>; 12/10/2015, 15h20.

¹⁵⁹ <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/raizes-fl-biografias.asp?id=5>; 13/02/2017, 13h55.

¹⁶⁰ VIEIRA, João Gomes; *O Homem e o Mar, a participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação americana*; Edição Medialand, Lda.; p.406; 2007. Ver também, <http://findingaids.cjh.org/?pID=109195>, 15/06/2017, 17h00.

óleos como combustível quer para iluminação, quer para indústria metalúrgica e lubrificantes para máquinas e engrenagens.”¹⁶¹

Com o crescimento da actividade, iniciou-se a *Offshore Whaling*¹⁶², levando-os à procura de *Whaling Grounds*¹⁶³ em zonas distantes, contactando com populações locais, os Inuits no Ártico, as populações costeiras do lado do Pacífico na América do Sul, em África com as Ilhas de Cabo Verde, ou nas Ilhas do Pacífico Sul, por exemplo trocavam os dentes por mantimentos frescos nas Ilhas Fiji.

E não só, a tal vida desconhecida que os novos marinheiros iam encontrar levou a muitas deserções nas mais variadas paragens, muitos não iam aguentar por exemplo em expedições que duravam entre dois e quatro anos, sendo o mais longo registo uma viagem de terá durado 11 anos, o *Ship Nile*, nenhum dos que partiu nessa viagem voltou, a vida dura a bordo fê-los desertar num qualquer porto de paragem.

Os tripulantes eram obrigados a respeitar o comando, sendo punidos por cada falta, por exemplo era-lhes dado roupa no início da expedição, e sempre que precisassem de uma nova devido ao constante uso a mesma seria descontada no salário final, muitos chegavam ao fim a dever mais do que tinham para receber. As queixas em relação à alimentação não paravam, tinham uma pequena ração para tanto trabalho.

Durante essas viagens as baleeiras estavam bem equipadas, os cetáceos eram desmanchados a bordo e o toucinho era derretido nos ‘*Traióis*’.¹⁶⁴ Era daqui que os baleeiros iam buscar a borra para completar a gravação.

Dois momentos irão marcar a história da baleação americana para sempre levando à perda da importância de Nantucket enquanto centro da actividade, a guerra da revolução americana em 1776 e a guerra anglo-americana em 1812, as duas contribuíram para a destruição da frota baleeira da ilha aliado ainda ao constante “*assoreamento da barra do porto*”¹⁶⁵ impossibilitando acolher navios de maior calado, perde por isso, a sua

¹⁶¹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.28; 2003.

¹⁶² Baleação em alto mar.

¹⁶³ Locais onde abundam cetáceos.

¹⁶⁴ Da palavra inglesa “*tryworks*”, caldeira utilizada para derreter o toucinho do cachalote.

¹⁶⁵ CYMBRON, Albano, DUTRA, Márcia; *As baleias nos Açores: Da caça ao turismo*; Edição Observatório do Mar dos Açores; p.18; 2013.

importância para New Bedford, cujo porto estava mais adaptado, tornando-se esta a capital baleeira dos EUA.

A cidade poderia considerar-se também a tal “*Sociedade das Nações*”, trabalhadores de todas as partes do mundo à procura de um lugar nas expedições marítimas.

Apesar das quezílias com Inglaterra a baleação continuava, após 1807 Nantucket contava com 116 baleeiras. Após o *Tratado de Gent* em 1814, que pôs fim à guerra entre EUA e Grã-Bretanha, a baleação voltou a crescer, atingindo o auge nos anos seguintes.

Em 1820 as baleeiras chegam ao Hawai, nesse mesmo ano um acontecimento trágico para a baleação dos EUA, a baleeira *Essex* é abalroada por um cachalote em pleno Oceano Pacífico, os seus tripulantes são obrigados a abandonar o barco andando à deriva durante 90 dias, quando o alimento acabou praticaram canibalismo para sobreviverem, sendo encontrados mais tarde junto à costa do Perú, na mesma altura são descobertos *Whaling Grounds* no Japão,

Por volta de 1840, Herman Melville, autor do livro *Moby Dick* parte para a baleação a bordo da *Acushnet* durante três anos, nessa viagem houve encontro entre baleeiras, onde ofereceu uma cópia do seu livro a Henry Chase, filho de Owen Chase, na altura presente na destruição da Baleeira *Essex* cerca de vinte anos antes.

Entre 1846 a indústria baleeira dos EUA atinge o seu pico com a existência de 730 baleeiras, dois anos mais tarde *Lewis Temple*¹⁶⁶ inventa um novo arpão.

Em 1848 começa a corrida ao ouro na Califórnia, muitos abandonam a baleação, como foi o caso da baleeira *Aurora*, deixada no porto¹⁶⁷ por toda a tripulação.

No ano de 1859 marca o início da viragem, é encontrado Petróleo em Titusville na Pensilvânia, EUA, a partir daí os preços dos derivados do cachalote descem rapidamente, por exemplo, o preço do óleo de Espermacete estava em \$1.40¹⁶⁸, enquanto o Querosene estava \$0,75¹⁶⁹, levando por isso ao declínio da baleação americana, por esta altura New

¹⁶⁶ [Http://blackinventor.com/lewis-temple/](http://blackinventor.com/lewis-temple/); 13/02/2017, 13h15.

¹⁶⁷ [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Idem.

Bedford tinha cerca de “ [...] 329 *barcas baleeiras, que empregavam dez mil homens de várias nacionalidades, entre os quais se destacavam açorianos e cabo-verdianos.*”¹⁷⁰

Após a descoberta do petróleo e a corrida ao ouro a baleação entra em declínio, as razões que podem ser apontadas são a saída dos jovens ao declínio dos *stocks* devido à caça excessiva e à introdução do arpão disparado através de um canhão na proa do navio, inventado pelo norueguês Svend Foyn.

Outro momento que contribui para a decadência da indústria baleeira estado-unidense, em 1862 durante a guerra civil americana o navio *Alabama* destrói 10 baleeiras que se encontravam ao largo da Ilha das Flores.

Nos EUA em 1972 o congresso aprova o *The Marine Mammal Protection Act*, proibindo os cidadãos dos Estados Unidos de caçar animais marinhos protegidos.¹⁷¹

A baleação foi abrindo consciências, as vozes contra fizeram-se ouvir e em 3 de Março de 1973 é assinada a CITES, regulava a proteção dos animais, hoje em dia a caça à baleia nos EUA não existe para fins comerciais, sendo proibida.

Em Portugal as notícias a propósito da baleação podem ser rastreadas ao longo da Idade Moderna, especialmente nos Açores que, desde muito cedo se viram no meio de uma encruzilhada de caminhos baleeiros, possivelmente em primeiro pelos bascos, depois pelas naus da coroa portuguesa, pelos navios que faziam a ligação com o Brasil e ainda as baleeiras de Nova Inglaterra, mais tarde EUA, estes utilizariam os portos das ilhas como paragem para abastecimento, manutenção e recrutamento das suas frotas.

A Coroa estava ciente do que poderia ser encontrado e através de um Foral do Almojarifado dos Açores passado nos últimos dez anos do Século XV, escreve “ [...] *qualquer coisa que vier à costa, e que se não ache dono, recadareis para mim, e assim mesmo que qualquer baleia, ou peixe se semelhante maneira, pagando consequentemente os respetivos direitos à Coroa.* ”¹⁷²

¹⁷⁰ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.18; 2013.

¹⁷¹ VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.407; 2007.

¹⁷² VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; p.13; 2003.

As primeiras referências a cetáceos datam do Século XVI, Gaspar Frutuoso um dos primeiros historiadores Açorianos escreve que no ano de 1536, deu à costa da Ilha de Santa Maria um animal de grande porte suficientemente grande para que entrasse na sua boca uma “ ‘ [...] *uma junta de bois com seu carro* ’, mais tarde por volta de 1574, também na mesma ilha ‘ [...] *os homens encontraram uma baleia morta, mas como estava longe da costa, apenas trouxeram bocados da mesma* ’. ”¹⁷³

No ano de 1575 aparecem novamente baleias na Ilha de São Miguel do qual aproveitaram a população e um feitor do Rei de nome Jorge Dias.¹⁷⁴

Também existe ainda referência às «*Favas de Mar*», existentes junto de Rabo de Peixe, delas aproveitaram para fazer o óleo, e já tinham ideia do quão importante era o âmbar.¹⁷⁵

Em 1580, também na ilha de São Miguel, segundo Gaspar Frutuoso acontece uma “ [...] *muy travada batalha com dez grandes peixes*”¹⁷⁶, no entanto se existia caça organizada ainda não é explícita.

Por volta do ano 1584¹⁷⁷, é criado um dos primeiros mapas portugueses com todas as ilhas, elaborado por Luís Teixeira ajudado por Abraham Ortelius podemos verificar um monstro marinho, o que mais provavelmente seria uma baleia¹⁷⁸ no entanto já existiam mapas com algumas ilhas, criados pelos genoveses e catalães.¹⁷⁹

Joel Pacheco no seu trabalho escreve que nos Açores “ [...] *desde os primeiros tempos do povoamento [...] praticava-se caça à baleia mas de forma esporádica e pouco organizada*”¹⁸⁰, ou seja, numa outra leitura, os Açores não apostaram na baleação como fizeram os bascos, e sem uma indústria forte em cada ilha, eram as comunidades locais que contribuíam para a caça, como terá sido o que aconteceu no primeiro desmanche ocorrido na Ilha de São Jorge no Século XVI.¹⁸¹

¹⁷³ FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Terceiro das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; p.108; 1971.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Quarto, das Saudades da Terra, vol. II*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; p.92; 1981.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ BRITO, Cristina; *Land-based Sperm Whal in the Azores: Historical and Socio-Economical*; Kommandor Chr. Christensens Hvalfangstmuseum; p.124; 2007.

¹⁷⁸ <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/acoesdescobr1.jpg>, 20/01/2017, 18h25.

¹⁷⁹ VENABLES, Bernard; *Baleia! Os baleeiros dos Açores*; Tradução de Fernando J.F. Edição Peter Cafe Sport; p.37; 2010.

¹⁸⁰ PACHECO, Joel; *A canoa baleeira dos Açores e da ilha de Santa Catarina – The Azorean and the Santa Catarina Island's whaleboats*; Edição do Autor, Florianópolis; p.19; 2009.

¹⁸¹ Ibidem, p.21.

Entre os Séculos XVI e XVIII, os Açores não foram capazes de concorrer com os estrangeiros, sofrendo com as vicissitudes políticas na altura, mesmo com os constantes pedidos para que a Coroa se envolvesse e protegesse mais as ilhas.

Numa amável partilha de conhecimento o Sr. João Menezes, citando fonte desconhecida, revela a existência de um contrato de monopólio no Brasil no Século XVIII, em que se escrevia “ [...] o óleo de baleia era exportado para terras de Vera Cruz, daí era exportado para Lisboa podendo depois ser reexportados novamente para os Açores”¹⁸², e para a existência de um contrato referente à exportação de óleo de baleia diretamente para os Açores em 1754.¹⁸³

A partir do ano de 1755 começam as queixas à Coroa, D. Antão Vaz de Almada, na altura Capitão-General dos Açores, envia uma carta para Lisboa, para que o Rei D. José I tomasse as devidas providências “ [...] alertando o Reino para o interesse económico do rendimento do azeite que os veleiros ingleses e franceses pescavam nos mares dos Açores. Entendia o autor que tal rendimento deveria reverter para a Coroa Portuguesa, sendo a pesca feita pelos Portugueses. ”¹⁸⁴

Apesar de serem auto-suficientes em relação ao óleo de baleia, por exemplo os que se dedicavam à caça utilizavam-no para a iluminação em casa, tinham no entanto de o exportar para depois voltarem a comprar mais caro.

Em 1765 as baleeiras americanas passam nos Açores, sendo o espermacete aí obtido na caça aos cachalotes, transferidos para as fábricas existentes em território americano, onde eram transformadas em velas.

Devido a essa companhia, Nicolau Maria Raposo, açoriano emigrado no Brasil, irá criar um contrato de exportação de óleo de baleia para o arq., com início em 1767 e finalizando em 1793.¹⁸⁵

¹⁸² Correio eletrónico trocado com o Sr. João Menezes da Câmara Municipal da Praia da Vitória; 02/11/2015, 15h27. Ainda que sem especificar a fonte onde foi retirar a informação.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ VIEIRA, João A. Gomes; *A Baleação e a Identidade Cultural numa Ilha: O projecto de Recuperação da Fábrica Baleeira do Boqueirão – Um modelo museológico inserido em realidade locais*; Cadernos de Sociomuseologia N8, pp. 95-107; Universidade Lusófona; p.97; 1996.

¹⁸⁵ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.16; 2003.

D. Antão de Almada novamente, em 1768 escreve a Francisco Furtado então Ministro para a presença das baleeiras de Nova Inglaterra e que devido à “ [...] *grande abundancia de cetáceos nos mares da região, destacando o interesse para a fazenda real e para os açores de introduzir esta actividade nas ilhas.*”¹⁸⁶ e para o facto de 1 ano antes, os capitães ingleses terem colhido cerca de 10 000 barris de óleo.¹⁸⁷

Ermelindo Ávila cita José Serpa no opúsculo ‘*A Industria Piscatória nas ilhas Fayal e Pico*’ publicado em 1768 escreve “*No mar dos Açores renasceu uma verdadeira cetariae, Renasceu digo e mui de caso pensado [...]*.”¹⁸⁸ Estaria a referir-se desde as queixas de D. Antão de Almada nesse mesmo ano, passando pela grande procura pelos mares dos Açores por parte das baleeiras estrangeiras e para o constante crescimento da caça no território.

Por volta do ano de 1784, o Capitão-General dos Açores, Dinis Gregório de Melo Castro e Mendonça, escrevia à Rainha D. Maria I, para que tomasse medidas contra os estrangeiros que não paravam de chegar aos mares dos Açores¹⁸⁹, como acontecia por exemplo no assalto que os ingleses faziam, tal como foi escrito por Gabriel D’Almeida em 1893 “*De regresso dos bancos, as embarcações tocavam nos Açores e ahi largavam o pessoal contractado, sendo nas proximidades do archipelago, e atendendo a esta escala certa, que os inglezes as esperavam, assaltando-as e chamando seu, da sua industria o peixe que eles traziam, como se pode verificar pelas queixas de Francisco Machado de Novaes e outros.*”¹⁹⁰

Se nos inícios do Século XIX, o óleo era enviado para os EUA¹⁹¹, no início do Século XX o óleo era exportado para a Europa. O seu uso seria destinado para lubrificante de máquinas, sendo aplicado também como “ [...] *amaciador de fibras duras, por exemplo*

¹⁸⁶ PINTO, Dutra Márcia, BANDEIRA, Rodrigo de (fotografia), HIGGINS, Ruth (tradução); *Fábrica da baleia de Porto Pim / Porto Pim Whaling Station*; 1ª Edição OMA – Observatório do Mar e dos Açores; p.7; 2008.

¹⁸⁷ <http://historiadosacores.tumblr.com/>; 22/11/2015, 14h05.

¹⁸⁸ ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Gráfica Açoriana Lda.; p.98; 1996.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ D’ALMEIDA, Gabriel; *Os Açores e a Industria Piscatória, Nova Edição, precedida de um artigo critico do esclarecido escriptor o Exmo. Sr. António Maria de Freitas (Nicolau Florentino)*; Typ. Popular, Ponta Delgada, São Miguel; p.10; 1893.

¹⁹¹ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.78; 2013.

do cânhamo e do sisal, na produção de máscaras antigás, onde o couro era banhado em óleo de cachalote sulfatado, tornando-o maleável e impermeável.”¹⁹²

No contacto com as baleeiras americanas, João Gomes Vieira escreve acerca da primeira paragem devidamente documentada em águas açorianas, mais propriamente na Ilha das Flores, por volta do ano 1806, “ [...] *a primeira escala que encontramos devidamente documentada, para embarcarem refrescos, consta duma relação de mercadorias, despachadas na alfândega da ilha das flores, durante o 1º semestre de 1806 e 1807, destinados a navios matriculados em portos dos EUA* [...] ”¹⁹³, seria também nos portos da ilha que muitos embarcavam clandestinamente “ [...] *certamente embarcaram membros para completarem as tripulações, os navios baleeiros saíam dos portos com tripulação mínima, pois sabiam que a mão-de-obra era abundante e barata. Muitos jovens ansiavam atingir o continente americano – que era o único meio ao alcance de qualquer jovem aventureiro*”¹⁹⁴, muitos jovens de outras ilhas, sabendo da possibilidade de irem para o continente americano, embarcavam para fugir da miséria e do serviço militar.

Em 1820 no Congresso das Cortes Gerais e extraordinárias, o problema da baleação nos Açores era falado por Manuel José de Arriaga Brum da Silveira deputado pelo Faial e Pico¹⁹⁵ e futuro Presidente da República Portuguesa após 1910, “*A pescaria das baleias, em que abundão aqueles mares, é outro objecto que deverá merecer a atenção do Governo, promovendo o meio de introduzir e animar este ramo da industria e fazer converter, em proveito nacional os grandes interesses que da sua boa direção poderiam resultar, e de que actualmente só se sabem utilizar os Armadores dos EUA.*”¹⁹⁶ Só passados quarenta e dois anos é que é feita alguma coisa, e após várias tentativas do Conselheiro Santa Rita, a 26 de Maio de 1862 sai uma lei assinada pelo Rei D. Luís, para

¹⁹² CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.80; 2013.

¹⁹³ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.57; 2007.

¹⁹⁴ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; p.16; 2003.

¹⁹⁵ GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *A Ilha das Flores: Da descoberta à actualidade (subsídios para a sua história)*; Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores, p.248; 1997.

¹⁹⁶ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; p.67; 1967.

proteção da actividade baleeira¹⁹⁷, “ [...] isentava de impostos a compra de navios durante 8 anos, liberalizava a transação dos produtos de pesca de baleia por 10 anos e reduzia para metade as imposições marítimas de entrada dos navios baleeiros nacionais em qualquer porto nacional, durante 10 anos.”¹⁹⁸, mais a tentativa que se fez para a caça em alto mar.

Nos Açores em 1848, tentou-se iniciar a caça itinerante com o brigue *Harbinger*, no entanto sem sucesso, e até 1857, dedicam-se a armar baleeiras de outros países, como será o caso do *Adonis*, chamar-se-á *Cidade da Horta*, o *Argo*, o *Pamona*, a *Feiticeira dos Mares*, *Garibaldi* e *Júlia*.¹⁹⁹

A baleação era feita em alto mar com as ilhas à vista, iam e regressavam quase sempre no mesmo dia, os botes eram guardados em casas próprias para o efeito, o desmanche dos cachalotes eram efetuados nas rampas de varagem das fábricas, como foi o caso por exemplo da Fábrica da Baleia em Porto Pim, Faial. As técnicas de caça seriam interiorizadas adaptando-as à realidade local, como escreveu Francisco Henriques, “ [...] a tecnologia de caça americana acabou por ser assimilada em determinadas ilhas de passagem da frota baleeira, adaptada às bases terrestres e readaptada com meios escassos.”²⁰⁰

A partir da segunda metade do Século XIX, os locais começavam a desbravar o caminho da baleação açoriana primeiro em todas as ilhas, mas depois centrando-se nas principais, como poderemos observar a seguir.

O ano de 1850 marca o início da baleação costeira nos Açores, por esta altura João Paulino da Silveira, na Vila das Lajes do Pico, construiu aquelas que seriam as primeiras casas para guardar os botes baleeiros, teve ainda tempo para armar o seu brigue, no entanto não teve saída.²⁰¹

¹⁹⁷ GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *A Ilha das Flores: Da descoberta à actualidade (subsídios para a sua história)*; Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores, p.248; 1997.

¹⁹⁸ MEDEIROS, Francisco; *Homens de olhos encovados e outras histórias de homens do mar*; Edição Câmara Municipal São Roque do Pico; p.11; 2012.

¹⁹⁹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.19; 2003.

²⁰⁰ Henriques, Francisco Maia; “*A Tourada do Mar*”: *A baleação açoriana observada por Mário Ruspoli e Chris Marker*; Atlântida, Revista Açoriana de Cultura; Angra do Heroísmo, IAC; p.205; 2014.

²⁰¹ ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Gráfica Açoriana Lda.; p.99; 1996.

Na Ilha do Faial Charles Dabney em 1854 cria um local para o óleo de baleia, mais tarde em 1885 irão ser construídas novas caldeiras, desta vez na Ilha do Pico.

Por volta do ano de 1855 Joaquim Goulart cria uma cópia do baleeiro utilizado nas baleeiras americanas.²⁰² Mais tarde seria alvo de modificações para poder navegar nas águas açorianas.

O primeiro texto literário baleeiro em Portugal, *O Canto Baleeiro*, pertence a Miguel Street Arriaga (1828-1894), datado de 1855 no entanto apenas publicado em 1857 n' O Faialense.²⁰³

No ano de 1856 José Constantino da Silveira, importa dois botes baleeiros americanos para operarem na ilha das Flores.²⁰⁴

É criada em 1857 a primeira Sociedade no Faial para exploração da caça à baleia, armaram um navio mas foi impossível a sua navegação junto à baía da Horta, foi para New Bedford onde o utilizaram.²⁰⁵ Em 1888²⁰⁶ só existia a *Gazzela*, matriculada no porto de Lisboa, dedicava-se à caça da baleia, mesmo assim passou depois para a pesca do bacalhau.²⁰⁷

João Vieira Gomes escreve acerca da mais antiga armação baleeira açoriana, composta por duas canoas, foi formada no Faial e transferida para Santa Cruz na Ilha das Flores, por José Constantino da Silveira no ano de 1860.²⁰⁸

Até a Igreja se meteu nos problemas relacionados com a baleação, o assunto era a saída dos jovens rumo à baleação, Em 1873 o Bispo dos Açores, D. João Pimentel escrevia a “

²⁰² MEDEIROS, Francisco; *Homens de olhos encovados e outras histórias de homens do mar*; Edição Câmara Municipal São Roque do Pico; p.15; 2012.

²⁰³ DIAS, João Afonso; *Baleação pelos Açores na dinâmica atlântica desde o Século XVIII*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, volume 45, tomo II, pp.1275-1299; p.1278; 1987.

²⁰⁴ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.50; 2013.

²⁰⁵ <http://historiadosacores.tumblr.com/>; 22/11/2015, 14h05.

²⁰⁶ Neste ano vinha a Lisboa, Ernesto Azevedo, futuro dono da “Azores House”, mais tarde daria origem ao Peter Cafe Sport, para participar na Exposição Industrial Portuguesa, no entanto, no catálogo dessa exposição não encontrei nada relativo a dentes. Ver também, <https://archive.org/stream/catalogooficial00port#page/n0/mode/2up>, 01/01/2018, 11h00.

²⁰⁷ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; p20; 2003.

²⁰⁸ VIEIRA, João A. Gomes; *A Baleação e a Identidade Cultural duma Ilha: O projecto de Recuperação da Fábrica Baleeira do Boqueirão – Um modelo museológico inserido em realidade locais*; Cadernos de Sociomuseologia N8, pp. 95-107; Universidade Lusófona; p.97; 1996.

[...] *a protestar contra a sedução da emigração, que levava a juventude Açoriana a deixar a Pátria, os parentes e amigos.*”²⁰⁹

Entre 1875 e 1900 assistimos à fundação de companhias baleeiras, armações baleeiras e fábricas para transformação de cetáceos.

Em São João na ilha do Pico em 1875, são construídas duas companhias baleeiras, a armação de Raimundo Matias e a armação de Francisco, Manuel e João Maciel.

Um ano mais tarde, na Calheta de Nesquim, na mesma ilha, é formalizada a primeira armação baleeira.²¹⁰ A sociedade era formada por Samuel Dabney, George Oliver e o Capitão Anselmo Silveira da Silva, este comandaria o bote baleeiro.

Em 1877 sai uma nova lei, tudo o que dizia respeito a importações de botes e palamenta estavam isentos de taxas.²¹¹

Em 1880, na Vila do Topo nasce a primeira armação baleeira da Ilha de São Jorge, esta armação iria ainda, exercer influência nas Ilhas da Graciosa e Terceira, nos anos seguintes outras vilas da Ilha também irão ter as suas armações, Urzelina e Velas.²¹²

A Ilha de São Miguel em 1885 iniciou a caça à baleia após a chegada de duas embarcações vindas da Ilha do Faial.²¹³

No mesmo ano foi a vez da Ilha Terceira com a criação da Parceria Mercantil Perseverança, tinha sede em Angra do Heroísmo, a caça passou a desenvolver-se no porto de São Mateus e do Negrito. Na Ilha do Corvo, são constituídas duas sociedades.

Entre 1885 e 1915, durante as visitas/estadias do príncipe Alberto do Mónaco a bordo dos seus Iates, *Hirondelle*, *Princess Alice*, *Princesse Alice II* e *Hirondelle II*, os seus trabalhos ajudaram e muito na compreensão da flora e da fauna local, em 1895 ao largo da Ilha Terceira observou a captura e mais tarde o desmanche de um cachalote, ao todo esteve

²⁰⁹ VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; p.60; 2007.

²¹⁰ ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Gráfica Açoriana Lda.; p.99; 1996.

²¹¹ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.54; 2013.

²¹² AFONSO, João; *Mar das Baleias e de Baleeiros*; Edição da Direcção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais, Angra do Heroísmo - Açores; 1ª Edição; p.44; 1998.

²¹³ [Http://historiadosaçores.tumblr.com/](http://historiadosaçores.tumblr.com/); 22/11/2015, 14h05.

em “13 campanhas”.²¹⁴ Chegando ao ponto de mergulhar para melhor estudar os seres vivos aí existentes e desconhecidos até então.²¹⁵

No entanto aquela que foi a construção que revolucionou a caça foi o primeiro bote baleeiro açoriano²¹⁶ elaborado por Francisco José Machado, conhecido por “*Mestre Experiente*” nas Lajes do Pico, em 1894, a partir desta data não deixou mais de ser usado²¹⁷, entre os dez e os treze metros de comprimento, utilizado por sete homens, o dono da embarcação na retaguarda a comandar o barco e à frente ficava o trancador que se levanta no momento final da aproximação.

No mesmo ano há novamente a tentativa da baleação em alto mar, no entanto a falta de encorajamento dos empresários para investirem voltou tudo à estaca zero.²¹⁸

Por volta de 1890 existiam nos Açores cerca de trinta e três armações baleeiras.²¹⁹

Em 1892 os Dabney, que tanto influenciaram a história baleeira açoriana voltam para os EUA.

Em 1893 a Vila de São João devido a um ciclone terminando nessa localidade a caça à baleia.

Em 1896 na Ilha de Santa Maria inicia-se a baleação.

Em 1901 através de uma lei as sociedades por quotas passam a ser legalizadas²²⁰.

Em 1902 as armações baleeiras eram regulamentadas, estas teriam que ter o nome e os botes seriam numerados, o mesmo acontecia com a palamenta a bordo, tinham que obedecer a regras de segurança, tinham que estar sempre duas canoas a baleiar por razões de segurança, bem como a utilização de bandeiras para assinalar às outras qual a

²¹⁴ PORTEIRO, Filipe; *A Importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco para o Conhecimento do Mar dos Açores*; Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 18: pp.181-213; p.182; 2009.

²¹⁵ TABUCCHI, António; *Mulher de Porto Pim*; Difel Editorial; 2ª Edição; p.34; 1983.

²¹⁶ Idem. Ver também, Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 8 – Bote Baleeiro.

²¹⁷ PACHECO, Joel; *A canoa baleeira dos Açores e da ilha de Santa Catarina – The Azorean and the Santa Catarina Island's whaleboats*; Edição do Autor, Florianópolis; p.36; 2009.

²¹⁸ PINTO, Dutra Márcia, BANDEIRA, Rodrigo de (fotografia), HIGGINS, Ruth (tradução); *Fábrica da baleia de Porto Pim / Porto Pim Whaling Station*; 1ª Edição OMA – Observatório do Mar e dos Açores; p.7; 2008.

²¹⁹ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.54; 2013.

²²⁰ <http://www.adiaspora.com/cronicas/baleacao.html>, 06/01/2018, 13h30. Ver também, <http://adsr.pt/images/pdfs/arquivo/leis-portuguesas/1900-2000/LeiSociedadesQuotas1901.pdf>, 07/01/2018, 1048.

sociedade que havia capturado o animal, finalmente caso algum tripulante fosse borda fora a caça cessava obrigatoriamente²²¹, “*Este documento definia as armações baleeiras e regulamentava o exercício da actividade no mar, incluindo diversas disposições sobre as tripulações e os seus vencimentos.*”²²²

Em 1903, o Coronel Afonso Chaves na sua obra sobre a “*Cetologia dos Açores*”, dava conta para a caça ao cachalote nos Açores ser quase um exclusivo local “*Hoje este é um cetáceo que quase exclusivamente se captura nos Açores [...].*”²²³

Devido à Primeira Guerra Mundial a procura dos derivados do cachalote aumenta, já na Segunda Guerra Mundial a maior parte dos países que tinham frotas baleeiras transformaram-nas para usos militares.

Em 1921 o porto da Horta é visitado pela última vez por uma baleeira americana.²²⁴

Unindo-se à sua maneira nas ilhas são criadas companhias baleeiras. Em 1936 é constituída a Companhia Baleeira Mariense, Lda. (CBM) na Ilha de Santa Maria.²²⁵

No primeiro quartel de 1900, Raul Brandão no seu livro, “*As Ilhas Desconhecidas*” de 1926, dá conta para a relação entre os baleeiros a cachalotes, numa das ilhas, uma pequena ia um procissão com um defunto quando a certa altura estala o foguete do vigia e num reboliço deixam o corpo do meio do caminho, com a viúva e o padre, correm em direção aos botes lançando-se ao mar para irem caçar o animal.²²⁶

Em 1937 é constituída a União das Armações Baleeiras de São Miguel (UABSM).²²⁷

²²¹ RIBEIRO, João Adriano; “*A Pesca da baleia nos Açores, Subsídios para o seu estudo*”; Islenha, Funchal, nº22, Jan.-Jun., pp. 97-116; Temas culturais das Sociedades insulares atlânticas; Edição: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.101; 1998.

²²² CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.54; 2013.

²²³ ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Gráfica Açoriana Lda.; p.96; 1996.

²²⁴ Idem.

²²⁵ PINTO, Márcia D., Direcção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro São Miguel e Santa Maria*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²²⁶ “*Nas Lajes, noutro dia, saía o enterro de um baleeiro morto no mar, quando do Alto da Força anunciaram o bicho. Ia tudo compungido – ia a mulher compungida e os pescadores compungidos, o padre, o sacrista, a cruz e a caldeira – iam aqueles homens rudes e tisonados em passo de caso grave e fatos de ver a Deus – a logo a marcha compassada parou instantaneamente e mudaram radicalmente de atitude: ficou só o padre com o latim engasgado e o caixão no meio da rua, e os outros, enrodilhados, levaram o sacristão, de abalada até à praia*”. BRANDÃO, Raul; *As Ilhas Desconhecidas, notas e paisagens*; Edição Perspectivas e Realidades; p.107; 1926.

²²⁷ PINTO, Márcia D., Direcção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro São Miguel e Santa Maria*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

Em 1938 é constituída a Companhia Baleeira Faialense, Lda. (CBF).²²⁸ Em 1939 é constituída a Sociedade Industrial Marítima Açoriana, Lda. (SIMAL), na Ilha do Faial, em 1942 a fábrica construída junto à praia de Porto Pim entra em funcionamento.²²⁹

Em 1941 é constituída a Armação Baleeira Terceirense (ABT).²³⁰ Em 1942 é constituída as Armações Baleiras Reunidas Lda. (ABRL), em São Roque do Pico.²³¹ Também em 1942 a UASBM finaliza a construção da fábrica para a produção de farinhas e derivados da baleia.²³² Na Ilha das Flores em 1944 entra em funcionamento a Fábrica do Boqueirão.²³³ Em 1945 é constituído o Grémio dos Armadores da Pesca da Baleia, a sede era em Lisboa.

Em 1946 era constituída a Reis & Martins Lda., tinha como objetivo o comércio dos produtos derivados dos cetáceos. Em 1948 é constituída a Sociedade da Industria Baleeira Insular Lda. (SIBIL), tinha como objetivo o desmanche e processo do cachalote, hoje em dia é um centro de interpretação da memória baleeira. A crise que assolava os Açores devido à escassez de óleo é atenuada pela guerra na Península da Coreia.²³⁴ Na Ilha da Graciosa em 1950 é constituída a Parceria das Armações Baleeiras da Ilha da Graciosa, Lda. (GRACIBAL).²³⁵ Em 1951 a Fábrica das Armações Baleeiras Reunidas Lda. (FABR) (Vitaminas, Óleos, Farinhas e Adubos) entra em funcionamento destinando ao processamento total dos cachalotes.²³⁶

Na mesma altura atinge-se o valor máximo de cachalotes capturados, 751²³⁷, uma curiosidade, se considerarmos que todos teriam 58 dentes, ao todo, os *Scrimshanders* teriam para trabalhar 43 558 dentes.

²²⁸ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Faial*; Coedição da DRCA e OMA; 2013. Sem iniciais definidas.

²²⁹ Idem.

²³⁰ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Terceira, Graciosa e São Jorge*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²³¹ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Pico*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²³² PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro São Miguel e Santa Maria*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²³³ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Flores e Corvo*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²³⁴ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.60; 2013.

²³⁵ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Terceira, Graciosa e São Jorge*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²³⁶ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Pico*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013. Sem iniciais definidas.

²³⁷ CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; p.60; 2013.

Em 1954 é constituída a Sociedade Baleeira das Ribeiras na Ilha do Pico (SBR).²³⁸ Nesse ano é assinado o contrato coletivo de trabalho “ [...] *entre o Grémio dos Armadores da Pesca da Baleia e a Casa dos Pescadores da Horta, [...] para a pesca de cetáceos no Distrito da Horta, que regulamentava e disciplinava as condições de trabalho dos marítimos e instituía o serviço de Abono de Família para os membros baleeiros.*”²³⁹

Em 1955 devido aos constantes conflitos entre as armações baleeiras o Governo da República através da Portaria 15426²⁴⁰ de 18 de Junho cria zonas de baleação.²⁴¹ As zonas eram as seguintes, a primeira zona ficava para a CBM, a segunda ficava para a UABSM, a terceira para a ABT, Ilha Terceira, a GRACIBAL, ficava com a quarta, a Parceria dos Armadores Baleeiros do Sul da Ilha do Pico (PABSIP), ficava com a quinta zona, a Parceria dos Armadores Baleeiros das Ilhas do Faial e de São Jorge e do Norte da Ilha do Pico (PARBAL) ficavam com a sexta e sétima zona.

Em 1955 é constituída a União das Armações Baleeiras das Flores e do Corvo, Lda. (UABFC).²⁴² A fábrica da SIBIL entra em funcionamento em 1956 nas Lajes do Pico. Em 1956 são criadas as Armações Baleeiras Reunidas do Sul do Pico, Lda. (ABRSP), nas Lajes do Pico e a PARBAL.

O Vulcão dos Capelinhos entra em erupção em 1957. Durante a visita ao Centro de Interpretação dos Capelinhos fui informado que foram os baleeiros estacionados no Porto do Comprido que descobriram a erupção eminente, visto terem confundido a erupção com o corpo de um cachalote. Um ano depois através do *Azorean Refugee Act*, leva à saída de população. Devido à emigração para os EUA e ao desenvolvimento em outras áreas, como por exemplo as construções de aeroportos, levou por exemplo a que a CBM suspendesse a actividade²⁴³, por falta de mão-de-obra.

A partir da década de 60 a baleação entra em declínio devido à fraca procura dos derivados dos cetáceos e à introdução de derivados do petróleo, levando ao encerramento das diversas Sociedades, das fábricas e ao término gradual da actividade baleeira.

²³⁸ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Pico*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013. Sem iniciais definidas

²³⁹ PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Faial*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013.

²⁴⁰ <https://dre.tretas.org/dre/2460277/portaria-15426-de-18-de-junho; 25/02/2017, 13h30>.

²⁴¹ ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Gráfica Açoriana Lda.; p.103; 1996.

²⁴² PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Flores e Corvo*; Coedição da Coedição da DRCA e OMA; 2013. Sem iniciais definidas.

²⁴³ [Http://historiadosacores.tumblr.com/; 22/11/2015, 14h05](http://historiadosacores.tumblr.com/; 22/11/2015, 14h05).

Em 1984 a única fábrica a laborar estava localizada em São Roque do Pico. No mesmo ano saía no Correios dos Açores uma notícia para um possível projeto financiado pela CEE, no valor de “55.110 libras”²⁴⁴ tinha como objectivo “ [...] *investigar a possibilidade de observação das baleias o que poderá representar o nascimento de uma nova indústria turística» e seria uma alternativa económica à sua caça.*”²⁴⁵

O fim da caça à baleia não ocorreu ao mesmo tempo em todas as ilhas, no início do Século XX, na Ilha de Santa Maria em 1904 e na Ilha do Corvo em 1905 devido às dimensões do seu porto, e nos últimos 30 anos, em 1972 nas Ilhas de São Jorge e Terceira, em 1974 em São Miguel, em 1981 na Ilha das Flores, no entanto este foi caçado ao largo da Ilha do Corvo, em 1982 na Ilha da Graciosa, em 1984 na Ilha do Faial e por fim em 1987 na Ilha do Pico um ano após a proibição pela CEE.

No final da década de 70 os Açores iniciam a preservação da memória baleeira, é criado o Museu das Flores e na década de 80, é inaugurado o Museu dos Baleeiros na Ilha do Pico, em 1986 é criado o Museu de Scrimshaw na Ilha do Faial, em 1994 é inaugurado o Museu da Industria Baleeira em São Roque do Pico.

Em 1998 é publicado um Decreto Legislativo Regional 13/98/A que “*Define e caracteriza o património baleeiro regional e estabelece medidas e apoios destinados à respetiva inventariação, recuperação, preservação e utilização.*”²⁴⁶

Em 2000, a fábrica da SIMAL foi inaugurado como “*Centro do Mar*”, depois das obras.

Em 2003 a antiga Fábrica da Baleia do Boqueirão torna-se no novo Museu na Ilha das Flores.

Em 2008 abre o Centro de Artes e Ciências do Mar, nas Lajes do Pico, antiga fábrica da SIBIL.

Hoje a memória baleeira está presente em todas as ilhas, quer seja pelo “*whale watching*”, cujo pioneiro foi Serge Viallelle em 1991 com a abertura do Espaço Talassa na Vila das Lajes do Pico, quer seja em instalações que nos remetam para a temática da caça e da sua compreensão ou pela temática aqui a ser estudada, o *Scrimshaw*, mesmo fazendo parte da tal memória baleeira sendo-lhe por isso indissociável, teve o seu próprio caminho, desde

²⁴⁴ [Http://historiadosaçores.tumblr.com/](http://historiadosaçores.tumblr.com/); 22/11/2015, 14h05.

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ <https://dre.tretas.org/dre/94903/decreto-legislativo-regional-13-98-A-de-4-de-agosto>; 03/10/2015, 12h00.

o seu surgimento nas baleeiras americanas no Século XVIII até à chegada aos Açores, aqui, deixou o saudosismo entrando numa forma própria de interpretação tal como iremos observar no capítulo a seguir.

Os locais onde podemos ver essa forma de arte estão espalhados por algumas ilhas, eles são o Museu das Flores, na Ilha das Flores, o Museu dos Baleeiros, na Ilha do Pico e Museu de Scrimshaw, na Ilha do Faial, e ainda um futuro Museu dedicado aos Baleeiros que irá abrir nos Biscoitos na Ilha Terceira, este poderá vir a ter também uma coleção.

Não nos podemos esquecer ainda dos artesãos que hoje em dia mantêm viva esta arte pela gravação na Ilha do Pico e da Ilha do Faial que continuam uma arte, há muito destinada a desaparecer.

CAPÍTULO II – SCRIMSHAW, UM PATRIMÓNIO PRATICAMENTE DESCONHECIDO, DAS ORIGENS À ATUALIDADE

Após a compreensão do que constituía a baleação ao longo dos séculos chegamos neste capítulo ao tema principal desta dissertação, o *Scrimshaw*²⁴⁷, palavra sem tradução literal para o nosso idioma²⁴⁸, relacionada com a gravação em dente de cachalote, no entanto, existem autores, como iremos ver ao longo do capítulo, que englobam o entalhe e os trabalhos em marfim e osso do mesmo animal²⁴⁹.

Neste capítulo pretende-se não só realizar um estado da questão do conhecimento sobre esta temática mas também contribuir para uma valorização deste património, pelo reconhecimento da importância histórica e artística, quer pela sua ligação com a baleação. Há que dar continuidade a um legado histórico e artístico, assim como contribuir para a preservação da memória histórica, quer material quer imaterial, hoje continuada pelos museus, os artesãos e potenciada pela procura turística.

Resulta da consciência de que existe um património muito interessante, que no ponto de vista artístico, quer do ponto de vista iconográfico ou sociológico, que não está devidamente estudado ou legislativamente protegido.

Sendo uma forma de arte pouco estudada, muitas vezes obtive informações em publicações de autores nos EUA, cujo centro de estudo é o *Museu da Baleia de New Bedford*, principal impulsionador na preservação da memória baleeira bem como Stuart M. Frank²⁵⁰ um dos mais importantes estudiosos da matéria.

Durante as pesquisas bibliográficas encontrei alguns autores os quais considerei serem os mais importantes para este assunto. Não estabeleci a pesquisa apenas em autores portugueses mas criando ligações com os EUA.

²⁴⁷ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 3 – Scrimshaw com utilização de policromia.

²⁴⁸ LANGHANS, Franz Almeida; *Ofícios antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Edição Secretaria Regional da Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais; p.128, 1985.

²⁴⁹ ANDRADE, Alexandra; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.2; 2000. Neste trabalho Inserem-se na arte baleeira, serão estudados na mesma proporção numa próxima oportunidade.

²⁵⁰ Um dos principais estudiosos do *Scrimshaw*, curador sénior no *The New Bedford Whaling Museum* em New Bedford, Massachusetts, EUA, e Diretor Emérito no *The Kendall Whaling Museum*, Sharon, Massachusetts, EUA.

Comecemos pelos autores estrangeiros, cujos trabalhos considere relevantes para esta dissertação, veremos de seguida o que escreveram sobre o assunto.

Norman Flayderman em 1973²⁵¹, escreveu sobre a baleação na antiguidade, o fim da caça à baleia, o que era e a sua possível origem e o futuro desta arte, a presença do nome nos dicionários, as primeiras referências ao nome nos EUA.

Em 1976²⁵², Leslie Linsley escreve sobre o trabalho que era feito nas horas de ócio e a falta de vontade que o baleeiro tinha para procurar a baleia no mar apenas para se dedicar à gravação, sobre o que era e a sua possível origem, como era o marfim do cachalote e por fim qual a sua utilização.

Peter Neil em 1988²⁵³, escreve sobre o que era e a sua possível origem e ainda as primeiras referências ao tema.

Em 1989²⁵⁴, Frank M. Stuart edita um trabalho sobre uma lista de *Scrimshanders*²⁵⁵ entre os quais se encontra o português Frank Barcelos, em 1991²⁵⁶ escreve sobre as primeiras referências nos EUA, em 1992²⁵⁷ escreve sobre o que é e a sua possível origem repetindo em 2012, para o *Baleen*²⁵⁸, depois de trabalhado dava origem às caixas ovais criadas por exemplo pelos holandeses, a mais antiga que se conhece do ano 1631, para o primeiro trabalho a ser atribuído a uma pessoa, ele foi Edward Burdett, e ainda para o primeiro a assinar e datar os seus trabalhos, Frederick Myrick.

Ainda o mesmo autor em 2001²⁵⁹ escreve sobre o que é e quais os materiais para trabalhar, as tatuagens e a possível transição desse trabalho para o dente de cachalote, qual a composição do dente e como era preparado o que era o *Scrimshawing* e onde era gravado

²⁵¹ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.3; 1973.

²⁵² LINSLEY, Leslie; *Scrimshaw a traditional folk art, a contemporary craft*; Publishers Hawthorn Books, INC; 1976.

²⁵³ NEIL, Peter; *Maritime America, Art and Artifacts from America's Great Nautical Collections*; Published by Abrams & Balsam Press; 1988.

²⁵⁴ FRANK, Stuart M.; *Biographical Dictionary of Scrimshaw Artists in the Kendall Whaling Museum*, Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº4; Publisher The Kendall Whaling Museum, Sharon, Massachusetts USA; 1989.

²⁵⁵ Gravadores de Scrimshaw.

²⁵⁶ FRANK, Stuart M; BESSECHES, Joshua; *Edward Burdett, 1805-1833, America's first Master Scrimshaw artist*; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 5; The Kendall Whaling Museum, Sharon – Massachusetts – USA; 1991.

²⁵⁷ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; 1992.

²⁵⁸ Barbas de baleia.

²⁵⁹ FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic "Scrimshaw" (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B; 2001.

e o que era criado a partir desse trabalhos, que material era utilizado para dar cor, quais os temas elaborados e ferramentas e como terá chegado aos Açores, fazendo ainda uma alusão ao *Fakeshaw*, por fim em 2012²⁶⁰ escreve sobre a possível troca de conhecimentos entre os Inuits e os Ilhéus.

Michael McManus em 1997²⁶¹ escreve sobre a impossibilidade de se perceber a origem do nome ou do primeiro dente a ser gravado, no entanto dá conta para a chegada de um ao *Peabody Essex Museum*, Salam, Massachusetts, entre 1821 e 1831, escreve ainda para a possibilidade dos baleeiros não terem sido os primeiros a trabalhar o marfim já que era uma arte que vinha desde a Idade da Pedra.

Ainda o mesmo autor tem a teoria dos baleeiros terem aprendido a arte da gravação com os povos do Pacífico Sul²⁶². Escreve sobre os comandantes que davam dentes aos baleeiros para estes trabalharem, por fim escreve sobre os utensílios e as ferramentas criadas para a gravação.

Peter Randier em 1998²⁶³ escreve sobre as primeiras referências nos EUA.

Donald Ridley em 2000²⁶⁴ escreve sobre as características presente nos trabalhos de Frederick Myrick bem como a sua história e biografia.

Robert Clarke em 2001²⁶⁵ num trabalho traduzido para português escreve sobre a baleação e os botes baleeiros, sobre a origem, o que são os artigos feitos pelos artesãos, e por fim para quais as técnicas e materiais utilizados durante a gravação.

Philip Hoare em 2015²⁶⁶ escreve para a semelhança da tatuagem, a presença de dentes de cachalote na *Sala Oval* da Casa Branca durante a presidência de John Kennedy, a gravação do dente, o que é e a possível origem, as primeiras referências nos EUA, os

²⁶⁰ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; 2012.

²⁶¹ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; 1997.

²⁶² Acredito mais na aprendizagem com os Inuits, durante os longos invernos ficariam nas suas casas entretendo-se a gravar as presas de morsa.

²⁶³ RANDIER, Peter; *L'Antiquaire de Marine*; Editor Marcel-Didier VRAC; 1998.

²⁶⁴ RIDLEY, Donald E., WEST, Janet; *Frederick Myrick of Nantucket: Physical Characteristics of the Scrimshaw*; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 14; The Kendall Whaling Museum, Sharon – Massachusetts – USA; 2000.

²⁶⁵ CLARKE, Robert; *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores, História e Métodos actuais de uma indústria relíquia*; Edição conjunta do Autor e do Tradutor, dedicada ao Museu da Ilha de Santa Maria; 2001.

²⁶⁶ HOARE, Philip; Leviatã; *Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro 2015.

artefactos, ferramentas e utensílios utilizados durante a gravação, o material utilizado para dar cor à gravação, aborda a divisão dos trabalhos em dois grupos, os entalhes e a esculturação, e por fim a composição e preparação do dente para o trabalho de gravação.

Quanto às páginas da internet²⁶⁷, onde obtive a informação mais importante relativa à Dissertação de Mestrado. Começamos pelas páginas maioritariamente dos EUA, a página de *Heidi Robichaud*²⁶⁸, a página de *The Heritage Maritime Projects*²⁶⁹, a página *History Through Arts*²⁷⁰, a página *Hops Scrimshaw*²⁷¹, a página de *Mystic Seaport*²⁷², a página de *Terry Christian*²⁷³.

Relativamente aos autores portugueses, cujos trabalhos considere relevantes para esta dissertação, veremos de seguida o que escreveram sobre o assunto.

José Mousinho de Figueiredo em 1946²⁷⁴, escreve sobre a baleação nos Açores, para os botes baleeiros, para o uso que eram dados aos dentes de cachalote nos Açores, dos temas, materiais e técnicas utilizadas na gravação, repetindo este ponto treze anos mais tarde bem como para os trabalhos feitos a partir do marfim e do osso do cachalote.

Em 1959²⁷⁵ escreve novamente sobre a baleação, dá aquela que poderá ser a primeira definição portuguesa e possível origem, estes por extensão poderiam ser elaborados noutras partes do corpo do animal, numa monografia escreve sobre o uso que os mercadores de antiguidade davam aos dentes de cachalote²⁷⁶, citando Clifford W. Ashley²⁷⁷, este considerava como a única representação da América do Norte, não contando com o povo nativo americano, escreve ainda que a primeira vez que o termo

²⁶⁷ A forma como utilizei a informação citada na *webgrafia* foi a seguinte, sempre que consultava uma página, retirava o nome, a data e a hora bem como toda a informação que conseguia obter sobre o assunto pretendido, seguidamente guardava numa página do *Microsoft Word*. As ligações de informação entre os EUA e Portugal, e mais propriamente os Açores são indissociáveis.

²⁶⁸ [Http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html](http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html); 13/10/2015, 10h00.

²⁶⁹ [Http://www.maritimeheritage.org/](http://www.maritimeheritage.org/), 12/10/2015, 21h00.

²⁷⁰ [Http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf](http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf), 13/08/2016; 19h00.

²⁷¹ [Http://www.hopscrimshaw.com/index.htm](http://www.hopscrimshaw.com/index.htm); 13/10/2015, 10h20.

²⁷² [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/), 12/10/2015, 10h15.

²⁷³ [Http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go](http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go), 14/08/2016, 17h00.

²⁷⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Industria Baleeira Insular*; Separata de boletim pecuário, ano XIV, n.º2; Sociedade Astória, Lda.; 1946.

²⁷⁵ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; 1959; Separata.

²⁷⁶ De entre todos os autores portugueses que pesquisei, os quais abordam a temática baleeira, Mousinho de Figueiredo é a meu ver, o primeiro a utilizar a palavra *Scrimshaw*.

²⁷⁷ Op. cit.; Ashley, Clifford W.; *The Yankee Whaler*; Boston: Houghton Mifflin Company; p. [s/d]; 1926.

aparece escrito será em 1850, e ainda a que é que correspondia os trabalhos de gravação nas horas de ócio nas baleeiras.

Pedro da Silveira em 1959²⁷⁸ escreve para os trabalhos que eram feitos nos Açores a partir do dente do cachalote.

João Afonso em 1967²⁷⁹ cita Mousinho de Figueiredo²⁸⁰ para dar a primeira definição portuguesa, sobre o que é e a possível origem, onde terá aparecido pela primeira vez o termo, as primeiras referências em Portugal, por fim refere ainda um trabalho de Manuel Borges de Freitas Henriques, onde grava Alvida, princesa pirata.

Francisco Martins em 1980²⁸¹ escreve sobre o inventário artístico elaborado, para a inexistência de uma tradução para português da palavra estando ligada a trabalhos a partir da baleia e do cachalote, escreve sobre as técnicas e materiais utilizados, repete um ano depois, e em 1981²⁸² sobre a utilização de embutidos feitos a partir de marfim de cachalote e utilizados no mobiliário açoriano.

Margarida Ribeiro em 1982²⁸³ escreve sobre o que é e a possível origem, as técnicas e materiais utilizados na gravação, e por fim os utensílios e artefactos criados a partir da gravação e entalhe.

Franz Langhans em 1985²⁸⁴ escreve sobre uma entrevista a João Gomes Vieira e para a possibilidade de ligação entre a tatuagem e as primeiras gravações. Quando é que podiam trabalhar os dentes a bordo das baleeiras, escreve para a primeira vez em que aparece uma definição, escreve sobre a baleação, sobre o que é a possível origem, que artigos eram

²⁷⁸ SILVEIRA, Pedro da; *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo, Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*; Separata da revista Seara Nova, n.ºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e n.º1361, de Março de 1959, Lisboa, 1959.

²⁷⁹ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4.ª Série, n.º22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; 1967.

²⁸⁰ Op. cit.; FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; 1959; Separata.

²⁸¹ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Edição da Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1980.

²⁸² MARTINS, Francisco José de Oliveira; *Mobiliário Açoriano, elementos para o seu estudo*; Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1981.

²⁸³ RIBEIRO, Margarida; *Acerca de um Scrimshaw*; Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série, N.º88, 1.º Tomo; 1982.

²⁸⁴ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1985.

criados a partir dos trabalhos, quais as técnicas e materiais utilizados durante esses trabalhos e ainda quais as possíveis ferramentas utilizadas.

Em 1995²⁸⁵, Jorge Pereira escreve sobre a temática da baleação, o que é e a possível origem do nome, as referências ao nome nos dicionários, quais os artigos originados a partir dos trabalhos e quais as técnicas, ferramentas e materiais utilizados durante o trabalho.

Rui Lima em 1999²⁸⁶ escreve sobre o que é e qual a possível origem tanto do trabalho como do nome.

Em 2000²⁸⁷, Alexandra Andrade escreve sobre o que é e a possível origem do nome, quais as técnicas, os materiais e as ferramentas para trabalhar o dente, bem como os trabalhos.

Teresa Perdigão em 2001²⁸⁸ escreve sobre o que é e a possível origem do nome, as técnicas, os temas, os materiais, e as ferramentas utilizadas, os problemas de conservação dos trabalhos em dente de cachalote, a presença na Iconografia o fim da caça à baleia, o futuro desta arte e as imitações vendidas como originais.

Em 2003²⁸⁹, João Gomes Vieira um dos autores que mais escreveu sobre o assunto, aborda a baleação, o tema e possível origem o termo e quando aparece, a técnica, os materiais, a forma de interpretação e a utilização do marfim, como trabalhar os dentes o seu branqueamento e conservação, menciona o nome do colecionador português mais antigo, o Capitão da Marinha Mercante Carlos Pereira Vidinha²⁹⁰, viveu no último quartel do Século XIX, e ainda considera os trabalhos executados no dente do cachalote uma das mais importantes manifestações de arte açoriana do século XX. Por fim no seu trabalho tem ainda uma pequena biografia de gravadores portugueses.

²⁸⁵ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Quetzal Editores; 1995.

²⁸⁶ LIMA, Rui Abreu (texto); *Artesanato dos Açores*; CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato) Edição Secretaria Regional da Economia; 1999.

²⁸⁷ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; 2000.

²⁸⁸ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; 2001.

²⁸⁹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; 2003.

²⁹⁰ Tentei saber mais um pouco deste colecionador mas sem sucesso, será necessária uma pesquisa profunda.

Por fim Sónia Goulart em 2009²⁹¹ escreve sobre o contributo da arte baleeira que surge na forma do *Scrimshaw* chegado nas baleeiras nos finais do século XVIII. Escreve ainda que na Ilha do Faial e Pico, esta arte consiste na gravura e escultura do dente e osso de cachalote, aplicados em objetos de uso diário ou ornamental.

Quanto às páginas da internet em Portugal, a página *baleias e baleeiros*²⁹², a página *Cultura do Governo dos Açores*²⁹³, a página *Philangra*²⁹⁴, a página do *Peter Cafe Sport*.²⁹⁵

Recuando no tempo, até à pré-história que o Homem aproveita o marfim de qualquer animal, as presas de animais e os dentes para se comunicar com o mundo ou como se quisesse contar uma história, por isso e antes da chegada dos colonos europeus ao novo mundo, foram encontrados artefactos dos Inuits, povos do norte do Continente Americano, datados entre 4 500 a.C. e 2 500 a.C., como por exemplo, marfins e ossos de baleia e morsa, arpões, agulhas, sovelas.²⁹⁶ Segundo Terry Christian, “ [...] *já os Africanos, Escandinavos, os Nativos Americanos e os atrás mencionados Inuits já criavam Scrimshaw.*”²⁹⁷

Segundo o Museu de Mystic nos EUA o animal, cuja presa seria a mais utilizada na arte da gravação era a Morsa, utilizada pelos Inuits, virtualmente “ [...] *anything that could be made of whale ivory could also be crafted from walrus ivory.*”²⁹⁸

Na Europa medieval, os vikings criavam peças de xadrez a partir do osso de baleia, nos mosteiros ingleses e dinamarqueses eram feitos trabalhos esculpturados votivos.²⁹⁹

Até ao momento que “reaparece” nas baleeiras entra num vazio, no entanto mesmo a forma como surge não é consensual, ora vem das tatuagens, ora dos povos já existentes no Continente Americano ora da aprendizagem com os povos das Ilhas do Pacífico Sul, vejamos, na página do *The Maritime Heritage Project*³⁰⁰, coloca-se a suposição dos colonos terem aprendido a arte da gravação com os povos locais, no entanto Michael

²⁹¹ BORGES, Sónia; GOULART, Arlene; *Guia/Roteiro Ilha do Pico*; Edição, ADELIAÇOR – Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, 2009.

²⁹² <https://baleiasebaleeiros.wordpress.com/>; 13/10/2015, 11h20.

²⁹³ <http://www.culturacores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=468>, 02/10/2015, 10h40.

²⁹⁴ <http://philangra.blogspot.pt/>; 13/10/2015, 14h30.

²⁹⁵ <http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php>; 03/11/2015, 09h00.

²⁹⁶ <http://www.hopscrimshaw.com/index.htm>; 13/10/2015, 10h20.

²⁹⁷ <http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go>, 14/08/2016, 17h00.

²⁹⁸ <http://www.mysticseaport.org/>; 12/10/2015, 10h15.

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ <http://www.maritimeheritage.org/>, 12/10/2015, 21h00.

McManus escreve “ [...] *whalers were certainly not the first to work ivory, for it is an ancient craft dating as far back as the stone age.*”³⁰¹ Tem ainda uma possível teoria, de que os baleeiros quando chegaram às Ilhas do Pacífico Sul, viram os locais a gravar na madeira e conchas, e segundo ele, “ [...] *they made a mental connection to the ivory teeth of the whales*”³⁰²

No entanto Stuart M. Frank, estabelece uma ligação dos Inuits e ilhéus, que se alistavam nas baleeiras, convivendo com outros povos, aí segundo ele “ [...] *also took up the scrimshandering art and interpreted their own experiences on yankee ships.*”³⁰³

Roger Hopper³⁰⁴ no entanto acredita que o polvarinho (*Powder Horn*) feito a partir do corno de um animal e que servia para carregar pólvora já seria alvo da gravura “*From the French and Indian wars to the Revolutionary War, then on through the Civil war all of the soldiers carried black powder firearms and a powder horn*”³⁰⁵ e que tal como os baleeiros nas horas mortas dedicavam-se a polir e a gravar os seus polvorinhos, dá conta da existência de um, datado da guerra de 1812, com vários motivos “ [...] *folksy landscape, a 2-story home with 2 chimneys, trees, a rooster and a fenced yard, as well as a 3-masted schooner and other fancy embellishments.*”³⁰⁶ A palavra ainda refere-se a uma forma de arte.

Há ainda a relação com as tatuagens, Philip Hoare³⁰⁷ escreve para a relação entre os marinheiros e as tatuagens que faziam no braço dos companheiros de viagem, tendo passado mais tarde para o dente, os primeiros trabalhos eram em picotado, indo ao encontro de Stuart M. Frank, “*Tal como os seus desenhos se assemelham às tatuagens efetuados no braço de um marinheiro* [...]”³⁰⁸

De facto os primeiros trabalhos eram picotados, numa entrevista de Franz Langhans a João Gomes Vieira, o primeiro perguntou não haveria uma “ [...] *relação entre a técnica*

³⁰¹ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

³⁰² Idem.

³⁰³ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; p.131; 2012.

³⁰⁴ [Http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm](http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm); 24/03/201, 11h25.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ [Http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm](http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm); 24/03/201, 11h25.

³⁰⁷ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

³⁰⁸ Idem.

*usada para a gravação no osso e a usada na tatuagem de braços dos navegantes.”*³⁰⁹ João Gomes Vieira teve uma resposta que nem era sim nem não, mas que estudada mais a fundo poderemos encontrar respostas, “*Tudo leva a crer que sim, porque encontra-se em muitos Scrimshaw que observei e que estudei muita semelhança e usa-se até o ponteadado como o da tatuagem. Tenho fotografias de trabalhos a ponteadado e eu próprio também os fiz. Há outros que mostram uma associação de incisões e de pontinhos.*”³¹⁰

Numa partilha de conhecimento com o Sr. Vítor Vilhena³¹¹ da Universidade do Algarve, este fez menção da possível passagem para o dente, do que os marinheiros faziam nos braços dos seus companheiros, ou seja, a tatuagem.

No livro Peter Cafe Sport está escrito “ [...] o «Scrimshaw», *como arte popular, não foi mais do que adaptação pelos baleeiros americanos de um antigo ofício e não uma actividade que tenha nascido da caça à baleia.*”³¹²

Além dessa possível aprendizagem com os povos que já habitavam o continente, a gravação no dente é vista e considerada como a mais velha forma de arte na América do Norte sem contar com a arte Ameríndia.

Segundo a página *History through Arts* é a mais velha forma de arte da América do Norte “*Scrimshaw is the oldest of the very few art forms that are native to North America.*”³¹³

Segundo Roger Hopper, este escreve para os que defendem essa teoria “*Scrimshaw is an art form that is considered by some to be the only art form that originated in America, since the art of Scrimshaw was first practiced by sailors working on whaling ships out of New England.*”³¹⁴

Talvez Stuart M. Frank, do Museu da Baleia de Bedford tenha a ideia mais clara de todas em relação ao tema, João Gomes Vieira escreve “*Scrimshaw etnológico ou artefactos tribais: trata-se de criações autênticas aborígenes (esquimós) dos povos não ocidentais, produzidas em conformidade com os métodos indígenas no contexto da herança cultural.*

³⁰⁹ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.137; 1985.

³¹⁰ Idem.

³¹¹ Correio eletrónico datado de 01-07-16. 09h00 – Vítor Vilhena, Professor na Universidade do Algarve – aberto a 02/07/16, 13h00. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

³¹² PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport; Editor*, Quetzal Editores; p.51; 1995.

³¹³ [Http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf](http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf); 13/08/2016, 19h00.

³¹⁴ [Http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm](http://www.hopscrimshaw.com/about/roger.htm); 24/03/201, 11h25.

Alguma arte tribal poderá ter semelhanças superficiais com o Scrimshaw de marinheiros, mesmo com a virtude de semelhanças medianas, todavia no contexto das culturas que o produzira, e particularmente respeitante ao período anterior à influência ocidental. Uma vez que estas culturas tiveram contactos regulares com os visitantes europeus e americanos, naturalmente que provocaram mútuas aculturações. Hibridização mútua, talvez inevitáveis, 'blurring' nítidas, artesãos aborígenes de modo comum adoptaram métodos ocidentais e materiais nos seus próprios temas."³¹⁵

Já no século XX, Mousinho de Figueiredo cita Clifford W. Ashley³¹⁶, num capítulo do livro "*The Yankee Whaler*" publicado em 1926, aquilo que considerava ser a arte americana como " [...] a única manifestação verdadeiramente original e autêntica, da arte popular norte-americana, exceptuando a do Ameríndios. Segundo esta arte, teria havido quem encontrasse um étimo, que seria próprio dos Índios do Nantucket, hipótese atraente porque esta ilha foi, de facto, o primeiro dos solares dos baleeiros norte-americanos do século XVIII." ³¹⁷

Então como e quando os dentes eram trabalhados a bordo das baleeiras, estima-se também que cerca de 200 000³¹⁸ baleeiros de Nova Inglaterra tenham criado *Scrimshaw*, os trabalhos eram muitas vezes oferecidos aos amigos, família e namoradas³¹⁹, podemos considerar uma " [...] arte feita por marinheiros e a eles destinada [...]." ³²⁰

Para Stuart M. Frank é uma arte dos baleeiros, segundo ele escreve "*Scrimshaw is the indigenous whalemens art of engraving and carving sperm-whale teeth and, by extension, whalemens decorative work on other byproducts of the fishery, including baleen (whalebone), walrus ivory, and skeletal bone.*" ³²¹

Já Edouard A. Stackpole " [...] considera o *Scrimshaw* [...] como o desenvolvimento no mar, da antiga arte de esculpir o marfim [...] deste modo o *Scrimshaw*, como arte

³¹⁵ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.37; 2003.

³¹⁶ Op. cit.; Ashley, Clifford W.; *The Yankee Whaler*; Boston: Houghton Mifflin Company; p. [s/d]; 1926.

³¹⁷ FIGUEIREDO, José Mousinho; "Sobre scrimshaws portugueses"; Revista Guimarães, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

³¹⁸ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

³¹⁹ Idem.

³²⁰ [Http://philangra.blogspot.pt/](http://philangra.blogspot.pt/); 13/10/2015, 14h30.

³²¹ FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic "Scrimshaw" (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B; 2001.

popular, não foi mais do que uma adaptação pelos baleeiros americanos de um antigo ofício e não de uma atividade que tenha nascido da caça à baleia.”³²²

Para Alexandra Andrade tem origem nas baleeiras americanas, “*A sua origem reporta às frotas baleeiras que percorriam o Pacífico, o Ártico e a Gronelândia, em finais do Século XVIII.*”³²³

Muitas vezes tal era a vontade de trabalhar o dente os marinheiros não queriam balear, até mesmo quem estava no castelo da proa evitava dar o sinal, Leslie Linsley escreve “[...] *some reports have it that the men became so involved with their scrimshandering that they would often pretend not to spot a whale so that they could continue this enjoyable endeavor known as ‘the idle’ or ‘lazy man’s’ activity.*”³²⁴ O trabalho era feito durante os períodos entre captura das baleias “*There were often long, boring periods between the capturing and processing of whales, and once all chores were done there was lots of time to spare.*”³²⁵

As tripulações eram encorajadas a trabalhar o dente como forma de ficarem ocupados para evitar problemas a bordo esta era forma de interpretação saudosista da baleação americana tinha lugar nas horas de ócio durante as longas viagens de caça por todo o globo. Num período que ia entre dois e quatro anos, por vezes mais, era através da gravação que o marinheiro “*matava*” a saudade da sua terra natal e da família, recriando também tudo o que lhe ia na mente.

Na página do Peter Cafe Sport está uma frase do Capitão William Reynard, comandou a Baleeira *Abigail*, de New Bedford, “*Uma mente desocupada é um instrumento do diabo. Usamos o Scrimshaw.*”³²⁶

Outras vezes a solidão era quebrada durante um *Gam*³²⁷, “[...] *among the most pleasant diversions were friendly games, or visits between whales meeting by chance at sea*”³²⁸,

³²² [Http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php](http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php); 03/11/2015, 09h00.

³²³ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.2; 2000.

³²⁴ LINSLEY, Leslie; *Scrimshaw a traditional folk art, A contemporary craft*; Publishers Hawthorn Books, INC; p.6; 1976.

³²⁵ Ibidem, p.3.

³²⁶ [Http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php](http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php); 03/11/2015, 09h00.

³²⁷ Nome dado aos encontros amigáveis entre os comandantes dos navios em alto mar.

³²⁸ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; p.509; 1992.

um encontro amigável entre baleeiras, por vezes no meio da vastidão azul, por exemplo no Oceano Pacífico.

E foi durante essas viagens que o *Scrimshaw* terá chegado aos Açores, como não é claro, no entanto poderá ter sido pelo contacto das baleeiras, algum marinheiro que aí tenha desertado ou pelo regresso de algum açoriano da baleação.

Lá, ganhou uma forma de interpretação única, segundo João G. Vieira é o “ [...] *culminar de um longo processo de relacionamento dos habitantes do arquipélago com o gigante dos mares.*”³²⁹

Se no início poderemos dizer que se enquadrava no saudosismo, mais tarde a gravação apropriou-se dos aspectos quotidianos e das vivências locais, de certo modo uma espécie de arte invocativa.

Mas o que é esta forma de arte, na página do *The Mystic Seaport Museum* podemos ler “*These days, scrimshaw is taken to refer to all kinds of carving and engraving on ivory, bone, sea shells, antler and cow horn. However, in its original context as a traditional shipboard pastime of 19th-century mariners, scrimshaw refers to the indigenous, occupationally-rooted art form of the whalers, the defining characteristic of which is the use of the hard byproducts of the whale fishery itself – sperm whale ivory, walrus ivory, baleen (erroneously called whalebone), and skeletal whale bone, often used often in combination with other found materials.*”³³⁰

Para o Museu de Hull são objetos criados pela gravação e entalhe dos dentes e ossos de baleia ou de outros animais marinhos.³³¹

Nem todos os que se debruçaram sobre o assunto tiveram a mesma opinião, para Philip Hoare, a gravação em dente de cachalote era “ [...] *a expressão de uma indústria de excessos.*”³³²

³²⁹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.13; 2003.

³³⁰ [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

³³¹ [Http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/](http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/); 12/10/2015, 19h15.

³³² HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

Na página web *Scrimshaw.8m* são “ [...] *gravações artesanais em ossos, marfins e chifres*”³³³, sendo esta uma designação mais alargada.

Segundo Mousinho de Figueiredo, designava tudo o que era trabalhado a partir do marfim de cachalote, utilizando também a mandíbula.³³⁴

Para Alexandra Andrade, é “ [...] *a arte de trabalhar o osso e o marfim*” [...] *e que “compreende duas técnicas bem distintas: a escultura e a gravação.*”³³⁵

Quanto à origem do nome e a quem trabalhava o dente como poderemos verificar ainda não gerou consenso entre os autores, Roger Hopper escreve na sua página “*Where the word ‘Scrimshaw’ actually came from, I don’t believe anyone really knows but I think the general consensus is, it was probably derived from a Dutch or English nautical slang expression meaning ‘to waste time.’*”³³⁶

Para Michael McManus tanto a origem do nome como a data é incerta, no entanto segundo ele o nome tem diversas variações entre as quais “ [...] *Scrimshone, scrimshorn, crimson, scrinshon e squintshon*”³³⁷, mesmo sem sabendo quando começou, dá conta para a chegada de um *Scrimshaw* ao Peabody Essex Museum, entre 1821 e 1831.³³⁸

Para o Museu de Hull em Inglaterra, existe o “ [...] *Scrimshandering* [...] ”³³⁹, criar o *Scrimshaw*, o blogue do Museu da Baleia de New Bedford segue a mesma linha “ [...] *Scrimshandering, as the whalemens called it — making scrimshaw.*”³⁴⁰

Para Terry Christian deriva do facto dos marinheiros fugirem dos seus deveres, ou seja, segundo ele, “*The sailors were considered to be ‘shirking their duties’ as a result of this activity. That phrase became the definition of scrimshaw.*”³⁴¹

Segundo Frank M. Stuart, *Scrimshawing* era um passatempo a bordo feito durante as horas vagas e não só era feito pelos marinheiros, também pelas mulheres e filhos dos

³³³ [Http://scrimshaw.8m.com/historia.htm](http://scrimshaw.8m.com/historia.htm); 13/10/2015, 23h50.

³³⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.445; 1959; Separata.

³³⁵ ANDRADE, Alexandra; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*, Edição Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.1; 2000.

³³⁶ [Http://www.hopscrimshaw.com/](http://www.hopscrimshaw.com/); 13/10/2015, 11h25.

³³⁷ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

³³⁸ Idem.

³³⁹ [Http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/](http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/); 12/10/2015, 19h15.

³⁴⁰ [Http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/](http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/); 06/01/2017, 09H40.

³⁴¹ [Http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go](http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go); 14/08/2016; 17h00.

comandantes dos navios, “*Scrimshawing was typically a shipboard pastime that occupied common seamen and officers alike, and even occasionally the wives and children of whaling masters, during long, idle hours on whaling grounds.*”³⁴²

Mousinho de Figueiredo escreve, “ [...] *quanto à linguagem escrita, o que se sabe é que estes artefactos foram designados por Scrimshonter, Scrimshandy ou por Scrimshander, sendo esta a última forma e única utilizada por H. Melville, o autor do famoso Moby Dick.*”³⁴³ Outro nome era o trabalho em si, aquilo que estava a ser realizado e a que era dado o nome de *Scrimshawing*, segundo Mousinho de Figueiredo correspondia a “ [...] *a um misto de entretenimento, na hora de ócio e a uma expressão de saudosismo [...] ou a realização de uma promessa muito afetuosa para alguém que ficava a acenar [...]*.”³⁴⁴

Jorge Pereira de certo modo concorda com Michael McManus, “*O próprio nome «Scrimshaw» tem origem incerta. Pensa-se que deriva de termos mais antigos, nomeadamente «Skimshander», «Scrimshonter» e «Scrimshorn».*”³⁴⁵ Já as possíveis origens do nome são diversas, “ [...] *palavra parece porvir do holandês «Skrimshander», ou seja, um «Sujeito preguiçoso».*”³⁴⁶

Segundo Francisco Martins é uma palavra sem tradução para o nosso idioma, “ [...] *desconhece-se a sua origem*”, no entanto “*esta palavra está ligada à baleia ou ao cachalote, ou melhor a qualquer aplicação e trabalho de material ósseo ou ao dente de cachalote.*”³⁴⁷

Quanto ao termo, Norman Flyderman cita no seu livro Verril³⁴⁸, “*According to Verrill [...], Scrimshaw work was a term applied to all forms of carving or decorating whales teeth, walrus tusks or bones, but nowadays usually refers specifically to the teeth engraved by the Whalemén.*”³⁴⁹ O mesmo autor refere ainda que depois de 1835 as tripulações tinham tantos estrangeiros como Americanos.³⁵⁰

³⁴² FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic “Scrimshaw” (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B; 2001.

³⁴³ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; Revista Guimarães, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

³⁴⁴ Ibidem, p.449.

³⁴⁵ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.51; 1995.

³⁴⁶ Ibidem, p.54.

³⁴⁷ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.398; 1980.

³⁴⁸ Op. cit.; Verrill, A. H; *The Real Story of the Whaler*; New York; p. [s/d]; 1916.

³⁴⁹ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemén*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Mildford, Connecticut; p.6; 1973.

³⁵⁰ Ibidem, p.7.

E por último cita Charles Scammom³⁵¹ em 1874, “[...] *provided a glossary in his Marine Mammals in which this definition was given: Scrimshawing or scrimshaw, or skimshander, as sometimes termed. – Is to execute any piece of ingenious mechanical work. It is applied particularly to polishing and engraving upon whalebone or whale’s teeth, or manufacturing fancy articles from the same materials.*”³⁵²

No blogue do *The New Bedford Whaling Museum*, o termo não fica apenas pelo dente, escrevem ainda “*The term ‘scrimshaw’ also covers pieces whalemens created from seashells, coconuts, tortoise shell, and other materials. The whalemens’s practice of engraving pictures on whale ivory, walrus ivory, baleen, and skeletal bone originated in the late Colonial era, almost precisely coevally with the beginnings of whaling out of New Bedford.*”³⁵³

No trabalho de Mousinho de Figueiredo, este escreve “*Ainda segundo Clifford Ashley*³⁵⁴, *foi só em 1850 que, no livro de (Henry) Cheever*³⁵⁵ (*The Whale and His Captors, Or, The Whaleman's Adventures and the Whale's Biography: As Gathered on the Homeward Cruise of the 'Commodore Preble', 1950*), teria aparecido escrito pela primeira vez o termo *Scrimshaw*, cuja etimologia iria desesperar os estudiosos. Indo ainda citar um ‘Anónimo’³⁵⁶, *pretendeu recuar a origem do enigma até aos tempos dos vikings, aduzindo para isso que, por essa época, os mais audazes desses piratas eram apologeticamente glorificados como Skrimisher ou Skirmisher.*”³⁵⁷

João Gomes Vieira escreve que o “[...] *termo aparece por volta de 1820*”³⁵⁸ e que em “[...] *1853 já aparece registado.*”³⁵⁹

³⁵¹ Op. cit.; Scammon, Charles M.; *The Marine Mammals of the North-western Coast of North America.*; 1874, reprint ed., Riverside CA: Manessier, p. [s/d]; 1969.

³⁵² FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemens*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.6; 1973.

³⁵³ <http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/>; 06/01/2017; 09h20.

³⁵⁴ Op. cit.; Ashley, Clifford W.; *The Yankee Whaler*; Boston: Houghton Mifflin Company; p. [s/d]; 1926.

³⁵⁵ Op. cit.; Cheever, Henry T.; *The Whale and His Captors*, New York; p. [s/d]; 1850.

³⁵⁶ Op. cit; Anónimo; *Scrimshaw: Whaling men’s work in whale teeth*; Norsk Hvalfangstidende Sandefjord, Norge; pp. 62-65; 1956.

³⁵⁷ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

³⁵⁸ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.28; 2003.

³⁵⁹ Idem.

Para o Museu de Scrimshaw, o termo não é só um, “ [...] *por um lado, em sentido geral, designa uma forma de arte e, por outro, em sentido restrito aplica-se aos diferentes produtos dessa arte.* ”³⁶⁰

Numa amável partilha de conhecimento com o Sr. João Menezes, citando fonte não específica, escreve “*O termo Scrimshaw, em sentido estrito, designa as produções artísticas realizadas em dente, osso mandibular de cachalote e barbas de baleia, por membros da tripulação dos navios baleeiros, durante os tempos de repouso da faina.*”³⁶¹

Naquela que poderá a ser a primeira definição conhecida, Mousinho de Figueiredo escreve “ [...] *o trabalho do Scrimshaw consiste propriamente na incisão e no desenho sobre marfim do dente de cachalote, ou, mais raramente, na sua esculturação.*”³⁶²

Também escreve, embora não o afirme que “ [...] *por extensão, também se costuma aplicar o mesmo designativo ao trabalho feito nas tábuas ósseas dos ramos montantes do mandibular* [...]”³⁶³ Por volta do ano 1967, João Afonso escreve sobre a primeira definição portuguesa, indo buscar Mousinho de Figueiredo em 1959, “*Todo o objecto feito de marfim de cachalote, e, por extensão aplica-se também a peças feitas com osso mandibular.*”³⁶⁴

Quanto às primeiras referências, elas passam diários de bordo e por dicionários, no Diário de Bordo da baleeira *By Chance* datada de 1826 aparece uma das mais antigas referências com o termo “ [...] *Scrimshonting* [...]”³⁶⁵ O mesmo escreve Michael McManus, sobre o diário, dando a data de 20 de Maio, seguido do texto “*Because of fog and lack of wind the brig was virtually becalmed, and the crew occupied their time scrimshawing. Such long periods of inactivity led to boredom, and this combined with terrible food and wretched living conditions caused a significant number of desertions.*”³⁶⁶

³⁶⁰ [Http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php](http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php); 03/11/2015, 09h00.

³⁶¹ CM PRAIA DA VITÓRIA – 02-11-15. 15h27 – João Menezes – aberto a 19/11/15 23h15. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

³⁶² FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; Revista Guimarães, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.449; 1959; Separata.

³⁶³ Ibidem.

³⁶⁴ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; p.73; 1967.

³⁶⁵ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.51; 1995.

³⁶⁶ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.1; 1997.

Norman Flyderman crê que a primeira vez que o termo foi impresso foi em 1841 “*Perhaps its earliest use in print was in Incidents of a Whaling Voyage by Francis Allyn Olmsted, published in 1841: there are fund aboard a whaler, a great variety of small tools expressly intended for ‘Scrimshawing’ or nice mechanical contrivances for fabricating various articles out of the teeth and jaw bone of the sperm whale.*”³⁶⁷

Nos autores portugueses, com Mousinho de Figueiredo em 1959³⁶⁸, aparece a referência ao *Scrimshaw*, o certo é que até agora ele é possivelmente o primeiro a utilizar a palavra, no seu texto dá-nos estas três pontos, a primeira é de não ter até àquele momento quaisquer “*referências bibliográficas portuguesas sobre a arte menor do Scrimshaw.*”³⁶⁹, até àquela data “*não era do conhecimento dos mercadores de antiguidades [...] agrupam os raros Scrimshaws sob a designação [...] de bibelots [...] os que exibem traços mais rude vão parar [...] às bugigangas [...].*”³⁷⁰

Já João Afonso escreve que o termo aparece em 1851 no Dicionário Oxford, “*Scrimshaw: (Skriŋmso) – Substantivo, 1851 – origem obscura – Náut. Nome genérico dado por marinheiros à manufactura de passatempo durante as viagens de baleação ou outras e aos produtos resultantes como as gravações sobre o osso, marfim, conchas [...].*”³⁷¹

Segundo Franz Langhans a primeira vez que aparece uma definição em dicionários é no *New Webster*, lá está escrito “*palavra de origem esquimó.*”³⁷² na *Encyclopedia Britanica*, “*Scrimshawing é um termo náutico de ortografia instável e origem desconhecida*”³⁷³, e por fim o *Webster’s Third New International Dictionary* do ano 1961, “*O termo Scrimshaw, que se deve ler «Skrimshó» é a alteração provável da palavra Scrimshander: 1 – Alguns dos artigos, cravados ou gravados de uso corrente ou decorativo (Como bengalas, abotoaduras, caixas de rapé ou pequenas peças de escultura como estatuetas), às vezes coloridos, com tintas introduzidas nos sulcos gravados, e que eram feitos por*

³⁶⁷ FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc., New Milford, Connecticut; p.3; 1973.

³⁶⁸ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.446; 1959; Separata.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ Ibidem, p.445.

³⁷¹ AFONSO, João; *Marfins do Mar: Enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, *Revista Portuguesa de Arte e Turismo* – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição, Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; p.68; 1967.

³⁷² LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.137; 1985.

³⁷³ Ibidem, p.218.

baleeiros americanos especialmente em ossos e marfim de baleia. 2 – Scrimshawed Work – Grande colecção de Scrimshaws. 3 – A arte, a prática ou a técnica de produzir Scrimshaw. 4 – O entalhar ou o gravar osso ou dente num Scrimshaw para produzir Scrimshaw.”³⁷⁴

Os primeiros trabalhos eram muitas vezes copiados de revistas, livros e ilustrações.³⁷⁵ Aqui quem foi o primeiro também não gerou consenso. Os trabalhos mais antigos conhecidos, feitos através da baleia, talvez fossem as “*Ditty-boxes*”, *caixas ovais feitas a partir de Baleen, o mais antigo data de 1631*, Frank M. Stuart escreve “*Nevertheless, by 1618 the Dutch whaling cartel was seeking marketable applications for baleen.*”³⁷⁶

Segundo as páginas *The Artistic Indulgence*³⁷⁷ e do *Mystic Seaport Museum*, a primeira gravação autenticada data de 1817, segundo eles, “*The tooth was inscribed with the following: this is the tooth of a sperm Whale that was caught near the Galapagos Islands by the crew o the Ship Adam [of London], and made 100 barrels of oil in the year 1817.*”³⁷⁸

Segundo Stuart M. Frank e Joshua Besseches o primeiro trabalho a ser atribuído a alguém sem dúvidas é a Edward Burdett, participou na sua viagem baleeira em 1821, por volta de 1824 já gravava.³⁷⁹ Escreve ainda que Frederick Myrick, contemporâneo de Edward Burdett foi o primeiro a assinar e datar os seus trabalhos, “*A younger contemporary, fellow Nantucketer Frederick Myrick (1808-1862), was the maker of the first such pieces to be signed and dated. As a common seaman in the Nantucket ship Susan from 1826 to 1829, Myrick engraved more than a dozen teeth with portraits of the Susan and at least three with portraits of other vessels [...].*”³⁸⁰

³⁷⁴ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.129; 1985.

³⁷⁵ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; p.75; 2012.

³⁷⁶ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; p.513; 1992.

³⁷⁷ [Http://www.theartisticindulgence.com/gallery/charlies_art/about_scrimshaw.html](http://www.theartisticindulgence.com/gallery/charlies_art/about_scrimshaw.html); 27/11/2016, 23h00.

³⁷⁸ [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

³⁷⁹ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; p.517; 1992.

³⁸⁰ Idem.

Peter Neil por sua vez escreve “*The sailor’s art of Scrimshaw first appears in the 1831 edition of the catalog as ‘sperm whale’s teeth, curiously carved’*. Signed in 1829 by artist Frederick Myrick aboard the Nantucket whaleship Susan [...]”.³⁸¹

Aquele que terá sido o primeiro a abordar a gravação no dente de cachalote em Portugal foi José Mousinho de Figueiredo em 1946³⁸², sendo reeditado em 1996³⁸³ pelo Museu dos Baleeiros, escreve “*Marfim de dentes de cachalote*”, aí escreve “*Os dentes de marfim de cachalote servem nos Açores, para o fabrico de pequenos objetos torneados e cinzelados*”, no entanto em nenhuma parte do seu trabalho temos a palavra no seu formato conhecido.

Entre os dois trabalhos daquele autor, temos ainda Pedro da Silveira³⁸⁴, também no ano de 1959 escrevia “[...] *insinuou-se em curiosas realizações plásticas dos homens do mar. Dos dentes e das mandíbulas do cetáceo se serviram para fazer [...] desenhos gravados a canivete, forninhos de cachimbos ornamentados [...]*”.³⁸⁵

Após alguns anos de esquecimento a nível mundial, o interesse renasceu por esta arte, levando a que estudiosos procurassem através dos mais variados métodos³⁸⁶ encontrar os autores, o ano, que material utilizado e o seu estilo, tal como é feito hoje em dia nos Açores mas não de uma forma generalizada.

O que terá levado a esse renovado interesse não se sabe, mas houve quem tivesse ajudado mesmo sem intenção. Segundo Philip Hoare, um antigo Presidente dos EUA John Kennedy tinha uma coleção com “*34 dentes de baleia*”³⁸⁷, estando alguns expostos na *Sala Oval* da Casa Branca.

Em Portugal e no blogue Velharias com História está escrito “*Essa manifestação artística está ligada tradicionalmente à atividade da baleação e, em Portugal, apenas despertou*

³⁸¹ NEIL, Peter; *Maritime America, Art and Artifacts from America’s Great Nautical Collections*; Published by Abrams & Balsam Press; 45; 1988.

³⁸² FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Separata de boletim pecuário, ano XIV, n.º2; Sociedade Astória, Lda.; 1946.

³⁸³ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; 1996.

³⁸⁴ SILVEIRA, Pedro da; *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo, Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*; Separata da revista Seara Nova, n.ºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e n.º1361, de Março de 1959, Lisboa; p.47, 1959.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic “Scrimshaw” (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series N.º 1B; p.1; 2001.

³⁸⁷ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.121; 2015.

*a atenção dos estudiosos a partir dos finais da década de 1950. Constitui a mais autêntica e conhecida manifestação da chamada "arte baleeira" que teve as suas origens no século XIX, nas frotas de baleação, inicialmente formadas por marinheiros norte-americanos, mas em pouco tempo integradas também por numerosos açorianos e até cabo-verdianos.”*³⁸⁸

A partir de 1986, data da entrada de Portugal na CEE, a baleação foi proibida nos Açores, levando a que a matéria-prima se tornasse cada vez mais difícil de obter, tornando-se rara e aos dentes existentes foi necessário recorrer a mecanismos legislativos para proteger um património importante.

Pela necessidade de não deixar cair no esquecimento nem deixar-se delapidar um património tão valioso, foi criado o Decreto Legislativo Regional n.º13/A/98 de 1998³⁸⁹, que tinha como um dos objetivos a de preservação do património baleeiro, os dentes estão incluídos nessa lista, ele *“Define e caracteriza o património baleeiro regional e estabelece medidas e apoios destinados à respectiva inventarização, recuperação, preservação e utilização.”*, o artigo 1º, aborda a necessidade de inventariar o património, estando os dentes, incluídos no que se considera Património Baleeiro, estando os dentes dispostos na alínea D) do artigo 2º *“Dentes, peças feitas em marfim e osso de cachalote de reconhecido valor artístico ou significado cultural e museológico”*.

Para o futuro e com o contributo da presente dissertação de mestrado elabora-se um levantamento exaustivo da arte baleeira, tratando-o do ponto de vista de inventário, conduzindo à elaboração de uma base de dados regional, que permitirá criar um inventário geral deste património, englobando museus públicos e privados, onde todos os interessados possam ter acesso ao que existe. Não nos pudemos esquecer ainda das pessoas que de uma forma ou outra têm na sua posse valiosos trabalhos ainda por conhecer.

³⁸⁸ [Http://philangra.blogspot.pt/](http://philangra.blogspot.pt/); 13/10/2015, 14h30.

³⁸⁹ <https://dre.tretas.org/dre/94903/decreto-legislativo-regional-13-98-A-de-4-de-agosto>; 13/10/2015, 12h00.

CAPITULO III – ARTE, TÉCNICA E MATERIAIS: ESPECIFICIDADE DE UM PATRIMÓNIO

Neste capítulo irei abordar as especificidades deste património, o dente e o seu percurso até finalizar o processo de gravação, passando pela técnica e ferramentas utilizadas, pelos materiais utilizados, os temas representados, as utilizações noutros materiais, tanto em gravação como em esculturação passando ainda pelas novas adaptações relativas a esta arte.

Por último irei abordar todo o levantamento documental aos trabalhos em dente de cachalote, e por fim, embora façam parte do património baleeiro não aprofundarei em detalhe os trabalhos em entalhe³⁹⁰, marfim³⁹¹ e osso mandibular³⁹² ao qual tive acesso nas Ilhas do Faial e do Pico, bem como à pequena coleção existente no Museu de Arte Sacra na Vila das Velas em São Jorge.

Todos os autores portugueses que estudei estão de acordo num ponto, o *Scrimshaw* chegou através das baleeiras, e até este momento não encontrei nenhum estudo que afirmasse o contrário.

João Gomes Vieira, profundo conhecedor da arte baleeira escreve “A memorável baleação norte-americana deixou no Arquipélago, nomeadamente nas ilhas do faial, flores e corvo, inúmeras peças de osso e dente de cachalote, executadas a bordo das barcas baleeiras e que teriam sido oferecidas ou trocadas no contexto do relacionamento estabelecido com as populações insulares.”³⁹³

Após a chegada e aprendizagem da arte da gravação, das técnicas, materiais e ferramentas levou os artesãos a interpretar e a desenvolver trabalhos. Hoje em dia existem desde os mais antigos em picotado criados no século XVIII-XIX, até aos mais elaborados, passando pela policromia, como foi o caso de *Alvida*, criado por Manuel Borges de Freitas

³⁹⁰ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 5 – Trabalho em entalhe.

³⁹¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 13 – Trabalho em marfim.

³⁹² Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 6 – Trabalho em osso mandibular.

³⁹³ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.18; 2003.

Henriques, a meio do século XIX e Francisco “*Frank*” Barcelos, já no século XX com um interessante trabalho em policromia.

Podemos considerar esses trabalhos verdadeiras obras-primas, segundo Michael Mc Manus “*For a period of roughly one hundred years whalers produced a wide variety of scrimshaw, but it is the engraved and/or carved teeth that have received the most attention and admiration.*”³⁹⁴

E não era apenas o dente de cachalote a ser usado, segundo a página do *Mystic Seaport* “*Whalemen often used the basic materials that define scrimshaw – sperm whale ivory, walrus ivory, baleen, and skeletal bone – in combination with other ‘found’ materials, typically bits and pieces of wood, metal, sea shells, tortoise shell, and cloth. Latin American coins, in wide circulation in the Pacific, could be fashioned into finials and fixtures.*”³⁹⁵

Existem autores que englobam no *Scrimshaw* além da gravação, o entalhe e marfim criados a partir do dente e o osso mandibular do cachalote.

Hoje em dia quem se dedica à gravação, após a proibição da caça e da importação de marfins dos animais em vias de extinção ou protegidos, procura adaptar-se às novas realidades através da utilização de outros materiais, como por exemplo o marfim vegetal.

Existem ainda os artesãos e aficionados da arte do *Scrimshaw* que estão a utilizar também o marfim de mamute “ [...] *such as 10,000 to 40,000 year old mammoth ivory, is completely unrestricted in its sale or possession.*”³⁹⁶

Além dessas utilizações, existem ainda os *Fakeshaw*, ou seja, materiais que imitam os originais, podendo ser vendidos com esse intuito, inundando o mercado com materiais falsos, Teresa Perdigão escreve “*Apesar de se proibir a caça da baleia, o Scrimshaw continua, o que poderá causar algumas interrogações sobre a origem da matéria-prima, para executar a enorme quantidade de artefactos [...] na realidade, alguns deles são*

³⁹⁴ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

³⁹⁵ <http://www.mysticseaport.org/>; 12/10/2015, 10h15.

³⁹⁶ http://www.theartisticindulgence.com/gallery/charlies_art/about_scrimshaw.html; 27/11/2016, 23h00.

produzidos em ligas artificiais, como a fibra de vidro, que imita o osso e o marfim [...].”³⁹⁷

No entanto e apesar desses perigos, está inserida no Património Baleeiro desde 1998 e pelo simples facto de ser desconhecido para a maioria das pessoas em Portugal, merece por isso ser estudado e divulgado para uma maior compreensão, não caindo no futuro em esquecimento nem adulteração, mas levando à sua preservação.

Assim que o animal começava a ser desmanchado, a mandíbula não fugia à regra, no entanto devido à dureza da cartilagem esta era alvo de alguns processos para que amolecasse e assim os dentes pudessem ser retirados, pois caso o fizessem logo de início poderiam danificar irremediavelmente os dentes.

Segundo Philip Hoare “*A mandíbula era arrancada das suas articulações cartilaginosas, os dentes cónicos extraídos como que por um dentista cetáceo.*”³⁹⁸

O corte na mandíbula³⁹⁹ era feita a acompanhar o comprimento, deixando os dentes mais expostos à limpeza dos peixes, nessa decomposição, Mousinho de Figueiredo escreve “*Quando os tecidos menos duros da gengiva se consideram em estado de suficiente deliquescência, golpeia-se o mandibular com o espeide em todo o comprimento e ao longo da linha que percorre as faces externas e internas dos dentes. Destaca-se assim um verdadeiro rosário formado pelos dentes ligados uns aos outros, mercê dos tecidos ósteo-fibrosos peri-radiculares e das paredes alveolares interdentárias.*”⁴⁰⁰

Já João Gomes Vieira “*Quando o maxilar era atirado ao mar depois de se ter decomposto o tecido gengival, os dentes vinham isentos de gordura e completamente branqueados, dado que toda a gordura envolvente do dente vinha à tona da água deixando o dente liberto.*”⁴⁰¹

³⁹⁷ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; p.63; 2001. Ver também, Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 14 – Fakeshaw, criado a partir de Resinas.

³⁹⁸ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.156; 2015.

³⁹⁹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 15 – Mandíbula de cachalote.

⁴⁰⁰ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.195; 1996.

⁴⁰¹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.41; 2003.

Mas nem sempre foi assim, “*Antigamente os maxilares eram retirados e ficavam apodrecendo com o tecido gengival deteriorado, os dentes ficavam soltos e depois eram recolhidos por quem os desejasse*”⁴⁰², deixando um cheiro nauseabundo podendo até provocar doenças.

Existia também outra forma para trabalhar a separação, a utilização de cal, “*Nos últimos anos eram retirados dos maxilares após o esartejamento do animal e eram metidos em caixotes com cal em pó ou ficavam a monte num armazém para serem vendidos no fim da campanha. Para serem branqueados o melhor processo era submetê-los uns 10 a 15 minutos a ferver em água. Toda a gordura era eliminada.*”⁴⁰³

Já Mousinho de Figueiredo escreve, “*Para a extracção do dente procede-se [...] ou por meio da destruição prévia dos ligamentos alvéolo-gengivais lançando a mandíbula fresca ao mar num local de pouca profundidade, ou por apodrecimento ao sol. O primeiro processo [...] demora algumas semanas, [...] para que a fauna microscópica marinha destrua aqueles tecidos fibrosos, prazo findo o qual se retira o maxilar da água para se destacarem depois os dentes um a um e se raspem das últimas aderências fibrosas que ainda aparecem.*”⁴⁰⁴

Já o segundo processo aí o autor reforça a ideia do cheiro “*O deslocamento dos dentes por meio da putrefacção dos seus ligamentos de fixação é uma prática muito seguida mas imunda, pois constitui um foco activíssimo de mosquedo e de fedores pestilentos.*”⁴⁰⁵

Por último Robert Clarke escreve que os dentes não precisavam de muita coisa para se libertarem de tecidos e quaisquer outros obstáculos, segundo ele “*Os dentes não requerem preparação especial, além de uma fervura para remover quaisquer pedaços de tecido aderente, mas o osso da queixada é acorrentado, pelo menos durante um ano, em qualquer parte pouco profunda do leito marinho, onde a fauna trata de o limpar e a água elimina o óleo que o satura.*”⁴⁰⁶

⁴⁰² VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.40; 2003.

⁴⁰³ Ibidem., p.41.

⁴⁰⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.194; 1996.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ CLARKE, Robert; *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores, História e Métodos actuais de uma indústria relíquia*; Coedição conjunta do Autor e do Tradutor, dedicada ao Museu da Ilha de Santa Maria; p.77; 2001.

Após a separação do dente com o maxilar, o dente devia ficar a secar durante algum tempo, os autores a seguir referidos sugerem entre algumas semanas e até meses, segundo João Gomes Vieira só se conseguia um bom trabalho estando os dentes secos, segundo o autor “*O dente deveria secar entre seis meses a um ano, em lugar seco e arejado para evitar manchas, algumas de tom violáceo. Penetram fundo no esmalte e são praticamente impossíveis de remover. Só se consegue bom polimento e gravura com dentes bem secos ou enxutos.*”⁴⁰⁷

Já Alexandra Andrade sugere apenas algumas semanas, “*O dente de cachalote, depois de arrancado da mandíbula era posto a secar durante algumas semanas [...]*.”⁴⁰⁸

Teresa Perdigão dá mais tempo para a possível utilização do dente, “*Para ser trabalhado o dente era retirado da mandíbula e posto a secar durante cerca de 6 meses.*”⁴⁰⁹

Por último, Franz Langhans escreve que o tempo ideal para a secagem é de 3 meses, “*Depois de caçar o cachalote, o dente era retirado do maxilar e secava-se a tempo devido que era o de umas largas semanas. Digo mesmo: até uns 3 meses será o tempo ideal para o dente secar.*”⁴¹⁰

Os dentes em alto mar eram distribuídos pelas tripulações, não se desperdiçando nada do animal segundo Michael McManus “*[...] a yankee never wasted a thing, not even a whale's tooth*”⁴¹¹, ou de algum arrojamento, e caso não apresentasse nenhum dano na estrutura onde estavam inseridos, poderiam obter cerca de 29 pares de dentes.

Segundo João G. Vieira “*[...] um cachalote adulto possui entre 50 a 54 dentes consoante a idade*”⁴¹², quanto mais velho e maior era o animal, chegando aos 20 metros, maior eram

⁴⁰⁷ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.41; 2003.

⁴⁰⁸ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.4; 2000.

⁴⁰⁹ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; p.64; 2001.

⁴¹⁰ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.138; 1985.

⁴¹¹ MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; p.5; 1997.

⁴¹² VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.40; 2003.

os dentes, estes podem chegar ao peso de um quilo⁴¹³, os quais poderiam ser trabalhados mais tarde, outro factor determinante para ver se era de idade avançada seria o dente no topo, caso estivesse plano. Citando Joseph Bogat Hersey⁴¹⁴, Stuart M Frank escreve “*The lenght of the Jaw was eleven feet ‘cerca de 3 metros’, and contained 42 teeth.*”⁴¹⁵

Em 1946, Mousinho de Figueiredo talvez ainda não tivesse conhecimento da existência de dentes com um quilo ou mais, “*Os dois maiores dentes que tivemos ocasião de medir apresentavam, respetivamente, 20 e 17cms de altura, 8 e 7cm de diâmetro ântero-posterior, 5 e 5 cm de diâmetro lateral; o peso correspondente era 850 e 600 gramas.*”⁴¹⁶ Relativamente à medida, Philip Hoare dá uma ideia da medida de um dente “*[...] os dentes podiam atingir os 25 centímetros de comprimentos.*”⁴¹⁷

Qual a composição dos dentes, segundo Mousinho de Figueiredo “*Os dentes dos machos são órgãos robustos, volumosos, compactos, de superfície lisa na porção livre e levemente canelada nas porções intregengival e intra-alveolar. A sua forma geral pode assemelhar-se a de um ovóide deprimido pelos lados e separado do polo mais espesso, dentro do qual se aloja a cavidade pulpar, ovóide de faces quase paralelas na fracção encoberta dentro do alvéolo dentário e que apresenta uma ligeira inflexão retrógada segundo o eixo geral do dente. O polo livre é polido e tanto mais arredondado quanto mais velho for o animal e quanto mais posterior tiver sido a posição do dente na maxila.*”⁴¹⁸

Quanto ao marfim apresenta cor “*[...] branco-amarelado [...] de onde em onde [...] aparecem na espessura do marfim uns pequenos ocelos de contornos mais escuros, uns verdadeiros olhos de perdiz [...].*”⁴¹⁹ Caso o artesão consiga um bom polimento “A

⁴¹³ Existem três dentes com um quilo no Arquipélago, estão no Museu dos Baleeiros, no Museu de Scrimshaw e Loja de Artesanato Capitão Alves.

⁴¹⁴ Op. cit.; HERSEY, Joseph Bogart; *Third mate, Journal of Whaling Voyage aboard the Schooner Esquimaux of Providence Town, Ma*; p. [s/d]; 1843.

⁴¹⁵ FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, N°4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; p.511; 1992. Nos Açores, durante os quase 200 anos de caça ao cachalote se tivessem apanhado 200 000, e se todos tivessem 59 dentes daria para 11 800 000 *Scrimshaw*.

⁴¹⁶ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.51; 1996.

⁴¹⁷ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015. (Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 16 – Dente com um quilo)

⁴¹⁸ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.50; 1996.

⁴¹⁹ Ibidem, p.194.

*compacidade do marfim parece ser grande dado o bom polimento que se consegue obter nos objectos [...].*⁴²⁰

Segundo João Gomes Vieira, o dente apresenta uma cor característica quando está fresco e quando seca “*Possui cor amarelada em fresco, adquirindo brilho acetinado quando seco.*”⁴²¹

O mesmo autor dá-nos a composição do dente “*Compõe-se por dentina, coroa e esmalte, que reveste a superfície exterior, exceptuando a coroa e cimento na raiz.*”⁴²² Quanto ao marfim, é um material duro, e segundo João Gomes Vieira “*O marfim é um tecido orgânico formado por sais de cálcio (fosfato e carbonato) calcificado semelhante ao osso, mais duro por ser mais rico em sais de cálcio.*”⁴²³

No entanto para trabalhar o dente era preciso livrá-lo das imperfeições, na sua forma natural o dente apresenta ondulações rugosas, por exemplo tal como nas nossas unhas.

Na página do Museu de Hull em Inglaterra está escrito “*In the natural form the ivory whale’s teeth had ridges and other imperfections [...].*”⁴²⁴ As mesmas seriam removidas com recurso ao material que estivesse mais à mão, muitas vezes em alto mar era utilizada “*[...] shark skin or pumice.*”⁴²⁵, o processo é o seguinte “*The process of making scrimshaw began by cleaning and polishing the bone or tooth. Sometimes rough shark skin was used as sandpaper to create the perfect surface for further decoration. The item was then cut, pierced or engraved.*”⁴²⁶

Segundo os autores portugueses não varia muito, para Mousinho de Figueiredo, embora nem todos fizessem da mesma maneira, “*A raspagem e o alisamento conseguiam-se com as folhas de navalha, o polimento prévio era feito com cinzas e com a ajuda de madeira ou talvez de sola, embora as palmas calosas, bem adestradas no cordame e no remo, nada invecjassem do poder abrasivo daqueles materiais.*”⁴²⁷ Para Alexandra Andrade as

⁴²⁰ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.194; 1996.

⁴²¹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.25; 2003.

⁴²² Idem.

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ [Http://www.hopscrimshaw.com/](http://www.hopscrimshaw.com/), 13/10/2015, 11h25.

⁴²⁵ Idem.

⁴²⁶ <http://www.hullcc.gov.uk> 12/10/2015, 19h15.

⁴²⁷ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.450; 1959; Separata.

técnicas de raspagem e polimento passavam pela lâmina de vidro e pó de pedra-pomes e cinza peneirada “ [...] *para depois ser raspado com uma lâmina de vidro ou de aço e polido com pó de pedra-pomes e cinza peneirada.*”⁴²⁸

Segundo Franz Langhans o polimento do dente depois de raspado era muito simples, “*Raspava-se o dente com uma lâmina de vidro ou de aço quando o havia e era polido com pó de pedra-pomes moído e passado num bocado de couro. Este era o processo mas havia uma fase final de polimento em que este era feito com cinza peneirada muito fina. Depois o dente era «patinado» por fricção de objectos finos e podia dar-se, então, o ultimo acabamento.*”⁴²⁹

Para Teresa Perdigão o dente “ [...] *era raspado com uma lâmina de vidro ou de aço e polido com pó de pedra-pomes moído.*”⁴³⁰

Por último Philip Hoare menciona a utilização de “ [...] *a utilização de água salgada para preservar a sua maleabilidade e polidos com pele de tubarão.*”⁴³¹

Já o processo que passava o dente após a gravação, o polimento final, segundo Mousinho de Figueiredo o polimento final, após o trabalho de gravação seria assim “*conseguia-se com cinzas e talvez com serradura e com feltro, mas, sobretudo, com as palmas das mãos e, uma longa permanência nos bolsos.*”⁴³²

Na arte da gravação, como um pintor, só as mãos mais hábeis conseguiam passar para o dente aquilo que lhes passava no pensamento, ou até uma cópia “ [...] *com ilustrações de periódicos vitorianos ou cenas clássicas imaginárias*”⁴³³.

Que temas⁴³⁴ podiam ser desenhados, tanto nas baleeiras como nos Açores os temas variavam consoante o gravador, nas linhas incisivas aplicavam tintas que faziam realçar os

⁴²⁸ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.4; 2000.

⁴²⁹ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.138; 1985.

⁴³⁰ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; p.64; 2001.

⁴³¹ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

⁴³² FIGUEIREDO, José Mousinho; *Sobre scrimshaws portuguesas*; Separata do volume LXIX da «Revista Guimarães», pp.445-452; p.450; 1959.

⁴³³ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

⁴³⁴ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro VIII – 385 Scrimshaw, identificação de quinze temáticas. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, da Foto. 17 à Foto. 31 – Temas criados.

temas escolhidos, figuras femininas, cenas de cais, cenas mitológicas, cenas de arpoamento, as vivências, as paisagens, a religiosidade, a caça ao cachalote, os animais, a flora, os desejos sexuais, os rostos, as figuras, os baleeiros e as tradicionais baleeiras.

Segundo Philip Hoare “*Não faltavam imagens de mulheres de seios fartos ou de jovens de aspecto sobrenatural, nem obviamente cenas heroicas da caça à baleia.*”⁴³⁵

Segundo Alexandra Andrade “*Predominavam os temas clássicos de paisagens marinhas, cenas de caça, tempestades marítimas, veleiros, figuras mitológicas ou animais marinhos e, a partir do século XIX, surgem temas românticos que homenageavam a figura feminina, as flores, cenas da vida familiar e animais de estimação.*”⁴³⁶ Francisco Martins não se alonga muito quanto ao tema, apenas escreve “*Estes desenhos são de motivos marinhos, humanos e paisagísticos.*”⁴³⁷

No livro do Peter Cafe Sport, a escolha do desenho variava consoante a inspiração, “*Podia ser o desenho de um navio ou a própria cena da captura do cetáceo, sendo estas algumas das cenas mais antigas que se conhecem. Mas a inspiração podia vir também de uma revista, de um livro ou de um jornal. O desenho (copiado ou criado) era depois gravado no dente. Ao escolher os materiais para o «Scrimshaw», era natural que o artesão escolhesse primeiro o dente de marfim do cachalote.*”⁴³⁸

Para Franz Langhans “*Destacam-se entre os motivos escolhidos, a caça À baleia os navios baleeiros, ações navais, fragatas, brigues, retratos de namoradas de marinheiros, ramos de flores, emblemas maçónicos, brasões de armas e a harpa Irlandesa. Alguns espécimes podem remontar aos fins do século XVIII mas o mais provável é terem sido feitos entre 1830 e 1850.*”⁴³⁹

Já Mousinho de Figueiredo agrupou os temas segundo ele “*foram vários os motivos adoptados por estes melancólicos eborários do mar, mas talvez se possa agrupá-los em*

⁴³⁵ HOARE, Philip; Leviatã, *Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

⁴³⁶ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.3; 2000.

⁴³⁷ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.398; 1980.

⁴³⁸ PEREIRA, Jorge Alberto Costa, texto de; *Peter Cafe Sport*; Editor, Quetzal Editores; p.58; 1995.

⁴³⁹ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.218; 1985.

2 temas principais. Um compreende as cenas profissionais de repetição frequente (embarcações, palamenta, cenas de caça, estilizações de cetáceos, etc.); o outro grupo de figuras humanas com e sem fundos campestres, mas com predominância de figuras femininas ao jeito de retrato a curta distancia. Mais [...] nas coleções são os exemplares com frases [seleccionadas] ou expressões poéticas.”⁴⁴⁰

Numa entrevista de Franz Langhans a João Gomes Vieira escreve “ [...] sigo estritamente a escola baleeira a escola do Scrimshaw. Há duas épocas distintas. A época clássica com cenas de caça ao cachalote, cenas de veleiros, acidentes trágicos, viagens, tempestades, animais marinhos e tudo relacionado com a pesca. Há a época romântica em que entram retratos femininos, cenas da vida familiar, os adeuses aos portos, votos à bem-amada [...] com um coração, e uma águia símbolo da liberdade.”⁴⁴¹

Classificam ainda a gravação em dente de cachalote em grupos categorias ou técnicas, Alexandra Andrade dividiu assim “Os objectos de Scrimshaw podem ser divididos em 2 grandes grupos: Peças esculpidas, entalhadas e torneadas em marfim ou osso mandibular e peças gravadas em osso de cachalote. Ao grupo das primeiras pertence uma diversidade de objectos decorativos composto essencialmente por miniaturas utilitários como as cacheiras de bengalas, os agulheiros e furadouros para bordados, as agulhas para tricotar, as caixas de costura, as roldanas de tear e ainda objectos de adorno como os botões de punho, brincos, colares, anéis medalhas [...] compreende ainda duas técnicas ‘a escultura e a gravação’.”⁴⁴²

Numa troca amável de conhecimento, o Sr. João Menezes escreveu ainda que não justificando a fonte, “De acordo com os contextos socioculturais de utilização, é possível classificar o Scrimshaw nas seguintes categorias: utensílios usados em atividades navais e outras, a bordo das baleeiras (espiches, alisadores de costuras das velas...), acessórios de vestuário (talas de corpete, botões, adornos, acessórios para tabaco, bengalas...), equipamento doméstico (rolos e carretilhas para massa, dobadeiras, caixas de costura,

⁴⁴⁰ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; pp.449-450; 1959; Separata.

⁴⁴¹ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.142; 1985.

⁴⁴² ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.3; 2000.

agulhas, castiçais, molas de roupa, jogos...) e peças decorativas (gravura, escultura e torneamento em osso e dente de cachalote).”⁴⁴³

Além dos trabalhos de gravação, os dentes podiam ser cortados em diversas formas para a execução de esculturação em marfim, originando outras obras. O maxilar inferior era utilizado para pequenos trabalhos, já os ossos do animal, por serem porosos não eram aproveitados.

Não era só o *Scrimshaw* a ser produzido através das mãos dos *Scrimshanders* “ [...] *inteiramente ao cuidado do sentido estético e da inspiração dos artífices, os quais, diga-se incidentalmente*”⁴⁴⁴, ao longo do tempo foram criados uma parafernália de utensílios, utilizados por homens, mulheres, crianças, nos trabalhos do campo, na lida da casa, para decoração ou até mesmo religioso. São vários os autores, portugueses e estrangeiros a escrever sobre este assunto.

Segundo Mousinho de Figueiredo quais eram os trabalhos feitos a partir do dente do marfim e do osso mandibular “ [...] *Boquilhas, cachimbos, anéis, caixas para rosários, ânforas para perfumes, jogos de xadrez, crucifixos, pequenas estilizações, estatuetas, emblemas, faquitas para papel e pra manteiga, castões, bugigangas para senhoras, cálices para ovos quentes, sinetes, incrustações, entre outras.*”⁴⁴⁵

Pedro da Silveira escreveu “ [...] *não tendo dado à poesia oral um cancionero de tomo e qualidade, a baleia, que é coisa de peso na economia insular, insinuou-se em curiosas realizações plásticas dos homens do mar. Dos dentes e das mandíbulas do cetáceo se serviram para fazer pequenas esculturas, espátulas com desenhos gravados a canivete, forninhos de cachimbos ornamentados, caixas de rapé com relevos, etc. [...] Mais recentemente, dos dentes de baleia fazem, para ‘souvenirs de turistas’, boquilhas, dedais, agulheiros, etc.*”⁴⁴⁶

⁴⁴³ CM PRAIA DA VITÓRIA – 02-11-15. 15h27 – João Menezes – aberto a 19/11/15 23h15. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

⁴⁴⁴ FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; p.195; 1996.

⁴⁴⁵ Idem.

⁴⁴⁶ SILVEIRA, Pedro da; *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo, Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*; Separata da revista Seara Nova, nºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e nº1361, de Março de 1959, Lisboa, p.47; 1959. Pelo que podemos ver, em 1959 os turistas já procuravam estes trabalhos.

Segundo João Gomes Vieira, dividindo “*No campo dos adornos masculinos e femininos, brincos, pulseiras, anéis, pregadores de peito, botões de punho, tranquetes para gravatas.*”⁴⁴⁷ Nos utensílios diários, “*Nos lares [...] podiam-se encontrar adornos femininos, carretilhas para pastelaria em marfim, maços para bater bifés e rolos de massa em osso, almofariz e copos para ovos quentes. Nos trabalhos de linho e de lã, são fusos, tasquinhas, espadilha para urdir, contrapesos e moitões para tear executados em marfim e osso mandibular, fechaduras para palheiros. Alguma caixa de costura de forma oval, agulhas para tricotar e fazer crochet, ilhoseiras e agulheiros, dobadeiras [...], argolas de guardanapo, isoladores de mesa para pratos e travessas quentes, paliteiros para servir aperitivos, ganchos para servir cracas, caixinhas da rapé, abridores ou rachadores de palha, pregadores de roupa no estendal, passe-partout, bibelôs, pesa-papéis, cinzeiros, cachimbos, boquilhas de fumar cigarros, jogos de dados, damas, dominós e alguns xadrez, muito raros por não se tratarem de jogos populares entre nós. O osso e o marfim foram muito utilizados em bengalas.*”⁴⁴⁸

Segundo o mesmo autor, no dia-a-dia das populações, eram utilizados, “*[...] maços de encadernadores, proteção de coroa de armas (espingardas, caçadeiras), engrenagens para mecanismos de tecer cabos, polés para mastreação das embarcações, cabos de formões graminhos e desengalgadeiras para riscar madeira, cabos de chaves de fendas, cabos de martelo, cepos de trabalhar madeira, carrilhos de debulhar milho, chumaceiras para rodas de fiar, navetas para fazer ou reparar redes de pesca, amostra para corrico, espichas para trabalhar cabos, puxadores de portas e móveis, assim como tramelas, e em arças de cordas para apertar molhos de lenha ou forragens para animais.*”⁴⁴⁹

Segundo Rui Lima e não muito longe do que João Gomes Vieira escreveu “*[...] brincos, colares, pulseiras, anéis, leques, alfinetes, botões de punho [...] filetes, flores, pétalas e outros motivos que se embutem, para adorno do mobiliário e de variados artefactos em madeira, que desta forma se enobrecem e enriquecem.*”⁴⁵⁰ Em relação aos utensílios eles são “*[...] objectos utilitários, que vão desde os agulheiros, furadores para bordar,*

⁴⁴⁷ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.34; 2003.

⁴⁴⁸ Ibidem, p.33.

⁴⁴⁹ Ibidem, p.34.

⁴⁵⁰ CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato) LIMA, Rui Abreu (texto); *Artesanato dos Açores*; Edição Secretaria Regional da Economia; p.34; 1999.

caixinhas de variadas formas, tamanhos e finalidades, aos cachimbos, boquilhas, cacheiras e bengalas, pedras de jogo.”⁴⁵¹

Já Robert Clarke escreve “*os dentes fornecem boquilhas e cachimbos, frásquinhos para perfume, oveiros, copos de pé para licor, ‘ovos’ para cerzir, corta-papéis, jogos de xadrez, sinetes, anéis com sinete e crucifixos, Os jogos de xadrez são particularmente requintados. Os artigos em osso incluem caixinhas para rosários e para bugigangas, bengalas e ornatos para violas.*”⁴⁵²

Francisco Martins, no seu trabalho escreveu, “*De material ebúrneo: Réguas de espartilho, Instrumentos ou partes destes de utilidade náutica, de carpintaria e mercenaria. Utensílios ou partes deste de cozinha e de apoio a um tear, Óculos de ópera e de marinha, aros de óculos, bengalas e bordões de pastores da terceira. Verga ou cimalha de portão feito de uma mandíbula. Capas de um diário de bordo de um navio baleeiro americano «Atlantic Star». Miniaturas de botes, castiçais, caixas de rapé e de cigarros. Banco de bordo ou de cozinha feita numa própria vértebra de cachalote. Figura de proa de barco baleeiro em carvalho, com os olhos em osso de baleia. Presépio completo em osso de baleia, incluindo a cama do Menino Jesus. Puxadores de porta e de uma cómoda. Canetas e uma placa com vista panorâmica. Caixa de xadrez, cujas figuras pretas são em ébano, datado e assinado de 1904.*”⁴⁵³

Segundo Margarida Ribeiro “*[...] moda dos leques e de miniaturas esculpturadas, foi uma indústria coincidente com a decadência dos artefactos chineses e japoneses, que invadiram a europa ocidental sob a forma de mercado ambulante, exercidos por autóctones emigrados como se verificou em Portugal.*”⁴⁵⁴

O blogue *Velharias com História* fala sobre as peças variadas, “*As peças são muito variadas, utilitárias e decorativas, como por exemplo caixas, talas para corpetes de*

⁴⁵¹ CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato) LIMA, Rui Abreu (texto); *Artesanato dos Açores*; Edição Secretaria Regional da Economia; p.34; 1999.

⁴⁵² CLARKE, Robert; *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores, História e Métodos actuais de uma indústria relíquia*; Conjunta do Autor e do Tradutor, dedicada ao Museu da Ilha de Santa Maria; p.77; 2001.

⁴⁵³ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.398; 1980.

⁴⁵⁴ RIBEIRO, Margarida; *Acerca de um Scrimshaw*; Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série, Nº88, 1º Tomo; p4; 1982.

*vestidos de senhora, dedais, cabos de sinete, punhos de bengala, dados e até carretilhas para recorte da massa tenra.*⁴⁵⁵

A página do Peter Cafe Sport escreve sobre outras peças criadas a partir do trabalho no maxilar inferior *“Estas enormes peças, muito pesadas, eram limpas, cortadas e serradas para fazer bengalas, tacos e todos os tipos de acessórios, e as partes planas serviam de superfície para a gravação de desenhos. Usando estes produtos ao máximo, o artesão fabricava para seu uso próprio ou para venda ou oferta uma infinidade de objectos, como caixas de agulhas, chicotes, cabos para ferramentas, talheres, rolos de massa, carimbos, rocas, agulhas de tricotar, molduras de quadros ou de espelhos, broches, brincos, alfinetes, pentes, terços, colares e até leques.*⁴⁵⁶

Heidi Robichaud não especifica o lugar, no entanto *“Ivory was also used in Europe to produce piano keys, cane handles, billiard balls, toilet sets and other accessories. Many pieces used in religious ceremonies are still preserved in monasteries. Some of these luxury objects were combined with precious stones and other materials and are highly prized by collectors and museums around the world today.*⁴⁵⁷

Em Inglaterra a página do Museu de Hull escreve para a variedade de peças *“The whalers produced a wide variety of objects, some were purely decorative and others had a function. Examples include walking sticks, ladles, toys and games, plaques, busks, tools and engraved whale teeth. The latter are the most common and recognised type of scrimshaw.*⁴⁵⁸

Nos EUA, a página do Museu de Mystic dá conta também para a variedade de objetos, criadas pelos marinheiros *“ [...] their own pleasurable diversions [...] ”*⁴⁵⁹ *“ [...] such as seam rubbers, fids, belaying pins, and thole pins, [...] sculptural forms, human and animal figures, finials, handles, tools, inlay, and all manner of ornaments for wooden boxes, canes, and other objects [...] mostly made for the ship during working hours [...]. ”*⁴⁶⁰

⁴⁵⁵ <http://philangra.blogspot.pt/>; 13/10/2015, 14h30.

⁴⁵⁶ <http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php>; 03/11/2015, 09h00.

⁴⁵⁷ <http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html>; 13/10/2015, 10h00. De facto na Ilha do Pico encontrei dois pianos cujas teclas eram em capas de marfim, um está na Igreja/Santuário do Bom Jesus em São Mateus e o outro está na Igreja Matriz na Vila das Lajes, este foi alvo de restauro por parte de Manuel Alves Gonçalves.

⁴⁵⁸ <http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/>; 12/10/2015, 19h15.

⁴⁵⁹ <http://www.mysticseaport.org/>; 12/10/2015, 10h15.

⁴⁶⁰ Idem.

A utilização do osso mandibular na construção naval por exemplo foi adaptado a algumas partes da embarcação segundo João Gomes Vieira “*Na construção naval o osso era aplicado nos remates da proa e da popa dos botes, antigamente no choque da proa, nas caçadeiras para a linha nos (cleats) clites para a giba ou para caça o cabo da escota, bem como em todo o poleame do bote, temos encontrado polés de marfim nos botes mais antigos e sapatilhas para cabos como substituição do latão. Nas ilhas do Pico e da Graciosa em todos os barcos de pesca antigos, a borda era guarnecida de ponta a ponta para proteger dos aparelhos de pesca e passagem dos cabos.*”⁴⁶¹

Francisco Martins escreve sobre a utilização de embutidos em marfim e osso de cachalote no mobiliário açoriano, aborda as características, cuja época decorreu, entre 1760 e 1950, dando o nome de “*época do mogno 1760-1950.*”⁴⁶² Os “*Torneadores em madeira de cores contrastantes com um «olhinho» em osso de cachalote.*”⁴⁶³ Dá o exemplo para “*[...] o cedro, o jacarandá e o mogno [...]. Embora o mogno seja hoje a principal madeira utilizada no mobiliário, um pouco por todas as ilhas são utilizadas outras madeiras locais como o teixo, o pau-branco ou a faia. Angra de Heroísmo e Praia da Vitória são as localidades onde se confeccionam ainda móveis com delicados trabalhos em talha ou embutidos em madeira ou em marfim.*”⁴⁶⁴

No entanto para que os artesãos pudessem trabalhar tinham que ter ferramentas, no entanto elas variavam consoante o gosto, desde as agulhas de coser o velame que davam origem a trabalhos rudes em ponteados, a um simples canivete ou limas, no entanto para gravar um dente havia que obedecer a certas regras, sendo estabelecida também uma espécie de linha de montagem por exemplo segundo Mousinho de Figueiredo “*A técnica do fabrico dos Scrimshaws compreendia as fases sucessivas de raspagem e alisamento da superfície do dente, o desenho, a incisão ou gravação, a pigmentação dos entalhes e o polimento final.*”⁴⁶⁵

⁴⁶¹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.33; 2003.

⁴⁶² MARTINS, Francisco José de Oliveira; *Mobiliário Açoriano, elementos para o seu estudo*; Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais; p.35; 1981.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ [Http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=468](http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=468); 02/10/2015, 10h40.

⁴⁶⁵ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.450; 1959; Separata.

Já Mousinho de Figueiredo escreve “*Embora se conheçam estojos completos com as ferramentas utilizadas neste trabalho, na grande maioria das vezes o instrumental empregado resumia-se ao canivete e ao espicho e às agulhas de coser o velame.*”⁴⁶⁶

Para Franz Langhans, as ferramentas utilizadas eram “*Caneta de tinta-da-china, ponta-seca, lápis, borracha, o dente, buril com punho, buril com cabo [...]*.”⁴⁶⁷

Segundo Alexandra Andrade, as ferramentas utilizadas nas gravações, “*[...] era feita com as navalhas ou um buril, a traços lineares ou ponteados, umas grossas e outras finas, esboçados no papel ou no próprio dente a lápis, com o auxílio de estiletes [...]*.”⁴⁶⁸

Teresa Perdigão, na mesma linha de Alexandra Andrade, a gravação “*[...] era feita a canivete, à navalha ou com grossas agulhas que os baleeiros usavam para coser as velas. Segundo as técnicas antigas [...]*.”⁴⁶⁹ Escreve ainda sobre dois artesãos, Manuel Gonçalves, esclarece “*[...] que a sua arte é executada a estilete seco, sem existência de qualquer desenho prévio, ao contrário de Fátima Madruga, que assume claramente a feitura do desenho que passa a papel químico para a matéria-prima que, em seguida esculpe.*”⁴⁷⁰

Na página *The Maritime Heritage Project* escrevem que os primeiros foram criadas com agulhas de coser velame, “*Early scrimshaw was done with crude sailing needles, and the movement of the ship, as well as the skill of the artist, produced drawings of varying levels of detail and artistry.*”⁴⁷¹ Segundo Philip Hoare podiam ser “*gravados com agulhas ou facas, criando padrões [...]*.”⁴⁷²

Na página de *Hop Scrimshaw*, durante o processo de elaboração, podiam ser utilizadas quase que ao mesmo tempo as ferramentas e os materiais, uma navalha e a agulha de coser velame e ainda utilizavam as chaminés dos navios para que o dente cosesse “*On the*

⁴⁶⁶ FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; p.450; 1959; Separata.

⁴⁶⁷ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.139; 1985. (Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 32 e 33 - Estojos de gravação).

⁴⁶⁸ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.2; 2000.

⁴⁶⁹ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; p.64; 2001.

⁴⁷⁰ Ibidem, p.65.

⁴⁷¹ [Http://www.maritimeheritage.org/](http://www.maritimeheritage.org/), 12/10/2015, 21h00.

⁴⁷² HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

*whaling ships the Scrimshaw engravings were done with a pocket knife or if the whaler was lucky he would get a discarded needle from the ships sail maker. With the knife or needle the sailor would cut and/or scratch a picture into the polished surface. [...] during the engraving process [...].*⁴⁷³

Heidi Robichaud na sua página, escreve “*Using simple tools like sailing needles or knives to scratch the teeth and lampblack or ink, sailors created images of whales, ships, women and whatever their imaginations conjured up. In addition to art, sailors produced a variety of useful carved or scrimshawed items from whale’s teeth and bone, including needle holders, clothes pins, combs, games and pie crimpers.*”⁴⁷⁴

A página do Museu de Hull transporta-nos no tempo “*Early scrimshaw was decorated using crude sailing needles and this, plus the ability of the artist and the movement of the ship led to work varying in quality and detail.*”⁴⁷⁵

O material utilizado na gravação⁴⁷⁶ também variava caso estivessem em alto mar ou em terra, na página *Hop of Scrimshaw o Scrimshander* “*would rub a pigment into the cuts and scratches, since ink wasn’t readily available they would get soot from the chimney of the ships cooking stove, or they would grind up gun powder with a little whale oil, it was the pigment rubbed into the cuts and scratches that made the picture come to life.*”⁴⁷⁷

Segundo Philip Hoare, utilizavam “ [...] *fuligem dos caldeiros dos navios.*”⁴⁷⁸ Outro material utilizado na gravação em alto mar que poderia dar para o preenchimento dos sulcos ou incisões feitas no dente era “ [...] *uma massa feita de óxido de ferro (ferrugem raspada da própria âncora) e óleo de baleia.*”⁴⁷⁹

As incisões segundo Alexandra Andrade “ [...] *eram realçadas com ‘negro de fumo’, fixado com o óleo da própria baleia.*”⁴⁸⁰ Dá conta também para os “ [...] *trabalhos*

⁴⁷³ [Http://www.hopscrimshaw.com/](http://www.hopscrimshaw.com/), 13/10/2015, 11h25.

⁴⁷⁴ [Http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html](http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html); 13/10/2015, 10h00.

⁴⁷⁵ [Http://www.hullcc.gov.uk](http://www.hullcc.gov.uk) 12/10/2015, 19h15.

⁴⁷⁶ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXI – Métodos de gravação divididos por museus, centros de exposições e lojas de Artesanato.

⁴⁷⁷ [Http://www.hopscrimshaw.com/](http://www.hopscrimshaw.com/), 13/10/2015, 11h25.

⁴⁷⁸ HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro; p.120; 2015.

⁴⁷⁹ [Http://scrimshaw.8m.com/historia.htm](http://scrimshaw.8m.com/historia.htm); 13/10/2015, 23h50.

⁴⁸⁰ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.2; 2000.

*policromados a partir de corantes vegetais ou de anilinas.*⁴⁸¹ Escreve ainda sobre a forma como os artesãos trabalhavam a tinta no dente, “*Depois de a tinta penetrar nas incisões com o auxílio de uma esponja ou dos próprios dedos, limpa-se a superfície polida com uma substancia macia como, por exemplo, um pedaço de papel higiénico.*”⁴⁸²

Segundo Teresa Perdigão, na gravação “ [...] *realçava-se com ‘negro de fumo’ fixado com óleo de baleia [...]*.”⁴⁸³, já a forma como se dava cor ao trabalho era diferente, “*A gradação da cor era dada pela maior ou menor profundidade das incisões [...]* e que segundo João Gomes Vieira, *nos anos 80, ainda seguia esta técnica, as incisões faziam-se, tendo em conta a tonalidade que o artista pretendia obter.*”⁴⁸⁴, levava um certo tempo “*A treinar o peso da mão com o fim de dar a incisão certa e a combinação da grossura da linha, da espessura da linha e da profundidade do sulco.*”⁴⁸⁵, atualmente segundo a autora utiliza-se a tinta-da-china.

Relativamente à pigmentação e segundo João Gomes Vieira, Francisco Barcelos criou o seu primeiro trabalho em 1965, no entanto foi nos Estados Unidos que adquiriu essa apetência, “*Em New Bedford, a arte de gravar o Scrimshaw e a técnica da pigmentação com os resíduos dos caldeirões de derreter o Toucinho da baleia, os quais adicionava algum sangue, manipulando a mistura [...]*.”⁴⁸⁶

Já Franz Langhans escreve sobre a policromia “*No trabalho dos baleeiros antigos aparece algum policromado. É bastante raro mas não restam dúvidas que existe algum. E tenho-o feito. Obtenho normalmente corantes vegetais ou com outras anilinas que fixo pelo processo clássico. É um trabalho mais elaborado que sai fora do processo clássico. O Scrimshaw genuíno é todo a preto e branco.*”⁴⁸⁷

⁴⁸¹ ANDRADE, Alexandra, texto de, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição, Centro Regional de Apoio ao Artesanato; p.2; 2000.

⁴⁸² Idem.

⁴⁸³ PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; p.64; 2001.

⁴⁸⁴ Idem.

⁴⁸⁵ Idem.

⁴⁸⁶ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., p.65; 2003.

⁴⁸⁷ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.139; 1985.

E Stuart M. Frank, escreve o seguinte “*The most common pigment used for scrimshaw was lampblack, a carbon suspension in oil or grease that is the residue of combustion in lamps, candles, and tryworks, ubiquitous on shipboard. However india ink (also called chin ink) was also occasionally used.*”⁴⁸⁸

Na página *The Maritime Heritage Project* escreve para a utilização do sumo de tabaco “[...] *candle black, soot or tobacco juice would have been used to bring the etched design into view.*”⁴⁸⁹

A página do Museu de Hull dá-nos outros materiais utilizados, por exemplo “*The designs etched into the object were then brought out by rubbing ink or carbon into them. Originally, candle black, soot or tobacco juice would have been used. When the excess was removed and the item polished, the designs were left black, or sometimes coloured if the artist had used coloured ink.*”⁴⁹⁰

Por fim a página do Museu de Mystic escreve para o trabalho no dente até ficar brilhante, utilizando o que sobrava da combustão, segundo eles “*Sperm whale teeth could be polished to a high gloss, and then engraved with pictures to which lampblack and coloured pigments could be applied. Or they could be carved in relief or in full round, to produce.*”⁴⁹¹ ou noutra explicação ainda “*The characteristic basic black pigment was lampblack, a suspension of carbon in oil, the product of combustion, easily obtained from the shipboard tryworks (oil cookery) or from ubiquitous oil lamps. (The notion that whalemens used tobacco juice as a pigment for scrimshaw is purely fanciful: it isn't black, it doesn't work, and not even a single example has been documented.) Colored pigments for polychrome (multi-colored) works included verdigris (a tenacious green deposit naturally forming on copper and brass), various homemade fruit and vegetable dyes, and commercially-produced india or china ink.*”⁴⁹²

A profundidade das incisões foi explicada por João Gomes Vieira da forma como se poderia criar e utilizar uma maior cor através das incisões, “*A distribuição ou os cambiantes ou, se assim se pode dizer, a gradação da cor, é dada pela maior ou menor*

⁴⁸⁸ FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; p.153; 2012.

⁴⁸⁹ [Http://www.maritimeheritage.org/](http://www.maritimeheritage.org/), 12/10/2015, 21h00.

⁴⁹⁰ [Http://www.hullcc.gov.uk](http://www.hullcc.gov.uk) 12/10/2015, 19h15.

⁴⁹¹ [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

⁴⁹² [Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.

*profundidade das incisões. Nós, quando estamos a dar as incisões, já as vamos fazendo com o pensamento nas tonalidades é como quem está a escrever um «cursivo» de grossos e finos na caligrafia. É o mesmo processo. Conforme a inclinação que dermos ao «buril», nós sabemos o efeito que vamos dar. É o que se faz na técnica da aprendizagem.”*⁴⁹³

Segundo o Sr. Prof. Dr. Vilhena Mesquita e passo a citar “*A técnica era muito parecida com a que se usava na xilogravura.*”⁴⁹⁴

Por último, durante a elaboração da recolha documental e escrevendo apenas sobre a gravação do dente, referenciei oito formas de o trabalhar, entre essas formas, uma incisão mais ou menos profunda, conduzindo ou não a uma melhor fixação da cor, tornando-se por isso mais visível, se houve a utilização de policromia, se tinha texto a acompanhar se é em picotado, se o mesmo picotado é acompanhado apenas por texto.

No entanto todos estes trabalhos não seriam possíveis se não existissem os artesãos, desde os anónimos aos mais conceituados, dos desconhecidos aos mais importantes, todos contribuíram para o desenvolvimento e sustentação desta arte.

Nos museus estão representados muitos artesãos, no entanto durante a recolha documental tive dificuldades em fotografar todos, e muitos, tal como disse anteriormente, poderão tê-lo feito anonimamente⁴⁹⁵, por isso, baseando-me no trabalho de João Gomes Vieira⁴⁹⁶ e na lista de artesãos enviados pela Direção Regional de Turismo pela Sr.^a Dr.^a Maria de Lurdes Santimano com os artesãos ainda no ativo criei um quadro com o número de artesãos locais bem como o número dos que estavam no ativo.⁴⁹⁷

Fazendo uma leitura, o autor dá-nos uma lista com noventa artesãos, desses, apenas quarenta e nove estavam vivos e possivelmente a trabalhar em 2003, após o pedido de documentação enviado às entidades locais em 2015, recebi uma lista com quatorze

⁴⁹³ LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios Antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores; Flores e Corvo, I Volume*; Angra do Heroísmo; Secretaria regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; p.139; 1985.

⁴⁹⁴ Correio eletrónico datado de 01-07-16. 09h00 – Vítor Vilhena, Professor Doutor na Universidade do Algarve – aberto a 02/07/16, 13h00. Ainda que não especificando a fonte onde foi retirar a informação.

⁴⁹⁵ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro V – Museu de Scrimshaw, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV quadros; Quadro VI – Museu dos Baleeiros, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV, Quadro VII – CACM, CECS, LACA, LAJ, JVO, e OJI, autores/artesãos identificados.

⁴⁹⁶ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda., pp. 61-193; 2003.

⁴⁹⁷ Cfr. Anexo IV Quadros, Quadro I – Distribuição de artesãos por ilhas.

artesãos, desses, sete eram novos na lista geral, por conseguinte, um, o Sr. Arménio Goulart não trabalhava o dente e existia ainda uma Sociedade Unipessoal na lista. Poderão ser muitos os motivos para uma lista tão pequena, entre os quais, a falta de matéria-prima para a sua execução, visto que desde 1987 é proibido caçar o cachalote nos Açores.

Durante a minha recolha documental na I. do Pico tive a oportunidade de falar com algumas pessoas ligadas a esta arte baleeira, o Sr. António Machado, o Sr. Arménio Goulart o Sr. Camilo Costa, o Sr. Manuel Alves Gonçalves, e o Sr. Osvaldo José Inácio.⁴⁹⁸

Após a recolha de dados na Ilha do Faial, Pico e São Jorge e posterior tratamento da informação consegui obter oitocentos e doze trabalhos de arte baleeira, por sua vez foram divididos em quatro partes, trezentos e oitenta e cinco *Scrimshaw*, na restante arte baleeira, sessenta e um em trabalhos de entalhe, duzentos e dezanove em trabalhos de marfim e cento e quarenta e sete em trabalhos em osso mandibular.⁴⁹⁹

Esses trabalhos dividi por autores, incluindo aqueles que por algum motivo tive dificuldade em fazer a leitura da assinatura e ainda os que não consegui retirar informação, após esse passo passei para os temas presentes em cada Museu, Casa de Artesanato ou artesão.⁵⁰⁰ Os trezentos e oitenta e cinco *Scrimshaw* dividi pelos museus, casas de artesanato e artesãos.⁵⁰¹ Elaborei um quadro no qual podemos ver os artesãos e a quantidade de trabalhos em *Scrimshaw* divididos por temas.⁵⁰²

Durante o seu estudo dividi por quinze temas⁵⁰³, e posteriormente onde se encontravam localizados⁵⁰⁴, mais tarde subdividiram-se ainda em cento e oitenta e dois subtemas.⁵⁰⁵

⁴⁹⁸ Cfr. Anexo I, Património Imaterial, recolha sumária de testemunhos – Doc. I a Doc. V. Agradeço ainda a transmissão de conhecimento por parte do Sr. Dr. Manuel Francisco da Costa Júnior, diretor do Museu do Pico. As conversas com os demais artesãos e conhecedores da matéria, foram gravadas com o seu consentimento e devidamente autorizadas para serem usadas neste trabalho, o que é introduzido são transcrições rigorosas da conversa mantida, reservando-me o direito de omitir as partes mais coloquiais, à exceção do diretor do Museu do Pico, cuja conversa não recorri a qualquer meio de gravação ou notas.

⁴⁹⁹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro III – Divisão dos 812 trabalhos fotografados pelas técnicas de execução. Não estão contabilizados aqui os dezanove dentes virgens, os cinco feitos a partir de outras presas, os três trabalhos em marfim vegetal, e os dois *Fakeshaw*.

⁵⁰⁰ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro V – Museu de Scrimshaw, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro VI – Museu dos Baleeiros, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro VII – CACM, CECS, LACA, LAJ, JVO, e OJI, autores/artesãos identificados.

⁵⁰¹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro IV – Proveniência dos trabalhos de Scrimshaw, 385 peças inventariadas.

⁵⁰² Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XII – Presença dos autores/artesãos pelas 15 temáticas do Scrimshaw.

⁵⁰³ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro VIII – 385 Scrimshaw, identificação de quinze temáticas.

⁵⁰⁴ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XIII – Scrimshaw, temáticas presentes nos Museus, Centros de Exposições e Lojas de Artesanato.

⁵⁰⁵ Cfr. Anexo IX quadros, Quadro XIV a XVIII – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de *Scrimshaw*.

Além da elaboração dos quadros apresentados foram criadas percentagens⁵⁰⁶, estas estão inseridas nos quadros com a numeração existente.

Este primeiro tratamento da informação permitirá tratar outros assuntos como iremos ver mais adiante, no capítulo IV, abordarei aquilo que falta fazer, como por exemplo um inventário mais abrangente possível entre outros assuntos. E ainda permitirá no futuro às entidades locais um melhor aproveitamento da arte baleeira.

⁵⁰⁶ Por defeito arredondado para a unidade.

CAPITULO IV – SCRIMSHAW, PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÓNIO ÍMPAR

Neste capítulo irei abordar a preservação de um património ímpar e a valorização do *Scrimshaw* no espaço museológico⁵⁰⁷, esperando chegar ainda aos colecionadores e artesãos, no entanto, não foi um trabalho fácil pois tudo o que está escrito e publicado, não está relacionado com este trabalho de investigação.

Durante a recolha de informação deparei-me com alguns problemas, nomeadamente na falta de uma base de dados, de um inventário, na leitura e interpretação dos *Scrimshaw*, a inexistência de catálogos nos museus e centros de exposições locais bem como uma comparação dos dados existentes nos locais onde se encontram os trabalhos, por isso foram criados quadros e gráficos que permitam no futuro uma consulta daquilo que existe a partir do momento em que foi feito este levantamento bem como de todo o património a ser estudado mais detalhadamente.

Apesar das avaliações⁵⁰⁸ do valor dos trabalhos já serem feitas a pedido das entidades regionais a meu entender podem introduzir-se melhorias significativas.

Por isso e na tentativa de melhorar estes aspectos, durante a elaboração deste trabalho, proponho o estabelecimento de medidas a tomar pelas Entidades Regionais, para que seja possível a todos, quer sejam especialistas ou simples curiosos, o acesso e o entendimento deste património.

A chegada, o desenvolvimento e enraizamento desta forma de arte única deve-se a todos os que antigamente e ainda hoje trabalham para manterem vivo um dos legados baleeiros, essencial à preservação da História Baleeira Açoriana, desde os *Scrimshaw* do século XVIII ainda em picotado, a introdução de policromia, por Manuel Borges de Freitas Henriques no século XIX, até aos que são criados nos dias de hoje por artesãos locais, como é o caso de Camilo Costa, John Van Opstal, Manuel Alves Gonçalves e Osvaldo José Inácio.

⁵⁰⁷ Incluo ainda as lojas de artesanato, dado a tipologia das peças em estudo e naturalmente dado a procura turística não podem ser desprezados os exemplares que se encontram nestes lugares.

⁵⁰⁸ As avaliações são feitas quando as entidades regionais querem saber se as peças têm algum valor, existem três pessoas que o fazem, uma delas é o Sr. Manuel Alves Gonçalves.

Hoje a preservação da memória evocativa está a cargo dos museus e centros de exposições locais de interpretação, por exemplo como são os casos do Museu dos Baleeiros nas Lajes do Pico, Museu de Scrimshaw na cidade da Horta e Centro de Exposições Casa dos Sofias em São Roque do Pico, bem como nas lojas de artesanato, apesar de venderem os trabalhos, como é o caso Loja de Artesanato Capitão Alves e Loja de Artesanato Lajense, ambas nas Lajes do Pico, também têm um papel fundamental nessa preservação.

E a importância de manter viva a tradição de execução, mantendo um mercado que ajuda a vitalizar a prática artística, que igualmente vai mantendo o conhecimento dos exemplares existentes e até vai permitir a aferição genérica de valores de mercado.

Tendo em conta as suas características o que leva então a ser importante a sua defesa, preservação e salvaguarda?

As características inerentes a esta forma de expressão, invocativa e identitária tem como pilar o dente de cachalote, os temas, as ferramentas e todos os que trabalharam nesta arte bem como os que se dedicam hoje à preservação da sua memória, ou seja, os Museus e colecionadores, tudo isto torna o *Scrimshaw*, importante para a sua preservação, mas para isso, há que dar a conhecer a todos, há que defender as possíveis delapidações e esquecimento por parte da sociedade e por fim a salvaguarda, pois conta a história de um local.

Antigamente os marinheiros/baleeiros através da gravação recriavam tudo o que lhes ia na alma e tendo em conta que passavam anos em alto mar era também uma forma de se manterem ocupados.

Nos Açores, com a saída das baleeiras da vida dos locais, o gosto pela gravação continuou, a partir daí, o *Scrimshaw* criado deixou de ser a tal expressão saudosista presente no quotidiano daqueles que andavam em alto mar, mesmo estando presente a temática baleeira, passando a ser invocativa de um tempo, de um local e das gentes que habitam as ilhas, identitária, pois estabelece ali a diferença entre o que era feito a bordo das baleeiras e o que passou a ser criado em terra nas casas e oficinas daqueles que se aventuraram a recriar os temas da vida quotidiana.

Hoje em dia é um produto mais virado para o consumo turístico como por exemplo nas Ilhas do Faial e Pico, no entanto qual é a sua importância? O que leva a ser importante para ser conhecido, defendido e salvaguardado é a necessidade e a obrigação de defender

e preservar a memória baleeira açoriana, quer seja pela sua história quer seja pelo património construído, botes, palamenta, *Scrimshaw* e seus derivados.

Se no passado existia a necessidade dos baleeiros para garantir o sustento para as suas famílias, como complemento através da baleação, doze anos após a proibição da caça ao cachalote, em 1998, surgiu a necessidade de preservar todo o património existente através de Decreto/Lei para que não caísse no esquecimento ou desmoronasse tal como aconteceu na fábrica da baleia de São Vicente Ferreira, Ilha de São Miguel, ou até possivelmente ser alvo de pilhagens.

Nos dias de hoje, o *Scrimshaw*, enquanto marca e enquanto sinal de identidade cultural, faz parte indissolúvelmente da identidade cultural açoreana, pelo que é exatamente por isso que deve ser preservado, estudado, inventariado e mostrado em Museus e exposições.

Estamos perante um património único, faz parte da história da baleação, pelo que deverá ter toda a atenção, faz parte da arte invocativa, ou seja, trás até nós os tempos memoráveis da baleação, sendo uma forma de arte única, como tal, através da leitura da informação existente nos quadros elaborados conseguimos perceber aquilo que existe⁵⁰⁹, no entanto há ainda muito trabalho para fazer.

Nos quadro que representam o número de artesãos⁵¹⁰ nas ilhas em 2003⁵¹¹, podemos ver que dos noventa e oito artesãos encontrados, 44% encontravam-se na Ilha do Pico, no polo oposto a Ilha do corvo com apenas 1%. Passados doze anos desde a edição desse trabalho, recebi da DRT⁵¹² uma lista com artesãos que ainda trabalhavam o dente⁵¹³, a Ilha do Pico voltava a estar no topo da lista com 7 artesãos num total de quinze, tendo 7%. Nesse intervalo a Ilha de Santa Maria perdeu sete, a Ilha de São Miguel cinco, a Ilha Terceira quatro, a Ilha de São Jorge perdeu os três, a Ilha do Pico perdeu trinta e sete, a

⁵⁰⁹ A pesquisa centrou-se na Ilha do Faial e do Pico, visitei ainda o Museu de Arte Sacra, Vila das Velas, Ilha de São Jorge, lá existe uma coleção de António Loureiro em miniaturas de osso sendo o ponto alto é um pequeno relógio de parede, junto ao porto existe um mural onde se reclamava da história baleeira, nele vi dois dentes de cachalote.

⁵¹⁰ Cfr. Anexo IV Quadros, Quadro I – Distribuição de artesãos por ilhas.

⁵¹¹ VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; pp.61-193; 2003.

⁵¹² Cfr. Anexo IV quadros, Quadro II – Artesãos ainda no ativo em 2015 segundo a DRT.

⁵¹³ Na lista pelo menos uma pessoa não trabalha o Scrimshaw, faltava ainda o nome de John Van Opstal, artesão cujo nome encontrei na Internet, estando incluída no mapa de 2015.

Ilha do Faial nove, a Ilha da Graciosa dois, a Ilha das Flores quinze, e a Ilha do Corvo um. Percentualmente as maiores perdas foram a Ilha do Corvo e São Jorge com 100%.

Na leitura referente às oitocentas e doze fotografias de arte baleeira⁵¹⁴, 47%, pertence ao Scrimshaw, 27% aos trabalhos em marfim, 18% ao osso mandibular e 8% aos trabalhos em entalhe⁵¹⁵.

Qual a divisão dos 385 Scrimshaw pelos museus, lojas de artesanato e artesãos⁵¹⁶, a maior parte dos trabalhos, cerca de 69% está no Museu de Scrimshaw, seguido do Museu dos Baleeiros com 13%, Loja de Artesanato Capitão Alves com 6%, igual número o artesão John Van Opstal, Osvaldo José Inácio com 3%, Centro de Artes e de Ciências do Mar e Loja de Artesanato Lajense com 1% por último Centro de Exposições Casa dos Sofias com 0,3%.

No tratamento da informação obtive vinte e três autores, acrescentando dois itens, um ‘De difícil leitura’ e outro ‘Sem dados’, isto é, não consegui decifrar a assinatura, no segundo não encontrei qualquer informação visível.

Foram divididos pelos museus, lojas de artesanato e artesãos⁵¹⁷.

Começando pelos duzentos e sessenta e sete⁵¹⁸ *Scrimshaw* no Museu de Scrimshaw o artesão com mais trabalhos é M.F. Gomes com noventa e dois trabalhos num total de cem, o equivalente a 92%, seguida dos trabalhos cuja leitura não permitiu obter qualquer assinatura, com quarenta e dois, num total de quarenta e três, num total de 98%.

No Museu dos Baleeiros composto por cinquenta e um *Scrimshaw*, 8% são compostos S/D. É M.F. Gomes a maior contribuidora com sete, seguida de Gualter Barreto com cinco.

Nos restantes, o Sr. Camilo Costa tem os seus trabalhos na LAJ, o Sr. John Van Opstal tem 100% dos seus trabalhos na sua casa, e o Sr. Manuel Alves Gonçalves tem 95% do trabalho na própria loja,

⁵¹⁴ Cfr. Anexo IV quadros; Quadro III – Divisão dos 812 trabalhos fotografados pelas técnicas de execução.

⁵¹⁵ Num trabalho de maior recolha de informação os números irão aumentar em muito.

⁵¹⁶ Cfr. Anexo IV quadros; Quadro IV – Proveniência dos trabalhos de Scrimshaw, 385 peças inventariadas.

⁵¹⁷ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro V – Museu de Scrimshaw, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro VI – Museu dos Baleeiros, autores/artesãos identificados. Ver também, Anexo IV, Quadro VII – CACM, CECS, LACA, LAJ, JVO, e OJI, autores/artesãos identificados.

⁵¹⁸ Números referentes ao que foi conseguido fotografar.

De salientar que M.F. Gomes é a única artesã⁵¹⁹ a estar representada nos museus do Faial e Pico.

Quanto aos temas⁵²⁰, através do tratamento da informação criei quinze, o mais representado é o tema da baleação, com sessenta e sete, numa percentagem de 17%, as baleeiras com cinquenta e três e 14%, mais para o final da tabela como poderão verificar temos os baleeiros, com quinze trabalhos o equivalente a 4%.

Quanto aos outros temas elaborados a partir da arte baleeira, nos duzentos e dezanove trabalhos em marfim⁵²¹ que deram origem a dezoito temas, a arte sacra é a maior representada com quarenta e dois, num total de 19%, o segundo tema é o marfim com os seus vinte e seis trabalhos, correspondendo a 12%.

Nos cento e quarenta e seta trabalhos elaborados a partir do osso mandibular, que deu origem a dezassete temas, o tema mais representado são os diversos com quarenta correspondendo a 27%, seguido das ferramentas de trabalho com vinte e nove, num valor de 20%.

Por fim nos sessenta e um trabalhos a partir do entalhe que deram origem a dezanove temas, o mais representado é a caça com dezasseis trabalhos, seguido de longe pelo religioso e animais com sete, ao todo 26% e 11% respetivamente é o peso total na temática.

Relativamente ao número de trabalhos dos artesãos distribuídos pelos temas⁵²², M.F. Gomes só não está nos temas do século XVIII-XIX, paisagem e policromia, tendo o tema rosto masculino a sua maior expressão com vinte e três trabalhos.

Os trabalhos S/D estão em todos os temas, a maior fatia no século XVIII-XIX, de cento e sete no total estão representados trinta e sete, comparativamente com assinatura de A.G. Machado dos quatro, três representam as baleeiras, John Van Opstal dos seus vinte e cinco trabalhos, treze estão no tema baleação, mais disperso estão os trabalhos de Kelly, em oito, três estão nos temas desejos, os restantes são um por tema.

⁵¹⁹ Referindo-me aos conhecidos e ao levantamento fotográfico.

⁵²⁰ Cfr. Anexo IV quadros; Quadro VIII – 385 Scrimshaw, identificação de quinze temáticas.

⁵²¹ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro IX – 219 trabalhos em marfim, identificação de dezoito temáticas. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro X – 147 trabalhos em osso mandibular, identificação de dezassete temáticas. Ver também, Anexo IV quadros, Quadro XI – 61 trabalhos em entalhe, identificação de 19 temáticas.

⁵²² Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XII – Presença dos autores/artesãos pelas 15 temáticas do Scrimshaw.

Em percentagem e tendo em conta alguns trabalhos, referente ao primeiro tema, JB, JMD e Manuel de Feitas Borges Henriques⁵²³ têm 100%, na baleação, A. Melo, F. Oliveira, João Flores com 100%, nas baleeiras, A.S. e CRS com 100%, no tema desejos, RG94 com 100%, no tema policromia Frank Barcelos com 100%.

O número de temas pelos museus e restantes locais⁵²⁴ variam, os dois principais museus têm todos os temas, no Museu de Scrimshaw o tema rosto masculino está em maior número com quarenta e três trabalhos, seguido do tema baleação com vinte e oito, no Museu dos Baleeiros o tema mais representado é o séc. XVIII-XIX com dezasseis, seguido pela baleação com doze.

Nos outros locais, por exemplo no CECS o único trabalho existente é relativo às baleeiras, no CACM os dois trabalhos são referentes à baleação, logo correspondente a 100%.

Na LACA, baleação e baleeiras com nove cada, na LAJ os dois trabalhos estão divididos por baleação e baleeiras.

Oswaldo José Inácio (OJI), tem o seu trabalho dividido por baleação, baleeiras e animais, por último John Van Opstal, treze dos seus vinte e quatro trabalhos referem-se à baleação.

Não há nenhum tema que se encontre em todos os locais, no entanto o primeiro e o segundo tema falta apenas presença no CECS e o segundo no CACM.

Quanto às percentagens, a baleação está mais representada no Museu de Scrimshaw com 37% e menos no CACM com 3%.

As Baleeiras com 53% no Museu de Scrimshaw, e no CECS e LAJ com 2%.

O Rosto masculino tem 90% do trabalho no primeiro museu, e 3% na posse de John Van Opstal.

O Século XVIII-XIX, tem 53% no primeiro e 7% na LACA.

Os animais com 63% no primeiro, e 4% na LACA, rosto feminino, 96% no primeiro e 4% no Museu dos Baleeiros.

⁵²³ Autor de Alvida, Princesa Pirata.

⁵²⁴ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XIII – Scrimshaw, temáticas presentes nos Museus, Centros de Exposições e Lojas de Artesanato.

O tema Religioso, 86% no primeiro e 5% com JVO, Profissões com 90% dos trabalhos no Museu de Scrimshaw e os restantes 10% no segundo.

O tema rostos diversos 95% no primeiro e 5% no segundo, baleeiros, 80% no primeiro e 7% com JVO, os mesmos 7% nos desejos sendo a maior no Museu de Scrimshaw com 86%, o Rosto de criança 92% no primeiro e 8% no segundo.

Temas diversos, 78% no primeiro e 22% no segundo, policromia 67% no primeiro e dois com 17%, Museu dos Baleeiros e LACA, por fim o tema paisagem tem 100% dos trabalhos no Museu de Scrimshaw.

Nos cento e oitenta e dois subtemas⁵²⁵ criados a partir dos temas, em maior número temos as baleeiras americanas com e sem identificação do navio, ao todo são cinquenta e quatro trabalhos divididos pelos temas do século XVIII – XIX, baleeiras e policromia, ao segundo subtema mais representado dei o nome de ‘Caça ao cachalote baleeira americana’.

Os vinte e oito subtemas inseridos na temática da baleação, gravação típica de scrimshaw, envolve a baleeira muitas vezes em segundo plano sendo a figura principal o cachalote, ora numa pose normal, ora numa possível fuga.

O terceiro grande subtema com vinte e três scrimshaw e também totalmente inserido na temática da baleação, é o trabalho mais identificativo nos Açores, ao invés da baleeira temos o bote baleeiro sendo muitas vezes acompanhado por um fundo que nos remete para a Ilha do Pico.

Os outros dois subtemas a passar dos dois dígitos são, a gravação com uma mulher, muitas vezes “*bem vestida*”, está dividida nos temas, século XVIII-XIX e rosto feminino.

Por fim o subtema perigo e tragédia, ou seja, toda a gravação em que se nota uma ligeira tensão nas figuras, a cauda do cachalote está por cima dos homens, o bote e a baleeira estão prestes a virar-se, está inserido no tema baleação e baleeiras.

Os outros subtemas variam entre nove e um.

⁵²⁵ Cfr. Anexo IX quadros, Quadro XIV a XVIII – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de *Scrimshaw*.

No método de gravação utilizado pelos autores, optei por dividir em dois quadros⁵²⁶, o mais representado é o trabalho cuja frente é composto por incisões profundas, linhas, e cuja cor negra ficou mais vincada, forte, pelo nome que dei, ao todo são cento e quatro, dos vinte e três artesãos mais dois só oito não o utilizaram, o segundo mais representado é o trabalho duplo nas incisões, a que dei o nome de ‘frente linhas, negro forte e suave’ ou seja, as incisões foram profundas e pouco profundas, dando origem ao negro muito acentuado ou forte e a um negro com cor mais leve, o S/D, é por enquanto é de longe o mais representado, M.F. Gomes tem 69% da sua gravação em ‘Frente: Linhas e Negro Suave’, no outro extremo mas num valor de 100%, Frank Barcelos, tem o seu único método de gravação a policromia.

Relativamente aos métodos de gravações por museus⁵²⁷, no Museu de Scrimshaw apenas três dos quinze métodos não estão representados, a maior é referente a ‘frente linhas e negro suave com cento e vinte e oito trabalhos, seguido do longe pelo método ‘frente linhas, negro forte e suave’, no Museu dos Baleeiros, os dois maiores métodos representados são ‘frente linhas e negro forte’ com dezasseis e ‘frente linhas e negro suave’ com quatorze.

Os métodos de gravação ‘frente linhas e negro forte’, ‘frente linhas e negro suave’ e ‘frente linhas, negro forte e suave’, como poderão ver no quadro só não estão representados em dois dos oito métodos criados.

Na percentagem o Museu de Scrimshaw tem quatro métodos só ali representados, perfazendo 100% no Museu dos Baleeiros.

Só entendendo o que é o *Scrimshaw* e o que representa na arte popular açoriana é que poderemos valoriza-lo museologicamente e patrimonialmente, e uma das formas de entender este património único será através da sua preservação. O segundo ponto é a defesa, factor que servirá de alerta para a riqueza deste património, não só o que está presente no museu, mas também na posse de privados. Valorizar enquanto património museológico, mostrando a sua importância histórica e cultural, divulgando-o.

Defender os artesãos locais a trabalhos e produtos vindos do exterior, por exemplo a inundação do mercado açoriano pelo *Fakeshaw*⁵²⁸. Por último a salvaguarda deste

⁵²⁶ Cfr. Anexo IV quadros, Quadros XIX e XX – 23 autores (+2) divididos pelos métodos de gravação.

⁵²⁷ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXI – Métodos de gravação divididos por museus, centros de exposições e lojas de Artesanato.

⁵²⁸ Imitações de dentes verdadeiros utilizando outros materiais.

património, não só no presente mas para as gerações vindouras, da delapidação do património existente e pela não conservação daquilo que existe. Ainda da venda sem controlo, podendo criar mecanismos para seguir o itinerário das gravações que venham a sair do arq..

O trabalho chega assim ao ponto mais importante. Não basta ser-se entusiasta pelo assunto, há que resolver os problemas e encontrar soluções para uma maior salvaguarda deste património, havendo por isso a necessidade de sensibilizar as entidades competentes para que seja alterada a forma como vemos esta arte. Em Portugal Continental apenas tenho conhecimento de uma pequena exposição permanente no Museu de Marinha em Lisboa, esta foi alvo de um inventário.

Para que sejam resolvidas quais são as medidas propostas a tomar, a primeira medida necessária a tomar será a sensibilização de todos os Museus quer sejam privados ou públicos, das lojas de artesanato e artesãos, recolhendo informação dos trabalhos.

A segunda medida será a elaboração de uma base de dados⁵²⁹ que permitirá um inventário geral⁵³⁰ de padrão uniformizado, para que todas as entidades sigam a regra.

A terceira medida é a avaliação, servirá para alertar as comunidades locais para a importância dos bens que se encontram na sua posse, não será uma medida para os retirar da sua posse, mas no caso de quererem vender a alguém, dêem primazia da compra às entidades locais.

Para os museus serão propostas melhoria nas legendagens, elaboração de catálogos, medida essa abrangente à comunidade invisual, neste ponto a proposta a fazer seria a seguinte, colocar três objetos, o primeiro teria o exterior rugoso para que pudessem ter sensação, o segundo uma metade já alisada, e o terceiro já gravado, para que a pessoa através do tacto conseguisse “ver” o que estava ali, por fim a proposta para a criação da peça do mês.

⁵²⁹ A constituição da base de dados será a seguinte, começa pelo número de inventário a criar, as características do trabalho, este ponto aparece apenas quando incluir os trabalhos em entalhe, marfim e osso mandibular, o tema, o subtema, o método de gravação, os autores, sempre que seja possam ser identificados, caso contrário aparece S.D ou seja, sem dados, a data em que foi elaborado sempre que possível, as dimensões, o peso, as ferramentas utilizadas, a propriedade, o museu, se está inserido numa coleção, se está numa loja de artesanato ou num centros de exposições, a localidade onde está e a Ilha.

⁵³⁰ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXV a XLII – Inventário geral com base na ordem dos temas.

Então porque haverá a necessidade de criar um inventário a nível regional de todo o *Scrimshaw* existente nas ilhas, quer seja a nível museológico quer a nível dos colecionadores? Todos nós temos o dever de preservar algo que faz parte da História local, neste caso a memória baleeira.

Servirá para que todos saibam aquilo que existe, de modo a que sempre que seja necessário o objeto seja encontrado. Como na realidade não existe, decidi procurar, encontrei em três páginas da *Internet* uma ajuda, no *The New Bedford Whaling Museum*⁵³¹ no Blogue *The Art of the Whaleman*⁵³² pertencente ao *The New Bedford Whaling Museum's Scrimshaw Collection*, e no *Museum Fine Arts of Boston*⁵³³, são bons modelos a seguir, pelo que, poderemos adaptar à nossa realidade.

O inventário geral⁵³⁴ a realizar iria variar consoante as características do que nos será apresentado, como é o caso dos trabalhos em gravação, e caso se pretenda abranger a restante arte baleeira, englobaremos o entalhe, o trabalho em marfim, e em osso mandibular.

Aquilo que se pretende fazer é o seguinte, comecemos pelo número inventário, tal como acontece no Museu de Marinha cujo inventário tem as iniciais MM seguido do número, nos Açores não será muito diferente, tendo em conta que são nove ilhas, terá que se proceder a algumas alterações.

Iniciais do museu seguido do número e no final as iniciais da Ilha a que pertencem, por exemplo, MFL.00001.SCF.IFL., ou seja, Museu Flores, o número e as iniciais Santa Cruz Flores, Ilha Flores.

Para os outros museus o modo será o mesmo, MSPCS.0001.H.IF., ou seja Museu Scrimshaw Peter Cafe Sport, o número e as iniciais de Horta Ilha Faial. MB.00001.LP.IP., ou seja, Museu Baleeiros, o número e as iniciais Lajes Pico, Ilha Pico. Por fim CECS.0001.SRP.IP., ou seja, Centro de Exposições Casa dos Sofias, o número, São Roque Pico Ilha do Pico.

Sempre que seja necessário criar um inventário noutra museu far-se-á da mesma maneira. Caso seja necessário e se assim o entenderem o inventário geral inclua toda a arte baleeira,

⁵³¹ <https://www.whalingmuseum.org/explore/collections/database>; 27/11/2015, 11h00.

⁵³² <http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/>; 06/01/2017, 09H40.

⁵³³ <http://www.mfa.org>; 12/10/2015, 12h00.

⁵³⁴ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXV a XLII – Inventário geral com base na ordem dos temas.

poder-se-á fazer o seguinte, no exemplo acima escrito ‘MSPCS.0001.H.IF’, antes da letra que define a localidade podemos colocar as iniciais *G, E, M, OM*, correspondentes a gravação, entalhe, marfim, osso mandibular.

Relativamente aos colecionadores e artesãos os quais ou colecionam ou vendem, cabe a cada um decidir o melhor a fazer, no entanto neste caso poderiam estabelecer por exemplo o seguinte, no caso do artesão o Sr. Camilo Costa, CC.00001.LAJLPIP, ou seja, o nome do autor, o número de inventário, Loja de Artesanato Lajense, Lajes Pico e Ilha Pico.

Na legendagem da base de dados e inventário a proposta de composição será a seguinte, o número de inventário, as características do trabalho este ponto aparece apenas quando incluir os trabalhos em entalhe, marfim e osso mandibular, qual o tema, qual o subtema, que gravação foi usada, qual a descrição do trabalho, qual o autor, sempre que seja possam ser identificados, caso contrário aparece ‘s/d’ ou seja, sem dados qual a data em que foi elaborado, quais as dimensões, qual o peso, que ferramentas poderão ter sido utilizadas, quem é o proprietário, qual o Museu em que se encontra, se está em alguma casa de artesanato ou centro de exposições, qual a localidade e por fim a ilha. Ao associarmos uma fotografia que esteja num museu a informação não será tão extensa.⁵³⁵

A avaliação dos *Scrimshaw*, explicada pelo Sr. Manuel Alves Gonçalves, à qual dou o nome de ‘Avaliação MAG’⁵³⁶, é feita com base na possibilidade de integrar a peça num museu, ou seja, quando as entidades se deparam com uma gravação em que a consideram capaz de integrar uma exposição, são chamadas três pessoas pelas entidades competentes, as quais através de um método elaborado por eles avaliam a peça, em 10 itens, atribuindo no final um valor.

Neste ponto tirava os acabamentos, incluía o tipo de trabalho, se era um *Scrimshaw*, em marfim ou osso mandibular. Introduzia ainda o factor anterior e posterior a 1986, criando a alínea *Scrimshaw* evocativo e o turístico.

Introduzia ainda a alínea das novas utilizações e ainda dos Fakeshaw, porquê este último, embora num valor inferior, quem o elaborou fê-lo da mesma forma que o original.

Esta avaliação no meu entender deveria abranger todas as peças existentes, porque servirá para as pessoas que tenham *Scrimshaw* na sua posse, quer por herança ou por serem

⁵³⁵ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXIII – Proposta de legendagem, 10 pontos.

⁵³⁶ Cfr. Anexo II – Modelo de avaliação comercial de *Scrimshaw* segundo o Sr. Manuel Alves Gonçalves.

coleccionadores, ficarem a saber o real valor, no futuro, quando pensarem em se desfazer delas, poderão contatar as entidades competentes para que estas fiquem com a primazia de compra, caso não cheguem a acordo cada uma segue o seu caminho

Hoje em dia num mundo tão tecnológico e com tanta informação à distância de um simples clique, esta forma de arte não pode perder essa onda promissora que é chegar ainda mais longe, utilizando todos os mecanismos possíveis para a sua divulgação, atraindo assim novos olhares, colecionadores e estudiosos.

Outro problema que me deparei na visita aos museus foi a falta de legendagem do *Scrimshaw* em exposição à qual tivesse acesso, por exemplo no Museu de Scrimshaw na Ilha do Faial, a legendagem é nula. Por isso considere importante criar nesta dissertação, um modelo de legendagem adequado a este património. A proposta para a legendagem a utilizar num trabalho em exposição⁵³⁷.

Esta proposta integra um conjunto de dez pontos: 1. o material utilizado, 2. a descrição do trabalho, 3. o ano, 4. as dimensões, 5. o peso, 6. o método de gravação, 7. as ferramentas utilizadas, 8. o autor, 9. a propriedade, 10. número de inventário. Elaborei também uma legendagem mais aprofundada que se organiza em quinze pontos⁵³⁸. Este trabalho de legendagem teria ainda o complemento numa língua estrangeira e em Braille. Caso não seja possível a atribuição de algum item aplica-se a designação já referida anteriormente [s/d] isto é, sem dados.

Quanto à forma de expor os diferentes tipos de *Scrimshaw*, tal como vi no Museu dos Baleeiros, seria utilizado um espelho, para vermos o verso do trabalho, ou então uma bancada expositiva onde seria possível observar a totalidade do trabalho, circulando à sua volta.

Num museu aquilo que chama mais a atenção são as peças importantes, portanto seria interessante criar um catálogo com as melhores peças de cada museu. Um pequeno desdobrável de três partes, no seu interior em cada coluna três *Scrimshaw* com a respetiva informação, o mais sucinta possível ou da mesma forma em como são apresentadas as legendas nas vitrinas de exposição. Teria ainda numa segunda língua e em Braille.

⁵³⁷ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXIII – Proposta de legendagem, 10 pontos.

⁵³⁸ Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXIV – Proposta de legendagem, 15 pontos.

As peças do mês noutra catálogo e também na página do museu seria eleita a peça do mês, ora pela instituição ora numa votação virtual, descrevendo-a aos visitantes, tentando também dar a conhecer um pouco da vida de um autor, por exemplo Manuel Borges de Freitas Henriques, gravador da famosa Alvida, presente na coleção de Jacob Tomaz do Museu dos Baleeiros.

As viagens aos Açores, as visitas efetuadas aos museus e o contacto com a realidade local, fizeram com que entendesse o que é património baleeiro regional.

Deu para perceber ainda que existe muito trabalho pela frente, embora saiba que sozinho não poderei fazer nada, por isso é um objetivo que este trabalho chegue às mãos de quem tem o poder de decidir e que o faça de maneira para que este património não se perca definitivamente. Pelo que após a finalização deste trabalho espero poder ter contribuído para a melhoria dos problemas encontrados e também para que no futuro alguém queira reformular tudo o que fiz, por isso é que este novo estudo científico e público está aberto a novas investigações.

O próximo capítulo irei abordar uma possível exposição em Portugal Continental ou numa das ilhas.

CAPÍTULO V – PROPOSTA ROTEIRO DE EXPOSIÇÃO: A ARTE BALEEIRA NOS AÇORES

O ponto de partida para esta exposição documental parte de saber qual é a necessidade, que dúvidas e objetivos se colocam, parte do princípio que é importante divulgar uma arte conhecida quase unicamente nos Açores, enquanto no continente é quase nulo, terá como objetivos dar a conhecer a história e a cultura açoriana, a ligação da marinha com os Açores e atrair novos turistas, bem como mostrar uma das mais impressionantes artes populares regionais criadas após ferozes lutas nos mares dos Açores.

Quando se pensa criar uma exposição em primeiro lugar há que pensar na elaboração dos conceitos a expor, escolher as peças que ilustrem esses conceitos e encontrar o local adequado para mostrar ao público. Em seguida é importante arranjar patrocínios e mecenas. É igualmente importante estabelecer concretamente os critérios de exposição, o tempo de duração, e a forma de podermos atrair os possíveis visitantes, estes são os mais importantes para o sucesso da possível exibição.

Qual o principal problema na divulgação de um património sobre o qual as pessoas quase nada sabem, como gerar entusiasmo, como conseguir que se sintam atraídas, também as entidades, fazer passar a mensagem sobre a importância de uma exposição, qual seria a vantagem em exhibir um património. Qual seria a vantagem para o Museu que a acolhesse? Quais seriam as vantagens e as desvantagens.

As vantagens desta nova exposição seria dar a conhecer um património ímpar chamando a atenção dos visitantes para a riqueza da fauna açoriana, por exemplo o *Whale Watching*. Outra vantagem, a vontade com que os visitantes ficariam para visitarem cada uma das ilhas.

Para o museu que receberá a exposição, o número de visitantes crescerá durante o tempo da exibição. Poderia ser criado um subtema⁵³⁹.

⁵³⁹ Celebrar os 590 anos da chegada de Diogo de Silves à I. de Santa Maria em 1427.

O problema da divulgação é complexo, como é que se divulga um material que não foi feito para ser objeto de museu, no entanto foi pensado para um uso íntimo, individual, evocativo não só de memórias pessoais, de devoções e vontades pessoais.

A desvantagem seria pelo facto de as pessoas não terem o entusiasmo suficiente para visitar uma exposição cujas peças pertencem a uma parte da História do nosso país.

Como seria feita essa divulgação, pela televisão nacional e regional, nas horas em que passava publicidade sobre o turismo dos Açores, chamando a atenção através de imagens.

Na rádio utilizando as reportagens sobre o turismo nas ilhas açorianas bem como os momentos de publicidade. Em jornais e revistas dedicadas à indústria do turismo nos Açores, na parte cultural estarem lá informações. Na internet criação de publicidade para certas páginas das redes sociais dando informação detalhada, elas são um excelente meio para chegar também a todo o lado e às massas.

Criar páginas nas redes sociais por exemplo e partilhando-a o máximo possível com a data do evento e convidando ainda mais membros chegará a bom porto, por isso podemos valer deste bom ponto de comunicação tal como as fotografias que poderemos colocar no *Instagram*.

Em cartazes publicitários, por exemplo à entrada das localidades existirem informações sobre o que as pessoas podiam visitar.

Nos postos de turismo e nos principais pontos de chegada, nos portos e aeroportos, terem exposto um *Fakeshaw*⁵⁴⁰, chamando a atenção ao visitante para os locais a visitar onde a arte do *Scrimshaw* pode ser apreciada.

Nas escolas, consciencializar as crianças e os jovens para a necessidade da salvaguarda de um património que também é deles, através de ações como é o caso de pequenas exposições.

Nas feiras de turismo, por exemplo na Bolsa de Turismo de Lisboa, colocar expositores com *Scrimshaw* e demais informações, bem como a presença de um artesão a trabalhar um dente, poderá ser uma réplica.

⁵⁴⁰ Não colocar os originais no caso de alguém tentar levar, chamar sim a atenção de quem chega.

Estabelecer parcerias entre os museus regionais para que sejam todos visitados, por exemplo a criação de um bilhete único para quem estiver disposto a conhecer mais da história baleeira açoriana.

Nos hotéis pedir a quem trabalha na recepção para colocar a informação junto a outras já existentes, se conseguir entre sessenta a oitenta hotéis a perspectiva de visitantes será boa. Por último os transportes públicos, além de transportarem milhares de pessoas, levam no seu exterior a publicidade a toda a parte.

Antes de poder organizar esta exposição documental terá que procurar apoios, e em primeiro lugar será o apoio institucional da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, só assim serei recebido e ouvido por todas as instituições que pretendo contactar tanto a nível regional como nacional, também junto do Turismo de Portugal e do Turismo de Lisboa para uma maior credibilidade no projecto.

Para os obter a nível regional terei que procurar nos seguintes locais: No Governo Regional dos Açores e no Turismo dos Açores, ao apelar ao seu apoio, aquilo que irei propor em troca é fazer com que os visitantes desta exposição criem uma grande expectativa e sintam aquele apelo em visitar o Açores, levando a um crescimento no turismo e nas receitas internas, poderíamos trabalhar também em conjunto num *slogan* que seria utilizado na época baixa por exemplo: “*natureza pura mesmo no inverno*” seria utilizado durante a exposição.

Procurar o apoio da Direção Regional do Turismo e Cultura dos Açores, a nível de apoios monetários, fazendo-os ver que esta exposição é muito importante e que os ajudará a ter mais visibilidade, caso esse apoio monetário avance o mesmo irá servir por exemplo para o pagamento do quarto do hotel enquanto o artesão estiver presente.

Quanto à companhia aérea, por exemplo a Azores Airlines, iria pedir apoios para a viagem do artesão.

A tentativa para que seja no Museu de Marinha⁵⁴¹ é fruto disso, primeiro porque foi através do mar que Portugal chegou aos Açores, depois os marinheiros estado-unidenses que alcançaram os Açores para aí fazerem comércio e deixarem o conhecimento de como se gravava um dente de cachalote e por fim pelo facto de mesmo hoje em dia o mar ser

⁵⁴¹ Aa utilização do nome da instituição no decorrer do trabalho faz parte da minha ideia inicial para a elaboração de uma futura exposição servindo por isso como referência, devendo ser entendida dessa forma.

uma das mais importantes vias de ligação entre as ilhas, o espaço propício para a exposição seria junto do bote baleeiro.

Não deixando também de pensar na quantidade de turistas que todos os anos visitam o Museu, fruto da rica História marítima portuguesa, podendo até ser criada para festejar a possível chegada de Diogo Silves a Santa Maria há cerca de 590 anos, podendo este acontecimento ser o factor que desencadeará esse processo.

A localização também é tida em conta pois todos os dias recebe centenas de turistas vindos dos *quatro cantos* do mundo.

Os Museus a quem iria propor a participação iriam enviar as suas peças, quatro a seis no máximo, tendo o seu nome exposto em cada vitrina para que os visitantes pudessem identificar com clareza, bem como o nome, o autor e o ano em que foi feito cada trabalho, Centro de Exposições Casa dos Sofias de São Roque do Pico, o Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, o Museu de Scrimshaw situado no interior do Café do Peter na cidade da Horta, o Museu das Flores localizado em Santa Cruz das Flores.

Irei propor a uma agência de viagens – que se associe no patrocínio dos expositores e que em troca ficaria com um pequeno local para expor o seu material bem como a venda das viagens dos possíveis interessados, não esquecendo a possível parceria com a Azores Airlines.

A exposição seria organizada da seguinte forma, seria um local propício, por exemplo o Museu de Marinha devido à ligação com a descoberta dos Açores sendo também uma ligação com o mar, que desde moldou a alma açoriana. Ainda hoje a marinha tem um papel fulcral nos Açores.

A duração desta exposição seria de um mês, iremos ter presente no local um artesão que irá trabalhar ao vivo algumas peças e que irá ser o elo de ligação com a exposição, no entanto e se houvesse alguma incompatibilidade de agenda a mesma poderá ser apoiada num vídeo.

Haverá a possibilidade de tocar num dente por trabalhar e outro já pronto para ser trabalhado, para podermos dar ao visitante a percepção de como é realmente o dente.

O vídeo no local tem a vantagem de servir tanto para o visitante regular como para os visitantes com deficiências visuais que aproveitariam o áudio. O vídeo irá ter duas versões que passam sequencialmente, uma com legendas em português, para o público com

dificuldades auditivas, o outro com legendas em inglês, para visitantes estrangeiros. A exposição terá igualmente informação disponibilizada em suporte de papel em português e inglês, distribuição de folhetos igualmente nos dois idiomas, um falará sobre a exposição, outro falará sobre locais a visitar nos Açores, bem como a distribuição de informação em Braille.

Tentativa de colocar produtos à venda durante a exposição, gravações em dente de cachalote e outros trabalhos realizados em osso, marfim ou mandíbula de cachalote.

Quanto à exposição, no local teríamos sete painéis informativos para ajudar quem nos visita a compreender aquela exposição e são eles o primeiro painel sobre a Marinha Portuguesa e o Museu de Marinha, segundo painel será sobre o cachalote, no entanto, e sem esconder a história iremos mencionar e sensibilizar quem nos visita para a caça, explicaremos que a caça não era feita por desporto mas sim por uma necessidade.

O terceiro painel será sobre a História da Baleação, o quarto painel será sobre os Açores, o quinto e sexto painel será sobre o *Scrimshaw*, este painel irá ajudar quem nos visita a ter uma percepção sobre o que é esta arte, o sétimo painel será sobre outros trabalhos realizados em osso mandibular, entalhe e marfim de cachalote bem como as novas utilizações.

Falta falar da composição de cada painel, o mesmo vai ser composto por fotografias e pequenos textos. O visitante da exposição não está para perder tempo com leituras longas, a sua atenção irá ser captada pela fotografia.

O Painel⁵⁴² irá ser composto pelo seguinte modo, como poderão ver em baixo com as letras A,B e C, possivelmente os símbolos dos locais e dois patrocínios, a letra D na base, poderá ser um contacto, uma página da internet para conhecimento das pessoas que estão a ver os painéis.

As seis fotografias, com os números de um a seis serão acerca do assunto do painel exposto bem como uma pequena frase, mas que entre marque quem a lê.

No primeiro painel, o exemplo da Marinha Portuguesa e o Museu de Marinha, no entanto poderá ser outro, seria uma tarefa hercúlea tentar escrever ou escolher durante os seus 900 anos de História os momentos marcantes da Marinha em Portugal, no entanto, tentei

⁵⁴² Cfr. Anexo IV quadros, Quadro XXII – Quadro de exposição.

escolher os pontos que achei mais relevantes para a história dos Açores balizando a minha escolha entre os Séculos XII e XVI.

A escolha do Museu de Marinha – o Rei D. Luís I em 1863 reúne objectos para criar um espólio marítimo naquilo que se pode considerar os antecedentes do actual – aconteceu com toda a naturalidade.

Desde muito cedo que a Marinha – *muitas vezes de uma forma menos organizada* – está ligada aos destinos de Portugal, por exemplo em 1180, o Rei D. Afonso Henriques ao largo do Cabo Espichel derrota uma armada estrangeira, no entanto o primeiro grande avanço, terá sido com D. Dinis – *Em São Roque do Pico existe uma estátua em sua homenagem* – quando no ano de 1312 nomeia Manuel Pessanha para primeiro Almirante da Marinha.⁵⁴³

Foi com a ajuda da marinha – *não na forma como a conhecemos hoje* – que em 1427 Diogo de Silves descobre a Ilha de Santa Maria, e a partir de 1432, a mando daquele que foi um dos maiores responsáveis pela expansão marítima, o Infante D. Henrique, Gonçalo Velho Cabral inicia a colonização das Ilhas e que passados vinte cinco anos, em 1452 ficam conhecidas todas as ilhas. Passo a explicar com base no mapa mostrado no assunto anterior.

No espaço reservado referente à letra A, irá estar o logotipo de uma entidade que receba a exposição.⁵⁴⁴

No espaço reservado referente à letra B, irá estar o lema de uma entidade que receba a exposição.⁵⁴⁵

No espaço reservado referente à letra C, irá estar o logotipo da entidade que receba a exposição.⁵⁴⁶

No espaço reservado referente à letra D, poderá estar o endereço eletrónico das duas instituições por forma de chamar a atenção aos visitantes.

⁵⁴³ Poderá ter sido essa decisão que permitiu passados 103 anos partir para os Descobrimentos.

⁵⁴⁴ [Http://www.marinha.pt/](http://www.marinha.pt/); 11/05/2016, 10h47. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 34 – Marinha Portuguesa.

⁵⁴⁵ Idem. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 35 – Marinha Portuguesa.

⁵⁴⁶ [Http://museu.marinha.pt/pt/Paginas/default.aspx](http://museu.marinha.pt/pt/Paginas/default.aspx), 27/03/2016, 11h00. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 36 – Logotipo do Museu de Marinha.

Em relação às fotografias a utilizar serão seis acompanhados por pequenas legendas mas que sejam claros para o entendimento de quem lê.

A primeira fotografia⁵⁴⁷ terá a seguinte legenda: 1312 Manuel Pessanha é nomeado 1º Almirante da Marinha Portuguesa.

A segunda fotografia será do Portulano Mediceo Laurenziano⁵⁴⁸ terá a seguinte legenda: 1351, As Insulae de Cabrera, do Brazil, Venture, Ave de Colombis, Corvis Marinis assim designadas as ilhas de Santa Maria e São Miguel, Terceira, Venture, Pico e Flores.

A terceira fotografia⁵⁴⁹ terá a seguinte legenda: 1427 Diogo de Silves descobre Santa Maria, a primeira ilha dos Açores.

A quarta fotografia⁵⁵⁰ terá a seguinte legenda: 1452, 25 anos depois Diogo de Teive descobre oficialmente as I. das Flores e do Corvo, estão descobertas as todas as ilhas.

A quinta fotografia⁵⁵¹ terá a seguinte legenda: 1492, 1ª carta de marear portuguesa elaborada por Jorge Aguiar.

A sexta fotografia⁵⁵² terá a seguinte legenda: 1584, 1º mapa dos Açores com todas as ilhas, elaborada por Luís Teixeira e Abraham Ortelius.

O segundo painel sobre o cachalote chegámos àquela que é a chave de toda a exposição documental, mais uma vez relembrando os nossos visitantes que a caça ao Cachalote era por pura necessidade por parte das famílias açorianas que viram nele uma excelente fonte de rendimentos extra, como disse anteriormente para colmatar os poucos rendimentos resultantes da pesca e agricultura.

⁵⁴⁷<http://diniztiadeodivelas.blogspot.pt/2011/10/contrato-celebrado-entre-ddinis-e-micer.html>, 11/05/2016, 11h52. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 37 – Contrato celebrado entre o Rei D. Dinis e Manuel Pessanha.

⁵⁴⁸ <https://voynichimagery.wordpress.com>, 11/05/2016, 11h28. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 38 – Portulano Mediceo Laurenziano).

⁵⁴⁹ <http://i45.servimg.com/u/f45/11/85/76/46/05122.jpg>, 11/05/2016, 11h38. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 39 – Diogo de Silves).

⁵⁵⁰ <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/d33.html>, 11/05/2016, 11h48. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 40 – Ilhas do Corvo e Flores).

⁵⁵¹ <https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/266413066796886/?type=1&theater>, 11/05/2016, 12h02. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 41 – Carta de marear de Jorge Aguiar.

⁵⁵² <https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/209225835848943/?type=1&theater>, 11/05/2016. 23h30. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 42 – Primeiro mapa completo do Arquipélago dos Açores.

O cachalote é um dos maiores animais na Terra, vai até aos vinte e um metros de comprimento, o seu peso pode chegar às setenta toneladas, a sua cabeça chega a ter entre vinte e cinco e trinta e cinco por cento do comprimento total do corpo⁵⁵³.

A sua cor é cinzenta, o céu-da-boca branco, os seus olhos são pequenos estando localizados lateralmente, esse factor era utilizado pelos pescadores/caçadores para se irem aproximando na diagonal de trás para frente, quando o Cachalote quer ver algo que se passa acima da superfície inclina-se para um dos lados.

A alimentação é variada, alimenta-se de raias, de peixes, de tubarões e de Lulas gigantes havendo relatos de cachalotes apanhados com cicatrizes dessas lutas, este animal das profundezas poderá atingir um peso de dez quilos. Passo a explicar com base no painel a ordem das fotografias.

No espaço reservado referente à letra A, aqui a fotografia irá estar centrada, por isso não existe o B e o C, irá estar o logotipo da Azores Airlines. Fundada em 1941 é a principal companhia aérea dos Açores.

No espaço reservado referente à letra D, poderá estar o endereço eletrónico da instituição por forma de chamar a atenção aos visitantes.

Em relação às fotografias a utilizar serão seis acompanhados por pequenos textos mas que sejam como setas certas ao entendimento de quem as lê.

A primeira fotografia será do Cachalote⁵⁵⁴ terá a seguinte legenda: Cachalote, nos seus quase vinte metros, o maior habitante dos Açores.

A segunda fotografia será do *habitat* do Cachalote⁵⁵⁵ terá a seguinte legenda: o *habitat* do Cachalote, o verdadeiro rei dos cinco oceanos.

A terceira fotografia será da alimentação preferida do Cachalote⁵⁵⁶ terá a seguinte legenda: A lula gigante sua alimentação preferida não cede sem uma grande luta.

⁵⁵³ Dado retirado da exposição no Museu de Cachalotes e Lulas.

⁵⁵⁴ [Http://assets.muitointeressante.com.br/uploads/content_cachalote.jpg](http://assets.muitointeressante.com.br/uploads/content_cachalote.jpg), 11/05/2016, 11/05/2016. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 43 – Cachalote – *Physeter Macrocephalus*.

⁵⁵⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 44 – Habitat do Cachalote.

⁵⁵⁶ [Http://www.tricurioso.com/wp-content/uploads/2015/07/calamar-gigante1-1024x574.jpg](http://www.tricurioso.com/wp-content/uploads/2015/07/calamar-gigante1-1024x574.jpg), 11/05/2016, 22h00. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 45 – O alimento preferido do cachalote.

A quarta fotografia será sobre a complexidade da cabeça do Cachalote⁵⁵⁷ terá a seguinte legenda: O seu interior era uma verdadeira máquina.

A quinta fotografia será sobre a barbatana caudal do Cachalote⁵⁵⁸ terá a seguinte legenda: media entre dois a quatro metros de comprimento.

A sexta fotografia será sobre o *Spermaceti* – o ouro dos mares⁵⁵⁹ terá a seguinte legenda: O Cachalote além de nadar também iluminava as nossas casas.

O terceiro painel abordará a História da Baleação, num mundo que não era igual ao de hoje, há cerca de 8 000 anos, onde é hoje a Coreia do Sul, estão as mais antigas representações de baleias que se conhece. Passo a explicar com base no painel a ordem das fotografias tal como mostrado no capítulo da Exposição Documental

No espaço reservado referente à letra A, aqui a fotografia irá estar centrada, por isso não existe a letra C, irá estar o logotipo do Turismo de Portugal.

No espaço reservado referente à letra D, poderá estar o endereço eletrónico da instituição por forma de chamar a atenção aos visitantes.

A primeira fotografia será das pinturas rupestres da Coreia do Sul⁵⁶⁰ terá a seguinte legenda: Marcas do passado

A segunda fotografia será onde habitam os Inuits⁵⁶¹ terá a seguinte legenda: A terra dos Inuits, no topo do mundo.

A terceira fotografia será um mapa de baleação basco⁵⁶² terá a seguinte legenda: Do Golfo da Cantábria para o mundo.

A quarta fotografia será sobre Moby Dick⁵⁶³ terá a seguinte legenda: Um cachalote com vontade de vencer.

⁵⁵⁷ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 46 – Composição da cabeça do cachalote.

⁵⁵⁸ https://farm4.staticflickr.com/3860/1497423_b.jpg, 12/05/2016, 15h00. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 47 – Barbatana caudal do cachalote.

⁵⁵⁹ https://farm4.staticflickr.com/3860/14977628946_369f6e6423_b.jpg, 12/05/2016, 15h30. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 48 – Óleo de espermacete e uma vela.

⁵⁶⁰ <http://www.crystalinks.com/fossilwhales.html>, 12/05/2016, 18h00. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 49 – Pinturas rupestres c.9000 a.C. Coreia do Sul.

⁵⁶¹ http://8bishumanities.weebly.com/uploads/2/9/0/5/29050699/6787800_orig.gif, 12/05/2016, 18h10. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 50 – Inuits, no topo do mundo.

⁵⁶² https://euskalbideak.wordpress.com/Euskal_Herriko_baleazale, 12/05/2016, 18h18. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 51 – Do golfo da Cantábria para o mundo).

⁵⁶³ <http://cdn2.mhpbooks.com/2013/04/moby-dick.jpg>, 12/05/2016, 18h25. Ver também, Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 52 – Moby Dick, cachalote contra os baleeiros).

A quinta fotografia será de um âmbar gris⁵⁶⁴ terá a seguinte legenda: Âmbar Gris para a indústria dos perfumes de luxo.

A sexta fotografia será a de um trancador⁵⁶⁵ terá a seguinte legenda: Trancador, a partir daquele movimento começava tudo.

O quarto painel será sobre os Açores, Gaspar Frutuoso escreveu sobre as primeiras referências sobre relativas à baleação, quando escreve sobre as '*Favas do Mar*', quando eram avistadas e caçadas na costa de São Miguel.⁵⁶⁶ Passo a explicar com base no painel a ordem das fotografias tal como mostrado no capítulo da Exposição Documental

No espaço reservado referente à letra A e B, irá estar o logotipo do Turismo dos Açores, do Visit Azores e do Governo Regional.

No espaço reservado referente à letra D, poderá estar o endereço eletrónico da instituição por forma de chamar a atenção aos visitantes.

A primeira fotografia será sobre um bote baleeiro⁵⁶⁷ terá a seguinte legenda: Onze metros e 7 homens contra os 21 metros e 70 toneladas de um Cachalote

A segunda fotografia será sobre os utensílios utilizados na caça⁵⁶⁸ terá a seguinte legenda: A lança, o arpão e a espeide, todos contam a sua história de caça

A terceira fotografia será sobre a rampa da plataforma⁵⁶⁹ terá a seguinte legenda: Rampa de Varagem.

A quarta fotografia⁵⁷⁰ será a diferença de tamanho entre o Homem e o animal⁵⁷¹ terá a seguinte legenda: Pequenez humana

A quinta fotografia⁵⁷² será sobre o desmanchar do cachalote.⁵⁷³ A legendagem será: Desmancho do Cachalote, o processo de separação.

⁵⁶⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 12 – Âmbar cinzento.

⁵⁶⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 21 – Tema, Baleeiros.

⁵⁶⁶ FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Quarto, das Saudades da Terra, vol. II*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; pp.92-94; 1981.

⁵⁶⁷ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 8 – Bote baleeiro.

⁵⁶⁸ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 53 – Utensílios de caça ao cachalote.

⁵⁶⁹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 54 – Plataforma de desmancho.

⁵⁷⁰ [Http://bushcraft-pt.org/forum/viewtopic.php?f=73&t=4051](http://bushcraft-pt.org/forum/viewtopic.php?f=73&t=4051), 14/05/2016, 00h27.

⁵⁷¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 55 – Diferenças de tamanho.

⁵⁷² [Https://companhiadasilhasloja.files.wordpress.com/2012/05/postais-baleias-2.jpg](https://companhiadasilhasloja.files.wordpress.com/2012/05/postais-baleias-2.jpg), 14/05/2016, 00h18.

⁵⁷³ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 56 – Desmanche do cachalote.

A sexta fotografia⁵⁷⁴ será sobre regata⁵⁷⁵ terá a seguinte legenda: da necessidade da caça à necessidade da preservação da memória.

O quinto painel e sexto painel abordará o *Scrimshaw* e no sétimo o osso mandibular, entalhe, marfim e as novas utilizações, aqui entramos agora no assunto que me levou a querer elaborar uma exposição documental devido ao seu valor artístico, museológico, patrimonial e cultural. Passo a explicar a composição dos quintos, sextos e sétimos painéis

No quinto, sexto e sétimo painel no espaço reservado referente à letra A, a B e a C irá estar o logotipo de um museu da RAA. No espaço reservado referente à letra D, poderá estar o endereço eletrónico da instituição por forma de chamar a atenção aos visitantes.

Em relação às fotografias no 5º no 6º e no 7º Painel, a composição terá fotografia e um pequeno texto, a quem pertence, ao todo cerca de vinte trabalhos, a uma escala que seja facilmente apreciado, caso seja possível com o nome do autor da gravação, a data e o que está representado.

No quinto painel e sexto painel as fotografias irão ser alusivas aos temas criados. No primeiro os temas serão sete, Século XVIII-XIX⁵⁷⁶, policromia⁵⁷⁷, baleeiras⁵⁷⁸, baleação⁵⁷⁹, baleeiros⁵⁸⁰, paisagem⁵⁸¹, religioso⁵⁸². No segundo painel os temas serão oito, profissões⁵⁸³, rosto homem⁵⁸⁴, rosto mulher⁵⁸⁵, rosto criança⁵⁸⁶, rosto diversos⁵⁸⁷, animais⁵⁸⁸, diversos⁵⁸⁹ e por fim os desejos.⁵⁹⁰

⁵⁷⁴ <http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/139/1398292.jpg>, 14/05/2016, 00h36.

⁵⁷⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 57 – Regata baleeira.

⁵⁷⁶ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 17 – Tema século XVIII – XIX.

⁵⁷⁷ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 18 – Tema policromia.

⁵⁷⁸ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 19 – Tema baleeiras.

⁵⁷⁹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 20 – Tema baleação.

⁵⁸⁰ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 21 – Tema baleeiros.

⁵⁸¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 22 – Tema paisagem.

⁵⁸² Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 23 – Tema religioso.

⁵⁸³ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 24 – Tema profissões.

⁵⁸⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 25 – Tema rosto homem.

⁵⁸⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 26 – Tema rosto mulher.

⁵⁸⁶ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 27 – Tema rosto criança.

⁵⁸⁷ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 28 – Tema rosto diversos.

⁵⁸⁸ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 29 – Tema animais.

⁵⁸⁹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 30 – Tema diversos.

⁵⁹⁰ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 31 – Tema desejos.

Por fim o sétimo painel está reservado para os outros trabalhos da arte baleeira, o entalhe⁵⁹¹, o osso mandibular⁵⁹², o marfim⁵⁹³ o marfim vegetal⁵⁹⁴ e por fim um *Fakeshaw*.⁵⁹⁵

Por fim, a tentativa de trazer para o local um artesão, vindo dos Açores, que irá, numa bancada apropriada para o efeito trabalhar e explicar às pessoas como trabalha as suas peças. Irá trabalhar um dente, desde a sua fase mais pura até à fase em que se encontra já acabada e pronta para o trabalho final que é o desenho e o preencher com a tinta. Ao mesmo tempo irá expor os seus trabalhos. Poderá responder às perguntas que lhe forem colocadas.

Durante a exposição iremos informações relativas às nove ilhas, será um chamariz para os visitantes irem até aos Açores, através da divulgação de atrações presentes em cada uma das ilhas, por exemplo, no Corvo, o sossego e o mergulho para observação de belos exemplares marinhos.

Estas serão as ideias para uma possível exposição a realizar, servirá essencialmente divulgar uma arte, para que as pessoas tomem conhecimento para trabalhos únicos, evocativos, de memória e hoje em dia turístico, de todo um trabalho minucioso tanto no passado como nos dias de hoje, e que sintam vontade em aprofundar ainda mais esse conhecimento adquirido durante o tempo de visita.

⁵⁹¹ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 5 – Trabalho em entalhe.

⁵⁹² Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 6 – Trabalho em osso mandibular.

⁵⁹³ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 13 – Trabalho em marfim.

⁵⁹⁴ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 58 – Trabalho em marfim vegetal.

⁵⁹⁵ Cfr. Anexo III, apêndice fotográfico, Foto. 14 – Trabalho em Resina.

CONCLUSÃO

A escolha deste tema nasceu durante uma conversa entre alunos da Pós-Graduação em *Tour-Guiding*, do Instituto Superior Novas Profissões e o Professor Doutor Anísio Franco, embora fosse ainda uma ideia muito embrionária e muito vaga o tema seria relativo a uma forma de arte açoriana, o *Scrimshaw*, com a ideia de estar presente no mobiliário açoriano, gerou imediatamente consenso entre todos e assim ficou, também ficámos com a ideia que não existiam muitos trabalhos escritos à volta deste tema o que poderia ser uma mais-valia, no entanto devido a leituras relativas à questão aqui debatida a arte permaneceu mas o objectivo inicial foi momentaneamente deixada de parte.

Ainda antes do início das aulas de mestrado iniciei a pesquisa de um modo aleatório à procura de referências no entanto à medida que o tempo ia passando a questão do mobiliário foi ficando para trás à medida que aprofundava o conhecimento do trabalho em dente de cachalote, o *Scrimshaw*.

Fui recolhendo informações globalmente em museus cujos países tinham ligações com o mar, mais tarde cingi a pesquisa à zona do Atlântico Norte, passando a ser apenas entre os EUA, o Arquipélago dos Açores⁵⁹⁶ e Portugal Continental⁵⁹⁷.

Após o início de aulas e de forma mais orientada as pesquisas foram sendo mais claras, no entanto encontrei quase sempre as mesmas informações, sobre o que era, a sua possível origem, como teria chegado aos Açores, as ferramentas, métodos de gravação e que trabalhos se podiam gravar a partir da gravação, José Mousinho de Figueiredo e Luís Gomes Vieira são os dois autores portugueses que mais escreveram sobre o assunto, teve um trabalho mais vasto, mas mesmo assim, não estava incluído a preservação museológica.

Com a necessidade de perceber melhor a realidade local efectuei duas viagens ao Arquipélago em 2016, a primeira em Março, onde visitei a Ilha do Pico e São Jorge, e em Setembro à Ilha do Faial. Até chegar lá entrei em contacto com as entidades locais a pedir informações sobre o meu tema. Foi-me enviado documentos com informações, sobre a

⁵⁹⁶ Com o decorrer das pesquisas percebi que o centro histórico da baleação e arte de gravação eram as Ilhas do Faial e do Pico no grupo central.

⁵⁹⁷ Não me debrucei na temática baleeira do Arquipélago da Madeira.

história do *Scrimshaw*, quais as ilhas em que a arte da gravação ainda era praticada bem como dos artesãos e dos museus e centros de exposições. Enviei correio eletrónico para as entidades locais e artesãos e pessoas ligadas ao mundo da baleação, a solicitar encontros com artesãos, marcando visitas a Museus e Centros de Exposições e Lojas de Artesanato.

No local à medida que me ia documentando deparei-me com algumas dificuldades dentro dos espaços expositivos relacionado por exemplo com as leitura das peças, por a inexistência de um inventário e de uma base de dados, e ainda a legendagem das peças expostas a até a forma em como estão expostas, quanto aos privados, mesmo sabendo que as suas peças são para venda, o problema descrito anteriormente manteve-se.

A partir daqui encontrei então o objectivo deste trabalho, o estudo a divulgação e proteção de um património único, invocativo e essencial à preservação da História Baleeira dos Açores, o *Scrimshaw*, bem como a sua defesa e salvaguarda, além da tentativa de alertar as entidades locais e privadas para a necessidade da elaboração de um inventário geral que possa abranger todas as ilhas, todos os museus e todos os colecionadores que assim o desejem, aliado ao facto de ficar uma proposta para uma possível exposição temática, a ser realizada preferencialmente em Lisboa, ou numa ilha.

A visita aos locais e ter falado com as pessoas, permitiu que entendesse todo o processo que ia desde a retirada do dente da mandíbula, passando pela secagem, raspagem, elaboração e definição da gravação do tema pretendido. Nos museus fiquei a perceber como o dente podia ser tratado, bem como os *Scrimshanders*, que em tempos trabalharam não só o *Scrimshaw*, mas também o entalhe, as mandíbulas e peças únicas, como foi o caso do Mestre João Flores e os seus trabalhos em torno.

Após o tratamento dos dados permitiu que conseguisse criar uma primeira base de dados a ser melhorada no futuro, um inventário, utilizar uma avaliação existente melhorando-a, elaborando temas e subtemas, bem como uma proposta de exposição futura preferencialmente em Lisboa.

Todo o processo levou a que com a elaboração da dissertação fossem criados cinco capítulos, no primeiro, *A baleação*, no segundo, *Scrimshaw um património praticamente desconhecido das origens à actualidade*, no terceiro, *Arte, técnica e materiais: especificidades de um património*, no quarto, *Scrimshaw, preservação de um património*

impar e por último no quinto, *Proposta de roteiro de exposição: a arte baleeira nos Açores*.

O primeiro capítulo serviu para a contextualização da problemática da baleação. Ao longo deste ponto o cachalote é abordado desde a sua evolução, interpretação nas mais variadas formas, os arrojamentos, das primeiras referências até ao momento em que é criada indústria, que nos EUA entra em decadência após a descoberta do petróleo mas que nos Açores continua até 1986.

No segundo capítulo e estabelecendo ligação ao anterior procurei saber qual o estado da questão, quer fosse através da pesquisa bibliográfica ou da *webgrafia*. Saber o que cada autor escreveu e se em Portugal alguém tinha abordado o tema da mesma forma que esta dissertação. Procurei dar o reconhecimento da importância histórica e artística, resultado por isso da consciência de que existe um património muito interessante do ponto de vista iconográfico e sociológico. Para o futuro haverá a tentativa para fazer um levantamento exaustivo da arte baleeira que por sua vez conduzirá a uma elaboração de uma base de dados regional e a um inventário geral, que englobará museus e proprietários

No terceiro capítulo aprofundando o conhecimento abordei a especificidade deste património, o dente como tema central, desde a sua fase inicial até ao momento em que acaba de ser gravado. A referência aos primeiros materiais gravados em picotado. No decorrer do trabalho abordei ainda as técnicas, as ferramentas utilizadas, os materiais os temas e as suas utilizações noutros materiais, nomeadamente as resinas.

No quarto capítulo abordei a preservação do património e a sua valorização no espaço museológico, tal como escrito anteriormente não encontrei bases de dados, inventários, a inexistência de legendagens para a interpretação do Scrimshaw e ainda inexistência de catálogos nos museus, centros de interpretação e lojas de artesanato, dado isso, procedi à elaboração de alguns pontos a serem mostrados futuramente às entidades reguladoras para a preservação deste património ímpar.

Por fim o quinto capítulo, todo ele dedicado a um roteiro de exposição, partiu do princípio que é importante divulgar uma arte conhecida unicamente nos Açores. Partiu de várias perguntas, qual a necessidade de uma exposição, quais as dúvidas e objectivos, O objectivo partiu ainda da vontade em dar a conhecer a História e Cultura baleeira Açoriana, a ligação com o mar e a expectativa de atrair mais turistas. Abordei ainda a sua divulgação, qual a vantagem em expor, os apoios e mecenato e por fim a organização do

evento bem como a presença de um artesão no local. Passou ainda por mostrar uma das mais impressionantes artes populares regionais.

Este trabalho servirá ainda defender os artesãos locais, alertar as pessoas para a riqueza do património existente a sua história e herança do passado, bem como a importância cultural, valorizando toda uma arte invocativa de um tempo não muito distante, servirá ainda para que todos os interessados possam tirar ideias, será aberto a novas investigações e caso pretendam aprofundar ainda mais a questão da salvaguarda do património, podendo ser ainda adaptado a outras regiões de Portugal que tenham *Scrimshaw* e não tenham tomado quaisquer medidas de proteção. Será ainda um novo trabalho científico que permitirá uma nova abordagem ao tema.

O *Scrimshaw* é uma marca identitária de uma região, logo, necessita de uma política concertada que promova a sua valorização como arte e também como património proveniente de um tempo não muito distante.

Assim considerando é essencial que lhe seja reconhecido valor histórico e o estatuto de herança cultural, só assim pode, através da legislação adequada, ser devidamente preservado.

A preservação e apresentação museológica devem caminhar lado a lado com o desenvolvimento do potencial turístico deste património.

Os museus, artesãos e colecionadores têm um papel fundamental na preservação dessa memória, pelo que urge criar programas de incentivo.

E ainda o “*Whale watching*” como forma de aprendizagem, com ligação ao ambiente escolar.

A conclusão que tiro ainda é que nos Açores é necessário aprofundar o estudo enquanto arte, saber o que existe na realidade, entrar em contacto com museus, com os colecionadores, não para lhes tirar o que é deles, mas para alertá-los para a qualidade do *Scrimshaw* na sua posse, ou não fosse uma marca identitária de toda uma região.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, João; *Baleação pelos Açores na dinâmica atlântica desde o Século XVIII*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, volume XLV, tomo II, pp.1275-1299; 1987.

AFONSO, João; *Dos Anais da Família Dabney para a História oitocentista dos Açores numa perspectiva atlântica*; O Faial e a periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX. Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993; pp. 231-265; Edição Núcleo Cultural da Horta; 1995.

AFONSO, João; *Mar das Baleias e de Baleeiros*; Edição da Direcção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais, Angra do Heroísmo – Açores; 1ª Edição, 1998.

AFONSO, João; *Marfins do Mar, enquanto a baleia não surgia...a pequena arte dos baleeiros*; Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo – Lisboa, 4ª Série, nº22, pp. 65-75; Edição do Secretariado Nacional da Informação, Cultura e Turismo; 1967.

AFONSO, João; *Reflexos da emigração em duas composições práticas de Vitorino Nemésio*; Islenha, Funchal, n.º26, Jan.-Jun. 2000, pp.138-142. 2000.

AFONSO, João Dias; *Relação entre os Estados Unidos para a História da Baleação atlântica* – Comunicação apresentada em sessão ordinária de 18 de Junho de 1997; Anais da Academia Portuguesa da História – Lisboa; 3ª Série, Vol.1, pp.319-405; 2008.

AFONSO, João; *Thomas Amory, mercador nos Açores 1706-1719, as suas cartas e as de W. Bolton*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Vol. XXXVIII pp.1-59, Edição União Gráfica Angrense; 1980.

AGUIAR, Cristóvão; *Emigração e outros temas ilhéus: Miscelânea*; Ponta Delgada. Edição Signo; 1992.

ALMEIDA, Gabriel de; *Os Açores e a indústria piscatória, 1432-1892*; Typografia do Campeão Popular, São Miguel – Açores; 1892.

ALMEIDA, Gabriel de; *Os Açores e a indústria piscatória. Nova Edição. Precedida de um artigo crítico do esclarecido escriptor o exmo. Sr. António Maria de Freitas (Nicolau Florentino)*; Typ. Popular, Ponta Delgada, São Miguel; 1893.

ALMEIDA, João Ferreira (Trad); *A Bíblia Sagrada contendo o novo e velho testamento*; Edição Revista e corrigida, Depósito das Escrituras Sagradas, Lisboa; 1968.

AMARAL, Armando; *Horta/New Bedford: cidades por baleia irmanadas*; Edição Câmara Municipal da Horta; 2001.

ANDRADE, Alexandra, MAIA, Margarida; *Artes e ofícios tradicionais dos Açores*; Edição Centro Regional de Apoio ao Artesanato; 2000.

ANGLIN, João; *Livros estrangeiros sobre os Açores*; Colóquio, Lisboa, n.º41, pp.42-44; 1966.

ATAÍDE, Luís; *Etnografia: arte e vida antiga dos Açores*; Edição Facsimile; 2011.

ÁVILA, Ermelindo (Introdução Histórica), ÁVILA, Sérgio (Fotografia), BETTENCOURT, Sidónio (Texto); *A Balada das Baleias*; Edição Veraçor Lda.; 2007.

ÁVILA, Ermelindo; *Emigrados imigrantes*; Edição Gráfica Açoriana Lda.; 1996.

ÁVILA, Ermelindo; *Semana dos baleeiros, conferências*; Edição Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico; 1993.

ÁVILA, José Gabriel, (Coord); *Vidas no Mar – Estórias de baleeiros e pescadores contadas em 1976*; Edição da Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico; 2010.

AZEVEDO, Orlando; *Campanhas Oceanográficas do Príncipe do Mónaco nos Açores*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Vol. LVII, pp. 431-434. 1999.

BARTHELMESS Klaus, SVANBERG, Ingvar; *Linnaeus' Whale, A wash drawing of bottlenose whales (*Hyperoodon ampullatus*, Forster, 1770) at Hammarby with remarks on the early depictions of the species*; Lychnos. Årsbok för idéoch lärdomshistoria (Annual of the Swedish History of Science Society) pp. 303-317. Uppsala: Lärdomshistoriska Samfundet. 2006.

BARREIROS, Maria Helena; *Entre a terra e o mar*; História, Lisboa, 3ª Série, ano XXIII, n.º 33 (Fev.2001), pp.58-60; 2001.

BESSONE, Porfírio; *Dicionário cronológico dos Açores*; Edição do autor; 1932.

BETTENCOURT, Urbano; *Baleias e botes baleeiros lançados nas linhas do texto*; Gávea-Brown, Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Americanos, Providence, vol. XII-XIV, pp. 5-16; Edição Gávea-Brown; Jan. 1991 – Dez. 1993.

BORGES, Sónia; GOULART, Arlene; *Guia/Roteiro Ilha do Pico*; Edição Adeliçor – Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, 2009.

BRANDÃO, Raul; *A pesca da baleia e outras narrativas*; Edição Porto Editora; 2014.

BRANDÃO, Raul; *As Ilhas Desconhecidas, notas e paisagens*; Edição Perspectivas e Realidades; 1926.

BRITO, Cristina, JORDÃO, Vera; *A baleación Medieval e Moderna en Portugal: Que nos din as fontes históricas*; Eubalaena, Publicación de Sección Científica da Coordinadora para o Estudo dos Mamíferos Mariños, N.º14, pp.28-41, 2014.

BRITO, Cristina et al; *Archeological Remains Accounting for the Presence and Exploitation of the North Atlantic Right Whale Eubalaena glacialis on Portuguese Coast (Peniche, West Iberia), 16th to 17th Century*; Plos one, Volume 9, Issue 2; pp. 1-12; 2014.

BRITO, Cristina; *Assessment of Catch statistics during the land-based whaling in Portugal*; CHAM – Centro de História de Além-Mar; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; JMBA2 «Journal of the Marine Biological Association» – Biodiversity Records – Published Online, pp. 1-5; 2007.

BRITO, Cristina et al (2); *Biomass removal from shore-based whaling in the Azores*; Fisheries Research N.143, pp.90-101; 2013.

BRITO, Cristina; SOUSA, Andreia; *Historical stranding's of cetaceans on the Portuguese coast: anecdotes, people and naturalists*; Marine Biodiversity Records, pp.1-8; 2011.

BRITO, Cristina; *Land-based Sperm Whalin the Azores: Historical and Socio-Economical*; Kommandor Chr. Christensens Hvalfangstmuseum; pp.123-129; p.124; 2007.

BRITO, Cristina; *Medieval and Early Modern Whaling in Portugal*; Anthrozoos a Multidisciplinary Journal of the Interactions of People & Animals, Vol.24, pp.287-300; 2011.

BRITO, Cristina; *Os mamíferos marinhos nas viagens marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII: A evolução da ciência e do conhecimento*; Dissertação de Doutoramento em História (História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa); FCSH – UNL; Agosto 2009.

BRITO, Cristina; VIEIRA, Nina; *Past and recent sperm whales sightings in the Azores based on catches and whale watching information*; Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, pp.1067-1070; 2009.

BRITO Cristina; *Portuguese Sealing and Whaling Activities as Contributions to Understand Early Northeast Atlantic Environmental History of Marine Mammals*; book: New Approaches to the Study of Marine Mammals, Publisher: INTECH, pp.206-222 Cap.9; 2012.

BRITO, Cristina, SOUSA, Andreia; *The Environmental History of Cetaceans in Portugal: Ten Centuries of Whale and Dolphin Records*; Plos one, pp. 1-9; 2011.

BRITO, Cristina; VIEIRA, Nina; *Using historical accounts to assess the occurrence and distribution of small cetaceans in a poorly known area*; Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, pp.1583-1588; 2010.

CAMERON, Ian; *O cemitério dos cachalotes*; Edição Europa-América, 1967.

CASTELA, Alexandra, MELO, Elsa; *Um lugar chamado Açores, terra de baleeiros*; Edição Publiãçor Lda.; 2ª Edição; 2011.

CASTELO-BRANCO, Fernando; *História Açoriana*; Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, 109ª Série, n.º7-12, Jul.-Dez. 1991, notícias e comunicações, pp.109-110; 1991.

CLARKE, Robert; *Baleação em Botes de Boca Aberta nos mares dos Açores – História e métodos actuais de uma Indústria-Relíquia*; Edição conjunta do autor e do tradutor, dedicada ao Museu da ilha de Santa Maria; 2001.

COLOANE, Francisco; *O caminho da baleia*; Editorial Teorema; 2000.

CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, António Boavida; *A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820) uma leitura em torno de interesses e vontades*; Revista Arquipélago da Universidade dos Açores; Edição da Universidade dos Açores, 2ª Série, Nº VII, pp.99-122; 2003.

CORDEIRO, Padre António; *História Insulana das Ilhas a Portugal Sug(j)eitas no Oceano Occidental*; Vol. I; Typ. Panorama; 1766.

CORREIA, Fernando, FARINHA, Nuno; *Cetáceos dos Açores: Baleias, Golfinhos e Toninhas*; João Azevedo editor; 2003.

CORTE-REAL, João Afonso; *Reflexões sobre os Açores e suas colonizações, emigração e civilização*; Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp.143-162; 1987.

COSTA, Francisco Carreiro da; *Esboço histórico dos Açores*; Instituto Universitários dos Açores; Edição Livraria Editoria Pax, Lda.; 1978.

COSTA, Francisco Carreiro da; *Etnologia dos Açores*, Volume I; Edição Câmara Municipal de Lagoa; 1989.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da; *A ilha do Faial na logística da frota baleeira americana no «Século Dabney»*; Edição Centro de História de Além-Mar, Observatório do mar dos Açores; 2012.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da; *De New Bedford aos mares do sul, uma viagem da barca Sea Ranger com escala pelo Fayal em 1869*; Edição Núcleo Cultural da Horta; 2008.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da; *O Século Dabney - Uma perspectiva das relações entre os Açores e os Estados Unidos da América à luz da correspondência consular 1806-1892*; Universidade dos Açores, Ponta Delgada; 2009.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da; *Os Açores em finais do regime de capitania-geral, 1800-1820*; Edição Núcleo Cultural da Horta; I volume; 2005.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da; *Os Açores em finais do regime de capitania-geral 1800-1820*; Edição Núcleo Cultural da Horta; II volume; 2005.

CYMBRON, Albano, PINTO, Márcia D.; *As Baleias nos Açores. Da caça ao Turismo*; Edição OMA; 2013.

COSTA, Susana Goulart, AA.VV. *Actas do IV colóquio «Faial e a periferia açoriana nos Séculos XV a XX, no bicentenário do consulado dos E.U.A. nos Açores: e tempo dos Dabney*; Núcleo Cultural da Horta, pp.311-315, 2007.

COUTO, Jorge; *O Brasil pombalino*; Revista Camões nº15/16, pp.53-74; 2003.

DENTINHO, Tomaz Ponce, MACHADO, Lizuarte; *Sustentabilidade Rural e Desportos Tradicionais, o caso das regatas dos botes baleeiros dos Açores*; Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER), Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAAlg, pp. 1-13; 2008.

DIAS, Camila Baptista; *A pesca da Baleia no Brasil Colonial: Contratos e Contratadores do Rio de Janeiro no século XVII*; Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História; p.139; 2010.

DIAS, Eduardo Mayone; *Baleeiros portugueses na América*; Edição Instituto Histórico da Ilha Terceira; 1979.

DIONÍSIO, Manuel; *Costumes Açorianos*; Edição Museu da Horta e Câmara Municipal; 2ª edição; 2001.

DODERER, Gerhard, MACHADO, Dinarte; *Inventário dos Órgãos dos Açores*; Edição Direcção Regional da Cultura, Presidência do governo regional dos Açores; 2012.

DUZER, Chet Van; *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps*; The British Library; 2014.

EARLE, Walter K.; *Scrimshaw Folk Art of the Whalers*; Publisher Cold Spring Harbour; 1957.

ESPARTEIRO, António Marques; *Açores e Cabo Verde na Era dos Descobrimentos e depois*; Anais do Clube Militar Naval, Lisboa, Volume 101, n.º7-9, pp.507-512; 1971.

ESPARTEIRO, António Marques; *Três séculos no mar (1640-1910)*; Anais do Clube Militar Naval, Tomo 85, n.º4-6, pp.177-194; 1955.

ESPARTEIRO, António Marques; *Três séculos no mar (1640-1910)*; I parte – II parte, Vols. 1 e 6, Colecção de Estudos, n.º3 a 30, Lisboa, Min. Marinha; 1974-1977.

FÉLIX, Emanuel; *Iconografia e Simbólica do Espírito Santo nos Açores*; Edição Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória; 1996.

FERNÁNDEZ, Alfredo López; *História ambiental Antigua das baleas do Atlântico Norte*; Eubalaena, Publicación da Sección Científica da Coordinadora para o Estudo dos mamíferos marinhos, Edição 14, pp. 1-27; 2014.

FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Industria Baleeira Insular*; Separata de boletim pecuário, ano XIV, n.º2; Sociedade Astória, Lda.; 1946.

FIGUEIREDO, José Mousinho; *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*; Reedição do Museu dos Baleeiros, Pico; 1996.

FIGUEIREDO, José Mousinho; *Pescarias de baleias nas províncias africanas portuguesas*, V congresso Nacional de Pesca; Separata do «boletim da pesca» Nº66, pp. 29-37; 1958.

FIGUEIREDO, José Mousinho; “Sobre scrimshaws portugueses”; *Revista Guimarães*, LXIX, (3-4) Jul.-Dez., pp. 445-452; 1959; Separata.

FILIGUEIRAS, Octávio Lixa; *Barcos de Pesca de Portugal*; Centro de Estudos de Cartografia antiga, secção de Coimbra, Série Separatas, CXXXVIII, Separata da Revista da Universidade de Coimbra”, Vol. 28, Junta de Investigação Científica do Ultramar; 1981.

FLAYDERMAN, E. Norman; *Scrimshaw and Scrimshanders, Whales and Whalemen*; Published by N. Flayderman & Co., Inc.; 1973.

FRANK, Stuart M.; *Biographical Dictionary of Scrimshaw Artists in the Kendall Whaling Museum*; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº4; Publisher The Kendall Whaling Museum, Sharon, Massachusetts USA; 1989.

FRANK, Stuart M; BESSECHES, Joshua; *Edward Burdett, 1805-1833, America's first Master Scrimshaw artist*; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 5; The Kendall Whaling Museum, Sharon – Massachusetts – USA; 1991.

FRANK, Stuart M; *Fakeshaw: A checklist of Plastic “Scrimshaw” (Machine-Manufactured Polymer Scrimshaw Fakes)*; third edition; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 1B; The Kendall Whaling Museum, Sharon – Massachusetts – USA; 2001.

FRANK, Stuart M.; *Folk Art: The origins of engraved pictorial scrimshaw*; The Magazine Antiques, New York, V.142, Nº4, October 1992, pp.510-521; Publisher Straight Enterprises; 1992.

FRANK, Stuart M.; *Ingenious Contrivances, Curious Carved, Scrimshaw in the New Bedford Whaling Museum*; Publisher David R. Godine; 2012.

FRUTUOSO, Dr. Gaspar; *Livro Primeiro das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1966.

FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Segundo das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1968.

FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Terceiro das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1971.

FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Quarto, das Saudades da Terra*, vol. II; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1981.

FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Quinto das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1964.

FRUTUOSO, Gaspar; *Livro Sexto das Saudades da Terra*; Ponta Delgada; Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada; 1963.

GARCIA, José Carlos; *A fábrica da baleia em São Roque do Pico*; Edição Município de São Roque do Pico; 2008.

GARCIA, José Carlos; *A Fábrica da Baleia, São Roque do Pico, Açores*; Etnografia Insular; 1ª Edição; 2013.

GARCIA, José Carlos; *O Museu dos Baleeiros e a cultura da baleação*; Edição Artesanato Lajense; 2002.

GIL, Maria Olimpia; *Açores, Comércio e Comunicações nos séculos XVI e XVII*; Arquipélago, Ponta Delgada, nº4, pp. 349-415; 1982.

GIL, Maria Olímpia Rocha; *Os Açores e a economia de mercado, Séculos XVI-XVII*; Arquipélago, Série Ciências Humanas, Ponta Delgada, n.º3, pp. 371-425; 1981.

GIL, Maria Olímpia Rocha; *Os Açores e a rede de negócios no Atlântico seiscentista*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo; vol.41. pp.555-573; 1983.

GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *A caça à baleia nas Flores*; Edição da Câmara Municipal das Lajes das Flores; 1988.

GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *A Ilha das Flores: Da descoberta à actualidade (subsídios para a sua história)*; Edição da Câmara Municipal das Lajes das Flores; 1997.

GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *O canal da América*; Publicação Câmara Municipal das Lajes das Flores, 1991.

GOMES, Francisco António Nunes Pimentel; *Os Açores e a frota baleeira americana*; Boletim do Núcleo Cultural da Horta, pp. 385-395, 2009.

GOUVEIA, Paulo; *Arquitectura baleeira nos Açores = Whaling architecture in the Azores*; Edição, Gabinete de emigração e apoio às comunidades açorianas, Presidência do Governo Regional dos Açores; 1995.

GREAVES, Manuel; *Aventuras de Baleeiros*; Edição de Autor; 1950.

GREAVES, Manuel; *História das Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta*; Anais do Município da Horta; 1943.

HENRIQUES, Francisco Maia; *A “tourada do mar”: A baleação açoriana observada por Mário Ruspoli e Chris Marker*; Atlântida, Revista de Cultura, Angra do Heroísmo, Vol. LVIII, pp.203-222; 2013.

HOARE, Philip; *Leviatã, Em busca dos gigantes do mar*; Edição Cavalo de Ferro, 1ª Edição Novembro 2015.

J.A.A.B; *A caça às Baleias*; Revista Michaelense, Ponta Delgada; Ano 1, Nº1, pp.32-34; 1918.

JOÃO, Maria Isabel da Conceição; *Os Açores no Século XIX: Economia, Sociedade e Movimentos Regionalistas*; Dissertação de mestrado em Sociologia e economias históricas (Séc. XV-XX), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; 1989.

JÚNIOR, John Silva; *Açorianos na América e americanos nos Açores*; Edição Federação Luso-Americana; 1969.

JÚNIOR, Manuel Francisco da Costa, (Coord); *Mar, Baleias e Baleeiros: Entre a memória e a identidade: Scrimshaw e fotografia*; Edição Câmara Municipal das Lajes do Pico – Museu do Pico; 2008.

JÚNIOR, Manuel Francisco da Costa (textos); *Património Baleeiro dos Açores, Herança e Modernidade*; Edição Presidência do Governo Regional dos Açores, Direcção Regional da Cultura; 2011.

LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores*; Flores e Corvo, I Volume; Angra do Heroísmo; Edição Secretaria Regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1985.

LANGHANS, Franz Paul Almeida; *Ofícios antigos subsistentes nas Ilhas dos Açores*; Graciosa, II Volume; Angra do Heroísmo; Edição Secretaria Regional da Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1988.

LEE, Lance R., HALABISKY, Bruce; *Duas Voltas ao Logaiéte – A cultura da baleação nos Açores: A cultura da baleação nos Açores*; Edição e Tradução de Fernando Jorge Silva; 2004.

LIMA, Hélder Fernando Parreira de Sousa; *Os Açores na economia Atlântica – Contribuição para o seu estudo nos Séculos XV, XVI e XVII*; Boletim Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Vol. 34, pp.103-392; 1976.

LIMA, Marcelino; *Por causa de um ramalhete, à caça da baleia, um duelo de John Bull e Uncle Sam em águas portuguesas*; Parceria António Maria Pereira (Livraria Depositária); 1933.

LIMA, Rui Abreu; *Artesanato dos Açores*; CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato); Edição Secretaria Regional da Economia; 1999.

LINSLEY, Leslie; *Scrimshaw a traditional folk art, a contemporary craft*; Publishers Hawthorn Books, INC; 1976.

LOPES, Frederico; *Artesanato e arte popular nos Açores*; "Geographica", Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa, ano 6, nº22, pp. 45-60; 1970.

LOPES, João Carlos; *Baleeiros do Faial*; Versão reduzida do texto com o mesmo título, destinada ao seminário da Licenciatura em Antropologia, FCSH-UNL; 1982.

MACEDO, F. Riopardense; *Açorianos para o sul do Brasil*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira – Angra do Heroísmo – Vol. LVII, pp.731-776, 1999.

MARTINS, Francisco Ernesto; *Ambientes Açorianos, da época dos descobrimentos à das viagens e emigração*; Edição Signo; 1992.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Ambientes açorianos, da época dos descobrimentos à das viagens e emigração*; Edição Signo; 1992.

MARTINS, Francisco José de Oliveira; *Mobiliário Açoriano, elementos para o seu estudo*; Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1981.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Os Açores nas rotas das Américas e da Prata*; “Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira”, Angra do Heroísmo, vol. 45, Tomo II, pp.1315-1333; 1987.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira; *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*; Edição Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1980.

MARTINS, Rui de Sousa; “A antropologia cultural na Universidade dos Açores, um contributo para a descoberta e a salvaguarda do património etnográfico insular”; Separata de “Arquipélago; vol.8, nº1, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, pp. 221 – 227; 1986.

MARTINS, Rui de Sousa; *Um Inquérito ao Artesanato dos Açores*; “Arquipélago” Série Ciências Humanas Nº Especial, Ponta Delgada, pp. 427-467; 1983.

MATHEU, Martha F.; *Whales Sails & Scrimshaw*; Published by Young Scott Books; 1973.

MCMANUS, Michael; *A Treasury of American Scrimshaw, a collection of the useful and decorative*; Penguin Studio; 1997.

MEDEIROS, Francisco; *Homens de olhos encovados e outras histórias de homens do mar*; Edição Câmara Municipal São Roque do Pico; 2012.

MELVILLE, Herman; *Moby Dick*; Edição Relógios D’Água, 2005.

MELO, Dias de; *Vida vivida em terras de baleeiros (1876-1983)*; Edição Direcção Regional de Orientação Pedagógica da Secretaria de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo; 1983.

MENDONÇA, Nun’Álvares de; *Memórias de um baleeiro (caça à baleia nos Açores 1930-1945)*; Editor Salamandra, 2ª Edição, 1993.

MENDONÇA, Nun'Álvares de; *Memórias de um baleeiro*; Ponta Delgada, Edição do Autor, 3ª Edição; 2003.

MESQUITA, Elsa, PEREIRA, Ana; *História da baleia, a partir do conto de António Sérgio*; Vogais & Companhia edições limitada; 2009.

MESQUITA, Mário, VICENTE, Paula, PENA, Alberto; *A emigração do Faial para os E.U.A. no Século XIX, uma interpretação*, pp.63-77; Galiza e Açores – A Rota Americana; Edição Almedina; 2012

MEYER; Charles R.; *Whaling and the art of Scrimshaw*; Publisher H. Z. Walck; 1976.

MONIZ, Silveira A.M., *Terras Açorianas (Notas Chrográficas e Histórias, ilustradas)*, Typ. Pimpão, Lisboa, Distrito da Horta, Ilha do Pico, pp.43-48; 1906.

NEIL, Peter; *Maritime America, Art and Artifacts from America's Great Nautical Collections*; Published by Abrams & Balsam Press; 1988.

NEMÉSIO, Vitorino; *Mau tempo no canal*; Edição Círculo dos Leitores; 1986.

OLIVEIRA, Lisete; *O espaço da colonização açoriana na Ilha de Santa Catarina, suas particularidades e suas marcas presentes, Colectânea de Estudos, Universo Urbanístico Português (1445-1882)*; Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, pp. 409-422; 1998.

PACHECO, Joel; *A canoa baleeira dos Açores e da ilha de Santa Catarina – The Azorean and the Santa Catarina Island's whaleboats*; Edição do Autor, Florianópolis; 2009.

PAPASTAVROU, Vassili; *Baleias*; Editorial Verbo; 1995.

PERDIGÃO, Teresa; *Tesouros do artesanato português*; Verbo Editorial; 4º. Volume: Papel, Scrimshaw, Pedra e Metais; 2001.

PEREIRA, Jorge Alberto Costa; *Peter Cafe Sport*; Quetzal Editores; 1995.

PEREIRA, José António Rodrigues, Capitão-de-mar-e-guerra; *Marinha Portuguesa Nove Séculos de História*; Edição Comissão Cultural da Marinha; 2010.

PEREIRA, Rufino Cordeiro Dias; *Caça à Baleia – Uma memória descritiva*; Edição Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa; 2005.

PETRI, Romana; *O baleeiro dos montes*; Edições Salamandra; 1997.

PESSANHA, Sebastião; *Áreas geográficas e áreas etnográficas*; Edição s.n. 1959.

PHILBRICK, Nathaniel; *No coração do mar, a tragédia do Baleeiro Essex*, Editorial Presença, 2015.

PIMENTEL, Manuel; *Arte de navegar de Manuel Pimentel*; comentado e anotado por Armando Cortesão, Fernanda Aleixo e Luís de Albuquerque, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga – Secção Coimbra, Lisboa; 1969.

PINTO, Márcia D., PORTEIRO, Filipe Mora; *A baleação no Faial: Fase industrial 1940-1984*; 1ª Edição OMA; 2010.

PINTO, Márcia D., BANDEIRA, Rodrigo de (fotografia), HIGGINS, Ruth (tradução); *Fábrica da baleia de Porto Pim / Porto Pim Whaling Station*; 1ª Edição OMA – Observatório do Mar e dos Açores; 2008.

PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Faial*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Flores e Corvo*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Pico*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro São Miguel e Santa Maria*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

PINTO, Márcia D., Direção Científica e Textos de; *Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro Terceira, Graciosa e São Jorge*; Coedição da DRCA e OMA; 2013.

PIRES, A.M. Machado; *A identidade cultural dos Açores*; Edição Universidade dos Açores, Ponta Delgada; 1987.

PORTEIRO, Filipe; *A importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco para o conhecimento do Mar dos Açores*; Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 18: 189-219; 2009.

PRICE, Willard; *Aventura com as baleias*; Edições Europa-América; 1974.

PRICE, Willard; *Dois irmãos na pesca das baleias*; Edições Meridiano; 1968.

PUIM, Arsénio Chaves; *A Pesca à Baleia na Ilha de Santa Maria*; Edição da Junta de Freguesia do Santo Espírito; 2001.

QUIROZ, Daniel; *El Procesamiento de ballenas varadas en las costas de la Patagonia Occidental [A Propósito de un Grabado de mediado del Siglo XIX]*; Magallania, Chile, Volume 44, pp.57-72; 2016

QUIROZ, Daniel; *Excursiones Etnográficas entre los Pescadores de Ballenas de Tumbes y la Isla Santa Maria, Chile, a comienzos del Siglo XX*; Revista Antropologías del Sur, Nº5, pp.103-123; 2016.

RANDIER, Peter; *L'Antiquaire de Marine*; Editor Marcel-Didier VRAC; 1998.

REBELO, Ernesto; *There...She Blows!* Edição do Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Açores; 1982.

REINER, F; *Cetáceos e Focas para Portugal continental, Açores e Madeira: Guia de identificação, Memórias do Museu do Mar; Série Zoológica, Volume 1, Nº11; 1981.*

RIBEIRO, João Adriano; *A Pesca da baleia nos Açores, Subsídios para o seu estudo; Islenha, Funchal, nº22, Jan.-Jun., pp. 97-116; Temas culturais das Sociedades insulares atlânticas; Edição: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; 1998.*

RIBEIRO, Margarida; *A arte dos Baleeiros: O Scrimshaw; Património Cultural, Lisboa, Vol. I, Nº1, pp25-43. Revista Publicada em Lisboa pelo instituto português do Património cultural; Edição Instituto Português do Património Cultural. 1983.*

RIBEIRO, Margarida; *Acerca de um Scrimshaw; Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa; III Série, Nº88, I Tomo; Edição Ramos Afonso e Moita Lda.; 1982.*

RIBEIRO, Margarida; *Arte popular e Artesanato; Separata de Informação, cultura popular, turismo, n.º11, Volume 2; 1972.*

RIBEIRO, Orlando; *As ilhas atlântidas; Separata de Naturália, volume IV, Fascículo III, pp. 1-10; Typografia Coimbra Editores; 1954.*

RIBEIRO, Margarida; *O Arqueólogo Português, Índices dos volumes I-XXX (1895-1938), Tomo I, Lisboa, Novembro de 1973; Edição Ministério da Educação Nacional, Secretaria de Estado da Instituição e Cultura, Direcção-Geral para os Assuntos culturais – Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. 1973.*

RIDLEY, Donald E., WEST, Janet; *Frederick Myrick of Nantucket: Physical Characteristics of the Scrimshaw; Kendall Whaling Museum Monograph Series Nº 14; The Kendall Whaling Museum, Sharon – Massachusetts – USA;2000.*

ROCHA, Gilberta Pavão Nunes; *Entre dois mundos, emigração e regresso aos Açores; Edição Governo dos Açores; 2011.*

RODRIGUES, M.M. Sarmiento, Contra-Almirante; *Ancoradouros das ilhas dos Açores; Edição do Instituto Hidrográfico, Lisboa, 3ª Edição; 1970.*

RUSPOLI, Mário; *A pesca da Baleia; Livraria Clássica Editoria; 1960.*

[s.a.]; *À pesca da baleia: 4 contos baleeiros, Açores – Cabo Verde; Publicação do Museu dos Baleeiros – Lajes do Pico; 1983.*

[s.a.]; *Baleia à vista; 4ª Edição, Editor Clube de Filatelia O Ilhéu da Escola Secundária Manuel Arriaga; 2011.*

SÁ, Nuno; *Mergulho no azul, baleias e golfinhos dos Açores; Edição Ver Açor; 2006.*

SAMPAIO, Alfredo da Silva; *Memória sobre a Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo; Imprensa Municipal; 1904.

SERPA, Caetano Valadão; *A gente Açoriana, emigração e religiosidade, Séculos XVI/ XX*; Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Volume XXXIV, pp.5-74; Edição União Gráfica Angrense; 1976.

SILVEIRA, Pedro da; *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo, Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*; Separata da revista Seara Nova, nºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e nº1361, de Março de 1959, Lisboa, 1959.

SOUSA, Nestor; *Sinais de presença britânica na vida açoriana, Séculos XVI-XIX*; Arquipélago, Ponta Delgada, Número especial “Relações Açores-Grã-Bretanha”, pp.25-100; 1988.

SWEENEY, Bronwyn; *Baleias, Golfinhos e Toninhas*; Círculo de Leitores; 2003.

TABUCCHI, António; *Mulher de Porto Pim*; Difel Editorial; 2ª Edição; 1983.

VASCONCELOS, Joaquim Mota de; *Epopeia do Emigrante Insular – Subsídios para a sua história, movimento para a sua consagração*; Edição Grafitécnica; 1959.

VASCONCELOS, José Leite; *Adolfo Coelho e a Etnografia Portuguesa*; Famalicão Tipografia Minerva; 1920.

VASCONCELOS, José Leite; *Ensaio Ethnographicos*; Vol. I, 2ª Edição; Editor Livraria Espozendense; 1911.

VASCONCELOS, José Leite; *Etnografia Portuguesa, Ilhas adjacentes*; Vol. II, pp 205-215; Imprensa nacional de Lisboa; 1936.

VENABLES, Bernard; *Baleia! Os baleeiros dos Açores*; Tradução de Fernando J.F. Edição Peter Cafe Sport; 2010.

VERMETTE, Mary T. Sílvia; *Os Yankees e o Faial*; O Faial e a periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX. Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993; pp. 291-318; Edição Núcleo Cultural da Horta; 1995.

VIALLELLE, Serge; *Golfinhos e baleias dos Açores*; Edição Espaço Talassa; 4ª Edição; 2007.

VIEIRA, João A. Gomes; *A Baleação e a Identidade Cultural numa Ilha: O projecto de Recuperação da Fábrica Baleeira do Boqueirão – Um modelo museológico inserido em realidades locais*; Cadernos de Sociomuseologia N8, pp. 95-107; Edição Universidade Lusófona; 1996.

VIEIRA, João A. Gomes; *Família Dabney - The Dabney Family 1804/1892, Fayal – Azores, Memória de um legado – Memory of a Legacy*; Edição Intermezzo – Audiovisuais, Lda.; 2005.

VIEIRA, João A. Gomes; *Homens, Baleias e Embarcações*; [8] fls. de postais: il.; Edição Museu das Flores; 1991.

VIEIRA, João A. Gomes; *Man and the Sea, The people of the Azores and long-distance fishing in the Banks of Newfoundland and Greenland*; Edição Intermezzo-Audiovisuais Lda; 2004.

VIEIRA João A. Gomes; *O Homem e o Mar: A participação portuguesa (Açorianos e Cabo-Verdianos) na baleação Americana*; Edição Medialand, Lda.; 2007.

VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works*; Intermezzo Audiovisuais, Lda.; 2003.

VIEIRA, João A. Gomes; *O Homem e o Mar: Embarcações dos Açores*; Edição Intermezzo-Audiovisuais Lda.; 2002.

WARRIN, Donald; *O Açoriano na Pastorícia: Uma História de Mobilidade Socioeconómica no Oeste Americano*; O Faial e a periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX. Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993; Edição Núcleo Cultural da Horta; 1995.

WEBGRAFIA

[Http://www2.uac.pt/](http://www2.uac.pt/); 13/10/2015, 16h30.

[Http://www3.gettysburg.edu/~tshannon/hist106web/site15/GARRETT/mayhew.htm](http://www3.gettysburg.edu/~tshannon/hist106web/site15/GARRETT/mayhew.htm); 13/02/2017, 11h11.

[Http://8bishumanities.weebly.com/uploads/2/9/0/5/29050699/6787800_orig.gif](http://8bishumanities.weebly.com/uploads/2/9/0/5/29050699/6787800_orig.gif), 12/05/2016, 18h10.

[Http://www.9id.pt/mestre-joao-silveira-tavares/](http://www.9id.pt/mestre-joao-silveira-tavares/); 02/10/2015, 11h45.

[Http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1662](http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1662); 18/02/2017, 09h30.

[Http://www.academia.edu/5617234/O_Invent%C3%A1rio_do_Patrim%C3%B3nio_Baleeiro_Im%C3%B3vel_dos_A%C3%A7ores_IPBIA_](http://www.academia.edu/5617234/O_Invent%C3%A1rio_do_Patrim%C3%B3nio_Baleeiro_Im%C3%B3vel_dos_A%C3%A7ores_IPBIA_); 04/10/2015, 09h15.

[Http://www.academia.edu/5617184/Patrim%C3%B3nio_Baleeiro_da_fase_industrial_na_balea%C3%A7%C3%A3o_no_Faial_o_caso_da_Reis_and_Martins_Lda](http://www.academia.edu/5617184/Patrim%C3%B3nio_Baleeiro_da_fase_industrial_na_balea%C3%A7%C3%A3o_no_Faial_o_caso_da_Reis_and_Martins_Lda); 22/10/2015, 17h00.

[Http://acores-quiosques-turismo-artazores.blogspot.pt](http://acores-quiosques-turismo-artazores.blogspot.pt); 13/10/2015, 22h30.

[Http://www.acorianooriental.pt/noticia/acores-vao-fazer-levantamento-de-tecnicas-tradicionais-de-construcao-de-botes-baleeiros](http://www.acorianooriental.pt/noticia/acores-vao-fazer-levantamento-de-tecnicas-tradicionais-de-construcao-de-botes-baleeiros); 13/10/2015, 17h15.

[Http://www.adiaspora.com/cronicas/baleacao.html](http://www.adiaspora.com/cronicas/baleacao.html), 06/01/2018, 13h30.

<http://adsr.pt/images/pdfs/arquivo/leis-portuguesas/1900-2000/LeiSociedadesQuotas1901.pdf>, 07/01/2018, 1048.

[Http://www.ageofsailmuseum.ca/](http://www.ageofsailmuseum.ca/); 11/10/2015, 11h20.

[Http://aleph18.sibul.ul.pt](http://aleph18.sibul.ul.pt); 24/11/2015, 12h30.

[Http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt](http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt); 06/10/2015, 10h00.

[Http://alra.pt/](http://alra.pt/); 03/10/2015, 15h00.

[Http://americanhistory.si.edu](http://americanhistory.si.edu); 12/10/2015, 14h00.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-calheta](http://www.amtriangulo.com/freguesias-calheta); 28/12/2015, 07h30.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-horta](http://www.amtriangulo.com/freguesias-horta); 07/04/2016, 09h10.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-lajes](http://www.amtriangulo.com/freguesias-lajes); 29/12/2015, 11h15.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-madalena](http://www.amtriangulo.com/freguesias-madalena); 29/12/2015, 18h30.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-so-roque](http://www.amtriangulo.com/freguesias-so-roque); 29/12/2015, 15h00.

[Http://www.amtriangulo.com/freguesias-velas](http://www.amtriangulo.com/freguesias-velas); 28/12/2015, 11h00.

[Http://antt.dglab.gov.pt/](http://antt.dglab.gov.pt/); 24/11/2016, 10h00.

[Https://archive.org/stream/catalogooficial00port#page/n0/mode/2up](https://archive.org/stream/catalogooficial00port#page/n0/mode/2up), 01/01/2018, 11h00.

[Https://arquiistoria.wordpress.com/](https://arquiistoria.wordpress.com/); 30/11/2015, 09h40.

[Http://arquivohistoricomadeira.blogspot.pt](http://arquivohistoricomadeira.blogspot.pt); 01/12/2015, 09h30.

[Http://www.artazores.com](http://www.artazores.com); 23/11/2015, 23h45.

[Http://www.artesanato.azores.gov.pt/](http://www.artesanato.azores.gov.pt/); 02/11/2015, 09h00.

[Http://www.artisanideas.com/lsearch.jhtm](http://www.artisanideas.com/lsearch.jhtm); 13/08/2016, 11h00.

[Http://assets.muitointeressante.com.br/uploads/pictures/740/content_cachalote.jpg](http://assets.muitointeressante.com.br/uploads/pictures/740/content_cachalote.jpg), 11/05/2016, 11/05/2016, 00h00.

[Http://avalon.law.yale.edu/17th_century/mass03.asp](http://avalon.law.yale.edu/17th_century/mass03.asp); 13/02/2017, 10h53.

[Http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/principal/homepage.htm](http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/principal/homepage.htm); 26-11-15, 08h30.
[Http://www.azoresdigital.com/noticias/ver.php?id=9096](http://www.azoresdigital.com/noticias/ver.php?id=9096); 13/10/2015, 21h00.
[Https://baleiasebaleeiros.wordpress.com/](https://baleiasebaleeiros.wordpress.com/); 13/10/2015, 11h20.
[Http://bangudaelove.com/Lang/ENG.php?ckattempt=1](http://bangudaelove.com/Lang/ENG.php?ckattempt=1); 10/02/2017, 16h00.
[Http://biblioteca.lnec.pt/](http://biblioteca.lnec.pt/); 01/01/2016, 09h00.
[Http://bibliotecas.patrimoniocultural.pt/](http://bibliotecas.patrimoniocultural.pt/); 30/10/15, 11h10.
[Http://bibliotecas.utl.pt/](http://bibliotecas.utl.pt/); 01/01/2016, 10h30.
[Http://blackinventor.com/lewis-temple/](http://blackinventor.com/lewis-temple/); 13/02/2017, 13h15.
[Http://blx.cm-lisboa.pt/](http://blx.cm-lisboa.pt/); 30/10/2015, 00h30.
[Http://www.bparjg.azores.gov.pt/](http://www.bparjg.azores.gov.pt/); 18/07/2016, 09h10.
[Http://www.bnportugal.pt/](http://www.bnportugal.pt/); 02/10/2015, 19h40.
[Https://www.britannica.com/biography/Samuel-de-Champlain](https://www.britannica.com/biography/Samuel-de-Champlain); 13/02/2017, 10h05.
[Http://www.bronsema.info](http://www.bronsema.info); 13/08/2016; 15h00.
[Http://bushcraft-pt.org/forum/viewtopic.php?f=73&t=4051](http://bushcraft-pt.org/forum/viewtopic.php?f=73&t=4051), 14/05/2016, 00h27.
[Http://www.candlecomfort.com/historyofcandles.html](http://www.candlecomfort.com/historyofcandles.html); 15/12/2015, 11h00.
[Http://www.capeannmuseum.org/](http://www.capeannmuseum.org/); 12/10/2015, 10h40.
[Http://catalogolx.cm-lisboa.pt/](http://catalogolx.cm-lisboa.pt/); 01/01/2016, 20h00.
[Http://www.catedra-alberto-benveniste.org/raizes-fl-biografias.asp?id=5](http://www.catedra-alberto-benveniste.org/raizes-fl-biografias.asp?id=5);
13/02/2017, 13h55.
[Http://casasdosacores.org/](http://casasdosacores.org/); 26/03/2016, 10h05.
[Http://cdn2.mhpbooks.com/2013/04/moby-dick.jpg](http://cdn2.mhpbooks.com/2013/04/moby-dick.jpg), 12/05/2016, 18h25.
[Http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/139/1398292.jpg](http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/139/1398292.jpg), 14/05/2016, 00h36.
[Http://cham.fcsh.unl.pt/](http://cham.fcsh.unl.pt/); 01/07/2016, 09h00.
[Http://cm-lajesdopico.pt](http://cm-lajesdopico.pt); 13/10/2015, 18h00.
[Http://www.cmhorta.pt/](http://www.cmhorta.pt/); 22/11/2015, 12h20.
[Http://www.cnhorta.org](http://www.cnhorta.org); 03/10/2015, 10h45.
[Https://companhiadasilhasloja.files.wordpress.com/2012/05/postais-baleias-2.jpg](https://companhiadasilhasloja.files.wordpress.com/2012/05/postais-baleias-2.jpg), 14/05/2016, 00h18.
[Http://www.crystalinks.com/fossilwhales.html](http://www.crystalinks.com/fossilwhales.html), 12/05/2016, 18h00.
[Http://www.culturacores.azores.gov.pt](http://www.culturacores.azores.gov.pt); 01/12/2015, 10h30.
[Http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/acoresdescobr1.jpg](http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/acoresdescobr1.jpg); 20/01/2017, 18h25.
[Http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/d33.html](http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/d33.html), 11/05/2016, 11h48.
[Http://digitarq.arquivos.pt/](http://digitarq.arquivos.pt/); 03/10/2015, 17h00.
[Http://diniztiadeodivelas.blogspot.pt/2011/10/contrato-celebrado-entre-ddinis-e-micer.html](http://diniztiadeodivelas.blogspot.pt/2011/10/contrato-celebrado-entre-ddinis-e-micer.html); 11/05/2016,
11h24.
[Http://www.diocesedeangra.pt/](http://www.diocesedeangra.pt/); 12/12/2015, 15h00.
[Http://domeuretiro.blogspot.pt](http://domeuretiro.blogspot.pt); 02/10/2015, 09h30.
[Https://dre.tretas.org/dre/80993/decreto-regional-13-79-A-de-16-de-agosto](https://dre.tretas.org/dre/80993/decreto-regional-13-79-A-de-16-de-agosto); 03/10/2015, 12h10.
[Https://dre.tretas.org/dre/94903/decreto-legislativo-regional-13-98-A-de-4-de-agosto](https://dre.tretas.org/dre/94903/decreto-legislativo-regional-13-98-A-de-4-de-agosto); 03/10/2015, 12h00.

<https://dre.tretas.org/dre/118315/decreto-regulamentar-regional-24-2000-A-de-7-de-setembro;>
03/10/2015, 12h25.

<https://dre.tretas.org/dre/2460277/portaria-15426-de-18-de-junho;> 25/02/2017, 13h30.

<https://dre.tretas.org/dre/318427/decreto-legislativo-regional-13-2014-A-de-24-de-julho;> 03/10/2015,
11h50.

[http://www.dsm.museum/;](http://www.dsm.museum/) 07/10/2015, 23h20.

http://www.espacotalassa.com/04_pt/04_museum/index_museum.htm;
22/11/2015, 13h15.

[http://www.europeana.eu/;](http://www.europeana.eu/) 05/10/2015, 09h40.

[https://euskalbideak.wordpress.com/Euskal_Herriko_baleazale;](https://euskalbideak.wordpress.com/Euskal_Herriko_baleazale/) 12/05/2016, 18h18.

[http://evolucaopeciesmarinhas.blogspot.pt/2010/03/morfologia-do-cachalote-baleia.html;](http://evolucaopeciesmarinhas.blogspot.pt/2010/03/morfologia-do-cachalote-baleia.html) 14/12/2015,
12h00.

[https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/266413066796886/?type=1&theater,](https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/266413066796886/?type=1&theater) 11/05/2016, 12h02.

[https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/209225835848943/?type=1&theater,](https://www.facebook.com/HistoriaDosAcores/photos/a.201299623308231.35879.197544470350413/209225835848943/?type=1&theater) 11/05/2016. 23h30.

[https://farm4.staticflickr.com/3860/14977628946_369fbe6423_b.jpg,](https://farm4.staticflickr.com/3860/14977628946_369fbe6423_b.jpg) 12/05/2016, 15h00.

[https://farm4.staticflickr.com/3860/14977628946_369fbe6423_b.jpg,](https://farm4.staticflickr.com/3860/14977628946_369fbe6423_b.jpg) 12/05/2016, 15h30.

[http://findingaids.cjh.org/?pID=109195;](http://findingaids.cjh.org/?pID=109195) 15/06/2017, 17h00.

<http://www.fmsoares.pt/aeb/biblioteca/livro.php?registo=008909#topo;>
30/11/2016, 08h30.

[http://www.fress.pt/;](http://www.fress.pt/) 14/12/2015, 10h30.

[https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/;](https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/) 24/10/2016, 11h00.

[http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html;](http://www.gustavus.com/heidi/scrim.html) 13/10/2015, 10h00.

[http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume009_num001_art004.pdf;](http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume009_num001_art004.pdf)
25/11/2015, 19h00.

[http://helderfreitas.zenfolio.com/p372567036;](http://helderfreitas.zenfolio.com/p372567036) 13/10/2015, 08h40.

[http://www.heritage.nf.ca/articles/exploration/basque-whaling-red-bay.php;](http://www.heritage.nf.ca/articles/exploration/basque-whaling-red-bay.php) 27/11/2015, 13h10.

[http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/balea%C3%A7%C3%A3o;](http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/balea%C3%A7%C3%A3o)
22/11/2015, 14h05.

[http://historiek.net/vierhonderd-jaar-noordse-compagnie/46505/;](http://historiek.net/vierhonderd-jaar-noordse-compagnie/46505/) 11/02/2017, 10h00.

[http://www.historymuseum.ca/virtual-museum-of-new-france/economic-activities/basque-whalers/;](http://www.historymuseum.ca/virtual-museum-of-new-france/economic-activities/basque-whalers/)
27/11/2015, 12h30.

[http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf;](http://www.historythrougharts.org/main/program/trades/PF_Scrimshaw.pdf) 13/08/2016; 19h00.

[http://www.hopscrimshaw.com/;](http://www.hopscrimshaw.com/) 13/10/2015, 11h25.

[http://www.horta.uac.pt/projectos/MSubmerso/old/200006/Cachalotes.htm;](http://www.horta.uac.pt/projectos/MSubmerso/old/200006/Cachalotes.htm)
15/2/2015, 10h25.

[http://www.horta.uac.pt/Projectos/MSubmerso/old/200511/swhale.htm;](http://www.horta.uac.pt/Projectos/MSubmerso/old/200511/swhale.htm)
15/12/2015, 10h15.

[http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/;](http://www.hullcc.gov.uk/museumcollections/) 12/10/2015, 19h15.

[Http://www.iac-azores.org/biblioteca-virtual/baleeiros-em-terra/filmes/texto-pt-10.html](http://www.iac-azores.org/biblioteca-virtual/baleeiros-em-terra/filmes/texto-pt-10.html); 09/10/2015, 19h00.
[Http://i45.servimg.com/u/f45/11/85/76/46/05122.jpg](http://i45.servimg.com/u/f45/11/85/76/46/05122.jpg), 11/05/2016, 11h38.
[Http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_6.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_6.pdf); 25/11/2015, 11h15.
[Http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/com-bale-intern](http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/com-bale-intern); 27/05/2016, 18h56.
[Http://www.igrejaacores.pt/](http://www.igrejaacores.pt/); 12/12/2015, 08h15.
[Http://www.ihit.pt/new/boletins.php](http://www.ihit.pt/new/boletins.php); 28/11/2015, 22h00.
[Http://www.ihit.pt/new/boletins/2012/flamengos.pdf](http://www.ihit.pt/new/boletins/2012/flamengos.pdf); 26/11/2015, 11h15.
[Http://www.infoescola.com/mamiferos/baleia-cachalote/](http://www.infoescola.com/mamiferos/baleia-cachalote/); 14/12/2015, 13h00.
[Http://inventario.iacultura.pt/](http://inventario.iacultura.pt/); 13/10/2015, 09h30.
[Http://issuu.com/](http://issuu.com/); 05/10/2015, 21h35.
[Http://issuu.com/filipefranco/docs/pdf_site](http://issuu.com/filipefranco/docs/pdf_site); 05/10/2015, 21h35.
[Http://www.iziko.org.za/museums/maritime-centre](http://www.iziko.org.za/museums/maritime-centre); 07/10/2015, 20h00.
[Http://www.jstor.org/stable/3340218?seq=1#page_scan_tab_contents](http://www.jstor.org/stable/3340218?seq=1#page_scan_tab_contents); 26/11/2015, 22h30.
[Http://www.karstone.com/history.html](http://www.karstone.com/history.html); 13/08/2016, 23h30.
[Http://www.kellscraft.com/StoriesOfMaine/StoriesOfMaineCh03.html](http://www.kellscraft.com/StoriesOfMaine/StoriesOfMaineCh03.html); 13/02/2017, 09h45.
[Http://www.marinha.pt/](http://www.marinha.pt/); 11/05/2016, 10h47.
[Http://museu.marinha.pt/pt/Paginas/default.aspx](http://museu.marinha.pt/pt/Paginas/default.aspx), 27/03/2016, 11h00.
[Http://www.marinha.pt/pt-pt/historia-estrategia/historia/nove-seculos-servico-portugal/Paginas/nove-seculos-servico-portugal.aspx](http://www.marinha.pt/pt-pt/historia-estrategia/historia/nove-seculos-servico-portugal/Paginas/nove-seculos-servico-portugal.aspx); 11/05/2016, 10h47.
[Http://marinebio.org/species.asp?id=190](http://marinebio.org/species.asp?id=190); 14/12/2015, 15h00.
[Http://www.marinemuseum.ca/](http://www.marinemuseum.ca/); 11/10/2015, 09h15.
[Http://maritimemuseum.novascotia.ca/](http://maritimemuseum.novascotia.ca/); 11/10/2015, 11h55.
[Http://www.maritimeheritage.org/](http://www.maritimeheritage.org/); 12/10/2015, 21h00.
[Http://www.matriznet.dgpc.pt/](http://www.matriznet.dgpc.pt/); 05/10/2015, 09h10.
[Http://www.merriam-webster.com/dictionary/scrimshaw](http://www.merriam-webster.com/dictionary/scrimshaw); 08/02/2017, 12h30.
[Http://www.metropolis2011.org/met/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=10&lang=pt](http://www.metropolis2011.org/met/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=10&lang=pt); 26/11/2015, 09h15.
[Http://www.mfa.org](http://www.mfa.org); 12/10/2015, 12h00.
[Http://mmbc.bc.ca/](http://mmbc.bc.ca/); 11/10/2015, 08h30.
[Http://mnetnologia.wordpress.com/](http://mnetnologia.wordpress.com/); 14/12/2015, 11H00.
[Http://www.moleiro.com/vista/estaticos/formateadas/GERONA-09-951-855-471.jpg](http://www.moleiro.com/vista/estaticos/formateadas/GERONA-09-951-855-471.jpg); 05/04/2017, 10h20.
[Http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8120](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8120); 02/12/2015, 13h00.
[Http://www.mun.ca/mha/](http://www.mun.ca/mha/); 11/10/2015, 10h40.
[Http://museucarlosmachado.azores.gov.pt](http://museucarlosmachado.azores.gov.pt); 25/11/2015, 22h00.
[Http://museudabaleia.com/pt/](http://museudabaleia.com/pt/); 25/11/2015, 21h30.

[Http://museudasflores.pai.pt/](http://museudasflores.pai.pt/); 25/11/2015, 20h30.
[Http://www.museumaritimio.cm-ilhavo.pt/](http://www.museumaritimio.cm-ilhavo.pt/); 25/11/2015, 23h40.
[Http://www.mysticseaport.org/](http://www.mysticseaport.org/); 12/10/2015, 10h15.
[Http://www.nbm-mnb.ca/](http://www.nbm-mnb.ca/); 11/10/2015, 09h55.
[Http://www.nha.org/](http://www.nha.org/); 12/10/2015, 16h00.
[Http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch15/n15-12.html](http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch15/n15-12.html); 05/10/2015, 15h35.
[Http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch18/Boletim_2009-p279.pdf](http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch18/Boletim_2009-p279.pdf);
 23/11/2015, 13h00.
[Http://www.nct-archive.org/](http://www.nct-archive.org/); 06/02/2017, 10h05.
[Http://nea.ufsc.br/files/2012/03/artigo_camila.pdf](http://nea.ufsc.br/files/2012/03/artigo_camila.pdf); 25/11/2015, 09h20.
[Http://nea.ufsc.br/files/2012/03/Artigo-Fabiana_Arma%C3%A7%C3%B5es-Baleeiras.pdf](http://nea.ufsc.br/files/2012/03/Artigo-Fabiana_Arma%C3%A7%C3%B5es-Baleeiras.pdf); 05/10/2015,
 11h35.
[Http://oalmonda.net/?p=12238](http://oalmonda.net/?p=12238); 13/02/2017, 11h56.
[Http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap8.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap8.pdf); 25/11/2015, 08h15.
[Http://www.oma.pt/](http://www.oma.pt/); 25/04/2016, 23h30.
[Http://www.peimuseum.com/](http://www.peimuseum.com/); 11/10/2015, 13h00.
[Http://peggymcllard.com/antiques/details.asp?action=view&cid=3&iid=96](http://peggymcllard.com/antiques/details.asp?action=view&cid=3&iid=96); 11/02/2017, 11h00.
[Http://pesquisabmc.cm-coimbra.pt/](http://pesquisabmc.cm-coimbra.pt/); 25/11/2015, 08h00.
[Http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php](http://www.petercafesport.com/pcs/historia.php); 03/11/2015, 09h00.
[Http://www.petercafesport.com/pcs/museu.php](http://www.petercafesport.com/pcs/museu.php); 03/11/2015, 09h20.
[Http://pesquisabmc.cm-coimbra.pt/docbweb2/psqsimp.asp](http://pesquisabmc.cm-coimbra.pt/docbweb2/psqsimp.asp); 25/11/2015, 08h00.
[Https://www.pier21.ca/](https://www.pier21.ca/); 27/11/2015, 16h25.
[Http://philangra.blogspot.pt/](http://philangra.blogspot.pt/); 13/10/2015, 14h30.
[Http://www.pocketwatchgames.com/d/Lesson%20%20-%20Inuit.pdf](http://www.pocketwatchgames.com/d/Lesson%20%20-%20Inuit.pdf);
 13/08/2016, 22h00.
[Http://www.pointlobos.org/cultural-history/history-point-lobos](http://www.pointlobos.org/cultural-history/history-point-lobos); 08/10/2015, 21h00.
[Http://porbase.bnportugal.pt/](http://porbase.bnportugal.pt/); 01/11/2015, 07h30.
[Http://www.portaldodivino.com/](http://www.portaldodivino.com/); 30/12/2015, 11h00.
[Https://pt.pinterest.com/pin/69454019226806971/](https://pt.pinterest.com/pin/69454019226806971/); 10/02/2017, 16h53.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Balea%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Balea%C3%A7%C3%A3o); 27/05/2016, 19h05.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbas_de_baleia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbas_de_baleia); 07/12/2015, 11h00.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Bote_baleeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bote_baleeiro); 09/10/2015, 09h00.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Cachalote](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cachalote); 15/12/2015, 10h30.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores);
 25/11/2015, 11h30.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_botes_baleeiros_dos_A%C3%A7ores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_botes_baleeiros_dos_A%C3%A7ores); 09/10/2015, 10h15.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_lanchas_baleeiras_dos_A%C3%A7ores](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_lanchas_baleeiras_dos_A%C3%A7ores); 09/10/2015, 12h30.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Scrimshaw](https://pt.wikipedia.org/wiki/Scrimshaw); 05/10/2015, 14h45.
[Https://pt.wikipedia.org/wiki/Terminologia_baleeiro_A%C3%A7oriano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terminologia_baleeiro_A%C3%A7oriano);
 05/10/2015, 14h30.

[Http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/3608/a%20balea%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1](http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/3608/a%20balea%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1);
 24/11/2015, 09h00.

[Https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/384/1/Carlos_Cordeiro_p99-122.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/384/1/Carlos_Cordeiro_p99-122.pdf); 26/11/2015, 10h30.

[Http://www.rmg.co.uk/](http://www.rmg.co.uk/); 12/10/2015, 17h15.

[Https://s3.amazonaws.com/use22/contemporary%20scrimshaw.pdf](https://s3.amazonaws.com/use22/contemporary%20scrimshaw.pdf); 13/08/2016; 20h00.

[Http://www.sbm.org/](http://www.sbm.org/); 12/10/2015, 09h15.

[Http://www.scielo.br/pdf/topoi/v15n29/1518-3319-topoi-15-29-00444.pdf](http://www.scielo.br/pdf/topoi/v15n29/1518-3319-topoi-15-29-00444.pdf);
 23/11/2015, 11h30.

[Http://www.scrimshaw.com/category/books/](http://www.scrimshaw.com/category/books/); 13/08/2016, 12h15.

[Http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go](http://www.scrimgallery.com/christian2/History/go); 14/08/2016, 17h00.

[Http://www.scrimshaw.com/history-of-scrimshaw/](http://www.scrimshaw.com/history-of-scrimshaw/); 14/08/2016, 11h00.

[Http://scrimshaw.8m.com/historia.htm](http://scrimshaw.8m.com/historia.htm); 13/10/2015, 23h50.

[Http://www.scrimshawstudio.com/art.html](http://www.scrimshawstudio.com/art.html); 12/10/2015, 22h10.

[Http://www.secem.es/wp-content/uploads/2013/03/G-12-2-1-Fernandez-Casado-3-22.pdf](http://www.secem.es/wp-content/uploads/2013/03/G-12-2-1-Fernandez-Casado-3-22.pdf); 14/12/2015,
 13h40.

[Http://siaram.azores.gov.pt/centros-interpretacao/observatorio-mar-acoas/Fabrica-baleia-Porto-Pim.pdf](http://siaram.azores.gov.pt/centros-interpretacao/observatorio-mar-acoas/Fabrica-baleia-Porto-Pim.pdf);
 17/12/2015, 10h25.

[Http://www.simonstown.com/museum/stm_main.htm](http://www.simonstown.com/museum/stm_main.htm); 07/10/2015, 22h25.

[Http://www.socgeografialisboa.pt/contactos](http://www.socgeografialisboa.pt/contactos); 01/10/2015, 09h00.

[Http://sper.pt/oldsite/IIICER/Comunicacoes/TDentinho+LizMachado_com.pdf](http://sper.pt/oldsite/IIICER/Comunicacoes/TDentinho+LizMachado_com.pdf); 02/10/2015, 17h00.

[Http://tenpound.com/list0912.pdf](http://tenpound.com/list0912.pdf); 13/08/2016, 19h30.

[Http://www.theartisticindulgence.com/gallery/charlies_art/about_scrimshaw.html](http://www.theartisticindulgence.com/gallery/charlies_art/about_scrimshaw.html); 27/11/2016, 23h00.

[Http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/portuguese/](http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/portuguese/); 27/11/2015, 11h20.

[Http://www.therooms.ca/archives/](http://www.therooms.ca/archives/); 27/11/2015, 18h00.

[Http://tortelli.altervista.org/1-25827-scrimshaw_a_traditional_folk_art_a_contemporary_craft.html](http://tortelli.altervista.org/1-25827-scrimshaw_a_traditional_folk_art_a_contemporary_craft.html);
 13/08/2016, 09h00.

[Http://www.tricurioso.com/wp-content/uploads/2015/07/calamar-gigante1-1024x574.jpg](http://www.tricurioso.com/wp-content/uploads/2015/07/calamar-gigante1-1024x574.jpg), 11/05/2016,
 22h00.

[Http://turismo.cmhorta.pt/index.php/pt/historia-e-tradicoes/baleacao](http://turismo.cmhorta.pt/index.php/pt/historia-e-tradicoes/baleacao); 13/10/2015, 15h30.

[Http://www.vallejomuseum.org/](http://www.vallejomuseum.org/); 12/10/2015, 09h45.

[Http://www.vancouvermaritimemuseum.com/](http://www.vancouvermaritimemuseum.com/); 11/10/2015, 09h00.

[Http://www.visitazores.com/pt-pt/contact-us](http://www.visitazores.com/pt-pt/contact-us); 04/10/2015, 09h00.

[Https://voynichimagery.wordpress.com](https://voynichimagery.wordpress.com), 11/05/2016, 11h28.

[Http://www.webciencia.com/14_baleia.htm](http://www.webciencia.com/14_baleia.htm); 14/12/2015, 14h00.

[Http://www.whalecraft.net/](http://www.whalecraft.net/); 12/10/2015, 23h30.

[Http://www.whalingmuseum.org/](http://www.whalingmuseum.org/); 12/10/2015, 15h20.

[Http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/](http://whalingscrimshaw.org/blog/the-whalers-life/); 06/01/2017, 09h40.

ANEXOS

ANEXO I – Património imaterial recolha sumária de testemunhos⁵⁹⁸.

DOC I – SR. ANTÓNIO MANUEL MACHADO⁵⁹⁹

Tema: O Scrimshaw

R: Há muita gente que acha que o Scrimshaw hoje em dia, que se generalizou e que é trabalhos em madeira, feitos a bordo de navios ou em terra, generalizou-se, há essa opinião e há quem defenda isso, eu não. Para mim Scrimshaw, era aquilo que eles tinham à sua disposição a bordo nos navios baleeiros, que era o osso e os dentes e era só aqueles que tinham mais alguma qualidade, o seu tamanho, as mandíbulas, faziam bengalas, faziam umas coisas, o objectivo era falar da saudade, de alguém que tinha ficado em terra, era sempre desenhar uma coisa para o amor, a mulher que ficou na ilha que ficou em terra, enquanto o homem andava dois a três anos no mar. A temática era sempre essa, este é efetivamente Scrimshaw. Tem sempre uma mulher, um filho, uma filha, um coração, com qualquer coisa que tenha a ver com a saudade, um ente querido que ficou tem muito a ver com isso. Quem está no mar, vê os temas de partida, o adeus, a despedida.

Tema: Os seus trabalhos

R: Trabalhei muitos anos para New Bedford, para um individuo que era americano mas que tinha nascido aqui nas Lajes do Pico, e era digamos um fornecedor para o museu, os museus americanos, mas estava ligado ao museu de New Bedford e vendia muito através desse Museu. Muita coisa que foi daqui na altura da baleação, equipamentos baleeiros, botes e palamentas, tudo isso, o “gajo” negociava, fartei-me de fazer temas, eu é que escolhia, normalmente temas de mar, baleias, navios, barcas baleeiras, e aquelas cenas mais ou menos épicas, que tinha a ver com a tragédia. Também fiz muitos desenhos em espartilhos femininos para mulheres. Aquilo era umas lâminas feitas em mandíbulas, fininhas, pois era desenhado naquilo, uma a uma. Quanto a mim outra coisa é o traço, é que define o que é ou não é Scrimshaw, porque há aqui grandes artistas aqui que têm desenhado muito bem, para mim não passa de um desenho em dente de baleia, como podia ser no vidro, numa tela, num material qualquer, são pessoas que desenhavam extremamente bem e depois fazem desenhos mas que não tem nada a ver, que têm erros crassos em termos de mar, as velas cheias para um lado,

⁵⁹⁸ Conversa com os artesãos e conhecedores do scrimshaw

⁵⁹⁹ Conversei com o Sr. António Manuel machado, no dia 22 de Março de 2016, pelas 18h30. Desde já agradeço ao Sr. Manuel francisco da costa júnior, diretor do museu do pico, por ter entrado em contacto com ele, possibilitando assim nossa conversa, a mesma ocorreu no restaurante do hotel whale´came ao pico, local onde fiquei alojado nas lajes do pico.

o vento está de um lado e a barca anda para o outro, desenhos assim parece que não têm rigor nenhum, porque quem andava a bordo fazia os desenhos com rigor e é isso e a profundidade do traço, a Fátima Madruga é exemplo disso, excelente a desenhar lágrimas, caras e rostos, mas aquilo é um tracinho. Scrimshaw é vincado, é um traço forte, porque para já o mar mexia a bordo dos navios, tinha que se fazer um bom desenho e depois, por isso é que os desenhos não eram exuberantemente trabalhados.

Tema: O dente, limpeza

R: A forma do desenho, quando se vai limpar, não há a possibilidade de se estragar, se você for a um desenho meu, só há tinta nas riscas que foram aprofundadas no dente, se você for á Fátima Madruga, o Juvenal, ou outros muito bons, que é o outro senhor da Praia da Vitória, que teve na América toda a vida, o Sr. Frank Barcelos, até fez um cheque pá, não tinha dinheiro para pagar o IMI à Câmara de New Bedford e desenhou num bocado de osso de baleia, um cheque daquela importância. Se você for ver a um desenho da Fátima Madruga, o que é que ela faz, ou o Juvenal por exemplo, dão tinta na superfície toda, depois desenhavam em contraluz, depois, o dente fica preto naquela zona onde vai levar o desenho, e depois vão desenhando e os riscos vão ficando da cor do marfim enquanto vão trabalhando, depois quando querem fazer sombreado, e alteram, não há, e vão tirando o que ficou a mais outra vez com o cinzel e vão disfarçando com aquela beleza que eles gostam de dar áquilo, se você tiver o azar de ter um dente daqueles e for cobri-lo de tinta, acabou, estragou tudo porque nunca mais vai receber tinta em montes de lugares que não era para ter porque ela já tinha tirado, por isso é que eu digo, isso não é Scrimshaw, isso é desenhar bem, o visual, e o exemplo máximo é a Fátima Madruga, muito bonito, muito agradável de ver [...]. O Scrimshaw tem um traço mais forte em que a espessura do traço, aquilo, é feito com um cinzel e se quiser basta eu tombar que fica mais largo, se for fininho em faço uma vela, depois o sombreado, depois isto fica a preto e eu trabalho isto aqui a branco para ficar só aquilo que eu quero.

Tema: Tem memórias baleeiras?

R: Tenho, eu andei à baleia, o meu pai, o meu avô foi fundador das Armações, o meu pai foi trancador quarenta e tal anos, eu sempre vivi neste mundo, fui funcionário público durante a minha vida toda, não deixei de ir à baleia, praticamente ia sempre, depois descontava nas férias, arreava 30 dias, um dia hoje, outro daqui a uma semana, dois seguidos, assim passava os trinta dias, quando tinha de parar parava, gozava as minhas férias sempre assim ir à baleia.

Tema: Era permitido aos baleeiros ficar com o dente?

Os dentes eram propriedade da canoa do bote que apanhava a baleia. Exclusivamente, porque é assim, ao princípio, isto tem também a ver com a história, com a tradição, começou-se a andar na baleia por causa do óleo, depois começou-se a aproveitar a carne nos anos 50 para farinhas, aqui ninguém comia carne aqui. As fábricas do Pico e Faial todas faziam farinhas de ossos, os ossos eram cozidos e transformados em farinha de osso, tinha cálcio, o outro era só sangue e carne, aquilo chegou a pegar fogo na fábrica, aquilo desenvolve calorias medonhas, chegou a pegar fogo, ficou tudo a fumar dentro da fábrica, aquilo com o calor da Farinha de carne, era muitas calorias

e era usada aqui, como adubo nas terras e para alimentação dos porcos, quando não queriam comer, metia-se na comida, abria-os e eles depois comiam. A farinha de ossos era a mesma coisa para as terras também. Tudo era vendido aqui na ilha. E o óleo só era exportado. E os dentes era um complemento, como também não tinham valor na altura, no princípio, os dentes começaram a ter valor nos anos 60, 70 para cá, até ao fim, até 87, aí é que já tinham muito valor, mais que o ouro. Quando eram baleias grandes maior era o valor.

Tema: A caça da baleia

Quando aqui eram baleias grandes, porque aqui também já só se apanhavam machos, não se apanhavam baleias fêmeas, os baleeiros sempre tiveram isso em conta, os próprios baleeiros mantinham isso, sabiam conviver com isso e raramente trancavam a baleia fêmea. Nunca trancavam uma baleia fêmea que tivesse filhos a mamar.

Tema: Como é que nós percebemos que é uma baleia fêmea vista de cima?

O comportamento no mar de uma baleia fêmea é completamente diferente de um cachalote macho, pelo seu tamanho, pelo tempo que está submersa, a baleia fêmea nunca está mais de 20 minutos debaixo de água, no máximo 25 minutos, tem que ser uma baleia já com 12 metros para fazer isso, enquanto o macho está 45 minutos, 1 hora, 1h15 cheguei eu a ver, e estar 1h15, vir a cima, botar uma vez e voltar a estar 1h15.

O seu pensamento

É uma actividade emocionante, muito bonita, hoje em dia fotografa-se os animais, são muito giros, mas os animais eram maus, todos os que iam àquela vida, precisavam de ganhar o dinheiro lá, ninguém andou por desporto na baleia, isso é mentira. Todos quanto estavam perto, o coraçãozinho acelerava, de todos, eu às vezes dizia isso, mas os ecologistas fizeram campanhas que denegriram muito os baleeiros, dizia-lhes “Não não, vocês vão para dentro do bote, e eu quero ver o vosso coração ligadinho a uma máquina de electrocardiograma, quero ver, vocês são ecologistas não têm medo delas não é? Quero ver se esses batimentos se mantêm”.

Quando havia aproximações, não é barco a motor, era a remos era à vela, e eu andei, às vezes a baleia estava 10 minutos, 15 minutos em cima, iam ali encostadinhos a ela, iam andando tanto quanto ela, às vezes ficavam atrás, à esquerda, à frente, vai-não-vai, vai-não-vai, lá ia ela para baixo, 1 hora, espera, e às vezes de sol a sol, até ele se por, e nunca as apanhava, a baleia não é uma coisa tão bonita quanto as pessoas podem pensar.

Tema: Antiguidade

Há dentes feitos de dentes de morsa pelos esquimós, aquilo vem desde o homem primitivo, o Scrimshaw tem uma origem mais primitiva do mundo, porque os “gajos” a fazerem um desenho no chão o vento e a chuva apagava-se, no osso do animal.

Quando começou a colecionar ou a trabalhar?

R: Comecei em 1990, a loja tenho desde 2001, antes trabalhava em casa, desde 2007 que estou por minha conta.

Porque é que começou a colecionar / O que é que o atraiu

R: Não é uma colecção, eu é que faço, houve um interesse a partir de 1990 comecei a fazer alguns trabalhos.

Só coleciona ou também trabalha em Scrimshaw – O que é que o atraiu a trabalhar com o Scrimshaw?

R: Foi um pouco à experiência, estava desempregado na altura, não tinha nenhuma actividade e vi que tinha algum jeito.

Quais os temas gravados que mais gosta?

R: Não faço gravação só assim, mas trabalhos diversos.

Qual a melhor definição que pode dar para o Scrimshaw?

R: Se fosse a traduzir bem, o Scrimshaw que é uma palavra inglesa, para português, também ouvindo e não sabendo a que é que se refere não tinha ideia concreta do tipo de trabalho que é, acho que uma designação mais correta seria, pintura em dente de baleia ou osso de baleia, mas, para palavra Scrimshaw não está muito certa.

Será mais do que uma Arte?

R: Eu acho que é uma arte, eu não faço trabalhos deste tipo, mas é uma arte.

Só coleciona ou também negocia? Se negocia, considera um bom investimento?

R: Não me arrependo de ter feito este investimento [...].

⁶⁰⁰ Conversei com o Sr. Arménio Goulart, na sua loja, a Picoartes, em São Mateus do Pico no dia 17 de Março de 2016, pelas 11h30.
Nota: Apesar de estar na lista enviada pela DRT, não faz gravação em Dente de Cachalote, faz outros trabalhos nomeadamente, a partir do osso de cachalote, marfim e de osso de vaca também cria, porta-chaves, colares, brincos entre outros. Na sua loja, faz também trabalhos em madeira, vende outro tipo de artesanato.

Quando começou a trabalhar em osso ou mandíbula de cachalote?

R: *Mantenho, há 35 anos o osso e o dente, mantenho o original [...] epá isto foi o meu segundo emprego não é? Eu trabalhei com um artesão que também era na altura já em destaque, o Fagundes não é? Trabalhei sete anos com ele, depois por iniciativa própria mantive esta actividade até hoje em dia, portanto, fui dos mais novos a fazer vida disto não é? Hoje em dia já tenho outras alternativas, mas durante muitos anos foi o meu ganha-pão e ainda se mantém hoje em dia era o meu número um, claro com o passar dos anos a dificuldade das vendas já não se pode viver só do artesanato.*

E ainda há cá muito na ilha?

R: *Há muito, não há muito, mas de vez em quando as pessoas vão encontrando cá e lá, umas pontinhas de osso, uns dentes, ou daqueles últimos anos, que algumas pessoas tiveram mais ligadas à parte da baleação digamos, de parentes que guardaram algum marfim, algum osso que se vão desfazendo na altura de dificuldades ou para passar umas férias às vezes, ou para comprar uns extras não é? Vou aproveitando tudo isso que eles vão trazendo, é o que vou trabalhando hoje em dia.*

Que tipo de trabalho faz?

R: *Faço trabalho esculpido ou miniaturas, o Scrimshaw em si não, portanto e isso ver ser preciso uma certa técnica e a arte digamos na questão do desenho, e digo que não tenho muito jeito para desenho, nunca foi o meu «hobby» de ir para o Scrimshaw em si, como iniciei esta actividade a fazer estas miniaturas, portanto foi a minha base principal e mantenho hoje igual.*

Quais os temas que mais gosta

R: *Tudo o que a gente faz, portanto, tudo o que eu vou fazendo é alusivo ao mar, portanto, tudo tem a ver com a baleia e a baleação não é? Desde os cachalotes, os golfinhos, as cabeças, tudo o que tem a ver com a baleação. As caudas ou os cachalotes em si, portanto, a baleia diz tudo, não é? A baleia diz Açores, mar, é um cetáceo, tem a ver, os meus tios foram baleeiros, e os meus avós, e tudo o que se fala aqui, tudo tem a ver com a baleia.*

Que materiais utilizava, que preparação fazia, quais as ferramentas?

R: *Parte do principal que o osso vem em bruto não é? Normalmente a gente serra o osso, antigamente era a serrote, hoje em dia claro, é uma serra eléctrica, corto como se fosse um tronco, não é? Um bocado de madeira e depois de estar a parte da serragem, digamos, o molde feito no bruto em si, passo o bruto num lixador, para tirar a parte mais bruta, toda a parte final, uso a Minecraft ou a Dremel e então depois é*

⁶⁰¹ Conversei com o Sr. Camilo Costa, na sua loja, Loja de Artesanato Lajense, nas Lajes do Pico no dia 18 de Março de 2016 pelas 11h00.

tudo mais manual, as limas, as lixas até ficar na perfeição em si, que leva muito mais tempo, é o acabamento que é todo manual.

Daria um outro nome ao Scrimshaw?

R: O Scrimshaw vem de uma técnica dos Americanos, portanto é uma técnica universal, os Americanos utilizavam muito isso, no tempo de lazer faziam as gravações nos dentes, portanto não se trabalhava o osso era mais o dente e essa técnica era lembrança da família, caricaturas, ou cena de caça à baleia. Hoje é utilizada a Tinta-da-China, antigamente era a borra do caldeirão, como ela derretia, a baleia e aquilo com a madeira, as achas criava uma borra e eles utilizavam aquilo, portanto eu sempre ouvi falar do Scrimshaw, acho que é um nome técnico, acho que sim, está bem atribuído, é um símbolo, também quando o Scrimshaw tem tudo a ver com a arte em si, com os trabalhos em osso e marfim de baleia.

Será mais do que uma Arte?

R: Eu acho que sim não é? Tem tudo, a gente inspira-se quando, eu digo, para fazer uma vida, de 35 anos, tem algo aqui muito forte, além de uma parte económica não é? O mar, o amor, tudo. Envolve aqui várias coisas de sentimento, tudo, não é? Vem de familiares de tradição que viveram a caça à baleia, há aqui um misto, isto acaba por ser forte nesse sentido não é? Manter essa actividade. Eu convivi com muitos baleeiros durante muitos anos que estiveram ligados a esta arte, convivi com muitos artesãos também que viveram nesta arte não é? Na maneira que trabalhavam nessa arte, na maneira que trabalhavam nas peças. Era bastante amigo deles, andei nas oficinas deles, naquela altura não que ligasse muito, mas gostava de ir lá, ver como eles faziam, dou muito valor, muitos anos, eles faziam certos artigos porque não tinham ferramentas, eram as suas próprias ferramentas e como é que eles faziam isso tem aqui um artista espectacular o Sr. Gualter Barreto não é? Na arte do Scrimshaw, tanto na tinta-da-china como no relevo, para mim era um especialista portanto era um senhor que fazia as peças em si, onde essas peças tinham entre si um movimento, porque ele viveu também naquele tempo da caça da baleia, as peças em si, dele eram diferentes, havia vida naquelas peças.

As peças que faz são inventariadas?

R: Não. É assim, durante esses anos todos já fiz, sei lá, não tem conta, milhares e milhares de peças e partes delas diferentes, há peças que se fazem uma vez e não se fazem mais.

Já fez alguma exposição?

R: Já fiz algumas exposições a nível regional e a nível nacional, fui o primeiro artesão dos Açores e ganhar um prémio a nível nacional em 1999, tenho orgulho em dizer isso, fiquei em segundo lugar a nível nacional que foi muito bom, mais algumas menções honrosas.

Algumas notas tiradas no decorrer da conversa

«É assim isto faz parte da cultura não é? E enquanto tiver o original, vai ser o original, não há alternativas em questão disso, vai ser o osso e o marfim, portanto eu trabalho nisto há 35 anos e enquanto eu puder vai ser sempre o original.»

«A soldada da venda dos óleos e das farinhas era recebida no final do ano»

«A tinta-da-china veio depois da borra do caldeirão»

«O museu do Peter foi feito por nós artesãos, porque é assim, nós quando fazíamos estes trabalhos em si, não vendíamos nas Lajes, íamos ao Faial vender, desde o tempo do Sr. Gualter Barreto, o Sr. João Soares, o Sr. Dimas, o Sr. Manuel Hermínio Madruga, tudo artesãos que trabalhavam aqui nesta área, ia tudo vender ao Faial, passava-se lá muitos iatistas e muita gente, portanto o Peter comprava tudo, só depois o que é que ele fez, começou a fazer uma seleção dos melhores trabalhos, ou os que ele mais gostava e hoje em dia o museu é constituído mais por isso, mais por alguns trabalhos de artesãos que trabalhavam para lá, hoje em dia já é um bocadinho diferente».

«Os materiais que utiliza: Super Cola três, antigamente utilizava cola branca mas demorava a secar»

«Há uma história curiosa, há pessoas que vêm aqui e que dizem: “Epá onde é que você vai buscar o osso?”, Explico a verdade, isto são restos que as pessoas vão encontrando por aí, “quanto tempo tem mais para trabalhar”, mais dois, três anos depende, depois voltam cá ao fim de meia dúzia de anos, encontro as mesmas pessoas que dizem, “então disse dois, três anos e continua a trabalhar.»

«Fiz uma medalha comemorativa aos vinte anos de trabalho, pensando que epá, de facto que não ia ter matéria-prima para muitos anos quando comecei a trabalhar nisto, fui para a costa à beira-mar a revirar calhaus para encontrar bocados de osso de baleia, e foi com esses ossos que eu comecei a trabalhar, e depois com os ossos que fui arranjando durante esses anos todos. Foi com osso que antigamente se fazia a divisão dos quintais ou das latadas das vinhas, quando a vinha crescia fazia-se uma latada, e aqui na ilha algumas pessoas tinham e eu fui arranjando esses ossos, claro e pensava que parte desse osso já estava ao sol e à chuva, não estava nas devidas condições. Quando fiz a medalha dos 20 anos era uma marca, consegui fazer 20 anos e já lá vão mais 15.

Quando começou a trabalhar em osso ou mandíbula de cachalote?

R: Desde 83, há 33 anos – neste momento tem 69 -. Eu era gerente do banco, quando comecei a trabalhar nisto, um dia chegou ao pé de mim um desgraçado que trabalhava nisto há mais anos, mas não era muito de desenhar, eu tenho peças ali feitas por ele, mas eu é que desenhava, ele ia ter comigo ao banco, eu desenhava-lhe a peça e ele ia fazendo, porque era aquilo que eu fazia, nunca tinha pegado na minha vida num bocado de osso, o meu avô era baleeiro, a minha família é toda de baleeiros, mas eu não tinha um dente em casa [...] É muito simples, o Daniel Fagundes, com quem eu fiz a primeira Sociedade Irregular, um dia chegou-me ao banco e foi-me pedir dinheiro para comprar material em 1982, que tinha uma quantidade de maxilares em São Roque na Fábrica e havia, dessas baleias eram vendidas no final do ano normalmente no fim do ano da caça.

Considerações sobre a gravação

R: A gravação é feita com um estilete de aço e depois leva a tinta [...] Assim, do topo faz-se um risco mais pequeno e inclinamos assim (para um dos lados) para dar o sombreado, (mais fundo também fica mais grosso? Não é para ficar mais grosso, é porque a tinta ao entrar em lâmina vai dar uma sombra maior, fica mais grosso a gravação, neste aspecto é mais grosso, porque o sombreado, vamos lá a ver, o Scrimshaw, nós jogamos com o erro humano, o erro da visão humana [...] é assim os meus trabalhos têm uma característica diferente da maior parte deles, o meu trabalho depois de pronto é polido, ou seja, o que está feito está feito. (Neste momento estávamos a olhar pela lente de aumento) O que é que nós estamos aqui a fazer? Estamos a jogar com o erro humano [...] aquilo que o António estava a dizer é isto, estes riscos parecem mais grossos, até nem são, só que são feitos ligeiramente de banda, mas tem que ser feita de forma que não parta, porque se for muito inclinado pode partir a parte que fica por cima do início do rasgo, de maneira que tem de ser mais profundos, mas são ligeiramente laterais.

Quais os motivos representados

R: Os temas mais usuais, os que estão ligados à baleação, a peça que se vende em maior quantidade é a baleeira, aquele tipo de caravela que não é uma caravela, porque se nós formos a ver os mastros, as próprias velas não são de uma caravela, têm algumas características de uma caravela. A primeira baleeira que veio para os Açores, a São João Baptista, que era de um parente meu [...] o capitão Alves era capitão, foi a primeira baleeira que se radicou por cá, aqui nas Lajes, era a São João Baptista, a primeira armação baleeira foi criada na Calheta do Nesquim, e consta que nessa altura foi criada a primeira armação em São João, que o tempo acabou por desfazer esse

⁶⁰² Conversei com o Sr. Manuel Alves Gonçalves no dia 24 de Março de 2016 pelas 10h00 na sua loja, Loja de Artesanato Capitão Alves.

património, o mar e o tempo. A baleação nos Açores é de finais de 1800. Representa-se ainda o bote, a baleeira a cauda do cachalote.

Assina as suas Peças?

R: Nas peças pequenas, porta-chaves, essas coisas não faltava mais nada, agora tudo o que é Scrimshaw, tudo o que é gravação, todas elas têm uma assinatura.

Considerações sobre o seu Scrimshaw

R: O meu Scrimshaw tem algumas características diferentes, por exemplo se for um Scrimshaw da Fátima Madruga, é um Scrimshaw com mais sombras, é uma artista, ela é o puro da arte. O António Manuel Machado é um dos melhores gravadores que existem. O António, eu e o João somos os três avaliadores desta arte. O António não tem uma peça dele gravada aqui neste museu – referência ao Museu dos Baleeiros -, nem eu tenho aqui uma peça gravada por ele, o que é estranhíssimo. As peças dele estão no Museu da Horta no Peter, a maior parte delas, porque ele enquanto estudante ia fazendo umas coisas para arranjar dinheiro como estudante que era, e tem muitas peças no Museu das Flores, porque ele foi chefe de Finanças no Corvo e nas Flores, e quando lá estava o João arranjava-lhe dentes e ele ia-se entretendo e ia trabalhando.

Considerações sobre como trabalham no Scrimshaw

R: O João Manuel trabalha como eu, os únicos que fazemos trabalhos assim, nós não trabalhamos com negativo. A maior parte da malta que ainda faz alguma coisa, pinta de negro todo o dente, a parte que vai ser gravada é toda pintada de negro. Eu quando comecei a trabalhar comecei assim, porquê? Porque nos dá alguma salvaguarda, é porque à maneira que vai gravando vai ficando a branco, vamos retirando a tinta e fica o desenho. Depois ou com uma borracha ou apenas com um pano húmido tiramos toda a tinta, que está liso, e vamos preenchendo os espaços que nós abrimos com a tinta. Eu também comecei a trabalhar assim, eu nunca tinha feito nada nisto, eu via os trabalhos feitos e nunca ninguém me disse como é que fazia. A maior parte da malta, nomeadamente a Fátima Madruga [...] fazia o pré-desenho, eu não faço o pré-desenho. Como é que é possível fazer isso? Em contraluz. O António trabalhava perto da janela com um pano preto e que deixava a luz a aparecer por baixo, esta incidia sobre o dente polido, era aí que ele trabalhava, eu trabalho com uma lente, hoje em dia, com uma lâmpada de incidência, uma lâmpada fria [...] ele deixou de trabalhar por causa de uma guerra que teve aqui com os senhores do museu, são essas guerras tolas que acabam por fazer isso, mas o António trabalhava muito bem. Em Scrimshaw para mim é dos melhores, e infelizmente não faz uma peça e não quer.

O que é representado no Scrimshaw?

R: A parte da frente normalmente é sinal de saudade, ou é um tema baleeiro ou então é a saudade, então aparece com uma menina a dançar, que é o amor e a saudade, é a menina que ele deixou para trás, porque normalmente os baleeiros iam de salto [...] Só que nessa altura os temas eram sempre esses, a frente é saudade, é amor, a parte de trás é perigo, aparece em muitas partes de trás um pirata, para quem viveu nos anos de 1900, o grande perigo no mar eram os piratas, os corsários,

é que tudo era o grande perigo, normalmente na parte de trás aparece também uma segunda figura que é a figura do perigo, há outras diferentes, que o museu – Museu dos Baleeiros –, também tem lá algumas dessa, é que de um lado tem a saudade e do outro tem a espiritualidade, e aparece as pombinhas do Espírito Santo, que além de ser uma saudade do lugar de onde eles vieram é também um símbolo de espiritualidade aí aparecem também as imagens de Nossa Senhora.

Era Permitido aos baleeiros ficarem com os dentes?

R: Não era permitido, os dentes eram dos baleeiros, ou seja, os dentes não entram nas contas dos baleeiros, os dentes eram da companhia do bote, podia ter entre 36 a 42 dentes, 36 o normal e depois com a idade vão crescendo uns para trás, e consta que as baleias com os seus 80, 90 anos ou talvez mais, chegavam a ter 1 dente no céu-da-boca.

Que materiais utilizava, que preparação fazia, quais as ferramentas?

Até as próprias ferramentas sou eu que as faço [...] mas não tem nada a ver com as ferramentas com que eu comecei a trabalhar. Porque eu imaginava, como é que eles faziam, mas eu não sabia como é que se fazia.

Considerações sobre o acabamento do dente.

R: Pegas numa peça aqui da casa, isto é osso, não é marfim, mas está acabado, não vê um risco que seja, nem da serra, nem do lixador, nem do raspador, nem da própria lixa. É que para chegar aqui, isto teve serra para o corte, teve raspador ou teve lixador para o desbaste, raspador para lhe tirar as marcas do desbaste, levou lixa, pelo menos duas qualidades de lixa e depois no final é que está pronto.

Daria outro nome ao Scrimshaw?

R: Vamos lá a ver é assim, a tradição atribuiu esse nome e eu defendo que a tradição quando é realista deve ser mantida. Eu nunca cheguei a perceber concretamente a raiz da palavra, para uns são os trabalhos feitos com origem na baleia, mas há Scrimshaws para mim, feitos em dentes de elefante...

Será mais do que uma Arte?

R: Sim, porque tem que ter conhecimento, não só porque o Scrimshaw enquanto arte e aquilo que aparece por trás dessa arte há muito trabalho. Muito trabalho de conhecimento de matérias-primas, de preparação, porque a peça tem que estar preparada para fazer o trabalho do desenho, arte pura, porque como ele é feito de uma só vez e não há desenho prévio, nós vamos fazendo e já vai ficando [...] o Scrimshaw não pode substituir nada, por isso é que além da arte tem mais alguma coisa, outros conhecimentos mais profundos, que são quase todos eles feitos pela ciência da vida, em cada dia aprendo, quando estou a trabalhar nisto cada dia é sempre mais uma aprendizagem, por exemplo, João Flores, essas peças que estão aí a negro são peças de xadrez (ver o cachimbo e as canetas), João Flores fazia-as primeiro em madeira e depois passava-as a osso ou a marfim, fazia um desenho prévio assim que era para depois saber o que ia fazer, porque ele fazia a ferramenta

para cada peça, ele fazia uma peça de xadrez de uma só vez, naquele torno (Ver se tiro a foto). Ele tem uma peça no museu que demorou 30 anos a fazer, é uma corrente que não tem colagens nem tem aberturas [...] João Flores em torno foi o melhor, no Scrimshaw o melhor é o Gualter (Barreto).

Tenho uma dúvida o Scrimshaw feito aqui ou os artigos em osso de baleia o dente no Scrimshaw, e outras peças de Arte no maxilar ou no osso...

R: É só o maxilar, cuidado, só se trabalha no maxilar inferior, nem sequer é os dois, é só um. É o único osso que é rígido, aquele grande osso que aquando da caça não era utilizado para mais nada, enquanto os outros ossos eram transformados em farinha, o maxilar não, que como era muito duro os martelos não conseguiam transformar. O único osso que se trabalha é o maxilar inferior, além disso trabalha-se os dentes.

É aqui que está um, ou é aqui ou em São Roque, que existe um órgão com o teclado com osso de baleia?

R: É este porque fui eu que o fiz, não é o teclado, é só as capas, tenho este aqui e tenho na Ribeira Grande em São Miguel, que foi também feito em osso de baleia e tem as capas que foi feito para outro órgão. O Santo Lenho do Bom Jesus de São Mateus tem a minha mão, a parte central é minha, a parte da adaptação, com o marfim feito há 2 anos em 2014.

A ambula que fui fotografar na Igreja Matriz das Lajes do Pico.

R: Esta peça é uma ambula, isto foi um apelido entre aspas, que o Sr. Padre Marco Martinho pôs, isto que está aqui não é uma ambula, isto é uma peça que eu fiz para o círio pascal, é uma base do círio pascal, no entanto com a sua configuração, pelo valor, entenderam que isto deveria ser transformado em ambula, ou seja, para colocar óleo para a Santa Unção. O Santo Lenho das Lajes é o único que é feito em osso e marfim, fui eu que o fiz, feito totalmente em osso, a parte central, a base é em cedro.

Dúvidas, sobre se o osso tem só umas coisinhas pretas?!

R: Tem uma textura laminar, todo o osso é textura laminar, hoje há muita gente e eu também o trabalho, o osso de vaca, também tem uma textura laminar. Só que no cachalote ou na baleia, a textura é mais visível, enquanto no osso de vaca e nos outros ossos, que são todos laminares, lá é mais difícil porque é muito compacto, enquanto no osso da baleia, e há partes do maxilar que se notam melhor que noutras, porque a parte onde acabam o local dos dentes e tem a parte detrás mais longa, da pana como nós lhe chamamos é onde é mais visível, que por vezes, por vezes, bem trabalhado é infelizmente vendido como marfim. Mas as texturas são laminares, são lâminas. Vou-lhe mostrar algumas peças que com os anos, com o tempo com a chuva, com o sol, como é que elas separam as lâminas, que para nós é aquilo que eu digo, quando estamos a trabalhar uma peça e ela se começa a rir, começa a fazer coceguinhas, ela começa-se a rir, é quando ela se abre toda, é quando a textura laminar já está de tal maneira separada do interior que ela parte, está-se a rir.

Considerações sobre o órgão presente na Igreja Matriz das Lajes do Pico

R: É um dos órgãos mais antigos da ilha e não só, foi recuperado há cerca de 30, 35 anos.

O trabalho que fez no teclado, aquilo é de há quantos anos?

R: Deve ter para aí, os seus 30 anos seguramente. Aquilo tem alguma piada. As primeiras capas que eu fiz, foi para o órgão da Ribeira Grande em São Miguel, e eu estava a fazer aquilo, um pouco principiante, eu nessa altura, saí do banco há 18 anos, eu ainda estava a trabalhar no banco, mas de maneira que era nas minhas horas vagas é que eu ia fazendo umas coisas, e eu um dia estava lá fazendo aquilo, lixando, raspando, e chega o meu tio, eu nisto era um artista, e infelizmente os trabalhos dele, tudo isso desapareceu, ou está nos E.U.A. ou está não sei aonde, não encontro uma peça dele, já andei à procura e não encontro, ele fez lá com duas tabelinhas, um bocado de ferro, ele é que me as endireitou para ficarem com a dimensão certa. Eu depois vamos embora, vamos à folia. Criou umas bases de apoio com a espessura certa, com a largura certa, o ferro sem lâmina sem raspador, técnica que adaptei para mim há 30 anos e que eu utilizo como base de trabalho, a técnica de raspagem.

Considerações sobre o osso que está no fundo do mar

R: O osso que está no fundo do mar, o osso que está no fundo do mar há muitos anos cria limbos, que não só está por fora, como por vezes naquelas fissurazinhas, ele está lá dentro, quando nós vamos trabalhar, como trabalhamos no desbaste com máquinas aquece ligeiramente o osso e ao aquecer o osso, esse limo fica volátil.

Avaliação dos Scrimshaw

No trajecto entre a sua loja e a Igreja o Sr. Manuel começou a falar sobre o processo de Avaliação de um Scrimshaw, parando quando nos deparámos com uma viatura a tentar sair da garagem, recomeçou na sua loja mais tarde. Até aí aquilo que disse foi: *Em primeiro lugar vemos qual é a matéria-prima, se é osso ou se é marfim. Avaliamos a peça, se gasta muita matéria-prima por causa das envolventes. Ao tempo que possivelmente foi feita, pelo conhecimento no tempo em que ela foi feita.*

Quando começou a trabalhar em osso ou mandíbula de cachalote?

R: Grande parte da minha vida foi como bancário, deixei de o ser há poucos meses, há um ano precisamente (fiz um contrato de suspensão de trabalho até à idade da reforma). Fico numa situação de poder gerir isto e de ganhar mais algum mensalmente de poder compensar como quero, compenso e junto as duas partes, se fosse mais novo lançava-me mais, abria uma loja, talvez nas Lajes ou aqui. Foi ele, referindo-se a Camilo Costa, que me reiniciou nesta actividade extra bancária, há mais ou menos 18 anos, em 1998, eu tinha aprendido em miúdo algumas destas coisas com o Mestre Fagundes, enquanto estudante trabalhava com ele, conjugava com os estudos, normalmente entre a 1 da tarde e as 8 da noite. Depois de ter tirado aqui o 5º ano fui para a Horta estudar, foi aí que travei conhecimento com o Peter, do Café Sport, e trabalhei em exclusivo nessa altura para ele, e foi isso que me manteve lá, a pagar as propinas, o alojamento e a comida, durante dois anos. Comecei a fazer peças em miniatura de animais marinhos, reprodução, comecei quando tinha 14 ou 15 anos e tanto se faz em marfim como em osso de cachalote, depois fui até ao Faial, trabalhei para o Peter, a seguir fui para o Canadá, quando voltei fui para o banco e afastei-me completamente voltando em 98 em “part-time”, trabalhando 1 hora ou 2 por dia conforme, mas porque o Camilo me pediu para ajudá-lo, reavivou-me o bichinho, fui também aumentando o número de horas.

Que tipo de trabalho fazia?

R: Gravação não fazia, só iniciei há dois anos por iniciativa própria, sou um autodidacta, não aprendi com ninguém.

Entalhe e osso

R: No entalhe a fazer essas miniaturas aprendi com o Manuel Fagundes, trabalho em osso tenho pendentes, porta-chaves, pulseiras, os relevos, os baixos-relevos, são entalhe como se faz na madeira – tem um trabalho num canivete onde está um cachalote em baixo-relevo.

Que materiais utilizava, que preparação fazia, quais as ferramentas?

R: Primeiro tem que estar em bruto, passo as tais grossas, as mais abrasivas primeiro para desbastar, depois com diversos tipos de grossas, vou substituindo por menos abrasivas, até que aplico as lixas, as que eu uso são próprias para trabalhar com água. Início com umas mais abrasivas, os números das lixas são inversamente proporcionais às resistências delas, colocar o dente o mais liso possível, com números mais alto, chego a passar cerca de sete lixas diferentes, de diferente texturas, até alcançar, fazer um polimento com a ajuda de uma borra de feltro, até que o dente fica liso, sem riscos visíveis, fica como um espelho, de modo a fazer uma gravação.

⁶⁰³ Conversei com o Sr. Osvaldo na sua residência nas Lajes do Pico no dia 21 de Março de 2016 pelas 11h30.

A gravação é feita com estilete pontiagudo. As ferramentas que utilizo sou eu que as faço, a partir de pedaços de ferro de aço, moldado. Pode ser um tipo de bisturi ou outro, foi a forma que encontrei.

As ferramentas, a que eu uso também são as que dão para fazer a gravação, são aquelas que imagino que são as melhores, mas de certeza de há melhores e melhores técnicas daquelas que eu utilizo, eu desconheço, faço aquilo que me parece melhor. As ferramentas antigas que trabalhávamos para fazer as miniaturas das peças, da baleia, golfinhos, pulseiras, os corta-papéis, eram feitas por grosas, é uma adaptação feitas pelos mecânicos, trabalhavam em ferro, são susceptíveis de podermos trabalhar com eles, modificá-las e dentá-las como nós quiséssemos, um dente mais grosso para desbastar, um dente mais fino para apurar melhor, capaz de fazer as nossas próprias ferramentas. Hoje em dia ainda utilizo os mesmos métodos de quando me iniciei.

Quais os temas gravados que mais gosta?

R: Caravelas é o que eu mais gosto de fazer, caravelas, tem sempre uma imagem das grandes baleeiras americanas e daquilo que foi o início da baleação da grande baleação mundial.

Qual a melhor definição que pode dar para o Scrimshaw?

R: Hum, eu acho que é o prazer de fazer um desenho, depois ter que o gravar, sabendo que o nível de dificuldade normalmente é alto, e não se poder errar, ter uma atenção extrema sobre o que estamos a fazer e depois quando concluímos e nos sai bem o desenho é uma satisfação enorme.

Daria um outro nome ao Scrimshaw?

R: Eu acho que o termo gravação do marfim já por si próprio diz bem o que é que é o Scrimshaw, gravação em dente, acho que está bem.

Será mais do que uma Arte?

R: Não, nem pensar, eu não vejo, para já, se for falar pelo Scrimshaw que eu faço, uma tentativa de fazer, de fazer um desenho, e uma gravação que depois me agrada em primeiro lugar e que possa agradar a alguém esta é a impressão que tenho, quando faço uma coisa dessas, que há pessoas que têm umas aptidões para o Scrimshaw, para o desenho em particular e depois para a gravação, depois devem ter técnicas muito desenvolvidas, ao longo do ano, quando é apresentado o resultado final desse trabalho eu considero mesmo arte. Não é o meu caso, mas é o caso de outros artistas, não vai para além da arte, porque nada vai para além da arte, a arte é uma forma de expressão que cada um interioriza e que depois exposta para que as outras pessoas possam observá-la e garantir que aquilo que está ali é uma coisa linda, única e há pessoas que conseguem surpreender e dizer isto é arte, também não há nada para além da arte.

Faz algum tipo de inventário?

R: Não faço inventário, não tenho nas minhas peças, é uma coisa que eu tenho de fazer, preciso de fazer uma inventariação, de fazer fotografia. Eu nunca fiz, mas é uma coisa que gostava, porque há

peças, embora não tenham um valor artístico é puro artesanato aquilo que eu faço, a gente apegasse sempre a uma peça ou outra.

Já fez exposições?

R: Exposição nunca fiz, fiz foi duas feiras, aqui nas nossas festas da Semana do Baleeiro, de Nossa Senhora de Lourdes, são as festas máximas do concelho, foi nos últimos dois anos, mas mais para venda. No outro dia fui convidado por uma professora de Educação Visual e Tecnológica, aqui da Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico para um pequeno “Workshop” numa festa que eles tinham de primavera, início do período de férias da Páscoa, ela pediu-me para fazer uma pequena demonstração de como se trabalhava nestas coisas, pegou no dente (chamou-lhe três vezes “um bocado de osso”, fui sempre emendando e a ver se ela auto corrigia-se)

NOTAS

«O desenho pode ser feito de forma diferente no dente, é feito com lápis e podes apagar, pode-se fazer com papel vegetal utilizando depois um químico passa para dente»

«O dente é marfim e a mandíbula é o osso, só se trabalha nestas duas partes do cachalote, só se faz artesanato nestas duas partes. O osso tem uma consistência dependendo da qualidade da baleia, se é sadia, se tem problemas, que é como nós, é um mamífero, tal como nós aparecem problemas com os dentes, se tem cáries por exemplo. E o osso, quando as baleias são mais velhas, se é mais ou menos poroso»

«O Scrimshaw é a gravação no marfim. A palavra Scrimshaw abrange a gravação e o trabalho em geral que se faz sobre as peças de cachalote, estas peças podem se considerar também todas elas Scrimshaw, para se definir melhor a palavra Scrimshaw e valorizar a gravação, se tenha mandado a palavra para cima da gravação»

ANEXO II – MODELO DE AVALIAÇÃO COMERCIAL DE SCRIMSHAW SEGUNDO O SR. MANUEL ALVES GONÇALVES

1 – A MATERIA-PRIMA – SE É OSSO OU MARFIM

O CUSTO – A DIFERENÇA|

OSSO – 30 A 40€/KG; MARFIM – 300/400€/KG

2 – (VER OU IMAGINAR) O TEMPO QUE LEVOU A SER FEITA E COM AS
FERRAMENTAS EXISTENTES NA ÉPOCA

AS FERRAMENTAS QUE ERA UTILIZADAS NA ÉPOCA

PRIMEIRO O DESBASTE

DEPOIS A PARTE MANUAL

CRIA A IMAGEM DO TEMPO QUE BASEADO, NO TEMPO EM QUE FOI
FEITA E NAS CARACTERISTICAS QUE LA ESTÃO.

3 – OS ACABAMENTOS

4 – SE O ARTISTA É VIVO OU MORTO

VIVO – TEM A POSSIBILIDADE DA PEÇA SE REPETIR; MORTO – É UMA
PEÇA ÚNICA

4.1 – A MATERIA-PRIMA UTILIZADA – EX. O CUSTO A 10€

4.2 – VALOR DUPLICA QUANTO AO DESENHO, A PARTE ARTISTICA E A
INTEGRAÇÃO DA MÃO HUMANA

4.3 – DUPLICA NOVAMENTE NO CASO DO ARTISTA ESTAR VIVO OU
MORTO

4.4 – O VALOR MUSEOLÓGICO – SE É POSSÍVEL A SUA REPETIÇÃO OU
ÚNICA

5 – O VALOR FINAL

PONTUAÇÃO DE 1 A 10

ANEXO III – Apêndice
fotográfico



Foto. 1 – Presa de Morsa, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico – Ilha do Pico.



Foto. 2 – Scrimshaw ponteadado, Loja de Artesanato Capitão Alves, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 3 – Scrimshaw com utilização de policromia, autor, Frank Barcelos, Loja de Artesanato Capitão Alves, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 4 – Baleeira Americana, Centro de Exposições Casa dos Sofias, São Roque do Pico, Ilha do Pico



Foto. 5 – Trabalho em entalhe, coleção Gualter Barreto, autor, Gualter Barreto, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 6 – Gravação em osso mandibular, autor Fátima Madruga, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 7 – Trabalho em marfim de cachalote, Loja de Artesanato Capitão Alves, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 8 – Bote Baleeiro, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 9 – *Beatus Mappaemundi*.



Foto. 10 – Óleo de cachalote, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 11 – Óleo de espermacete, Museu de Cachalotes e Lulas, Madalena do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 12 – Âmbar cinzento, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 13 – Trabalho em marfim, Jesus Cristo crucificado, Centro de Exposições Casa dos Sofias, São Roque do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 14 – Fakeshaw, criado a partir de Resinas, John Van Opstal, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 15 – Mandíbula de cachalote, Centro de Exposições Casa dos Sofias, São Roque do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 16 – Dente com um quilo, Loja de Artesanato Capitão Alves, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 17 – Tema: Séc. XVIII-XIX – Alvida, Mulher Pirata, Coleção Jacob Tomás, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 18 – Tema: Policromia. Coleção “João Flores”, João Fernandes Leal, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 19 – Tema: Baleeiras, Camilo Costa, Loja Artesanato Lajense, Lajes do Pico, Ilha do Pico



Foto. 20 – Tema: Baleação, Manuel Alves Gonçalves, Núcleo gravadores e escultores da Ilha do Pico, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 21 – Tema: Baleeiros, Rui Manuel V. Dias, Museu de Scrimshaw, Cidade da Horta, Ilha do Faial.



Foto. 22 – Tema: Paisagem, Carlos, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 23 – Tema: Religioso, Carlos, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 24 – Tema: Profissões, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial



Foto. 25 – Tema. Rosto Homem, M.F. Gomes, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial



Foto. 27 – Tema. Rosto criança, M.F. Gomes, Núcleo gravadores e escultores da Ilha do Pico, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 26 – Tema. Rosto Mulher, M.F. Gomes, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial



Foto. 28 – Tema. Rosto diversos, M.F. Gomes, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 29 – Tema Animais, Osvaldo José Inácio, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 30 – Tema Diversos, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 31 – Tema Desejos, Kelly, Museu de Scrimshaw, Horta, Ilha do Faial.



Foto. 32 - Estojo de gravação personalizado, de Manuel Alves Gonçalves, Loja de Artesanato Capitão Alves, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 33 - Estojo de gravação, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 34 – Marinha Portuguesa



Foto. 37 – Contrato celebrado entre o Rei D Dinis e Manuel Pessanha.



Foto. 35 – Marinha Portuguesa

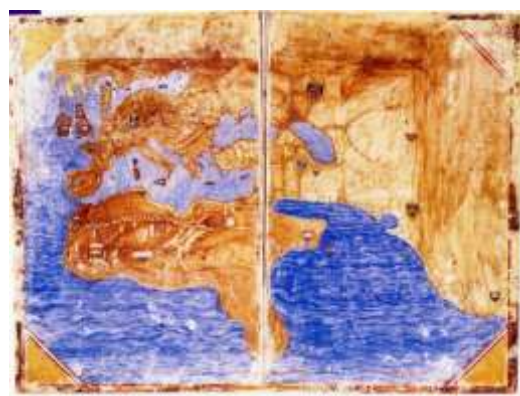


Foto. 38 – Portulano Mediceo Laurenziano.



Foto. 36 – Museu de Marinha.



Foto. 39 – Diogo de Silves



Foto. 40 – Ilhas do Corvo e Flores



Foto. 41 – Carta de Marear de Jorge Aguiar.



Foto. 42 – Primeiro mapa completo do Arquipélago dos Açores.



Foto. 43 – Cachalote – *Physeter Macrocephalus*.



Foto. 44 – Habitat do Cachalote, tirada pelo autor do trabalho, Museu de Cachalotes e Lulas, Madalena do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 45 – O alimento preferido do cachalote.

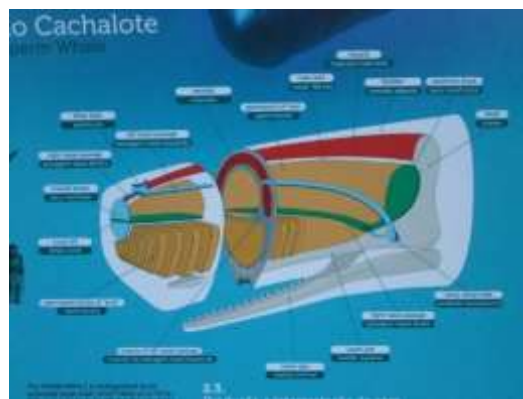


Foto. 46 – Composição da cabeça do Cachalote, tirada pelo autor do trabalho, Museu de Cachalotes e Lulas, Madalena do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 47 – Barbatana caudal do cachalote.



Foto. 48 – Óleo de espermacete e uma vela



Foto. 49 – Pinturas rupestres c.9000 a.C. Coreia do Sul



Foto. 50 – Inuits, no topo do mundo



Foto. 51 – Do golfo da Cantábria para o mundo.



Foto. 52 – *Moby Dick*, cachalote contra os baleeiros



Foto. 53 – Utensílios de caça ao cachalote, fotografia tirada pelo autor do trabalho, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 54 – Rampa de varagem, fotografia tirada pelo autor do trabalho, SIBIL, antiga fábrica de desmanche do Cachalotes, Cais do Pico, Ilha do Pico.



Foto. 57 – Regata baleeira



Foto. 55 – Diferenças de tamanho.

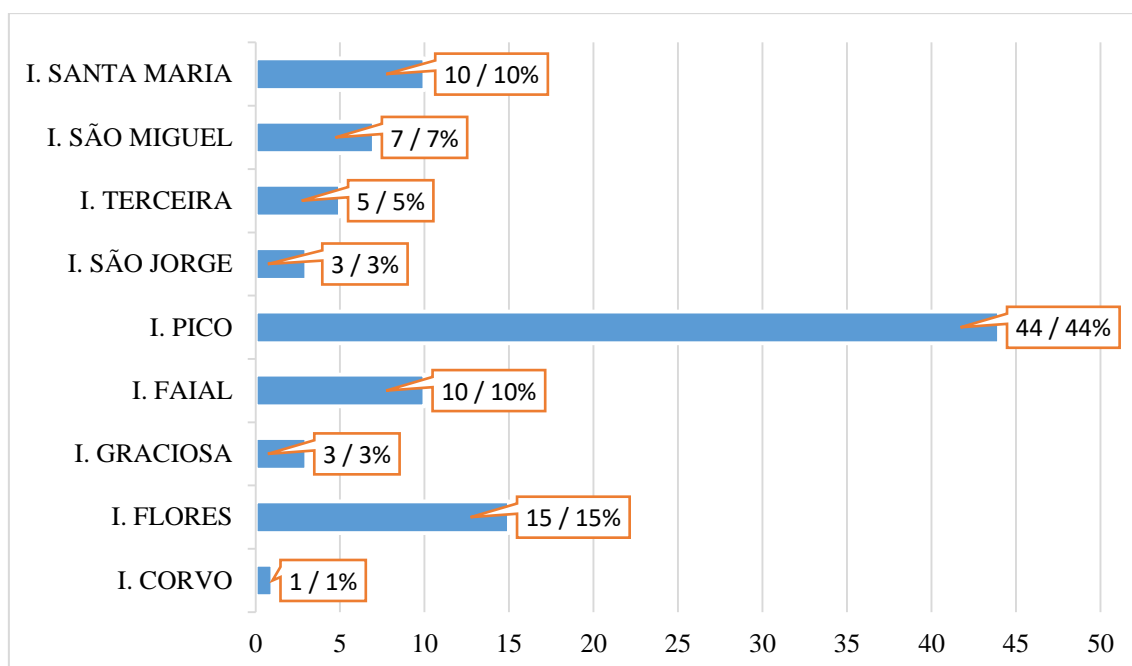


Foto. 58 – Marfim vegetal, M.F. Gomes, fotografia tirada pelo autor do trabalho, Espaço Talassa, Lajes do Pico, Ilha do Pico.

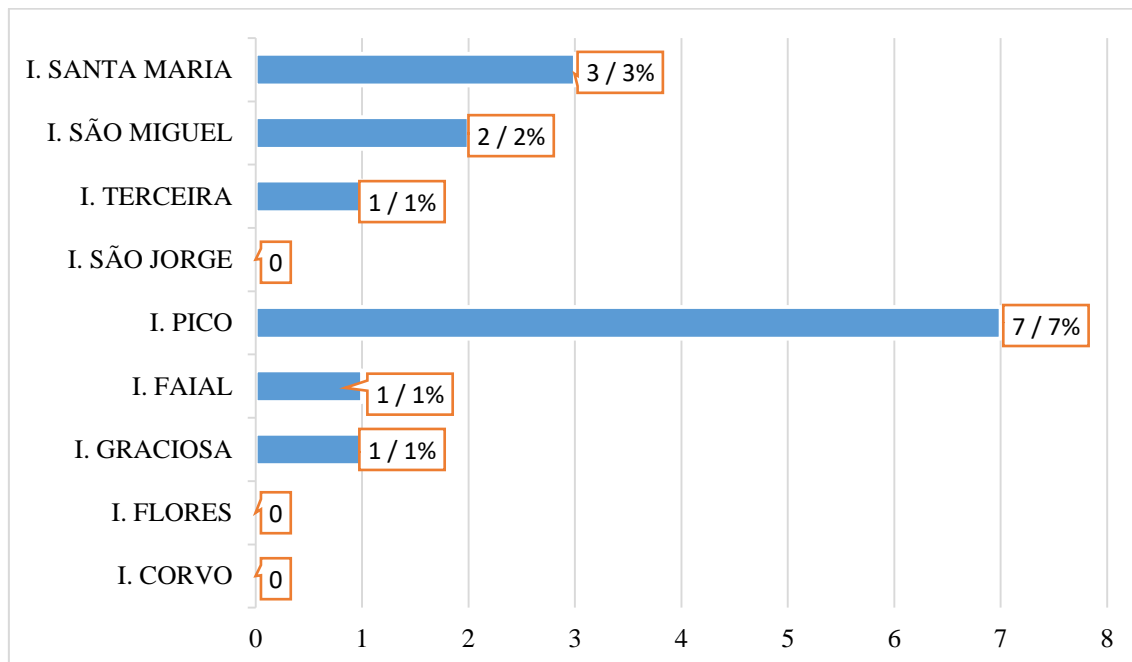


Foto. 56 – Desmanche do cachalote

ANEXO IV – QUADROS



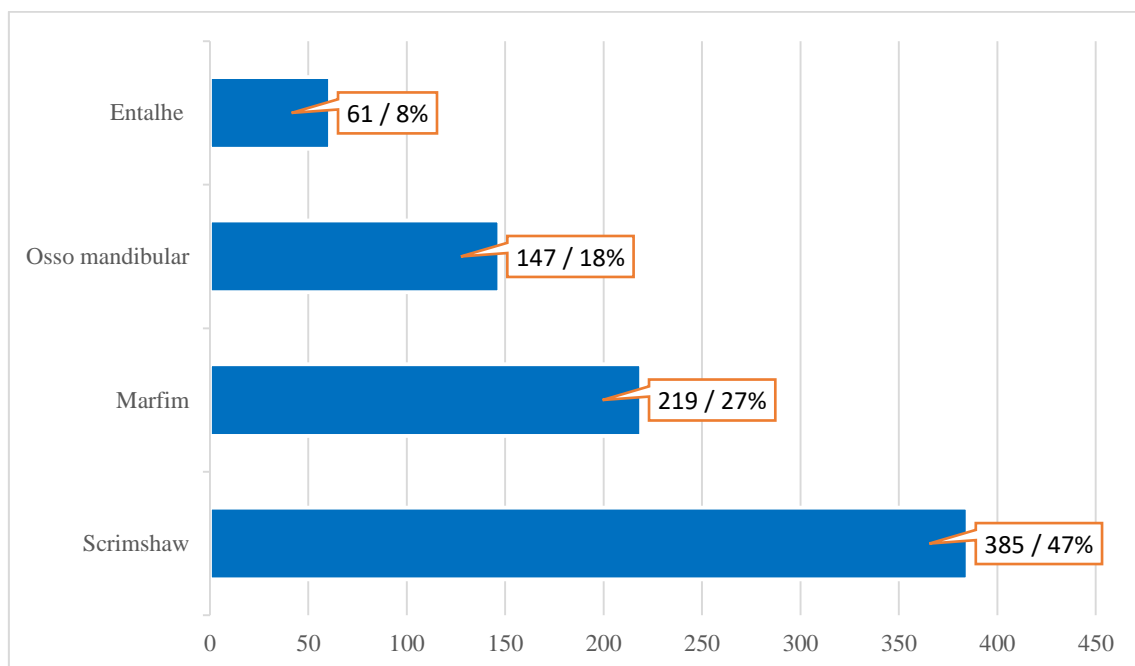
Quadro I – Distribuição de Artesão por Ilhas.⁶⁰⁴



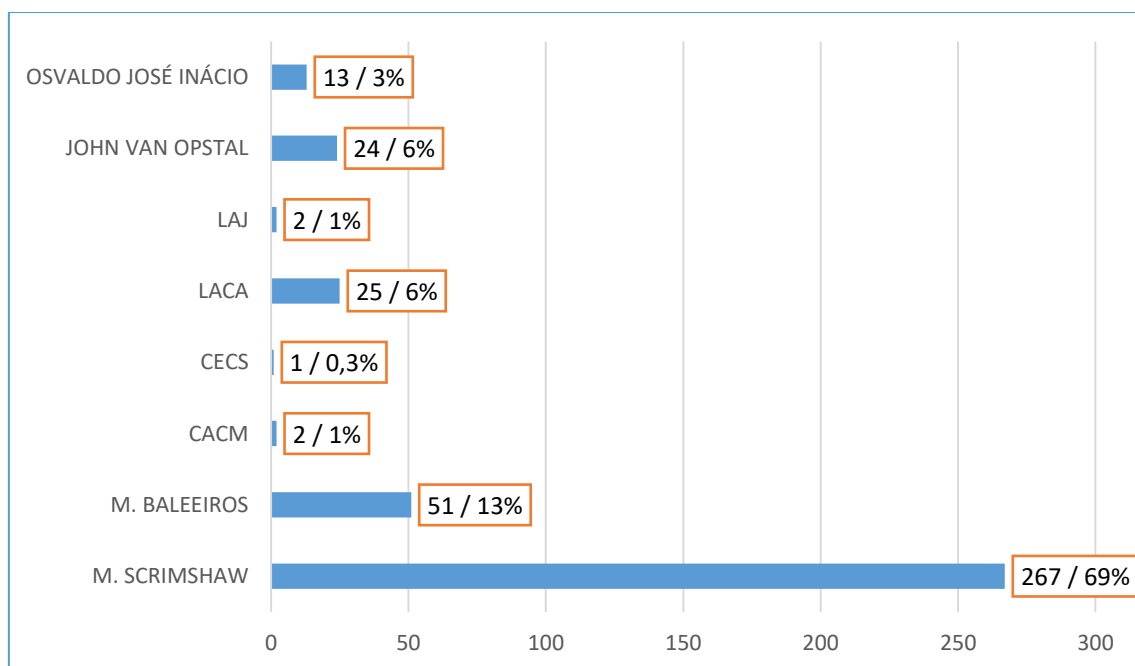
Quadro II – Artesãos ainda no ativo em 2015 segundo a DRT.⁶⁰⁵

⁶⁰⁴ VIEIRA, João A. Gomes; O Homem e o mar: artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos: Açores e Madeira – vida e obras = Man and the sea, portuguese Scrimshaw artists in whale tooth ivory and bone, the Azores and Madeira, their lives and works; Intermezzo Audiovisuais, Lda., pp.61-193; 2003.

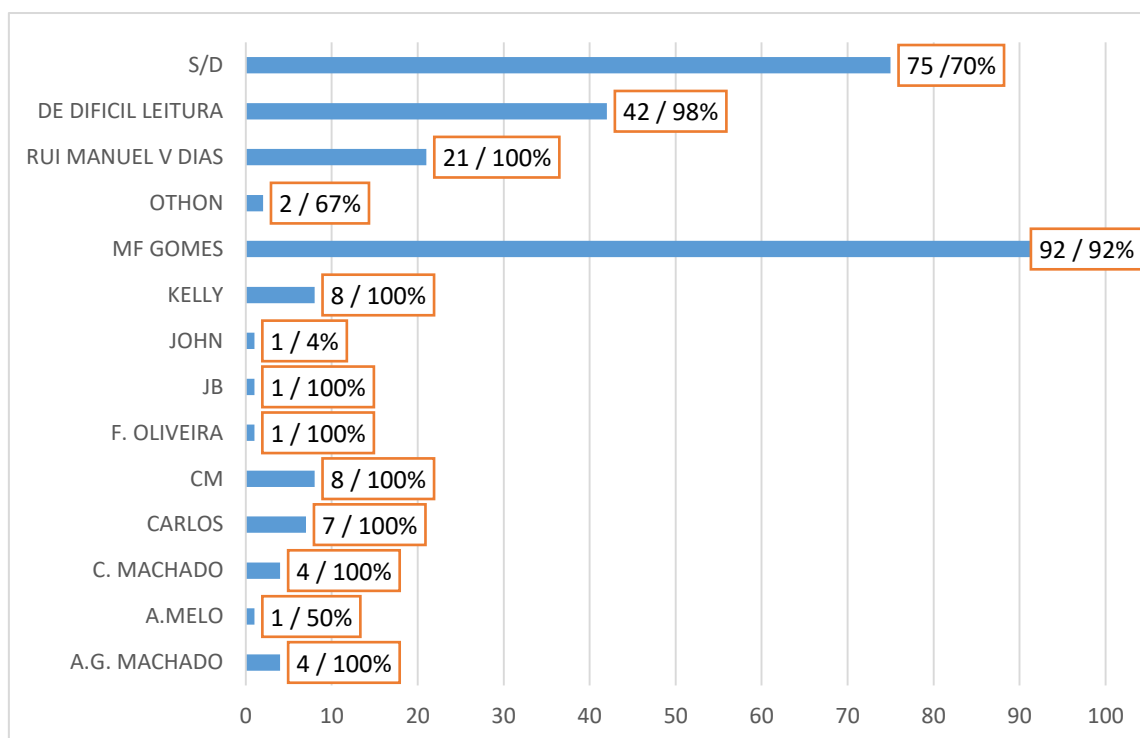
⁶⁰⁵ Encontrei o artesão do Faial pela internet, mas incluí nesta lista.



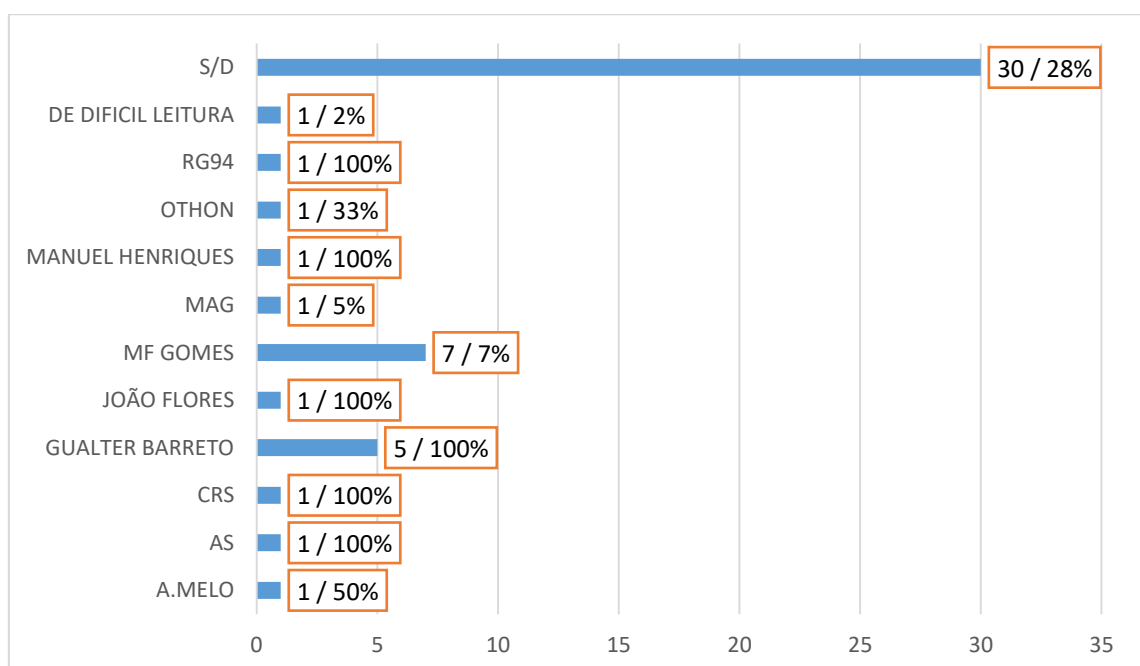
Quadro III – Divisão dos 812 trabalhos fotografados pelas técnicas de execução.



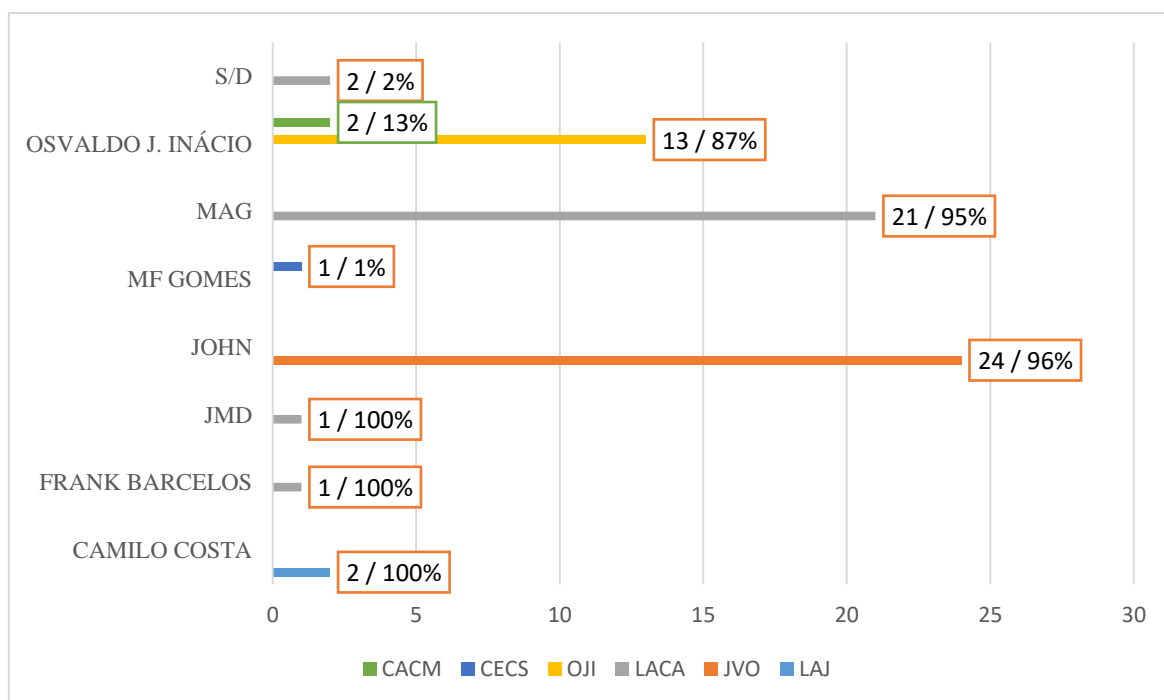
Quadro IV – Proveniência dos trabalhos de Scrimshaw, 385 peças inventariadas.



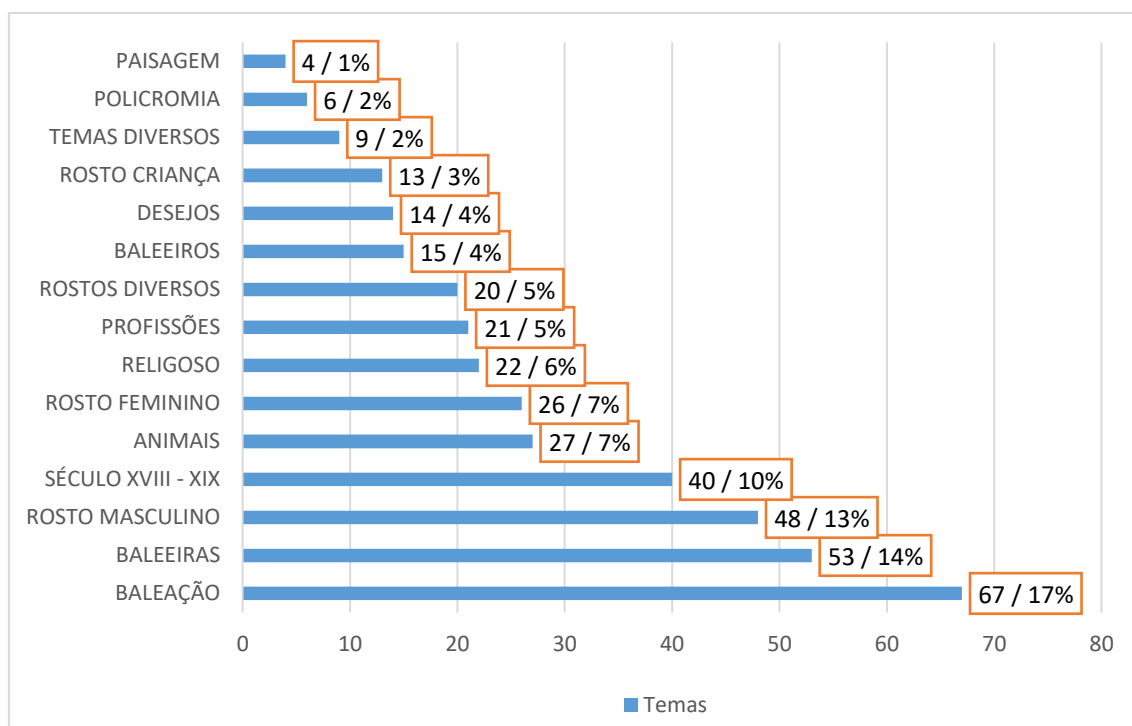
Quadro V – Museu de Scrimshaw, autores/artesãos identificados.



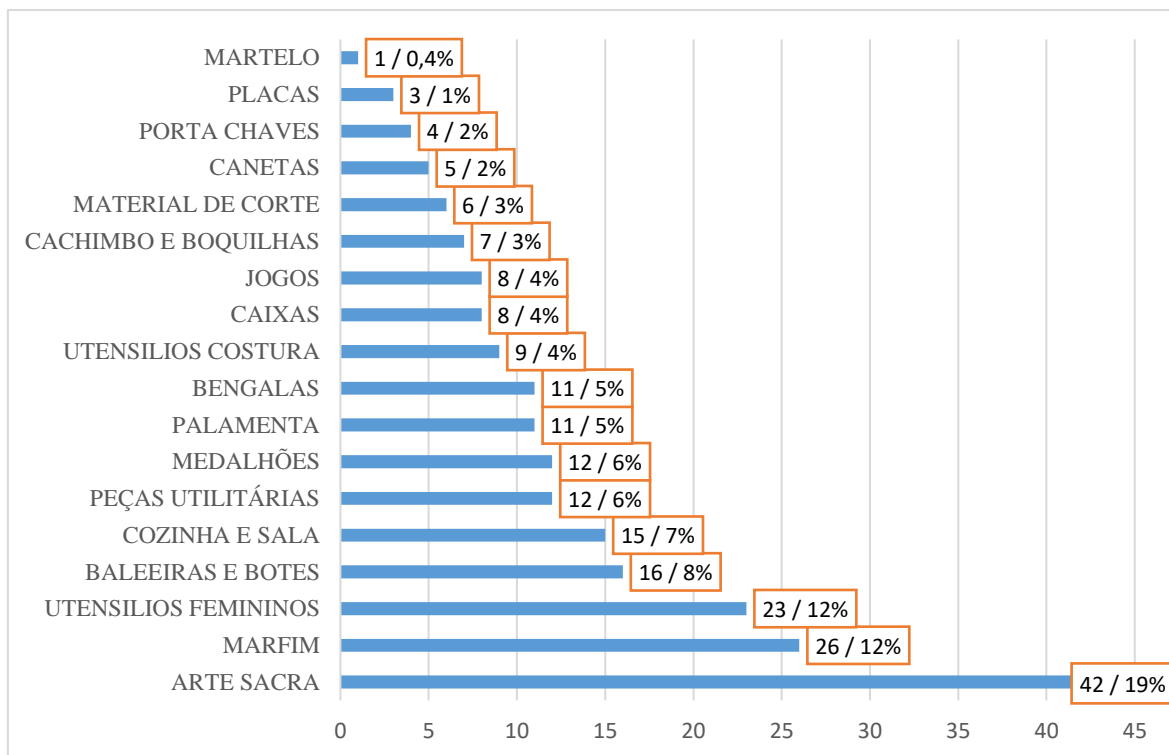
Quadro VI – Museu dos Baleeiros, autores/artesãos identificados.



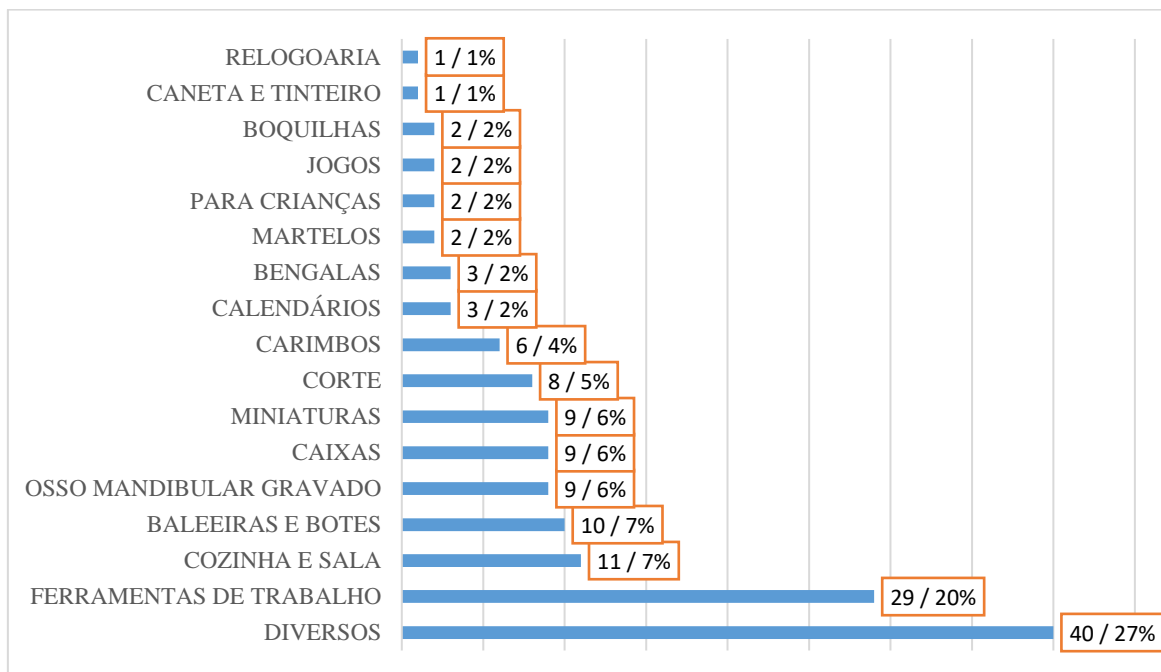
Quadro VII – CACM, CECS, LACA, LAJ, JVO, e OJI, autores/artesãos identificados.



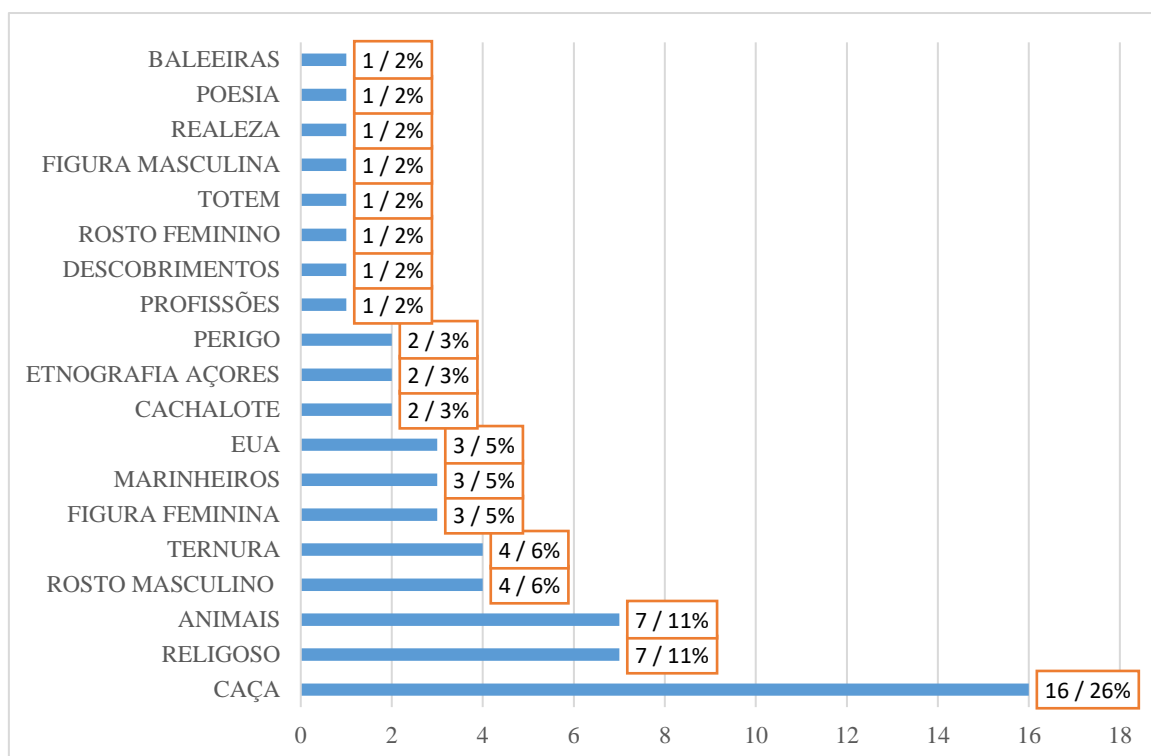
Quadro VIII – 385 Scrimshaw, identificação de 15 temáticas.



Quadro IX – 219 trabalhos em marfim, identificação de 18 temáticas



Quadro X – 147 trabalhos em osso mandibular, identificação de 17 temáticas



Quadro XI – 61 trabalhos em entalhe, identificação de 19 temáticas.

Artistas / Tema	Séc. XVIII - XIX	Baleação	Baleeiros	Baleiros	Religioso	Rosto masculino	Rosto feminino	Rosto criança	Rosto diversos	Profissões	Desejos	Paisagem	Policromia	Animais	Diversos	TTL
A.G. Machado			3 / 6%									1 / 25%				4
A. Melo		2 / 3%														2
A.S.			1 / 2%													1
C. Machado			2 / 4%		1 / 5%					1 / 3%						4
Canilo Costa		1 / 1%	1 / 2%													2
Carlos			1 / 2%		2 / 9%	3 / 6%						1 / 25%				7
CM			2 / 4%		3 / 14%	1 / 2%								2 / 7%		8
CRS			1 / 2%													1
F. Oliveira		1 / 1%														1
Frank Barcelos													1 / 17%			1
Gualter Barreto		4 / 6%		1 / 7%												5
JB	1 / 3%															1
JMD	1 / 3%															1
Joko Flores		1 / 1%														1
John Van Opstal		13 / 19%	1 / 2%	1 / 7%	1 / 5%	3 / 6%					1 / 7%			5 / 19%		25
Kelly		1 / 1%	1 / 2%								3 / 21%		1 / 17%	1 / 4%	1 / 11%	8
M.F. Gomes		4 / 6%	9 / 17%	6 / 40%	1 / 5%	23 / 48%	14 / 54%	10 / 77%	13 / 65%	7 / 33%	7 / 50%			5 / 19%	1 / 11%	100
Manuel A. Gonçalves		10 / 15%	9 / 17%		2 / 9%									1 / 4%		22
Manuel F.B. Henriques	1 / 3%															1
Oswaldo		6 / 9%	4 / 8%											4 / 15%	1 / 11%	15
Orthon		1 / 1%	1 / 2%										1 / 17%			3
RG94											1 / 7%					1
Rui Manuel V. Dias		8 / 12%	3 / 6%	4 / 27%		3 / 6%				3 / 14%						21
De Dificil Leitura		6 / 9%	2 / 4%	1 / 7%	4 / 18%	7 / 15%	8 / 31%	2 / 15%	1 / 5%	6 / 29%				3 / 19%	1 / 11%	43
Sem Dados	37 / 93%	9 / 13%	12 / 23%	2 / 13%	8 / 36%	8 / 17%	4 / 15%	1 / 8%	6 / 30%	4 / 19%	2 / 14%	2 / 50%	3 / 50%	4 / 15%	5 / 35%	107
TOTAL	40	67	53	15	22	48	26	13	20	21	14	4	6	27	9	385

Quadro XII – Presença dos autores/artesãos pelas 15 temáticas do Scrimshaw

Artesãos / Tema	Museu Scrimshaw	Museu Baleeiros	CECS	CACM	LACA	LAJ	OJI	JVO	TTL
Baleação	25 / 37%	12 / 18%		2 / 3%	9 / 13%	1 / 2%	5 / 8%	13 / 19%	67
Baleeiras	28 / 53%	9 / 17%	1 / 2%		9 / 17%	1 / 2%	4 / 8%	1 / 2%	53
Rosto masculino	43 / 90%	3 / 7%						2 / 3%	48
Séc. XVIII-XIX	21 / 53%	16 / 40%			3 / 7%				40
Animais	17 / 63%				1 / 4%		4 / 15%	5 / 19%	27
Rosto feminino	25 / 96%	1 / 4%							26
Religioso	19 / 86%				2 / 9%			1 / 5%	22
Profissões	19 / 90%	2 / 10%							21
Rostos diversos	19 / 95%	1 / 5%							20
Baleeiros	12 / 80%	2 / 13%						1 / 7%	15
Desejos	12 / 86%	1 / 7%						1 / 7%	14
Rosto Criança	12 / 92%	1 / 8%							13
Diversos	7 / 78%	2 / 22%							9
Policromia	4 / 67%	1 / 17%			1 / 17%				6
Paisagem	4 / 100%								4
Total	267	51	1	2	25	2	13	24	385

Quadro XIII – Scrimshaw, temáticas presentes nos Museus, Centros de Exposições e Lojas de Artesanato

ITEM	SUBTEMAS / TEMAS	SÉCULO XVIII	BALEAÇÃO	BALEEIRAS	BALEEIRO	RELIGIOSO	ROSTO MASCULINO	ROSTO FEMININO	ROSTO CRIANÇA	ROSTO DIVERSO	PROFISSÕES	DESEJOS	PAISAGEM	POLICROMIA	ANIMAIS	DIVERSOS	TTL
1	AGRICULTURA										2700%						2
2	ARMARINHARIA - CAÇA AO CACHALOTE														1100%		1
3	ARMARINHARIA - LUTA ENTRE CACHALOTE E LULA GIANTE														1100%		1
4	ARMARINHARIA - MESA DO PETER CAPE SPENT														1100%		1
5	ARTISTOCRATA E PRESA				1100%			3100%									1
6	ARISTOCRATA																3
7	ARRASTADO PELA PRESA				2700%												5
8	AUTISMO															1100%	1
9	BALDA DE HORTA "BALEEIRAS AMERICANAS"												2700% 1100%				2
10	BALDA DE HORTA "CLIPPERS"																1
11	BALDEIRA AMERICANA	510%		3700%										670%			40
12	BALDEIRA AMERICANA "BROTHERS"			1100%													1
13	BALDEIRA AMERICANA "CHARLES V. MORGAN"			1100%													1
14	BALDEIRA AMERICANA "SHIPWRECK"			1100%													1
15	BALDEIRA AMERICANA "THE THREE BROTHERS"			1100%													1
16	BALDEIRA AMERICANA "THE WHALER DAUPHIN"			1100%													1
17	BALDEIRA AMERICANA "USS CONSTITUTION"			1100%													1
18	BALDEIRA AMERICANA "WHALE SHIP CATALPA"			1100%													1
19	BALDEIRA AMERICANA, LEITE ANIMAL			1100%													1
20	BALDEIRA HOLANDESA			1100%													1
21	BALDEIRA HOLANDESA "SWIT POTATODIAM"			1100%													1
22	BALDEIRO						8100%										4
23	BALDEIRO A TOCAR VELA E UMA BALDEIRA						1100%										1
24	BALDEIRO COM PASSARO E BALDEIRA AMERICANA						1100%										1
25	BALDEIRO E BALDEIRA						2700%										2
26	BALDEIRO'S BOYS BALDEIRO						2700%										2
27	BALDEIRO'S CEMAS BALDEIRO						1100%										1
28	BALDEIRO'S TRANSLADOR						2700%										2
29	BALDEIRO E UM GATO						1100%										1
30	CACHALOTE																1
31	BALDEIRO'S HANCOFAM E PICO						1100%										1

Quadro XIV – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de Scrimshaw.

QTD	SUBTEMAS / TEMAS	SÉCULO XVIII - XIX	BALEIAÇA O	BALEIRA S	BALEIRO S	PELISCO O	ROSTO MASCULINO	ROSTO FEMININO	ROSTO CRIANÇA	ROSTO DIVERSO	PROFISSÕES	DESEJOS	PASSAGENS	POUCORONA A	ANIMAIS	DIVERSOS	TTL
32	BALDEIA														1/100%		1
33	BARBATA CAVAL CACHALOTE														1/100%		1
34	BELUMMUU C. KUYU ANI						1/100%								1/100%		1
35	BERNARD MORTUORI						1/100%										1
36	BOM JESUS MALADROSO					1/100%											1
37	BOTE BALEIRO													1/100%			1
38	BOTE BALEIRO E CACHALOTE													1/100%			1
39	CAÇA AO CACHALOTE BALEIRA AMERICANA		20/100%														20
40	CAÇA AO CACHALOTE BALEIRA AMERICANA EM TERRITÓRIO FRANCÊS		1/100%														1
41	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEIRO		20/100%														20
42	CACHALOTE														2/100%		2
43	CACHALOTE - PICO												1/100%				1
44	CÃO - "Two fish in a bag" e "dog"														1/100%		1
45	CAPESCOBROS						1/100%										1
46	CAYALNEIRO	1/100%															1
47	CAVALNEIRO, RAPIAZ E BALEIRA NA CAÇA								1/100%		1/100%						1
48	COBERTOZ E TABAS									1/100%							1
49	CORTO BALEIRO		2/100%														2
50	COOPERADOR				1/100%											1/100%	1
51	CONFIANÇA PARA OS BOTES																1
52	CONFIANÇA PARA OS BOTES E BALEIRO								1/100%								1
53	CORTADOR									1/100%	1/100%						1
54	CORTADORA									1/100%	1/100%						1
55	CRIANÇA A DORMIR							1/100%									1
56	CRIANÇA COM AS DENTADAS							1/100%									1
57	CRIANÇA E BOTE BALEIRO NA CAÇA							2/100%									2
58	CRIANÇA E BOTE DE BALEIRO							2/100%									2
59	CRIANÇA DORMINDO							1/100%									1
60	CRIANÇA NA LAVOURA							2/100%									2
61	DAMA	1/100%					1/100%										1
62	DAMA COM ROSAS						1/100%										1
63	DAMA E CACHALOTEIRO							1/100%									1
64	DAMA E HERRALDEIA	1/100%															1
65	DAMA E UM PISCADOR NA NAO							1/100%									1
66	DAMA PORTELA "My lovely wife Jane"							1/100%									1
67	DAMA SENTADA							1/100%									1
68	DOIS	1/100%															1
69	DESEJO E TEMÁTICA BALEIRA										1/100%						1

Quadro XV – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de *Scrimshaw*.

QTD	SUBTEMAS / TEMAS	SÉCULO XVIII - XIX	BALEIAÇA O	BALEIRA S	BALEIRO S	PELISCO O	ROSTO MASCULINO	ROSTO FEMININO	ROSTO CRIANÇA	ROSTO DIVERSO	PROFISSÕES	DESEJOS	PASSAGENS	POUCORONA A	ANIMAIS	DIVERSOS	TTL
70	DESMANCHO A BORDA DE UMA BALEIRA		1/100%														1
71	DESMANCHO EM TERRA		1/100%														1
72	DESEJOS	2/100%															2
73	DOIS DE CRIA									1/100%							1
74	DOIS BALEIRAS AMERICANAS			2/100%													2
75	DOIS FIGURAS	1/100%															1
76	EM OMBRO					2/100%											2
77	EMBRASCO BALEIRA								1/100%								1
78	EMBRASCO E VULCÃO DOIS CAPELUNDOS								1/100%								1
79	ESP. TABAREY						1/100%										1
80	ESPASANTE														2/100%		2
81	ESPASANTE NAS PODE														1/100%		1
82	ESPERA	1/100%	1/100%					1/100%		1/100%							4
83	ESPERA "Are waiting for you."							1/100%									1
84	ESPERA "If you're not here"							1/100%									1
85	ESPERA CRIANÇA E CÃO "He come back"								1/100%								1
86	ESPERA CRIANÇA, GATO E							1/100%									1
87	ESPERA CRIANÇAS							1/100%									1
88	FABULA								1/100%								1
89	FAPOLUPRO						1/100%			1/100%							1
90	FE	1/100%				2/100%		1/100%									4
91	FEPLADOR							1/100%					2/100%				2
92	FLOR	1/100%						1/100%									1
93	FRIDOLF THOMPSON						1/100%										1
94	ISA FERREIRA E BALEIA														1/100%		1
95	MEMÓRIAS DO PASSADO						1/100%										1
96	HOMENS DA PAZ									1/100%							1
97	DOIS A REZAR							1/100%		1/100%							1
98	DOIS E BALEIRO							1/100%									1
99	DOIS							1/100%									1
100	DOIS E BOTES BALEIRAS							1/100%									1
101	DOIS E VULCÃO CAPLUNDOS							2/100%									2
102	NOVIDADE E CRIANÇA	1/100%															1
103	NOVIDADE E PERIGO	1/100%															1
104	NOVIDADES CÔSMICAS						2/100%										2
105	NOVIDADES						2/100%										2
106	JESUS CRISTO						1/100%										1
107	JESUS CRISTO COM BALDEIA E PICO							1/100%									1
108	JESUS CRISTO CRUCIFICADO							1/100%									1
109	JESUS CRISTO DESCOBIDA DA CRUZ							1/100%									1
110	JESUS CRISTO ROSTO							4/100%									4
111	JESUS CRISTO SENTADO COM DOIS PERSONAGENS					1/100%											1

Quadro XVI – 182 subtemas divididos pelos 15 temas de *Scrimshaw*.

QTD	SUBTEMAS / TEMAS	SÉCULO XVIII -XIX	BALEIAÇA O	BALEIRA S	BALEIRO S	REUSOS O	ROSTO MASCULINO	ROSTO FEMININO	ROSTO GRANÇA	ROSTO DIVERSO	PROFISSÃO ES	DESEJO	PASSAGEM	POUCORONA A	ANIMAS	DIVERSOS	TTL
18	JOSÉ AZEVEDO "PETER"						11/80%										1
19	JOSÉ HENRIQUE ALBUQUERQUE						11/80%										1
20	LAZARUS ROBERTO				21/80%												2
21	LEDO														21/80%		2
22	MARIA JOSE DE JESUS					11/80%											1
23	MARSHALL										21/80%						6
24	MARY FINE	11/80%															1
25	MULHER AMAMONTA, LE UMA CARTA, "MULHERES, JESUS"							11/80%									1
26	MULHER AMAMONTA, LE UMA CARTA, BOTE BALEIRO							11/80%									1
27	MULHER COM VIREM DE ÁGUA, ROLEIRA							11/80%									1
28	MULHER DÁ DE COMER AO MUNDO, BALEIRA							11/80%									1
29	MULHER DO POVO	11/80%															1
30	MULHER DO BALEIRO											11/80%					1
31	MULHER NUA											11/80%					2
32	MULHER NUA E COLHER FLOR											11/80%					1
33	MULHER NUA E BALEIRA											11/80%					2
34	MULHER NUA E BALEIRA											11/80%					1
35	MULHER NUA E COLHER											11/80%					1
36	MULHER NUA E COLHER											11/80%					1
37	MULHER NUA E COLHER											11/80%					1
38	MULHER TRABALHA A REDE DE PESCA							11/80%									1
39	MULHERES NUA											11/80%					1
40	MUNDO MARSHALL E APATIA														21/80%		2
41	MUNDO (PROFISSÃO)	11/80%															1
42	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
43	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
44	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
45	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
46	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
47	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
48	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
49	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
50	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
51	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
52	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
53	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
54	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
55	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
56	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
57	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
58	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
59	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
60	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
61	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
62	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
63	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
64	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
65	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
66	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
67	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
68	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
69	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
70	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
71	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
72	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
73	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
74	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
75	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
76	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
77	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
78	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
79	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
80	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
81	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
82	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
83	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
84	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
85	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
86	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
87	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
88	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
89	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
90	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
91	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
92	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
93	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
94	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
95	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
96	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
97	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
98	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
99	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
100	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
101	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
102	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
103	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
104	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
105	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
106	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
107	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
108	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
109	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
110	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
111	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
112	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
113	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
114	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
115	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
116	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
117	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
118	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
119	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
120	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
121	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
122	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
123	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
124	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
125	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
126	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
127	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
128	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
129	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
130	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
131	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
132	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
133	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO					11/80%	11/80%										1
134	MUNDO (PROFISSÃO) E MUNDO																

AUTORES / GRAVAÇÃO	FRENTE PICOTADO	FRENTE: PICOTADO E NUMERAÇÃO	FRENTE: LINHAS E PICOTADO	FRENTE E VERSO PICOTADO	FRENTE: LINHAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE, VERSO: LINHAS DE TEXTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE
A.G. MACHADO						2 / 50%		
A.MELO						1 / 50%		
A.S.								1 / 100%
C.MACHADO						1 / 25%		3 / 75%
CAMILO COSTA						2 / 100%		
CARLOS						3 / 43%		2 / 29%
CM						5 / 63%		1 / 13%
CRS								1 / 100%
F. OLIVEIRA								1 / 100%
FRANK BARCELOS								
GUALTER BARRETO						4 / 80%		
JB								
JMD			1 / 100%					
JOÃO FLORES						1 / 100%		
JOHN VAN OPSTAL						4 / 16%		4 / 16%
KELLY					1 / 13%	1 / 13%		1 / 13%
M.F. GOMES						11 / 11%		69 / 69%
MANUEL ALVES GONÇALVES						18 / 82%	1 / 5%	
MANUEL F.B. HENRIQUES								
OSVALDO JOSÉ INÁCIO						12 / 80%		1 / 7%
OTHON						1 / 33%		1 / 33%
RG94								1 / 100%
RUI MANUEL V. DIAS						9 / 43%		3 / 14%
DE DIFÍCIL LEITURA					1 / 2%	8 / 19%		23 / 53%
SEM DADOS	8 / 7%	1 / 1%	1 / 1%	2 / 2%	10 / 9%	21 / 20%	1 / 1%	36 / 34%
TOTAL	8	1	2	2	12	104	2	148

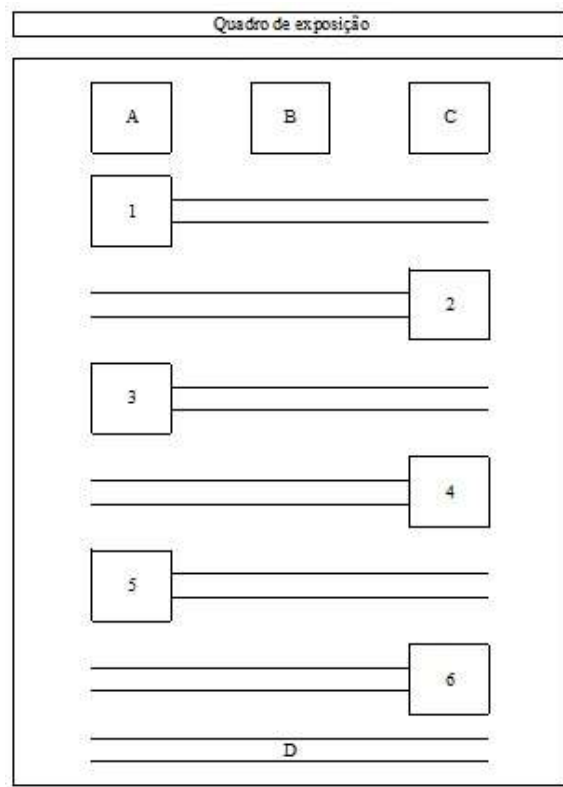
Quadro XIX – 23 autores (+2) divididos pelos métodos de gravação

AUTORES / MÉTODO DE GRAVAÇÃO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE, POLICROMIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	FRENTE: LINHAS, NEGRO SUAVE E TEXTO	FRENTE: LINHAS, PICOTADO E NEGRO FORTE	FRENTE: LINHAS, PICOTADO E TEXTO	FRENTE: POLICROMIA	FRENTE: POLICROMIA, VERSO: TEXTO
A.G. MACHADO	1 / 25%		1 / 25%					
A.MELO	1 / 50%							
A.S.								
C.MACHADO								
CAMILO COSTA								
CARLOS	1 / 14%						1 / 14%	
CM	1 / 13%		1 / 13%					
CRS								
F. OLIVEIRA								
FRANK BARCELOS							1 / 100%	
GUALTER BARRETO	1 / 20%							
JB						1 / 100%		
JMD								
JOÃO FLORES								
JOHN VAN OPSTAL	16 / 64%			1 / 4%				
KELLY	3 / 37%						2 / 25%	
M.F. GOMES	20 / 20%							
MANUEL ALVES GONÇALVES	2 / 9%		1 / 5%					
MANUEL F.B. HENRIQUES								1 / 100%
OSVALDO JOSÉ INÁCIO	2 / 13%							
OTHON							1 / 33%	
RG94								
RUI MANUEL V. DIAS	9 / 43%							
DE DIFÍCIL LEITURA	10 / 23%						1 / 2%	
SEM DADOS	10 / 9%	1 / 1%	7 / 7%		2 / 2%		7 / 7%	
TOTAL	77	1	10	1	2	1	13	1

Quadro XX – 23 autores (+2) divididos pelos métodos de gravação

MÉTODO DE GRAVAÇÃO / MUSEU	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIROS	CACM	CECS	LACA	LAJ	OJI	JVO
FRENTE PICOTADO	3 / 33%	4 / 44%			2 / 22%			
FRENTE: PICOTADO E NUMERAÇÃO	1 / 100%							
FRENTE: LINHAS E PICOTADO	1 / 100%							
FRENTE E VERSO PICOTADO		2 / 100%						
FRENTE: LINHAS	6 / 50%	6 / 50%						
FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	52 / 50%	16 / 15%			19 / 18%	2 / 2%	12 / 12%	3 / 3%
FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE, VERSO: LINHAS		1 / 100%						
FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	128 / 86%	14 / 9%		1 / 1%	1 / 1%		1 / 1%	4 / 3%
FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	53 / 69%	4 / 5%	2 / 3%		2 / 3%			16 / 21%
FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE, POLICROMIA	1 / 100%							
FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	8 / 89%	1 / 11%						
FRENTE: LINHAS, NEGRO SUAVE E TEXTO	1 / 50%							1 / 50%
FRENTE: LINHAS, PICOTADO E NEGRO FORTE	1 / 50%	1 / 50%						
FRENTE: LINHAS, PICOTADO E TEXTO	1 / 100%							
FRENTE: POLICROMIA	11 / 92%	1 / 8%						
FRENTE: POLICROMIA, VERSO: TEXTO		1 / 50%			1 / 50%			
TOTAL	267	51	2	1	25	2	13	24

Quadro XXI – Métodos de gravação divididos por museus, centros de exposições e lojas de Artesanato



Quadro XXII – Quadro de exposição

Baleeira

Material utilizado: Dente de cachalote

Descrição: Scurshaw do USS Constitution, hoje em dia uma fragata de guerra

Ano: s/d

Dimensões: s/d

Peso: s/d


Método de Gravação: Incisão, junção de negro suave e forte

Ferramentas Utilizadas: s/d

Autor: De difícil leitura

Propriedade: Coleção "João Flores", João Fernandes Leal, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Ilha do Pico.

Inventário: MB.18.LP.IP.




18

Quadro XXIII – Proposta de legendagem, 10 pontos

- 1 – Número do Série: Se tiver.
- 2 – Categoria: Se é Scrimshaw ou outra peça de arte
- 3 – Objeto: Aquilo que está representado à nossa frente
 - 3.1 – Frente
 - 3.2 – Verso
- 4 – Título: Se a peça tem nome
- 5 – Motivo: Se tem alguma frase de "Grueta"
- 6 – Data: Se a peça está datada.
- 7 – Assinatura: Se a peça está assinada.
- 8 – Material: De que material é feito/trabalhado. Ex. se tem apenas Dente
- 9 – Dimensões:
 - 9.1 – Altura
 - 9.2 – Largura
 - 9.3 – Comprimento
- 10 – Peso
- 11 – Descrição / Iconografia: O que está representado na peça.
- 12 – Propriedade: A quem pertence a peça
- 13 – Localidade
- 14 – Ilus
- 15 – Inventário: MBPCS.108.H.IP.

Jesus Cristo



15

Quadro XXIV – Proposta de legendagem, 15 pontos

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
1	MB.04.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: PICOTADO	std		1						
2	MB.12.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	std		1						
3	MB.14.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	CAVALHEIRO	FRENTE: PICOTADO	std		1						
4	MB.06.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS	std		1						
5	MB.08.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	std		1						
6	MB.09.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	std		1						
7	LACA.01.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DUAS FIGURAS	FRENTE: PICOTADO	JMD					1			
8	LACA.02.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	std					1			
9	LACA.03.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	PIRATA	FRENTE: PICOTADO	std					1			
10	MB.03.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA E HERÁLDICA	FRENTE E VERSO:	std		1						
11	MB.13.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	ESPERA	FRENTE: PICOTADO	std		1						
12	MB.05.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	INOCÊNCIA E DESLEIXO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE, VERSO:	std		1						
13	MB.02.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	INOCÊNCIA E PERIGO	FRENTE E VERSO:	std		1						
14	MB.07.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	MARY FINN	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	std		1						
15	MB.15.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	PÁSSARO	FRENTE: LINHAS	std		1						
16	MB.01.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	PRINCESA PIRATA ALVIDA	FRENTE: POLICROMIA, VERSO: TEXTO	MANUEL HENRIQUES		1						
17	MB.11.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	ROSTO DE HOMEM	FRENTE: PICOTADO	S/D		1						
18	MB.10.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	ROSTO DE HOMEM EM PERFIL	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D		1						
19	MB.16.LP.IP.	SÉC. XVIII - XIX	ROSTO DE MULHER	FRENTE: LINHAS	S/D		1						
20	MSPCS.17.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS, PICOTADO E	J. B.	1							
21	MB.267.LP.LP.	SÉC. XVIII - XIX	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS	S/D	1							
22	MB.51.LP.LP.	SÉC. XVIII - XIX	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS	S/D		1						
23	MSPCS.04.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
24	MSPCS.05.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
25	MSPCS.06.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: PICOTADO	S/D	1							
26	MSPCS.14.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							

Quadro XXV – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
27	MSPCS.18.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DATAS	FRENTE: PICOTADO E NUMERAÇÃO	S/D	1							
28	MSPCS.01.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DIVERSOS	FRENTE: PICOTADO	S/D	1							
29	MSPCS.08.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	DIVERSOS	FRENTE: LINHAS	S/D	1							
30	MSPCS.12.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	FÉ	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
31	MSPCS.02.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	FLOR	FRENTE: LINHAS	S/D	1							
32	MSPCS.11.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	MULHER DO POVO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
33	MSPCS.07.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	MÚSICA	FRENTE: LINHAS	S/D	1							
34	MSPCS.09.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	PRESIDÊNCIA EUA	FRENTE: LINHAS, PICOTADO E	S/D	1							
35	MSPCS.16.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	PRESIDÊNCIA EUA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
36	MSPCS.15.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	REIS PORTUGUESES	FRENTE: LINHAS E PICOTADO	S/D	1							
37	MSPCS.10.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	ROSTO DE MULHER	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
38	MSPCS.03.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	SOLDADO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
39	MSPCS.19.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	TRABALHO FEMININO	FRENTE: PICOTADO	S/D	1							
40	MSPCS.13.H.IF.	SÉC. XVIII - XIX	VASO DECORATIVO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
41	LACA.04.IP.LP.	POLICROMIA	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: POLICROMIA	FRANK BARCELOS					1			
42	MB.17.IP.LP.	POLICROMIA	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: POLICROMIA	S/D		1						
43	MSPCS.20.H.IF.	POLICROMIA	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
44	MSPCS.21.H.IF.	POLICROMIA	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
45	MSPCS.22.H.IF.	POLICROMIA	BOTE BALEEIRO E CACHALOTE	FRENTE: POLICROMIA	OTHON	1							
46	MSPCS.23.H.IF.	POLICROMIA	BOTE BALEEIRO	FRENTE: POLICROMIA	KELLY	1							
47	MSPCS.24.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "BREEZING UP"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
48	MSPCS.25.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
49	MSPCS.26.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
50	MSPCS.27.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
51	MSPCS.28.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CARLOS	1							

Quadro XXVI – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
52	MSPCS.29.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
53	MSPCS.30.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "THE THREE BROTHERS"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
54	MSPCS.31.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "SHIP ANN"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
55	MSPCS.32.H.IF.	BALEEIRAS	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	S/D	1							
56	MSPCS.33.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA HOLANDESA "SMIT ROTTERDAM"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	A. G. MACHADO	1							
57	MSPCS.34.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA HOLANDESA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	A. G. MACHADO	1							
58	MSPCS.35.H.IF.	BALEEIRAS	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	A. G. MACHADO	1							
59	MSPCS.36.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	C. MACHADO	1							
60	MSPCS.37.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	C. MACHADO	1							
61	MSPCS.38.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CM	1							
62	MSPCS.39.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "CHARLES W. MORGAN"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	CM	1							
63	MB.18.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "USS CONSTITUTION"	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D		1						
64	MB.19.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D		1						
65	MB.20.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	AS		1						
66	MB.21.LP.IP.	BALEEIRAS	DUAS BALEEIRAS AMERICANAS	FRENTE: LINHAS	S/D		1						
67	MB.22.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	CRS		1						
68	MSPCS.40.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
69	MSPCS.41.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
70	MSPCS.42.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "THE WHALER DAUPHIN 1827"	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
71	MSPCS.43.H.IF.	BALEEIRAS	DUAS BALEEIRAS AMERICANAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
72	MSPCS.44.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
73	MSPCS.45.H.IF.	BALEEIRAS	DUAS BALEEIRAS AMERICANAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							

Quadro XXVII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
74	MSPCS.46.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
75	MSPCS.47.H.IF.	BALEEIRAS	VÁRIAS BALEEIRAS AMERICANAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
76	MSPCS.48.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
77	MSPCS.49.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA, LEME, ANIMAIS	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES	1							
78	MSPCS.50.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	KELLY	1							
79	MSPCS.51.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA "WHALE SHIP CATALPA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
80	JVOPSTAL.01.H.IF.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	JOHN VAN OPSTAL							1	
81	LAJCC.01.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CAMILO COSTA						1		
82	CECS.01.SRP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES			1					
83	OJI.01.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
84	OJI.02.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
85	OJI.03.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
86	OJI.04.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
87	LACA.05.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
88	LACA.06.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
89	LACA.07.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
90	LACA.08.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
91	LACA.09.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
92	LACA.10.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
93	LACA.11.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
94	LACA.12.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			

Quadro XXVIII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
95	LACA.13.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
96	MB.23.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES		1						
97	MB.24.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D		1						
98	MB.25.LP.IP.	BALEEIRAS	BALEEIRA AMERICANA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OTHON		1						
99	MSPCS.52.H.F.	BALEEIRAS	BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
100	LACA.14.LP.IP.	BALEAÇÃO	CONTO BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE, VERSO: LINHAS DE TEXTO	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
101	MB.27.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	GUALTER BARRETO		1						
102	MB.29.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	JOÃO FLORES		1						
103	MB.31.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, PICOTADO E	S/D		1						
104	MB.32.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D		1						
105	LACA.15.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
106	LACA.16.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
107	MB.33.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D		1						
108	LACA.17.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
109	LACA.18.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
110	LACA.19.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
111	OJI.05.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
112	OJI.06.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
113	JVOPSTAL.02.H.F.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	

Quadro XXIX – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
114	MSPCS.53.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
115	MB.34.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D		1						
116	MB.28.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	GUALTER BARRETO		1						
117	LAJCC.02.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CAMILO COSTA						1		
118	JVOPSTAL.03.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
119	JVOPSTAL.04.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO SUAVE E TEXTO	JOHN VAN OPSTAL							1	
120	JVOPSTAL.05.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
121	JVOPSTAL.06.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
122	JVOPSTAL.07.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
123	MSPCS.54.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
124	MSPCS.55.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	A. MELO	1							
125	MSPCS.56.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
126	MSPCS.57.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
127	MSPCS.58.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
128	MB.30.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	GUALTER BARRETO		1						
129	MSPCS.59.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
130	MB.35.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	A. MELO		1						
131	MSPCS.60.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	F. OLIVEIRA	1							
132	JVOPSTAL.08.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	

Quadro XXX – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIROS	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
133	JVOPSTAL.09.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
134	JVOPSTAL.10.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
135	CEARCMAR.01.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO				1				
136	OJI.07.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
137	MSPCS.61.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS	KELLY	1							
138	MSPCS.62.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA AMERICANA EM	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
139	MSPCS.63.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
140	MSPCS.64.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
141	JVOPSTAL.11.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
142	MSPCS.65.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
143	MSPCS.66.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
144	MSPCS.67.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
145	LACA.20.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
146	LACA.21.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
147	LACA.22.LP.IP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
148	MB.26.LP.IP.	BALEAÇÃO	CONTO BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E TEXTO	MANUEL ALVES GONÇALVES		1						
149	JVOPSTAL.12.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
150	MSPCS.68.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							

Quadro XXXI – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIROS	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
151	JVOPSTAL.13.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
152	CEARCMAR.02.LP.JP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO				1				
153	OJI.08.LP.JP.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
154	MSPCS.69.H.IF.	BALEAÇÃO	CAÇA AO CACHALOTE BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	OTHON	1							
155	MSPCS.70.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
156	MB.37.LP.JP.	BALEAÇÃO	ESPERA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES		1						
157	MSPCS.71.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
158	JVOPSTAL.14.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
159	MSPCS.72.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
160	MB.36.LP.JP.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	GUALTER BARRETO		1						
161	MSPCS.73.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
162	MSPCS.74.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
163	MSPCS.75.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
164	MSPCS.76.H.IF.	BALEAÇÃO	PERIGO E TRAGÉDIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
165	MSPCS.77.H.IF.	BALEAÇÃO	DESMANCHO A BORDO DE UMA BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
166	MSPCS.78.H.IF.	BALEAÇÃO	DESMANCHO EM TERRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
167	MSPCS.79.H.IF.	BALEEIROS	VIGIAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
168	MSPCS.80.H.IF.	BALEEIROS	CORRIDA PARA OS BOTES	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
169	MSPCS.81.H.IF.	BALEEIROS	TRABALHO EM TERRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
170	MSPCS.82.H.IF.	BALEEIROS	TRABALHO EM TERRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
171	MSPCS.83.H.IF.	BALEEIROS	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							

Quadro XXXII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
172	MSPCS.84.H.IF.	BALEEIRO	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
173	MSPCS.85.H.IF.	BALEEIRO	ARRASTADOS PELA PRESA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
174	MB.49.LP.IP.	BALEEIRO	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	GUALTER BARRETO		1						
175	JVOPSTAL.15.H.IF.	BALEEIRO	APROXIMAÇÃO À PRESA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	JOHN VAN OPSTAL							1	
176	MSPCS.86.H.IF.	BALEEIRO	TRABALHO NA BALEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
177	MSPCS.87.H.IF.	BALEEIRO	LAZER BALEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
178	MSPCS.88.H.IF.	BALEEIRO	LAZER BALEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
179	MSPCS.89.H.IF.	BALEEIRO	ARRASTADOS PELA PRESA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
180	MSPCS.90.H.IF.	BALEEIRO	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS	S/D	1							
181	MB.38.LP.IP.	BALEEIRO	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D		1						
182	MSPCS.91.H.IF.	PAISAGEM	BAIA DA HORTA "BALEIRAS AMERICANAS"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	CARLOS	1							
183	MSPCS.92.H.IF.	PAISAGEM	BAIA DA HORTA "CLIPPERS"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	A. G. MACHADO	1							
184	MSPCS.93.H.IF.	PAISAGEM	BAIA DA HORTA "BALEIRAS AMERICANAS"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
185	MSPCS.94.H.IF.	PAISAGEM	CANAL FAIAL - PICO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE, POLICROMIA	S/D	1							
186	MSPCS.95.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO	FRENTE: POLICROMIA	CARLOS	1							
187	MSPCS.96.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
188	MSPCS.97.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
189	MSPCS.98.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO CRUCIFICADO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
190	MSPCS.99.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO COM CÁLICE E O PÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
191	MSPCS.100.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
192	MSPCS.101.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	C. MACHADO	1							
193	MSPCS.102.H.IF.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CM	1							

Quadro XXXIII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
194	MSPCS.103.H.I.F.	RELIGIOSO	EM ORAÇÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
195	MSPCS.104.H.I.F.	RELIGIOSO	PAPA JOÃO PAULO II	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
196	MSPCS.105.H.I.F.	RELIGIOSO	SAGRADO CORAÇÃO MARIA	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
197	MSPCS.106.H.I.F.	RELIGIOSO	ROSTO MULHER	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
198	MSPCS.107.H.I.F.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO DESCIDA DA CRUZ	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
199	MSPCS.108.H.I.F.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO CRUCIFICADO	FRENTE: POLICROMIA	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
200	MSPCS.109.H.I.F.	RELIGIOSO	ROSTO MULHER	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
201	MSPCS.110.H.I.F.	RELIGIOSO	BOM JESUS MILAGROSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CARLOS	1							
202	MSPCS.111.H.I.F.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO SENTADO COM DUAS PESSOAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CM	1							
203	MSPCS.112.H.I.F.	RELIGIOSO	EM ORAÇÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	CM	1							
204	LACA.23. LP.I.P.	RELIGIOSO	JESUS CRISTO CRUCIFICADO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
205	LACA.24. LP.I.P.	RELIGIOSO	MARIA (MÃE DE JESUS)	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
206	JVOPSTAL.16.H.I.F.	RELIGIOSO	FÉ	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
207	MSPCS.113.H.I.F.	RELIGIOSO	FÉ	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
208	LACA.25. LP.I.P.	ANIMAIS	CACHALOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	MANUEL ALVES GONÇALVES					1			
209	MSPCS.244.H.I.F.	ANIMAIS	ESPADARTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CM	1							
210	JVOPSTAL.20.H.I.F.	ANIMAIS	BARBATANA CAUDAL CACHALOTE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
211	JVOPSTAL.21.H.I.F.	ANIMAIS	BARBATANA CAUDAL CACHALOTE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
212	JVOPSTAL.22.H.I.F.	ANIMAIS	BARBATANA CAUDAL CACHALOTE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
213	JVOPSTAL.23.H.I.F.	ANIMAIS	BARBATANA CAUDAL CACHALOTE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
214	JVOPSTAL.24.H.I.F.	ANIMAIS	BALEIA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
215	OJI.09.LP.I.P.	ANIMAIS	CACHALOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1

Quadro XXXIV – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIROS	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
216	OJI.10.LP.J.P.	ANIMAIS	CACHALOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
217	MSPCS.245.H.I.F.	ANIMAIS	VÁRIAS BARBATANAS CAUDAIS	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
218	MSPCS.246.H.I.F.	ANIMAIS	TUBARÃO MARTELO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	KELLY	1							
219	MSPCS.247.H.I.F.	ANIMAIS	TUBARÃO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
220	MSPCS.248.H.I.F.	ANIMAIS	ESPADARTE MAIS PEIXE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
221	MSPCS.249.H.I.F.	ANIMAIS	ESPADARTE	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	CM	1							
222	MSPCS.250.H.I.F.	ANIMAIS	ANIMAIS À MESA DO PETER CAFÉ SPORT	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
223	MSPCS.251.H.I.F.	ANIMAIS	GOLFINHOS E BALEIAS	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
224	MSPCS.252.H.I.F.	ANIMAIS	PINGUINS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
225	MSPCS.253.H.I.F.	ANIMAIS	MUNDO MARINHO FANTASIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
226	MSPCS.254.H.I.F.	ANIMAIS	MUNDO MARINHO FANTASIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
227	MSPCS.255.H.I.F.	ANIMAIS	PINGUINS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
228	MSPCS.256.H.I.F.	ANIMAIS	POLVO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
229	MSPCS.257.H.I.F.	ANIMAIS	AHMAPKMUKA - CAÇA AO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
230	MSPCS.258.H.I.F.	ANIMAIS	AHMAPKMUKA - LUTA ENTRE CACHALOTE E LULA GIGANTE	FRENTE: POLICROMIA	S/D	1							
231	OJI.11.LP.J.P.	ANIMAIS	LEÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
232	OJI.12.LP.J.P.	ANIMAIS	LEÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
233	MSPCS.259.H.I.F.	ANIMAIS	CÃO - "THE FISHER'S DOG WAITING"	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M.F. GOMES	1							
234	MSPCS.260.H.I.F.	ANIMAIS	PÁSSARO - "I SHALL COME HOME SOMEDAY"	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
235	MSPCS.132.H.I.F.	ROSTO HOMEM	HENRIQUE AZEVEDO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	CARLOS	1							
236	MSPCS.133.H.I.F.	ROSTO HOMEM	JOSÉ AZEVEDO "PETER"	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	CARLOS	1							
237	MSPCS.134.H.I.F.	ROSTO HOMEM	JOSÉ HENRIQUE AZEVEDO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CARLOS	1							

Quadro XXXV – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
238	MSPCS.135.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
239	MSPCS.136.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
240	MSPCS.137.H.I.F.	ROSTO HOMEM	SIR FRANCIS CHICHESTER	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
241	MSPCS.138.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ÉRIC TABARLY	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
242	MSPCS.139.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BERNARD MOITISSIER	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
243	MSPCS.140.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
244	MSPCS.141.H.I.F.	ROSTO HOMEM	TRISTAN JONES	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	CM	1							
245	MSPCS.142.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
246	MSPCS.143.H.I.F.	ROSTO HOMEM	JACQUES COUSTEAU	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
247	JVOPSTAL.17.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E TRANCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
248	JVOPSTAL.18.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E TRANCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	JOHN VAN OPSTAL							1	
249	MB.41.LP.I.P.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES		1						
250	MB.42.LP.I.P.	ROSTO HOMEM	FAROLEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES		1						
251	MB.43.LP.I.P.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E CENAS BALEEIRAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES		1						
252	MSPCS.144.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
253	MSPCS.145.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ARISTOCRATA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
254	MSPCS.146.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ARISTOCRATA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
255	MSPCS.147.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	JOHN VAN OPSTAL	1							
256	MSPCS.148.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
257	MSPCS.149.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO COM PÁSSARO E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
258	MSPCS.150.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
259	MSPCS.151.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ARISTOCRATA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
260	MSPCS.152.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES	1							
261	MSPCS.153.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES	1							
262	MSPCS.154.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES	1							
263	MSPCS.155.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO, ILHAS DO FAIAL E PICO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							

Quadro XXXVI – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
264	MSPCS.156.H.I.F.	ROSTO HOMEM	FRIDJOF NANSEN	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M.F. GOMES	1							
265	MSPCS.157.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
266	MSPCS.158.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E BOTE BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M.F. GOMES	1							
267	MSPCS.159.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ONDA NEPTUNO E MÃOS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
268	MSPCS.160.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
269	MSPCS.161.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO A TOCAR VIOLA E UMA BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
270	MSPCS.162.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BENJAMIN D. CLEVELAND	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
271	MSPCS.163.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
272	MSPCS.164.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E UM GATO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
273	MSPCS.165.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO E VULCÃO CAPELINHOS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
274	MSPCS.166.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO E VULCÃO CAPELINHOS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
275	MSPCS.167.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
276	MSPCS.168.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
277	MSPCS.169.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
278	MSPCS.170.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO E BOTES BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
279	MSPCS.171.H.I.F.	ROSTO HOMEM	BALEEIRO E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
280	MSPCS.172.H.I.F.	ROSTO HOMEM	IDOSO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
281	MSPCS.173.H.I.F.	ROSTO HOMEM	JACQUES COUSTEAU	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
282	MSPCS.174.H.I.F.	ROSTO HOMEM	ROSTO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D	1							
283	MSPCS.175.H.I.F.	ROSTO MULHER	IDOSA E BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
284	MSPCS.176.H.I.F.	ROSTO MULHER	IDOSA A REZAR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
285	MSPCS.177.H.I.F.	ROSTO MULHER	DAMA PERFIL - "MY LOVELY WIFE JANE"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
286	MSPCS.178.H.I.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
287	MSPCS.179.H.I.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
288	MSPCS.180.H.I.F.	ROSTO MULHER	DAMA E UM PÁSSARO NA MÃO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
289	MSPCS.181.H.I.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							

Quadro XXXVII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
290	MSPCS.182.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
291	MSPCS.183.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER AMAMENTA, LÊ UMA CARTA, BOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
292	MSPCS.184.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
293	MSPCS.185.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
294	MSPCS.186.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER COM VASILHA DE ÁGUA, BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
295	MSPCS.187.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
296	MSPCS.188.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA COM ROSAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
297	MSPCS.189.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER SENTADA NUM BARRIL	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
298	MSPCS.190.H.J.F.	ROSTO MULHER	FÉ	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
299	MSPCS.191.H.J.F.	ROSTO MULHER	ESPERA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
300	MSPCS.192.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER AMAMENTA, LÊ UMA CARTA - "I WILL RETURN, I HOPE SO"	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
301	MSPCS.193.H.J.F.	ROSTO MULHER	TRISTEZA PELA PARTIDA, HOMEM E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
302	MSPCS.194.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER DÁ DE COMER AO FILHO, BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
303	MSPCS.195.H.J.F.	ROSTO MULHER	ESPERA - "FORGET ME NOT"	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
304	MSPCS.196.H.J.F.	ROSTO MULHER	ESPERA - "ARE WAITING FOR YOU..."	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
305	MB.44.LP.I.P.	ROSTO MULHER	DAMA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D		1						
306	MSPCS.197.H.J.F.	ROSTO MULHER	CARDADEIRAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
307	MSPCS.198.H.J.F.	ROSTO MULHER	DAMA SENTADA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
308	MSPCS.199.H.J.F.	ROSTO MULHER	MULHER TRABALHA A REDE DE PESCA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
309	MB.45.LP.I.P.	ROSTO CRIANÇA	ESPERA CRIANÇA, GATO E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES		1						
310	MSPCS.201.H.J.F.	ROSTO CRIANÇA	ESPERA CRIANÇA E CÃO "I'll come back"	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
311	MSPCS.202.H.J.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA E SIMBOLOS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							

Quadro XXXVIII – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
312	MSPCS.203.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA E BOTE BALEEIRO NA CAÇA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
313	MSPCS.204.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	RAPAZ E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M. F. GOMES	1							
314	MSPCS.205.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA E BOTE BALEEIRO NA CAÇA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
315	MSPCS.206.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA E BOTE BALEEIRO NA CAÇA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
316	MSPCS.207.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA A DORMIR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
317	MSPCS.208.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA COM AS GALINHAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
318	MSPCS.209.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇAS NA LAVOURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
319	MSPCS.210.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇAS NA LAVOURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
320	MSPCS.211.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	ESPERA CRIANÇAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
321	MSPCS.212.H.I.F.	ROSTO CRIANÇA	CRIANÇA E SIMBOLOS BALEEIRO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
322	MSPCS.213.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
323	MSPCS.214.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	CAVALHEIRO, RAPAZ E BALEEIRA NA CAÇA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
324	MSPCS.215.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
325	MSPCS.216.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	TRÊS HOMENS À MESA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
326	MSPCS.217.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
327	MB.46.LP.I.P.	ROSTOS DIVERSOS	BALEEIRO, CAVALHEIRO E CACHALOTE	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES		1						
328	MSPCS.218.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	TERNURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
329	MSPCS.219.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	HOMENS DA PAZ	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
330	MSPCS.220.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	CORRIDA PARA OS BOTES E BALEEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
331	MSPCS.221.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	EMIGRAÇÃO E VULÇÃO DOS CAPELINHOS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M. F. GOMES	1							
332	MSPCS.222.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	TERNURA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
333	MSPCS.223.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	EMIGRAÇÃO BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							
334	MSPCS.224.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	ESPERA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M. F. GOMES	1							

Quadro XXXIX – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
335	MSPCS.225.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	DAMA E CAVALHEIROS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
336	MSPCS.226.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
337	MSPCS.227.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	PASTORES	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
338	MSPCS.228.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
339	MSPCS.229.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	FAMILIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
340	MSPCS.230.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	CRIANÇA A DORMIR, PAI E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
341	MSPCS.231.H.I.F.	ROSTOS DIVERSOS	TERNURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
342	MSPCS.232.H.I.F.	DESEJOS	DESEJO E TEMÁTICA BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
343	JVOPSTAL.19.H.I.F.	DESEJOS	RELAÇÕES SEXUAIS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	JOHN VAN OPSTAL							1	
344	MB.50.L.P.I.P.	DESEJOS	SEREIA E GOLFINHO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	RG 94		1						
345	MSPCS.233.H.I.F.	DESEJOS	SEREIA E TEMÁTICA BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	KELLY	1							
346	MSPCS.234.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	KELLY	1							
347	MSPCS.235.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	KELLY	1							
348	MSPCS.236.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA E GOLFINHO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
349	MSPCS.237.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA A COLHER FLORES	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
350	MSPCS.238.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
351	MSPCS.239.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NO BALOIÇO	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
352	MSPCS.240.H.I.F.	DESEJOS	SEREIAS, GOLFINHO E BALEEIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
353	MSPCS.241.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
354	MSPCS.242.H.I.F.	DESEJOS	MULHERES NUAS	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
355	MSPCS.243.H.I.F.	DESEJOS	MULHER NUA E BALEEIRAS	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	S/D	1							
356	MSPCS.114.H.I.F.	PROFISSÕES	AGRICULTURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							

Quadro XL – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
357	MSPCS.115.H.I.F.	PROFISSÕES	AGRICULTURA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
358	MSPCS.116.H.I.F.	PROFISSÕES	TRANCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
359	MSPCS.117.H.I.F.	PROFISSÕES	CORTADORES	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
360	MSPCS.118.H.I.F.	PROFISSÕES	CONCERTO DE VELAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
361	MSPCS.119.H.I.F.	PROFISSÕES	COSTUREIRA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
362	MSPCS.120.H.I.F.	PROFISSÕES	FERRADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
363	MSPCS.121.H.I.F.	PROFISSÕES	FERRADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	C. MACHADO	1							
364	MSPCS.122.H.I.F.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
365	MB.39.LP.I.P.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	S/D		1						
366	MSPCS.123.H.I.F.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
367	MSPCS.124.H.I.F.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	M.F. GOMES	1							
368	MSPCS.125.H.I.F.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	RUI MANUEL V. DIAS	1							
369	MSPCS.126.H.I.F.	PROFISSÕES	PASTOR	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
370	MSPCS.127.H.I.F.	PROFISSÕES	PESCADOR	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
371	MSPCS.128.H.I.F.	PROFISSÕES	SAPATEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
372	MSPCS.128.H.I.F.	PROFISSÕES	VIGIAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
373	MB.40.LP.I.P.	PROFISSÕES	VINDIMA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA		1						
374	MSPCS.129.H.I.F.	PROFISSÕES	MARINHEIRO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
375	MSPCS.130.H.I.F.	PROFISSÕES	PASTORA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	M.F. GOMES	1							
376	MSPCS.131.H.I.F.	PROFISSÕES	DONAS DE CASA	FRENTE: LINHAS E NEGRO FORTE	DE DIFÍCIL LEITURA	1							
377	MSPCS.261.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	PETER CAFÉ SPORT	FRENTE: LINHAS, NEGRO FORTE E SUAVE	M.F. GOMES	1							
378	MSPCS.262.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	VELEIRO QUINTANA ROO	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
379	MSPCS.263.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	VELEIRO BREEZE	FRENTE: LINHAS, NEGRO SUAVE E TEXTO	S/D	1							

Quadro XLI – Inventário geral com base na ordem dos temas

NUM.	INVENTÁRIO	TEMAS	SUBTEMAS	MÉTODO DE GRAVAÇÃO	AUTORES	MUSEU SCRIMSHAW	MUSEU BALEEIRO	CECS	CACM	LACA	LAJ	JVO	OJI
380	OJI.13.LP.I.P.	TEMAS DIVERSOS	ROSAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	OSVALDO JOSÉ INÁCIO								1
381	MSPCS.264.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	ROSAS	FRENTE: POLICROMIA	KELLY	1							
382	MSPCS.265.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	ASTRONOMIA	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
383	MB.47.LP.I.P.	TEMAS DIVERSOS	ROSA DOS VENTOS	FRENTE: LINHAS	DE DIFÍCIL LEITURA		1						
384	MSPCS.266.H.I.F.	TEMAS DIVERSOS	COORDENADAS	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D	1							
385	MB.48.LP.I.P.	TEMAS DIVERSOS	TRAIOL	FRENTE: LINHAS E NEGRO SUAVE	S/D		1						

Quadro XLII – Inventário geral com base na ordem dos temas

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	04
ABREVIATURAS	11
RESUMO	13
ABSTRACT	16
INTRODUÇÃO	18
CAPITULO I – A BALEAÇÃO	35
CAPITULO II – <i>SCRIMSHAW</i> , UM PATRIMÓNIO PRATICAMENTE DESCONHECIDO DAS ORIGENS À ATUALIDADE	61
CAPITULO III – ARTE, TÉCNICA E MATERIAIS: ESPECIFICIDADE DE UM PATRIMÓNIO	81
CAPITULO IV – <i>SCRIMSHAW</i> , PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÓNIO IMPAR	103
CAPITULO V – PROPOSTA ROTEIRO DE EXPOSIÇÃO: A ARTE BALEEIRA NOS AÇORES	116
CONCLUSÃO	128
BIBLIOGRAFIA	132
WEBGRAFIA	146
ANEXOS	152